

Entre Águas 5: estrutura [204]

Bruno Miguel Coelho da Rocha

Dissertação
de Mestrado em Arqueologia

Março de 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Rosa Varela Gomes e do Mestre Rodrigo Banha da Silva

A quem me ama
e em especial ao pulmão da minha alma,
aos bonitos olhos que, do fundo do meu coração,
iluminaram (e iluminam) o caminho que percorro. Avó, a ti.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de dirigir a minha gratidão à Professora Doutora Rosa Varela Gomes e ao Mestre Rodrigo Banha da Silva pela sua orientação e a Raquel Santos, Nuno Neto e Paulo Rebelo pelo encorajamento e confiança que motivaram esta dissertação, bem como pelo seu auxílio em diversas questões práticas, sugestões ou referências.

A Nuno Neto e Paulo Rebelo agradecemos ainda a leitura de alguns esboços do texto e a Raquel Santos, incansável leitora de todo o texto, pelas observações realizadas. Em especial, a Miguel Valério, crítico constante e autor de inúmeras observações e sugestões que ajudaram a moldar esta dissertação.

Ao Professor Doutor Mário Varela Gomes pelo impulso inicial e análise crítica a uma parte do estudo cerâmico. Aos Drs. Tiago Fontes, Rui Mataloto e Miguel Serra pelas observações e referências bibliográficas. À Dra. Sara Brito, responsável por algum material gráfico, e à Dra. Joana Brito, autora de algumas observações e auxiliadora no acesso a diversas referências.

Ao Dr. Bruno Costa pela leitura de alguns esboços. Ao Dr. António M. Monge-Soares pela leitura de alguns esboços, referências e auxílio na análise dos metais. Ao Dr. Pedro Valério pelo fornecimento de dados do seu estudo sobre os metais, bem como pelo esclarecimento de algumas dúvidas sobre o mesmo. À Dra. Paula Queiroz pelo propiciamento dos dados sobre os estudos arqueobotânicos e ao Dr. João Barreto pelos estudos da cerâmica com ornatos brunidos e pela cedência de material fotográfico. E, por fim, ao Dr. Vasco Vieira pela resposta a dúvidas sobre o material gráfico e ao Dr. Leandro Infantini pelo auxílio prestado nos elementos de apoio cartográfico.

Finalmente, um agradecimento muito especial a Nuno Neto, Paulo Rebelo e Raquel Santos por todo o auxílio prestado ao longo destes últimos anos. É difícil expressar com palavras a nossa gratidão.

RESUMO

Entre Águas 5: estrutura [204]

B. Miguel Rocha

PALAVRAS-CHAVE: Idade do Bronze Final, Sudoeste Ibérico, Entre Águas 5, «habitação em cova», estratégias de ocupação e abandono, cultura material, povoamento, funcionalidade, economia.

A presente dissertação materializa o estudo da realidade material de um contexto arqueológico do Povoado de Entre Águas, sítio arqueológico localizado na região do Sudoeste Ibérico, na actual região do Baixo Alentejo (Serpa, Portugal). O contexto analisado é o resultado de uma intervenção de emergência (2008) ali realizada pela equipa da Neoépica, Lda. com o objectivo de minimizar os impactes sobre o património arqueológico decorrentes da execução da barragem de Serpa, da responsabilidade da EDIA S.A.

As escavações realizadas trouxeram à luz os vestígios de várias estruturas negativas, nas quais se enquadra a [204], com ocupação humana, datando do final da Idade do Bronze. Esta estrutura documentou um relevante espólio arqueológico, consubstanciado em material cerâmico, lítico e metálico, ossos e carvões. O espólio cerâmico recuperado corresponde a cerâmica de fabrico manual, com características tipológicas e tecnológicas homogéneas, associada a arqueossítios do Sudoeste Ibérico do Bronze Final e de outros períodos pré-históricos. O metálico pertence a uma metalurgia do bronze, os líticos a processos relativamente simples e pouco complexos de aproveitamento pétreo para o uso em várias actividades económicas.

A escavação logrou identificar uma nova realidade na investigação arqueológica do Bronze Final alentejano, caracterizada pelo uso de estruturas negativas. A compreensão da cultura material da estrutura [204] e dos processos de formação do registo arqueológico são, pois, de grande importância para o conhecimento da natureza funcional do contexto ali encontrado e, de modo mais geral, da dinâmica das populações residentes, no período em questão.

ABSTRACT

Entre Águas 5: structure [204]

B. Miguel Rocha

KEYWORDS: Late Bronze Age, Iberian Southwest, Entre Águas 5, pithouse, strategies of occupation and abandonment, material culture, people distribution, function, economy.

This dissertation embraces the study of the material reality of an archaeological context of Entre Águas 5, an archaeological site located in the Southwestern Iberian area, in the modern-day region of Baixo Alentejo (Serpa, Portugal). The context analysis is the result of an emergency intervention (2008) conducted there by the team of Neoépica, Lda. to minimize the impact on the archaeological heritage of the works of the dam of Serpa, conducted by EDIA, S. A.

The excavations brought to light the remains of several negative structures, including [204], with human occupation and dating back to the Late Bronze Age. This structure has yielded important archaeological remains, in the form of ceramic, lithic and metallic material, bones and charcoal. The pottery recovered is hand made, with homogenous typological and technological features associated to sites of the Late Bronze Age and other prehistoric periods. The metallic objects belong to a bronze metallurgy, whereas the lithics derive from relatively simple processes of stone use for various economic activities.

The excavation allowed the identification of a new reality in the field of Alentejo Late Bronze Age, characterized by the use of negative structures. The understanding of the material culture and the formation processes of Structure [204] are therefore of great importance to our knowledge on the functional nature of its context and, more generally, on the population dynamics in the period in question.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Objectivos	4
Capítulo I: Estado da Arte - síntese dos estudos do Bronze Final na bacia do Guadiana entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança.....	5
I.1. A bacia do Guadiana entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança – entidade de estudo	5
I.2. Ontem e hoje	7
Capítulo II: Metodologia	13
II.1. Enquadramento teórico	13
II.2. Critérios de análise e questões terminológicas.	14
Capítulo III: Enquadramento fisiográfico	22
III.1. Localização geográfica	22
III.2. Aspectos geomorfológicos, geológicos e pedológicos.	22
III.3. Aspectos paleo-ambientais: paleo-fauna, paleo-flora e clima	23
Capítulo IV: A intervenção arqueológica	26
IV.1. Descrição dos trabalhos arqueológicos.....	26
IV.2. Metodologia de escavação e registo.	27
IV.3. Estratigrafia.....	28
Capítulo V: Arquitectura, espaços e equipamentos.....	34
V.1. A realidade estrutural e a sua concepção arquitectónica	34
V.2. O espaço e as suas estratégias de ocupação e abandono – funções, significados e intuitos	40
Capítulo VI: Cultura material	46

VI.1. Os recipientes cerâmicos	46
VI.1.1. <i>Estudo morfológico</i>	46
VI.1.2. <i>Estudo tecnológico</i>	50
VI.1.3. <i>A decoração</i>	53
VI.1.4. <i>Leitura sintética</i>	56
VI.1.5. <i>Manufatura e produção</i>	56
VI.1.6. <i>Variabilidade funcional – os recipientes, as suas caracte- rísticas e as suas funções na manufatura e pós-manufatura...</i>	64
VI.1.7. <i>Enquadramento «cultural» – cultura material e paralelos espaciais</i>	70
VI.2 - Outros artefactos cerâmicos e de barro cozido.....	77
VI.3.1. <i>Peças quadrangulares</i>	77
VI.3.2. <i>«Discos» / «Fichas cerâmicas»</i>	78
VI.3.3. <i>Suportes</i>	78
VI.3.4. <i>Barro cozido</i>	79
VI.3 - Pedra polida, afeiçoada e com traços de utilização.....	80
VI.3.1. <i>Variedade tipológica</i>	80
VI.3.2. <i>Aspectos funcionais</i>	82
VI.3.3. <i>Modelos e técnicas</i>	84
VI.3.4. <i>Gestão de matérias-primas</i>	85
VI.3.5. <i>Leitura sintética</i>	86
VI.4 - Pedra lascada	87
VI.4.1. <i>Variedade tipológica</i>	87
VI.4.2. <i>Aspectos funcionais</i>	89
VI.4.3. <i>Modelos e técnicas</i>	90

VI.4.4. <i>Gestão de matérias-primas</i>	90
VI.4.5. <i>Leitura sintética</i>	91
VI.5. Metais.	92
VI.5.1. <i>Variedade tipológica e funcional</i>	92
VI.5.2. <i>Modelos e técnicas</i>	93
Capítulo VII: Restos faunísticos e paleo-botânicos.....	95
VII.1. Elementos faunísticos – descrição e observação sumária da ocorrência e inferências económicas.....	95
VII.2. Elementos paleo-botânicos – descrição e observação da ocorrência e inferências económicas	96
Capítulo VIII: Datações absolutas.....	98
VIII.1. Origem e natureza das amostras.....	98
VIII.2. Apresentação e discussão dos resultados.....	99
Capítulo IX: O Povoado de Entre Águas 5 no quadro das ocupações da Idade do Bronze Final do Sudoeste Peninsular.....	104
IX.1. A realidade no final da Idade do Bronze Médio	104
IX.2. Estratégias e dinâmicas do povoamento no Bronze Final	109
IX.3. Integração e tipologia funcional da ocupação de Entre Águas 5.	113
Conclusão.....	116
Bibliografia	119
Lista de Tabelas.....	141
Apêndices.....	i
Apêndice A: Mapas	ii
Apêndice B: Fotografias e ilustrações do contexto arqueológico e seus paralelos	v

Apêndice C: Fotografias e ilustrações do material arqueológico.....	xxi
Apêndice D: Gráficos e tabelas.....	xliv
Apêndice E: Inventário da componente cerâmica.....	lix
Apêndice F: Inventário da pedra polida, afeiçãoada e com traços de utilização.....	lxxxix
Apêndice G: Nomenclatura da pedra lascada (núcleos)	xciii
Apêndice H: Nomenclatura da pedra lascada (lascas)	xcvii
Apêndice I: Inventários da pedra lascada	ci

INTRODUÇÃO

O «contexto» [204] é umas das evidências materiais da ocupação humana em Entre Águas 5, Serpa. Neste local foi escavada uma série de estruturas negativas bi-ovaladas (Apêndice B: figs. B.2, B.4 e B.5) e um alinhamento de seis fossas de tendência oval (Apêndice B: fig. B.3). Estas constituem um conjunto de estruturas que podem corresponder a um povoado mais amplo que, pelas limitações do seu enquadramento de descoberta e escavação, não foram detectados.

Neste quadro, a [204] – uma das estruturas bi-ovaladas - terá funcionado como um dos espaços habitacionais, correspondendo a um provável fundo de cabana. A mesma situa-se, tal como as restantes, na margem da ribeira do Enxoé, proporcionando um local com as características essenciais ao desenvolvimento de várias actividades produtivas através da exploração dos seus recursos naturais. Para a inferência dos mesmos, baseámo-nos nos estudos dos materiais exumados na estrutura [204], que nos permitem obter uma ideia do esquema económico da comunidade residente e do tipo de aproveitamento realizado.

Neste prisma, [204] apresentada provavelmente uma construção baseada em materiais perecíveis, de fácil obtenção, transporte e manutenção. A sua concepção implicou a realização de uma fossa no substrato geológico, bem como, potencialmente, de vários buracos de poste, arqueologicamente não preservados. Neste espaço, um número de actividades domésticas e produtivas desenvolveu-se numa base mais ou menos frequente, formando o contexto sistémico (vd. Schiffer, 1972, pp.156-165) do grupo social residente. As imagens que possuímos daquele chegam-nos pela preservação e interpretação do contexto arqueológico.

Por intermédio do registo arqueológico, obtivemos um padrão material que não representa um retrato fidedigno dos ocupantes da estrutura [204]. Ele resulta de uma série de processos de formação de origem cultural e natural, condicionado quer pelos processos de vivência, quer pelos processos de abandono e pós-abandono, que, no referido registo, cremos legíveis.

Desta forma e antes de mais, a leitura debruça-se sobre as causas e o planeamento do abandono da estrutura que supomos elemento de habitação. Através do estudo dos materiais percebem-se algumas das actividades de manutenção da estrutura e o tratamento dado aos detritos, quer na fase ocupacional, quer na fase posterior. Neste processo estarão envolvidos vários elementos sociais do povoado de Entre Águas 5.

Com a elucidação das várias fases funcionais da [204] conseguimos perceber quais os tipos de actividades realizadas na estrutura (mas sem obtermos uma distinção interna), bem como, em que fase do processo sistémico das populações os materiais depositos se encontram e qual teria sido a sua «história de vida» até à deposição final. O estudo das várias características físicas dos materiais recuperados permitem-nos compreender, ainda, de que matérias-primas foram feitos, qual o método de produção empreendido e a sua utilidade funcional e social para o grupo.

A pedra, a terra, o minério, a água, a flora e a fauna foram os diversos elementos que proporcionaram o desenvolvimento de várias actividades construtivas, oleiras, metalúrgicas, agrícolas, pastoris, recolectoras e de talhe. Estas foram incorporadas na vida económica dos residentes quer pelo aproveitamento como produto, quer pela transformação de matérias-primas, quer pelo uso como meio de produção. Neste sentido, temos em conta que o conjunto analisado não representa toda a gama de circunstâncias sócio-económicas do sítio, nem será nossa intenção assumir tal ideia.

Assim, a contextualização da estrutura e dos homens que nela deixaram a sua marca material será, pois, feita a nível local e regional, mas tendo em conta esta premissa. Neste sentido, os paralelos existentes para a cultura material e as datações absolutas permitem-nos inserir, com bastante segurança, a estrutura a analisar (e em fase de estudo) no Bronze Final do Sudoeste Ibérico.

Neste panorama, o Bronze Final é tido, por vários investigadores, como o início de um processo de hierarquização populacional e de especialização e complexificação social e económica (Gomes, 1994, p.104; Silva e Berrocal-Rangel, 2010, p.429). A existir, a especialização e complexificação social e económica seriam, pelos dados a analisar, menos evidentes em locais como Entre Águas 5, isto é, nas «periferias rurais e

pastoris» dos grandes povoados do Bronze Final, próximos do Guadiana. Pelo menos, os vestígios materiais analisados da estrutura [204] e alguns dos dados preliminares do restante povoado sugerem esta ideia.

OBJECTIVOS

El objetivo de cualquier arqueólogo es interpretar, con la mayor veracidad posible, los restos materiales que se recuperan en una excavación para poder reconstruir la vida de nuestros antepasados, su sociedad, su economía y su interrelación con el entorno natural que debían explotar. Todo cuenta, por supuesto, desde los carbones de un hogar hasta los invisibles granos de polen, desde las cerámicas hasta las estructuras de habitación, de almacenaje o de combustión (Fullola i Pericot in Calvo Trias, 2002, p.11)

Apresentado o objecto de estudo, numa introdução do panorama a analisar, resta definir os objectivos. Tendo em conta as características do objecto escolhido estabelece-se como principais metas:

- Definir a cronologia da estrutura
- Procurar através da análise do sítio, seu enquadramento fisiográfico e recursos disponíveis e explorados, trazer novos dados para o conhecimento das estratégias de ocupação da Idade do Bronze.
- Procurar, através da análise dos diversos tipos de artefactos e da estrutura [204], evidenciar a sua funcionalidade e modos de produção.
- Após a recolha e análise dos diferentes dados procurar realçar os possíveis modelos culturais e sócio-económicos do povoado.

Em suma, com a realização deste estudo pretende-se dar a conhecer aspectos da realidade económica, social e cultural dos ocupantes de Entre Águas 5. Quem? Quando? Como? Porquê? A resposta a estas perguntas, com base nos dados, levará à aproximação da possível vivência sócio-económica da comunidade.

CAPÍTULO I: ESTADO DA ARTE – SÍNTESE DOS ESTUDOS DO BRONZE FINAL NA BACIA DO GUADIANA ENTRE A RIBEIRA DE CUNCOS E A FOZ DO RIO CHANÇA

Neste capítulo, pretende-se elaborar uma sistematização e uma breve análise crítica sobre o estudo da Idade do Bronze Final na bacia do Guadiana entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança. O estudo desta realidade foi integrado, por diversas vezes, nas leituras formadas para contextos cronológicos e geográficos mais amplos, nomeadamente o Sul do actual território português (Gomes e Silva, 1994) e o Sudoeste Ibérico (Schubart, 1971; López Roa, 1978). Por esta razão, este capítulo recorrerá, por vezes, ao panorama conceptual que acabou por marcar a arqueologia dessas regiões.

I.1. A bacia do Guadiana entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança – entidade de estudo

Os investigadores das realidades Pré e Proto-Históricas, socorrendo-se da distribuição espacial da cultura material, têm tentado identificar e definir entidades culturais (p. e. Schubart, 1975; Lull, 1983). Esta perspectiva, que teve o seu início com os trabalhos de Gustaf Kossina (1858-1931), solidificou-se, sem a linha racista deste, com os trabalhos de Vere Gordon Childe sobre a Pré-História europeia (Bicho, 2006, p.56). Para Childe um conjunto de artefactos recorrente no registo arqueológico – uma «cultura», segundo a sua terminologia – pode ser definido como o aparato material de um grupo humano específico (Renfrew e Bahn, 2004, pp.36-37 *apud* Valério, 2011, p.36).

Recentemente, este conceito foi contrariado por Stephen Shennan para quem «there are no such entities as ‘cultures’, simply the contingent interrelations of different distributions produced by different factors» (1994, p.13). Para Shennan (1994, p.14), na linha teórica de Walter Taylor (Taylor *apud* Bicho, 2008, p.69), a sensação de pertença a um grupo étnico «must be distinguished from mere spatial

variation and should refer to self-conscious identification with a particular social group at least partly based on a specific locality or origin».

Neste sentido, este trabalho não tem por objectivo obstar ou definir pertenças e possíveis entidades étnicas ou culturais. Em todo caso, em Arqueologia Pré-Histórica, podem-se identificar «horizontes culturais» – independentemente de corresponderem a entidades étnicas, estatais ou outras – como o caso da «cultura argárica»¹, estudada por Lull (1983). Tomando em consideração estes pontos de análise, porque se entende vital para a compreensão do sítio a sua integração no espaço envolvente, tomou-se a opção de se definir espaços de análise mais alargados, mas não necessariamente correspondentes a um quadro cultural ou étnico próprio.

Nesta perspectiva, adoptamos em parte as considerações de Carole Crumley (1979, p.143), que considera a região de estudo como a entidade arbitrária de uma área cujos limites são definidos pelo investigador². A adopção desta delimitação tem como único objectivo tornar maleável a análise dos dados arqueológicos. Todavia, não se pretende aplicar este conceito de forma restritiva ou fechada em si, mas antes aberta ao panorama existente no Sudoeste Ibérico.

O propósito passa, deste modo, por analisar os diferentes dados das duas margens do Guadiana, no espaço compreendido entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança, em comparação com o panorama geral do desenvolvimento da Arqueologia no Sudoeste Ibérico. Esta área de análise corresponde genericamente ao actual conceito administrativo do Baixo Alentejo (Apêndice A: mapas A.1 e A.2)³, mas, também, aos municípios de Portel, Reguengos de Monsaraz e Mourão, administrativamente considerados no Alentejo Central.

¹ Um «horizonte cultural» no SE de Espanha com características, ao nível da cultura material, perfeitamente reconhecíveis e comuns a todos os sítios arqueológicos do mesmo.

² Na nossa opinião, esta concepção só é válida quando existem limitações impostas ou exteriores ao investigador, por limitações do objecto de estudo ou próprias.

³ Em si mesmo, o Baixo Alentejo localiza-se no Sul do actual território português, compreendendo o espaço entre a fronteira e o rio Sado, sendo limitado a norte pelo Alentejo Central, a Sul pelo Algarve e a Este pelo território espanhol.

I.2. Ontem e hoje

O interesse pelo conhecimento do Passado, projectado no final do séc. XIX, desenvolve-se paralelamente a um movimento pan-europeu de exacerbamento dos nacionalismos (Shennan, 1994, p.7), que pode ser descrito sumariamente como a fusão do cultural com o político (Gellner, 1993). Este fenómeno conduziu letrados da época a desenvolver estudos das «cousas antigas»⁴, que sustentassem uma ideia de cultura e identidade própria legitimadoras do estado moderno (p. e. *Religiões da Lusitânia* de José Leite de Vasconcelos) (Fabião, 2008, p.97).

Fomentada pelas primeiras tecnologias de comunicação de massas, que asseguram a difusão dos textos impressos (Gellner, 1993), o sentimento perpassou para muitas das elites locais, desenvolvendo a nível regional o interesse pela História das localidades e dos seus «antepassados» (p. e. Affreixo, 1884).

Emergindo deste contexto, o estudo e definição do Bronze Final têm padecido desde o seu início de diversas metamorfoses. As primeiras referências a entidades deste período, na zona definida anteriormente, resultaram, essencialmente, de informações sobre a existência de ocupações e alusões a vestígios de épocas antigas. Fundamentalmente, procurou-se enumerar, descrever e diferenciar cronologicamente os achados de que se tinha conhecimento (p. e. Veiga, 1880 e 1891), mas também perceber alguns dos fenómenos de ordem social e religiosa (p. e. Vasconcellos, 1897).

Na senda desta concepção, os estudos realizados nas primeiras décadas do século XX preocupam-se, na sua essência, com o «desenvolvimento da cronologia e a descrição histórica dos materiais arqueológicos e dos povos representados por esses artefactos» (Bicho, 2006, p.20).

Várias publicações periódicas como «*O Archeologo Português*» (Vasconcellos, 1906; Vasconcellos, 1927-1929; Heleno, 1930-1931), *Brotéria* (Jalhay, 1931), *Ethnos* (Heleno, 1935) ou *Arquivo de Beja* (Viana, 1947), deram conta de notícias de achados de tesouros e antiguidades da região. Nelas, de uma forma geral, após uma breve história do achado, procede-se a uma descrição do mesmo, ao mesmo tempo que, na

⁴ «fui levado[...] a ocupar-me das cousas antigas» (Vasconcellos *apud* Fabião, 2008, p.101).

tentativa de se definir uma filiação cronológica, referem-se casos similares conhecidos em território ibérico e europeu. No fundo, pratica-se um conceito evolucionista inerente à corrente histórico-culturalista.

«Soltos» de uma motivação ou ideário inicial de legitimação e reconhecimento do presente pelo passado, visível em Vasconcelos ou Martins Sarmiento (Fabião, 2008, pp.100-107), alguns autores deste período, como Rui Serpa Pinto (1933), vão alargar o espectro de acção dos seus estudos. Serpa Pinto vai percepcionar a existência de uma dinâmica cultural, assente numa rede de contactos e trocas entre várias regiões europeias. Neste caso, entre o Norte Atlântico e o Noroeste Ibérico e, em menor intensidade, com a Bacia do Mediterrâneo e a zona do Baixo Alentejo.

Contemporaneamente, Gordon Childe, em *The Bronze Age* (1930), desenvolvia a ideia de como a introdução do metal teria alterado os mecanismos sociais das sociedades, concebendo o metal como o produto gerador do comércio a escalas maiores. Nesta fase, a clara distinção ou definição das realidades do Bronze Final torna-se difícil. Os achados, em geral, são englobados na Idade do Bronze (p. e. Pinto, 1933). Octávio Veiga Ferreira e Abel Viana em 1956, por exemplo, debatem ainda o reconhecimento de uma Idade do Cobre, já aludida por Estácio da Veiga⁵.

Se o panorama cronológico continua a ocupar grande espaço dos estudos arqueológicos, a verdade é que os artigos de Serpa Pinto, Veiga Ferreira e Abel Viana denunciam já uma tentativa de compreensão da diversidade material, neste caso através de uma óptica difusionista de cultura. No que diz respeito aos dois últimos, o seu estudo sobre a metalurgia do bronze perspectivava que a mesma seria uma inovação técnica de origem oriental, que teria chegado à península por via da migração de populações orientais.

Estas ideias, em concordância com as formulações histórico-culturalistas de Childe (Bicho, 2006, p.57), baseiam-se, sobretudo, na antedecência cronológica do

⁵ «alguns archeologos começaram a notar um já crescido numero de objectos, que mais pareciam ser de cobre que de bronze; mas o dogmatismo da escola fundamental não permitia liberdades de pensamento, e por isso, quando surgia um *scismatico*, emitindo algum conceito que podesse affrontar a unidade da *idade do bronze*, como sucedeu no congresso de Lisboa, era fatalmente repellido pelos mestres da doutrina ecumenica.» in Estácio da Veiga (1891), *Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Pré-históricos*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, p.58. A Idade do Cobre conforme a descreveu Estácio da Veiga caracteriza-se por realidades que hoje são englobadas no Bronze Médio, correspondente aos horizontes de Atalaia e Santa Vitória de Schubart (1975).

trabalho do bronze naquela região. Assim, Abel Viana e Veiga Ferreira formulam a sua teoria baseados em princípios interpretativos implícitos que deveriam estar abertos à dúvida e investigação. O esforço para o estabelecimento de um sistema cronológico regional e a descrição do desenvolvimento de uma cultura é, ainda, visível em H. N. Savory, «*A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa*».

Os trabalhos de Afonso do Paço sobre o mundo funerário da Idade do Bronze no Baixo Alentejo (1964 e 1965), em contributo com outros autores, seguem a mesma linha de pensamento histórico-culturalista. Nos artigos é feita uma filiação acrítica de «populações argáricas»⁶ a realidades materiais, sem o uso de um método científico demonstrativo das conclusões e pressupostos assumidos. Os achados das suas publicações resultavam, em grande medida, de movimentações de terras provocadas por trabalhos agrícolas, sem dados estratigráficos. E, por sua vez, o breve estudo da cultura material não demonstrava a ligação cultural formulada.

O cenário muda de figura em a «*Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos*» de Eduardo da Cunha Serrão (1958). Neste artigo, apesar da descrição sumária da estratigrafia (como o próprio reconhece), o autor discute a filiação cronológica e cultural das peças, com base no estudo da cultura material e da estratigrafia do local (apesar dos seus problemas), em comparação com os dados disponíveis de outros sítios.

Em 1965, os ensaios de síntese de Fernando Nunes Ribeiro (com base na sua própria colecção particular) e de Miquel Tarradell levam-nos a encarar a realidade material do Bronze meridional português, segundo a definição de Childe (Renfrew e Bahn, 2008, p.470), como uma manifestação cultural distinta da de El Argar. Ainda no início da década, José Fragoso Lima, apoiado nos trabalhos de Wanda Rodrigues (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, p.30), publica um artigo sobre o Castro de Ratinhos, no qual são descritos os materiais cerâmicos provenientes de recolhas de superfície. Com base neles, José Fragoso Lima filia o estabelecimento no Bronze IV, correspondente ao actual Bronze Final.

⁶ A «Cultura de El Argar» é uma entidade definida a partir de um estabelecimento escavado por Siret nos finais do século XIX, na região de Almería.

No seguimento da publicação dos resultados das escavações da necrópole de Atalaia (Schubart, 1965 e 1970), Hermanfrid Schubart publicou, em 1975, uma sistematização que lhe permitiu fundamentar aquilo que o próprio já, em 1974, definira como «Cultura da Idade do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica»⁷. A síntese que elaborou, baseada no estudo empírico dos contextos funerários (Parreira, 1995, p.131), tornou possível compreender e explicar a cultura material da Idade do Bronze no Sudoeste peninsular, na sua diversidade temporal e geográfica.

A sua periodização, seguindo o modelo de Flinders Petrie (Bahn e Renfrew, 2008, p.126-127), foi baseada na diversidade da arquitectura tumular e numa seriação contextual dos materiais cerâmicos e metálicos (Parreira, 1995, p.131). Esta levou vários autores (p. e. Beirão, 1972; Jorge, 1990) a atribuir ao Bronze Final realidades funerárias que actualmente se assumem do Bronze Médio (Parreira, 1995, p.131).

Pela mesma altura, Gustavo Marques e Gil Miguéis Andrade definem uma cultura arqueológica, com extensão do Algarve às Beiras, que denominam de Cultura de Alpiarça e situam nos sécs. V-IV a.C. A sua interpretação dos dados baseia-se em pressupostos pouco sólidos. O suporte material em que se fundamentam para definir esta entidade crono-cultural provém, *grosso modo*, de contextos de superfície, sem qualquer garantia de contemporaneidade das formas (Vilaça, 1995, p.31).

A definição cronológica e material da Idade do Bronze Final sofre um importante desenvolvimento, nas décadas de 1960 e 1970, com a escavação e estudo de um conjunto de povoados da Andaluzia Ocidental (Ruíz Mata, 1979, pp.4-5), Estremadura espanhola (Almagro-Gorbea, 1977) e Alentejo (Arnaud, 1975; Silva e Soares, 1978). A enunciação de distintas formas de cerâmica e de artefactos metálicos, com base em evidências estratigráficas, permitiu identificar, em prospecções de superfície efectuadas nas décadas de 1970 a 1990, um conjunto de realidades associáveis a este período (Calado e Rocha, 1996-1997; Silva, 1999).

Várias foram as obras que sistematizaram a cultura material do Bronze Final. Para além de Schubart (1971), na década de 1970 destacam-se os trabalhos de Carmen López Roa (1977 e 1978), Diego Ruíz Mata (1979) e Martín Almagro-Gorbea (1977).

⁷ Entidade que actualmente se designa «Bronze do Sudoeste».

Enquanto López Roa e Ruiz Mata abordam os aspectos geográficos, tipológicos e cronológicos da cerâmica, Almagro-Gorbea dá-nos uma visão mais ampla da realidade material do Bronze Final da Estremadura espanhola.

Na sua monografia, para além da fixação de sequências culturais e cronológicas, Almagro interpreta o registo arqueológico em termos económicos, culturais e sociais. Em suma, tenta perceber as mudanças porque passam as populações do início do Bronze Inicial ao período Orientalizante e a razão pela qual determinados acontecimentos tiveram lugar.

A linha evidenciada por estes autores, na década de 1970, continua a desenrolar-se nos anos seguintes. Aos estudos de ordem tipológica e cronológica (Pellicer Catalán, 1987-88), acrescenta-se a divulgação de dados novos sobre diversas realidades populacionais (Parreira e Soares, 1980; Parreira, 1983; Soares, 1986).

A década de 1980 fica, ainda, marcada pelos estudos de carácter supra-regional elaborados por André Coffyn (1983 e 1985) e Marisa Ruiz-Ruiz-Galvéz Priego (1986 e 1987). As suas obras exploram as materialidades das enunciadas relações de intercâmbio social, cultural e económico entre o Atlântico e o Mediterrâneo, tendo como protagonista a Península Ibérica.

Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro, ainda no fim dos anos 1970, trazem uma nova abordagem para o campo da investigação arqueológica do Bronze Final. Os autores no seu trabalho sobre as estelas do sudoeste, para além das tradicionais questões tipológicas, culturais e cronológicas, procuram, no âmbito teórico da arqueologia processual, explicar e decifrar os significados sociais e simbólicos dos conjuntos figurativos representados nas estelas.

A seriação crono-tipológica feita pelos autores estará na base das suas interpretações sobre as mudanças dos sistemas económicos e sociais, com o desenvolvimento da hierarquia e «superioridade concedida ao indivíduo» (Gomes e Monteiro, 1976-77, p.329).

A década de 1990 e o início do séc. XXI foram marcados por um fervilhar da investigação arqueológica. No âmbito nacional e internacional diversas obras de síntese abordam de forma directa ou indirecta a região, estudando vários aspectos da

vida humana. O território, a cultura material, a paisagem e os padrões de povoamento mereceram destaque de vários autores (p. e. Enríquez Navascués, 1989-1990; Galán Domingo, 1993; Gomes e Silva, 1994; Pavón Soldevilla, 1994; Vilaça, 1995; Gómez Toscano, 1999; Soares, 2005).

Os autores, por vezes com visões antagónicas, defrontam-se e, com bases empíricas, mais ou menos sólidas, procedem a distintas interpretações do registo arqueológico (p. e. Belén, Escacena e Bozzino, 1991; Belén Deamus e Escacena Carrasco, 1995). O estudo dos processos culturais, sociais e económicos, bem como cronológicos, continuam a ser discutidos (p. e. Pavón Soldevilla, 1994; Mederos Martín e Harrison, 1996). Os aspectos simbólicos⁸ da sociedade merecem similar atenção (p. e. Gomes, 1990).

Como consequência destas sínteses e do incremento da investigação arqueológica, protagonizado por investimentos privados e públicos (p. e. EDIA e autarquias) e alguns projectos de investigação, foram elaborados vários programas de prospecção e escavação (em menor número e, na maioria das vezes, no âmbito na chamada arqueologia de salvamento) (p. e. Soares 1996 e 2003; Lopes, Carvalho e Gomes, 1998; Silva 1999 e 2000; Serra *et alii*, 2008; Silva e Berrocal-Rangel, 2005, 2007 e 2010). Estes produziram um conjunto significativo de dados, que permitiram dar a conhecer novas realidades caracterizadas por diversas estruturas negativas – fundos de cabana⁹ e campos de fossas (Santos *et alii* 2008 e 2009; Deus *et alii*, 2010; Rebelo *et alii*, 2010; Antunes *et alii*, no prelo) – que configuram a realidade estrutural do nosso estudo.

⁸ Elementos que representam algo de abstracto: ideias, poder, hierarquias ou religiões.

⁹ «Toda estrutura destinada ao *habitat* humano com uma infra-estrutura escavada no terreno e uma superestrutura construída com materiais geralmente perecíveis» (Murillo *apud* Izquierdo Montes, 1994, p.280)

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Neste capítulo pretende-se explicitar os métodos, teorias e critérios adoptados para o estudo da realidade proposta. Em momento algum se pretendeu elaborar uma resenha bibliográfica sobre os aspectos teóricos da arqueologia ou da filosofia da ciência. O objectivo único foi o de expor algumas das correntes que pululam na arqueologia, enunciando as ideias que propõem sobre as formas de teorização do registo arqueológico, de maneira a enquadrar o nosso pensamento.

II.1. Enquadramento teórico

O pensador da moda é, de um modo geral, prisioneiro da sua moda (Popper, 1999, p.9)

Como em qualquer domínio científico, as formulações teóricas (vd. Schiffer, 1988, p.462) que realizaremos ao longo da obra, em jeito de conclusões, não têm na sua matriz a presunção de verdade. São um mero esforço de aproximação à realidade (pré-)histórica, inevitavelmente de carácter interpretativo e sempre sujeitas a revisão ou desconstrução (vd. Popper, 1999, p.25; Shanks e Tilley, 1987, p.195; Hodder e Hudson, 2003, p.19; Bahn e Renfrew, 2008, p.44).

A subjectividade das formulações é um elemento constante do processo interpretativo (vd. Popper, 1999, p.27 e 114; Shanks e Tilley, 1987, p.195; Tilley, 1990, p.338; Tigger, 2006, pp.450-452; Bahn e Renfrew, 2008, p.494). Contudo, não consideramos que qualquer interpretação seja válida e a escolha entre elas arbitrária (Bahn e Renfrew, 2008, p.43). Pelo contrário, a exposição das nossas formulações à crítica e a diferentes pontos de vista conduzem a novas e diferentes interpretações. O confronto produz conhecimento (Popper, 1999, pp.61-64, 126).

Desta forma, o objectivo passa por se dar um contributo para uma «discussão racional e produtiva» (vd. Popper, 1999, p.57), na qual as questões a colocar revelam-se fundamentais (Bahn e Renfrew, 2008, p.469). Daí que as conclusões que iremos

retirar possuem cariz conjectural, a sua falsidade poderá sempre ser provada, bastando uma prova (Popper, 2003 [1963]; Popper, 1999, p.103, 116).

II. 2. Critérios de análise e questões terminológicas

If 'theory' concerns principles underlying certain phenomena, 'method' concerns ways to investigate those principles (Odell, 1996, p.312)

A análise da cultura material (entendida como tudo o que possui uso ou realidade física por acção humana) teve por base o conceito de vida funcional (Schiffer e Skibo, 1987 e 2008), uma reformulação daquilo que é entendido pela literatura francófona como «cadeia operatória» (David e Kramer, 2001, p.141). Assim, procura-se através de uma análise aprofundada dos diferentes aspectos técnicos de cada artefacto, conhecer em que estágio da sua história de vida se encontrava, bem como perspectivar a respectiva função, ou funções, que possa ter desempenhado, isto é, o seu papel económico, social e até ideológico.

II.2.1. Os materiais cerâmicos

As considerações sobre os materiais cerâmicos referem-se, na sua maioria, a uma porção dos mesmos, o que em virtude da pouca homogeneidade de cada artefacto, em especial dos recipientes, limita a perspectiva que possuímos deles.

Forma

O grau de fragmentação dos materiais recolhidos no contexto [204] (sondagem II) dificultou o seu enquadramento tipológico, pelo facto de a variabilidade formal (usada na nossa classificação), em parte dos recipientes, deste momento histórico, se

dar ao nível do bojo e não do bordo (Mataloto, 1999, p.342). Apesar disso foi realizada uma seriação tipológica, enquadrando-a com outras peças e tipos do Sudoeste Ibérico (Rocha *et alii*, prelo).

A classificação morfológica dos recipientes cerâmicos teve em conta vários factores. A profundidade, o perfil e o tamanho dos recipientes são alguns dos dados que por norma são considerados (Pavón Soldevilla, 1994, p.69). Face à fraca conservação da quase totalidade do conjunto, a profundidade, com excepção do sub-tipo 1.1, não vai ser tida em conta neste estudo. Assim, encontramos formas abertas e fechadas, podendo ser carenadas, esféricas e cónicas (Eiroa *et alii*, 1999, p.175), com bordos verticais (ou sub), introvertidos ou extrovertidos e lábios planos, boleados, biselados ou de tendência biselada, espessados (bi-, interna ou externamente) ou uma combinação destes.

No que diz respeito aos tamanhos será adoptada a divisão tripartida tomada por Pávon Soldevilla (1994). Recipientes pequenos, com diâmetros de boca inferior a 15cm; médios, entre 15 e 25cm; e grandes, superiores a 25cm. No que toca às formas carenadas, a localização da carena também será tida em estima na divisão tipológica. Com base nestas premissas, o material será dividido em vários tipos e sub-tipos.

Medição da espessura

No que respeita às medições da espessura, foi sempre considerada a espessura máxima da peça, apurada através da utilização de uma craveira. Tirado o valor métrico, foi definida uma divisão tripartida: espessura fina (< 0,66cm), espessa (0,66-1,1cm) e muito espessa (> 1,1cm).

Pastas: consistência, textura e atmosfera de cozedura

Nesta questão, em particular, apoiamo-nos na obra de Raquel Vilaça (1995). A consistência das pastas foi definida em relação a três categorias: (1) pastas compactas,

que se caracterizam por terem os seus componentes bem unidos, desfazendo-se com dificuldade; (2) pastas semi-compactas/médias, caracterizadas por se desfazerem com pouca dificuldade; (3) e pastas friáveis, que se desagregam à mínima pressão.

A textura considerou-se: (1) homogénea quando a pasta se apresentou formada por elementos semelhantes bem ligados entre si; (2) moderadamente ou não muito homogénea quando se apresentou formada por elementos onde foi possível visionar uma divisão das partículas em estratos, não totalmente bem ligados entre si; e, finalmente, (3) pouco homogénea, quando as partículas revelaram um aspecto granular acentuado, mal ligadas entre si.

No que respeita à cozedura, a atmosfera de cozedura e o arrefecimento, considerou-se, tendo por base as cores do cerne e superfície (questão discutida no capítulo VI): (1) em ambiente oxidante, com circulação constante de oxigénio, quando o cerne e as superfícies revelaram tons claros (beges, vermelhos e castanhos); (2) em ambiente redutor, com falta de circulação de oxigénio (podendo representar um consumo intenso do mesmo), quando o cerne e as superfícies revelaram tons escuros (negros e cinzentos); (3) em ambiente de oxidação incompleta, com uma fase inicial redutora seguida de uma segunda oxidante, quando o cerne apresenta tom escuro e as superfícies tons claros; (4) em ambiente de arrefecimento redutor, com uma fase inicial com presença constante de oxigénio que é «travado» na fase de arrefecimento; e, por fim, (5) em ambientes «irregulares», nem completamente redutor nem oxidante, quando o fragmento possui apenas uma zona do cerne ou da superfície com tom claro ou escuro, contrariando o tom dominante (oxidação parcial ou arrefecimento parcialmente redutor) ou quando o fragmento possui uma das superfícies em tom claro e o restante em tom escuro (ambiente redutor com arrefecimento oxidante).

Elementos não plásticos: matéria-prima, frequência e dimensão

Os ENP's foram classificados, macroscopicamente, quanto à sua matéria-prima, que se revelou constituída por quartzos, micas e feldspatos e outras partículas (vd.

Barreto, 2010, p.13). A frequência foi definida em quatro categorias: baixa ($< 5/1\text{cm}^2$), média ($5-10\text{cm}^2$), alta ($10-15\text{cm}^2$) e muito alta ($> 15/1\text{cm}^2$). A sua dimensão em cinco: (1) muito fino ($< 0,5\text{mm}$), (2) fino ($0,5-1\text{mm}$), (3) médio ($1-2\text{mm}$), (4) grosseiro ($2-4\text{mm}$) e (5) muito grosso ($> 4\text{mm}$).

Tratamento das superfícies

Com apoio na obra de Raquel Vilaça (1995), as superfícies foram analisadas quanto ao seu tratamento interno e externo podendo ser: (1) grosseiras, quando se apresentam rugosas sem nenhuma suavidade; (2) afagadas, quando apresenta um aspecto regular mate; (3) polidas, quando possuem aspecto brilhante; (4) brunidas, quando o brilho caracteriza-se por ser intenso e homogéneo; (5) providas de engobe.

II.2.2. A pedra polida, afeiçãoada e com traços de utilização

O utensílio aporta nas suas formas e matéria-prima as impressões da dinâmica operatória, mas, também, de todas as actividades em que ele se encontrou implicado (Anderson-Gerfaud, Moss e Plisson, 1987, p.226). Para a análise e classificação dos objectos afeiçãoados ou com traços de utilização a segunda parte da formulação revela-se essencial. O estudo do fabrico e uso destes utensílios busca na análise traceológica, na arqueologia experimental e na etnoarqueologia os focos essenciais do seu processo investigacional (García González, 2005, p.141).

O processo de estudo traceológico decorre da elaboração de utensílios experimentais, com os quais se pode estabelecer uma comparação no que respeita às marcas de uso e manufactura, com o fim de testar uma série de hipóteses relativas à vida funcional do utensílio (Calvo Trias, 2002, p.81; García González, 2005, p.141). Em todo caso, os aspectos formais, com excepção de alguns exemplos, revelam-se essenciais. Mesmo nos casos em que os utensílios não sofreram uma transformação prévia ao uso, existe uma selecção de um objecto em particular, que corresponde a um

conjunto de características morfológicas e físicas adequadas para a tarefa, método e acção a executar.

Neste sentido, o perguntar-se como é algo é o passo prévio para se poder conceber posteriormente outras questões (Calvo Trias, 2002, p.23). Por isso, a descrição da realidade a analisar tomou em linha de conta esta consideração, com a caracterização e descrição das dimensões (eixos), pesos, secções e morfologia geral do objecto, bem como da matéria-prima utilizada. Todavia, as possibilidades de estudo, dos objectos em causa, revelaram-se ampliadas, sobretudo, pela análise macroscópica do estado de conservação e sinais de uso.

Assim, a classificação dos objectos baseia-se, em grande medida, nos sinais de uso que possam apresentar. Esta afirmação não é totalmente verdadeira para o machado (provido de gume) e para os elementos de moagem, que se distinguem entre moventes e dormentes em função das suas dimensões. Na percepção do indício funcional do objecto, através dos critérios formais e marcas de uso, recorreu-se a uma vasta bibliografia de cariz específico (Eiroa *et alii*, 1999, pp.80-104; García González, 2005) e não específico (Vilaça, 1995, pp.55-58; Boaventura, 2001, pp.27-30).

Nenhuma comparação com realizações experimentais ou observações etnográficas foi realizada. De igual modo, o recurso a métodos microscópicos (vd. Calvo Trias, 2002, pp.59-169) não foi posto em prática.

II.2.3. A pedra lascada

Ao longo das últimas décadas diferentes metodologias têm sido desenvolvidas e consolidadas no campo da análise tecnológica das indústrias líticas (Carvalho, 2008, p.169). Um dos métodos mais usados baseia-se nas designadas «remontagens mentais» (Pelegri, 1986, p.34) Este sistema designado primeiramente de «reestruturação mental» (Tixier *et alii*, 1980, p.36) revela-se cuidadoso na avaliação directa das estratégias de debitagem:

O estudo de cada um dos objectos líticos, segundo a sua morfologia, a presença e posição de córtex, a ordem e aspecto dos negativos de levantamentos, testemunhos de uma breve sequência antecedente, pode permitir, pela restituição mental de uns em relação aos outros e ao bloco bruto, a reconstrução do agenciamento ordenado de que eles constituem os restos. [...] Por outro lado, se conjuntos pouco numerosos de remontagens podem, em função do contexto, ilustrar casos particulares que é preciso ter cuidado de não generalizar, a «remontagem mental» tende a dar uma visão média da realidade, empobrecida dos casos particulares ou amalgamando por adição as modalidades particulares. (Pelegrin, 1986, p.34).

Desta forma, através da obtenção desta «visão média da realidade», procurar-se-á a criação de quadros descritivos que reflectam aspectos como: padrões tecnológicos, economia de debitagem e especificidades próprias de cada tipologia ligadas à sua forma, uso e função (Carvalho, 2008, p.169). Ou seja, proceder-se-á a uma «articulação entre a análise da gestão das matérias-primas, a economia de debitagem e a classificação tipológica da utensilagem» (Carvalho, 2008, p.171).

Numa primeira fase optou-se por uma observação geral da colecção, tendo-se nesse momento feito uma triagem preliminar da cultura material em análise. Esta teve por base os resíduos característicos pertencentes a cada uma das fases do processo de talhe (Carvalho, 2008, pp.171-172). Após a divisão do material em categorias tecnológicas, segundo a proposta de António Faustino Carvalho (2008, p.172), cada elemento será analisado individualmente segundo os seus atributos particulares, através de uma análise dos diferentes aspectos qualitativos e métricos.

A nomenclatura utilizada, salvo adaptações específicas, teve por base o léxico terminológico proposto por Tixier, Inizan e Roche (1980, pp.71-106), adaptada em grande parte no trabalho de António Carvalho (2008, pp.173-178). Assim, a metodologia adoptada neste trabalho socorre-se de uma forte componente bibliográfica (vd. Apêndice G e H).

II.2.4. Os metais

O estudo tipológico dos materiais metálicos teve como metodologia de base a que foi elaborada por Montero Ruiz (1991, pp.72-98). No seu estudo sobre a metalurgia no Sudeste da Península Ibérica, no Calcolítico e Bronze Argárico, Montero Ruiz estabeleceu uma classificação suportada em critérios de carácter tecnológico, funcional, formal e cronológico¹⁰.

Numa primeira fase os materiais são classificados segundo o seu lugar na cadeia produtiva da metalurgia: (1) materiais que intervêm na transformação, (2) materiais que intervêm na elaboração e (3) materiais já elaborados. Esta classificação possui como objectivo primordial a definição do carácter económico da colecção, e, conseqüentemente, do povoado. Possuindo um, dois ou três dos tipos poderemos conhecer quer as actividades desenroladas pelo objecto social em estudo, quer os contactos e trocas potencialmente existentes, provocados por necessidades económicas e obrigações sociais.

Posteriormente, os materiais são classificados segundo um critério funcional, conforme a utilidade ou actividade que desempenharia, tendo em conta as suas características morfológicas. A distinção faz-se em cinco grupos: (1) ferramentas/utensílios, (2) ferramentas-armas [sic], (3) armas, (4) objectos de adorno e uso pessoal e (5) de complemento (objectos que são parte integrante ou servem de suporte a outro objecto). Existia, ainda, uma função simbólica ou de prestígio que pode ser dada pelo emprego de um material precioso, pelo trabalho cuidado da peça (tornando-a visualmente apelativa) ou por qualquer outro factor de ordem cultural.

Mesmo «a funcionalidade prática dos objectos não é incompatível nem contraditória de uma função de prestígio e ritual, visto que o valor dos artefactos não é intrínseco, mas culturalmente construído, portanto, mutável» (Vilaça, 2006, p.96). Na asserção desta função o recurso ao contexto de descoberta do objecto pode ajudar a valorar o seu desempenho. Por exemplo, um punção, em si um objecto utilitário (empreendido na realização de uma actividade produtiva), pode surgir,

¹⁰ O último critério não será tido em conta no nosso estudo.

eventualmente, numa tumba, como espólio funerário do morto. Nesse contexto o objecto adquire uma função simbólica. Se o mesmo objecto tiver como matéria-prima um metal precioso, como o ouro, uma função simbólica pode, igualmente, ser assinalada.

A utilização dos objectos em actividades económicas, ou de outra ordem, que requeiram o seu uso e manejo, pressupõe que os mesmos possuam características «tecno-morfológicas» eficazes para determinada função. Isto é, o objecto possui um conjunto de características de performance (Schiffer e Skibo, 2008), que nos elucidam quanto à sua função específica. Para a distinção dos diferentes tipos morfo-funcionais serão usados critérios de diferenciação morfológica, que seguem os enunciados por Montero Ruiz (1991, pp.80-90), Vilaça (1995, pp.330-352), Eiroa *et alii* (1999, pp.199-249) e Arnaiz Alonso e Montero Gutiérrez (2004, pp.221-248).

A caracterização dos objectos metálicos ficaria concluída com a classificação tecnológica dos mesmos, com base na composição química elementar das ligas e na análise metalográfica dos artefactos. As análises metalográficas e química estão a cargo do investigador Pedro Valério (ITN). Basicamente, os diferentes tipos de técnicas de análise arqueometalúrgica permitem ao investigador identificar e quantificar os elementos químicos, a matéria-prima e a organização estrutural do artefacto (Eiroa *et alii*, 1999, pp.246-249). Com a obtenção destes elementos o investigador fica munido de um conjunto de dados que lhe permitem saber qual a matéria-prima base do objecto, determinar a composição das ligas metálicas e determinar o processo tecnológico e as técnicas e modelos de produção.

Neste trabalho e sobre este campo, serão feitas meras sugestões, em função dos dados existentes noutras áreas do sítio e em comparação com as informações de outros povoados do Bronze Final, isto é, uma análise comparativa intra-sítio e inter-sítios, enunciando, para isso, as hipóteses mais credíveis de terem sido utilizadas pelos que fabricaram os objectos metálicos analisados.

CAPÍTULO III: ENQUADRAMENTO FÍSIOGRÁFICO

III.1. Localização geográfica

O sítio de Entre Águas 5 localiza-se no Baixo Alentejo, na freguesia de Brinches, Concelho de Serpa, Distrito de Beja (Apêndice A: mapas A.3). O local encontra-se fixado na Carta Militar de Portugal nº 523, Beja (escala 1/25 000), com as coordenadas UTM 2781 0571 (Apêndice A: Mapa A.4). A sua localização dá-se num vale aberto (orientado E-O), na margem esquerda da Ribeira de Enxoé, afluente do Rio Guadiana. Este vale, beneficiando provavelmente deste enquadramento, evidencia um solo com sedimentos de cor castanha escura, bastante húmidos e orgânicos.

III.2. Aspectos geomorfológicos, geológicos e pedológicos

Em termos geológicos, a área em análise enquadra-se na unidade morfoestrutural mais antiga do território português – o Maciço Antigo ou Hespérico, na Zona da Ossa Morena (Ribeiro *et alii*, 1987, p.205). Situado no interior alentejano, Entre Águas 5 insere-se na peneplanície alentejana (Apêndice B: fig. B.1), uma zona aplanada extensa, pontualmente com suaves ondulações (Roxo, 1994, p.63).

A peneplanície alentejana corresponde a uma superfície de erosão poligénica. A sua morfogénese e evolução foram complexas, condicionadas não só por etapas de erosão e sedimentação, mas também, de deformação tectónica (Roxo, 1994, p.63). Os solos característicos desta zona da peneplanície alentejana são, globalmente, profundos, derivados de rochas eruptivas básicas, do complexo ígneo de Beja (Fonseca, 1995, p.228), ricos em fósforo, contendo elevadas proporções de argila.

A zona de intervenção encontra-se numa das cinco unidades principais deste complexo (Fonseca, 1995, p.228), no designado Complexo Cuba-Alvito (Apêndice A: Mapa A.5), constituído por granitos calco-alcalinos, gabros, dioritos, quartzo-dioritos e granóferos (Carvalhosa, 1966; Oliveira *et alii*, 1992, p.28). A Sul da jazida desenvolve-se

o complexo máfico-ultramáfico de Beja-Acebuches, onde surgem anfibolitos. A NE desenvolve-se o complexo vulcano sedimentar do Ficalho, onde surgem metavulcanitos básicos (basaltos, calco-xistos, tufos) e ácidos, bem como mármore e calcários dolomíticos (Oliveira *et alii*, 1992, p.28). A jazida encontra-se, ainda, situada entre duas falhas geológicas orientadas sensivelmente E-O, designadamente a falha da Vidigueira e a falha de Ferreira-Ficalho, para além de alguns lineamentos orientados E-W a WNW-ESSE (Teixeira, 1981, p.54). De referir, ainda, que os depósitos recentes de origem aluvionar são, sobretudo, constituídos por materiais detríticos heterométricos [sic], cascalhos, areias e limos (Roxo, 1994, p.77).

III.3. Aspectos paleo-ambientais: paleo-fauna, paleo-flora e clima

Os estudos efectuados por geógrafos sobre a caracterização do clima no Alentejo têm sido realizados a uma escala global (Ribeiro *et alii*, 1987; Roxo, 1994, p.25). Nos mesmos, caracteriza-se o clima da área em estudo como tipicamente mediterrânico, com uma estação quente e seca e uma estação fria e húmida, concentrando-se as chuvas no Inverno (Pinto, 1995, p.23) – situação que prejudica a cultura dos cereais (Feio, 1991, p.37).

O regime térmico é caracterizado por Invernos prolongados e frios, Verões quentes e Outonos e Primaveras amenos (Roxo, 1994, p.55). Os ventos são, em geral, fracos e moderados (Roxo, 1994, p.59). A precipitação da área em estudo é reduzida, em torno de 400 a 600 mm (Roxo, 1994, p.21; Pinto, 1995, p.19). O ano climatológico com maior volume de precipitação registada ocorreu em 1963-64 – c. 800 mm (Roxo, 1994, p.21). A região não deixou, por isso, de ter vários fenómenos de inundação ao longo dos anos (Roxo, 1994, p.23), num regime climático aparentado à época em estudo.

Em consonância com este perfil climático, o trabalho desenvolvido por Paula Queiroz (2011) permitiu reconstituir o tipo de vegetação com que se depararam os ocupantes do sítio de Entre Águas 5. Em concreto, a partir do estudo botânico obtido sobre um conjunto de amostras de carvão, recolhidas em diferentes unidades

estratigráficas dos diferentes contextos estruturais, a autora identificou a existência de uma floresta mista (Apêndice D: fig. D.1). Observam-se bosques e matagais de árvores e arbustos de folhas planas, pequenas, persistentes (esclerófilas) e sub-xerófitas, ou seja, adaptadas à escassez de água da região Mediterrânica (Costa *et alii*, 1999, pp.15-28).

Próprios deste perfil detectaram-se, então, espécies como os diferentes *Quercus* sp., dos sub-géneros *coccifera* (carrasco), *rotundifolia* (azinheira) e *suber* (sobreiro) (Apêndice C: fig. C.2), a aroeira (*Pistacia lentiscus*), o zambujeiro ou oliveira (*Olea europaea*) e o medronheiro (*Arbutus unedo*) (Apêndice C: fig. C.1). Igualmente presentes encontram-se arrelvados de solos profundos dominados por gramíneas altas dos estevais (*cistus*), dos urzais (*Calluna vulgaris*, *Erica arborea* e *Erica umbellata*) e tojos (*Ulex parviflorus*).

A existência de um carvão de alfarrobeira (cf. *Ceratonia siliqua*) encontra-se fora do seu actual âmbito ecológico e biogeográfico (Queiroz, 2011, p.8). Segundo Paula Queiroz (Idem), a ocorrência limitada a um pequeno fragmento, bem como, a dificuldade de identificação segura ao nível específico dentro da família das leguminosas, torna esta ocorrência insuficiente para comprovar a presença da espécie na região durante a Idade do Bronze Final, pelo que se verifica prematura qualquer tentativa de interpretação ecológica.

Do mesmo modo, a identificação de pinheiro (*Pinus* cf. *P. pinaster*), provavelmente bravo, comum nas regiões atlânticas, foge um pouco a este quadro (Costa *et alii*, 1998, p.12), embora existam evidências da mesma no Neolítico alentejano (Diniz, 2007, pp.43-44). Refira-se, ainda, que a presença de uma vegetação arbustiva não nos comprova por si só a existência de uma floresta retraída, porque esta poderia conviver com a mesma, nas áreas de sub-bosque ou ser uma adaptação a um clima mais seco. A acção antrópica, em certo grau, deverá ter causado o seu impacto.

Este coberto vegetal suportaria uma população animal muito diversificada. Excluindo do inventário as espécies próprias do ambiente estuarino, como o *Unio crassus* (mexilhão de rio), estariam presentes, ao nível da fauna mamalógica,

ovis/capra (ovelha/cabra), *fam. Bovidae* (bovídeos), *Sus sp.* (porco/javali), *fam. Equidae* (equídeos) e *fam. Leporidae* (lebres e coelhos) (Rebelo *et alii*, 2008, p.45).

Outras espécies existentes na região devem ter sido pontualmente exploradas, mas de acordo com os inventários faunísticos disponíveis para o sítio arqueológico não têm efectivo significado na economia destas populações. No caso específico da alimentação poderiam existir práticas de consumo e/ou tratamento fora do sítio de Entre Águas 5.

CAPÍTULO IV: A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA¹¹

IV.1. Descrição dos trabalhos arqueológicos

A escavação do sítio arqueológico de Entre Águas 5, realizada entre Maio e Julho de 2008, resulta de uma intervenção de emergência, que condicionou a abordagem inicial ao mesmo. A sua identificação deu-se em resultado do acompanhamento arqueológico dos trabalhos de exploração de uma mancha argilosa utilizada para o preenchimento do «miolo» da barragem de Serpa. Estes trabalhos levaram a uma alteração significativa da topografia do terreno, que afectou parcialmente algumas das evidências arqueológicas.

Assim, a escavação processou-se na base de distintos critérios metodológicos, subordinados às condicionantes de dita obra. Uma vez que os vestígios identificados estavam localizados em três zonas, mais ou menos distantes entre si, por uma questão metodológica e com o fim de facilitar o registo, tomou-se a opção de dividir a área intervencionada em três sectores distintos, de Este para Oeste, de 1 a 3.

Nos sectores 1 e 3 foram realizadas duas sondagens, implantadas sobre as manchas de material arqueológico e/ou bolsas escavadas no substrato, visíveis à data de início dos trabalhos. As dimensões destas sondagens estiveram, desde o início, condicionadas às próprias dimensões desses vestígios, pretendendo-se não uma escavação em área mas tão-somente das bolsas identificadas.

No sector 2, após uma limpeza inicial de toda a camada superficial, bastante revolvida pelos trabalhos mecânicos, foi possível identificar primeiramente cinco bolsas de material. Estas encontravam-se mais ou menos alinhadas, pelo que, de forma a facilitar o registo, se optou por quadricular toda a área, embora escavando apenas o interior das bolsas e atribuindo a cada uma um número de sondagem. Posteriormente, foi identificada uma sexta mancha de material, expandindo-se a quadrícula até essa área.

¹¹ As informações disponíveis neste capítulo foram extraídas, com a devida autorização dos seus autores, do relatório da intervenção arqueológica no sítio de Entre Águas 5 (Serpa) da autoria de Paulo Rebelo, Nuno Neto e Raquel Santos, a quem agradecemos abertura e o auxílio prestado.

IV.2. Metodologia de escavação e registo

A metodologia adoptada na realização das sondagens arqueológicas baseou-se numa adaptação dos princípios estratigráficos defendidos por Edward C. Harris (1991) e das técnicas de escavação defendidas por Philip Barker (1993). Em cada sondagem, efectuou-se uma decapagem inicial da camada revolvida mecanicamente, procedendo-se, então, à definição das interfaces das bolsas. Identificados os seus limites, iniciou-se a escavação dos enchimentos.

No que diz respeito à sua dimensão horizontal, tendo em conta a uniformidade dos enchimentos das bolsas, optou-se por escavar cada uma delas por níveis artificiais de cerca de dez centímetros, individualizando-se o material arqueológico proveniente de cada um. De forma a manter um registo estratigráfico da dimensão vertical, a área das bolsas foi dividida sempre em duas, através da manutenção de uma banquetta, a qual se escavou ao atingir-se o fundo da bolsa.

Por questões de tempo e financiamento, o registo vertical e horizontal de cada artefacto e ecofacto foi realizado apenas nos contextos que se entenderam ser importantes para a compreensão da ocupação do sítio. Nesse sentido, um dos níveis da sondagem II revelou duas concentrações de material cerâmico constituídas por alguns fragmentos de grandes dimensões. Por essa razão, e ao contrário do que acontece em todas as outras sondagens, aparentavam ter sido inutilizados *in situ* e não provenientes de despejos. Por isso, de forma a permitir uma análise da distribuição espacial dos artefactos, procedeu-se ao registo tridimensional e individualização de cada peça.

Todos os níveis foram objecto de registo fotográfico e/ou gráfico, à escala 1:20. Em todas as sondagens foi efectuado registo gráfico em plano, de corte estratigráfico e de duas secções das estruturas. Procedeu-se igualmente à recolha de amostras de carvões e sedimento, devidamente coordenadas e cotadas.

IV.3. Estratigrafia

No sítio de Entre Águas 5 foram identificadas seis estruturas negativas de tipo fossa (sondagens III, IV, V, VI, VII e IX) e três grandes estruturas negativas bi-ovaladas (sondagens II, VIII e X), que poderão corresponder a fundos de cabana. Contudo, apenas numa delas se identificaram buracos de poste.

Como dissemos anteriormente, os sectores foram sub-divididos em várias sondagens. As sondagens I e II correspondem ao sector I, implantado na zona mais ocidental do sítio de Entre Águas 5. Próximo destas situavam-se as sondagens III a VII e IX, do sector 2. Numa zona mais distante, a Este dos sectores 1 e 2, localizavam-se as sondagens VIII e X do sector 3 (Apêndice B: fig. B.6).

Esta dissertação analisará, de forma mais profunda, a zona mais ocidental dos três sectores referidos, correspondendo à sondagem II (sector I). As restantes sondagens serão apenas descritas de forma sumária, quanto à sua localização e o tipo de contexto revelado.

IV.3.1. Sector 1

Sondagem I

A sondagem I foi implantada sobre uma mancha de terras escuras, com algum material arqueológico, identificada aquando do acompanhamento arqueológico. Após a exumação da mesma, chegou-se à conclusão de que apenas se tratava de um pequeno desnível natural preenchido por terras argilosas de cor castanha escura (Apêndice B: fig. B.7), às quais se acossia cerâmica muito fragmentada de cronologia Pré-Histórica.

Sondagem II

Na sondagem II definiu-se uma estrutura negativa [204] de grandes dimensões, de forma bi-oval e orientada sensivelmente NE-SO (Apêndice B: fig. B.2). Nela se reconheceu um possível nível de piso [201] relativamente regular em toda a área, constituído por cascalho de várias géneses e dimensão média (Rebelo *et alii*, 2010, p.464). O primeiro estrato identificado corresponde à camada de superfície remexida por meios mecânicos, composta por sedimentos argilosos de cor castanha-escura, de consistência média e grão médio - camada [200]. Esta ocupa toda a área da sondagem e cobre a camada de enchimento [202] do interface [204].

O substrato geológico onde se escavou a estrutura negativa [204] apresentava fraca consistência, sendo constituído por arenito de grão grosseiro e argilas de tonalidade alaranjada. Estas argilas, de grão fino no lado sul, revelavam no lado norte uma granulometria grossa, de fraca consistência e que se desagregava com grande facilidade.

As camadas de enchimento podem enquadrar-se em duas realidades (Apêndice B: figs. B.8 e B.9): um primeiro nível [202], caracterizado por sedimentos castanho-claros de grão médio, com presença de carvões e abundante material arqueológico; e, sob esta camada, o nível de piso [201] e dois depósitos de sedimentos castanho-escuros [203a] e [203b] que se encontram directamente sobre o fundo da estrutura, de características muito semelhantes, mas com elementos artefactuais concentrados em dois núcleos centrais, nas áreas NE e SO (Apêndice B: fig. B.10).

IV.3.2. Sector 2

Sondagem III

Estrutura escavada nas argilas [300] (Apêndice B: figs. B.11 e B.12), apresentando forma circular regular e perfil sub-rectangular, com 1,50m de diâmetro e

cerca de 0,20m de profundidade, sendo o fundo bastante regular. O enchimento [301] é constituído por uma só camada, de terras argilosas de cor castanha escura, com algum material arqueológico: cerâmica, líticos, carvões e fauna (Apêndice B: fig. B.13).

Sondagem IV

Estrutura negativa de forma oval [400] (Apêndice B: figs. B.11 e B.14), irregular, de perfil semi-circular e com cerca de 3,90m de comprimento máximo e 1,50m de largura máxima. Apresenta fundo irregular com uma profundidade que varia entre os 0,15m e os 0,35m. A camada de enchimento [401] é homogênea em toda a área, sendo constituída por terras argilosas de cor castanha escura e contendo material arqueológico em frequência média (Apêndice B: fig. B.13).

Sondagem V

Estrutura negativa de forma oval [500] (Apêndice B: figs. B.11 e B.15), regular, de perfil semi-circular e com um comprimento máximo de 2,20m e uma largura máxima de 1,50m. Apresenta um fundo irregular com uma profundidade que varia entre os 0,30m e os 0,40m. Encontrava-se preenchida por terras argilosas de cor castanha escura [501], encontrando-se nos níveis inferiores [502] nódulos de argila cozida – possíveis restos de estruturas de combustão (Apêndice B: fig. B.16).

Sondagem VI

Estrutura negativa de forma oval [600] (Apêndice B: figs. B.11 e B.17), regular, de perfil semi-circular e com um comprimento máximo de 2,43m e uma largura máxima de 1,34m. Apresenta um fundo regular com cerca de 0,50m de profundidade. Os enchimentos eram constituídos por três camadas: (1) uma de terras castanhas

escuras argilosas [601], com grande quantidade de carvões e algum material arqueológico; (2) um vazadouro de cinzas e carvões localizado na zona central da bolsa [602]; e, sobre o fundo, (3) uma camada de terras castanhas escuras com características muito semelhantes à primeira [603] (Apêndice B: fig. B.16).

Sondagem VII

Estrutura negativa de forma oval [700] (Apêndice B: figs. B.11 e B.18), regular, de perfil semi-circular e com um comprimento máximo de cerca de 2,70m e uma largura máxima de 2,10m. Esta fossa apresenta um fundo regular, com cerca de 0,50m de profundidade máxima. O enchimento é constituído por uma camada de terras argilosas de cor castanha escura [701], com alguns materiais arqueológicos (cerâmica, líticos, carvões e fauna) (Apêndice B: fig. B.19).

Sondagem IX

A estrutura negativa da sondagem IX, [900] (Apêndice B: figs. B.11 e B.20), encontrava-se fortemente afectada pelos trabalhos de exploração dos níveis de argilas. Percebe-se, contudo, que seria a maior estrutura deste sector, de formato possivelmente circular e secção semi-circular. Não foi possível distinguir mais do que um nível de enchimento, constituído por terras castanhas escuras, argilosas e com algum material arqueológico [901] (Apêndice B: fig. B.21).

IV.3.3. Sector 3

Sondagem VIII

A Sondagem VIII revelou uma estrutura negativa, de formato bi-ovalado, escavada no substrato argiloso [800-817], com uma orientação sensivelmente SE-NO, um comprimento máximo de 4,80m e uma largura máxima de 2,50m (Apêndice B: fig. B.4). Esta estrutura apresenta um fundo bastante irregular com uma profundidade máxima de 0,80m, registando-se a presença de uma divisória entre as duas áreas, criando um compartimento mais pequeno no lado SE. No lado NO, ao centro, encontrava-se uma bolsa mais profunda, onde se registou o aparecimento de quatro interfaces atribuíveis a buracos de poste [813-815-819-820], indícios derradeiros de uma provável estrutura central em materiais perecíveis, que elevaria a cabana em altura (Apêndice B: fig. B.22).

Os enchimentos são constituídos por terras argilosas de cor castanha escura, surgindo alguns materiais arqueológicos. Por toda a área surge de forma uniforme grande quantidade de carvões e cinzas. No entanto, na área SE foi possível individualizar uma área de carvões e cinzas de cerca de 0,50m de diâmetro [810], provável despejo da limpeza de uma estrutura de combustão. Ao todo, esta sondagem ofereceu vinte e uma realidades estratigráficas (Apêndice B: fig. B.23).

Sondagem X

A Sondagem X foi implantada sobre uma estrutura negativa, em forma bi-oval e escavada no substrato argiloso, de características semelhantes às identificadas nas Sondagens II e VIII (Apêndice B: fig. B.5). Por oposição a estas, a sua interpretação viu-se dificultada pelo facto de já ter sido afectada, em grande parte, pelos trabalhos mecânicos de remoção de argilas.

Assim, a porção conservada desta estrutura apresenta um eixo maior de cerca de seis metros, com um comprimento máximo de 2,60m e uma largura máxima de 3,50m. A estrutura encontrava-se orientada sensivelmente N-S, notando-se a existência não só de duas áreas contíguas, de formato sub-circular [1010-1011], como também de dois «nichos» [1006-1008] escavados na zona sul e não afectados pelos trabalhos mecânicos (Apêndice B: fig. B.24).

Os enchimentos são constituídos por camadas de terras argilosas de tom amarelado e de terras castanhas escuras ou acinzentadas, com grande quantidade de cinza e carvões. No seu conjunto, foram identificadas catorze realidades estratigráficas (Apêndice B: fig. B.25).

CAPÍTULO V: ARQUITECTURA, ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS

Archaeology is concerned with finding objects in layers and other contexts (rooms, sites, pits, burials) so that their date and meaning can be interpreted (Hodder e Hudson, 2003, p.4)

V.1. A realidade estrutural e sua concepção arquitectónica

A estrutura [204] (Apêndice B: fig. B.2) enquadra-se num complexo de estruturas negativas, que foram interpretadas, consoante as suas dimensões e características físicas, como estruturas habitacionais negativas (Apêndice B: figs. B.22 e B.24) ou fossas de armazenamento de produtos agrícolas (Apêndice B: fig. B.11) (Rebelo *et alii*, no prelo). O recurso a este tipo de soluções – designadas pela literatura anglo-saxónica de «habitação em cova» (*pithouse*) – na edificação de espaços habitacionais, regista paralelos em variados períodos cronológicos e áreas geográficas (vd. Daifuku, 1952; Gilman, 1987; Akkermans e Schwartz, 2003; Kantner, 2004; Jiménez Jáimez, 2007).

A escolha deste tipo de estrutura, e os meios utilizados, está dependente do perfil demográfico, económico e social dos grupos populacionais (Gilman, 1987). Os dados arqueológicos e, sobretudo, etnográficos documentam-nos que a realidade ou previsibilidade ambiental, por parte das diversas comunidades humanas, teria, igualmente, uma grande influência no uso desta solução em cova (Gilman, 1987, p.540).

As «habitações em cova» encontram-se associadas a regiões onde as condições climáticas são extremas, onde o forte efeito dos ventos se faça sentir, ou ambos (Jiménez Jáimez, 2007, p.39). Este tipo de estruturas possui uma maior eficiência térmica (Gilman, 1987, p.542), quer nos períodos de temperaturas baixas, quer em períodos mais quentes (Jiménez Jáimez, 2007, p.39). Deste modo, nas regiões com

invernos severos a profundidade da estrutura subterrânea das «habitações em cova» tende a ser maior (Jiménez Jáimez, 2007, p.40).

O clima, podendo não ser encarado como factor determinante (Jiménez Jáimez, 2007, p.40) é, sem dúvida, um elemento de grande peso. Note-se que, nas zonas de clima tropical, este tipo de soluções encontra-se ausente (Gillman, 1997, p.542). As infiltrações do solo, na época das chuvas, proporcionam um sério obstáculo à adopção desta realidade estrutural.

O clima e outros aspectos fisiográficos, bem como os aspectos culturais, têm um papel importante na opção utilizada pelos indivíduos e comunidades. Existe um número limitado de maneiras em que um espaço físico pode ser organizado, sendo que cada uma delas está dependente do meio fisiográfico em que se insere. As variáveis forma, tamanho, métodos e materiais de construção são, por norma, os pontos em que as soluções organizativas diferem. Neste sentido, a prática de uma ou das várias performances, destas diferentes variáveis, corresponderá a um plano promovido por uma lógica interna de uma comunidade ou grupo de pessoas. Essa lógica será, necessariamente, subordinada às necessidades, capacidades, conhecimentos e objectivos da comunidade.

Desta forma, a construção de estruturas no subsolo, em Entre Águas 5, pode corresponder a uma solução dependente das características do meio fisiográfico, influenciada quer pela inexistência local de materiais de construção adequados e incapacidade da sua obtenção, quer pela tradição construtiva e quadro de crenças da dita comunidade, ou, simplesmente, por estratégias económicas que favoreçam a solução desenvolvida.

A estrutura [204], que interpretámos como fundo de cabana, a sua componente estrutural negativa, possui um comprimento máximo de 7,90m, uma largura máxima de 3,65m e uma profundidade máxima conservada de 0,55m. É-nos difícil perceber se a profundidade registada corresponde à primordial integridade do contexto. A juntar ao vários processos que podem ter decorrido durante o(s) seu uso(s) e abandono(s), à altura da intervenção, os contextos encontravam-se intensamente revolidos pelos trabalhos de maquinaria pesada (Rebelo *et alii*, no prelo).

No entanto, os dados obtidos sugerem, pelo menos, a presença de uma estrutura semi-subterrânea, com profundidade mínima em torno dos 0,55m, o que evidencia uma estrutura apta para um clima ameno, onde não seriam necessárias construções muito profundas para protecção dos elementos climatéricos (Santos *et alii*, no prelo). Não sabemos, contudo, em que medida este factor foi equacionado pelos construtores da «habitação em cova». A própria condição estrutural do solo pode ser a causa desta profundidade.

A estrutura identificada possui uma área de cerca de 29m², com fundo regular, paredes lisas e extrovertidas e, ainda, níveis de ocupação no interior associados a dois conjuntos de materiais em cada um dos extremos (Apêndice B: fig. B.10), respectivamente nas áreas nordeste e sudoeste (a orientação da estrutura). O plano da estrutura apresentava uma forma tendencialmente ovóide, tendo-se elaborado uma planta de desenho bi-oval. A habitação em cova é como que estrangulada a meio, criando uma sub-divisão do espaço útil, que poderá significar uma divisão do espaço, delimitando diferentes áreas funcionais ou diferentes células sociais.

O solo desta habitação era suportado pelo próprio substrato argiloso. O nível do piso, constituído por cascalho de várias rochas de médias dimensões, encontrava-se sobre este nível geológico que apresentava-se relativamente regular em toda a área. Na parede sudeste decalcou-se um pequeno balcão que serviria de acesso ao interior da habitação (Apêndice B: fig. B.26). A entrada nesse ponto localiza-se ligeiramente orientada a Nascente. A uma cota inferior a este ponto, em redor de quase toda a extensão das paredes, modelou-se um patamar entre o nível do solo no exterior e o do interior. Este pode ter funcionado como assento, mobiliário doméstico para a disposição e colocação de objectos, ou ambos.

No que diz respeito à verticalidade, de forma a acautelar eventuais derrubes e abatimentos (Rebelo *et alii*, no prelo), optou-se, como se disse, pela escavação de paredes tendencialmente extrovertidas. As paredes escavadas serviriam de base a uma estrutura em materiais perecíveis – ramos e canas – que se elevaria sobre as mesmas. Desta estrutura podem ter feito parte alguns dos nódulos de argila cozida encontrados no seu enchimento (vd. Izquierdo Montes, 1998, p.281; Bruno, 2006, p.72). Estes,

beneficiando da sua plasticidade, serviriam de ligante e impermeabilizante (Gomes, 2006, p.60).

O uso de pedra na estruturação da superestrutura não foi revelado neste ou noutros contextos analisados de Entre Águas 5, pois não foram identificados quaisquer níveis de derrube que permitam levantar esta hipótese (Rebelo *et alii*, no prelo). O não recurso a esta técnica pode dever-se ao facto de estarmos perante estruturas pouco profundas, à inexistência de materiais ou até à falta de capacidade económica ou técnica para a construção deste tipo de estruturas; outros factores, como a tradição ou a duração inicialmente planeada da ocupação (vd. Jorge, 1996-1997, p.86; secção IX.1.), podem ser a causa para esta opção.

Tal como parte das paredes, a cobertura seria igualmente em materiais perecíveis, formada por uma trama de materiais vegetais (vd. Izquierdo Montes, 1998, p.281; Bruno, 2006, p.72), podendo apresentar uma ou duas águas ou ser cónica, neste caso dois cones. Como não foram identificados quaisquer buracos de poste, não podemos formular uma ideia concreta com base nos dados deste contexto. No resto do povoado, à excepção da identificação de buracos de poste no centro da estrutura da Sondagem VIII e da recolha de diversos fragmentos de barro de revestimento, não surgiram quaisquer indícios de estruturas positivas, o que se poderá dever ao elevado índice de revolvimento dos níveis superiores.

Ora, a menos que dispusessem de uma cobertura em «falsa cúpula» (o que parece improvável), as dimensões da «habitação em cova» são difíceis de cobrir sem o apoio de um pilar central ou de dois pilares menores alinhados ou, ainda, de vários no exterior. Por isso, não colocamos de lado o recurso, pelos seus ocupantes, a postes para a estruturação da cabana em positivo, tal como sugere o buraco de poste central registado no fundo cabana da Sondagem VIII. É possível que os buracos de poste se situassem no exterior da estrutura, a exemplo de Wrangle Hill Site, Delaware, EUA (Custer *et alii*, 1995, p.23) (Apêndice B: fig. B.27), tendo sido afectados pela acção dos trabalhos mecânicos de extracção de argila que decorriam no local à data da intervenção arqueológica.

A adopção desta solução construtiva acarretou um conjunto de prós e contras que teriam pesado no prato da balança, à hora da sua edificação. A temperatura

constante do solo (a sua qualidade isoladora) requer menos energia para manter uma temperatura estável, reduzindo as variações térmicas do interior da *pithouse* (Daifuku, 1952, p.6; Gilman, 1987, p.542; Jiménez Jáimez, 2007, p.39). As próprias perdas de calor pelas minúsculas fendas foram parcialmente reduzidas. A solidez das paredes escavadas revelou-se elevada (a comprová-lo, o facto de ter resistido até aos nossos dias).

A acção de insectos, de roedores, da chuva ou de infiltrações de água pode ter representado um problema sério. Quanto a este aspecto, convém relembrar o solo argiloso em que se implantou a estrutura. A capacidade de absorção de água, neste tipo de solos, é grande, favorecendo a existência de infiltrações na construção. O próprio leito de cheia (pelo menos o actual) da ribeira hipoteticamente ocuparia a zona da estrutura (Apêndice B: fig. B.28). Tendo em conta este cenário, não existem condições para uma habitação do local na época das chuvas.

Apesar deste factor, e beneficiando das suas vantagens, o recurso a esta estratégia para a habitação encontra paralelos estreitos no próprio sítio de Entre Águas 5 e repete-se em contextos semelhantes, como no sítio da Salsa 3, Serpa, (Deus *et alii.*, 2010) (Apêndice B: figs. B.28 e B.29) ou em El Negralejo, Madrid, Espanha (Blasco Bosqued, 2004, p.372). Nestes sítios recorre-se, igualmente, a uma planta de desenho bi-oval.

Para além destes, noutros locais documentaram estruturas habitacionais com fundos de cabana. Na Andaluzia, possuímos os exemplos de San Bartolomé de Almonte (Ruiz Mata e Fernández Jurado, 1986), Pocito Chico (Aragón Benítez *et alii.*, 2003) ou El Carambolo, entre outros (vd. Izquierdo de Montes, 1998, p.280). Na Estremadura espanhola, Sagrajas (Celestino Pérez, Enríquez Navascués e Rodriguez Díaz, 1992, p.313) e, no Levante ibérico, Peña Negra (González Prats, 1992, p.142).

A imagem dos contextos arqueológicos que nos chegam é, por norma, parcial. Tal como o caso que aqui estudamos, os vestígios das superestruturas são escassos (Izquierdo de Montes, 1988, p.281). Em poucos casos, a relação entre a realidade negativa e positiva destas habitações é inteiramente conhecida. Todavia, os poucos vestígios existentes sustentam uma tradição construtiva baseada em materiais perecíveis, que seriam revestidos a argila.

Tecnicamente, a solução adoptada terá implicado, assim, um conjunto de procedimentos de escavação (com algum instrumento de zona funcional dura, como o metal ou a pedra) e a realização de actividades de recollecção e trabalho de elementos perecíveis e da própria argila local.

Se, como vimos inicialmente, o meio influencia a comunidade que nele se estabelece, é certo que esta, por várias razões, optou por se fixar nele, quer seja de forma esporádica, sazonal ou permanente. A existência de estruturas físicas imóveis traduz, geralmente, alguma estabilidade por parte dos seus utilizadores. O grau de variação desta estabilidade está intimamente associado às características dessa estrutura e às necessidades do Homem.

O padrão de compromissos, em cada caso, é determinado por factores comportamentais relacionados com o modo de vida e organização social. Por exemplo, grandes níveis de mobilidade residencial favorecem o uso de habitações que são fáceis de construir, mas, geralmente, difíceis de manter (Kent, 1996, pp.55-56; Tomka e Stevenson, 1996, p.192). Em concreto, os fundos de cabana são indícios de uma ocupação mais ou menos permanente (semi-sedentária), que, segundo Jimenéz Jáimez (2007, p.43), pode durar de um par de meses até um quarto de século. No caso de Entre Águas 5, por motivos já aduzidos, a estrutura apresenta, no período de chuvas, uma falta de condições de habitabilidade.

As suas características formais e o seu tamanho podem sugerir a presença, durante os seus períodos de ocupação, de uma família alargada, com duas células sociais. Seguro é a presença de, pelo menos, uma. Esta situação não significa que outras divisões internas, arqueologicamente invisíveis, não estivessem presentes. Convém lembrar que a imagem que possuímos do contexto é a última. Um último episódio que se pode basear em diferentes premissas e ter a sua imagem distorcida pelos processos de ordem cultural e natural (Schiffer, 1972; 1975, p.838).

V.2. O espaço e as suas estratégias de ocupação e abandono – funções, significados e intuitos

A systematic understanding of archaeological formation processes provides the inferential bridge between static patterns of the archaeological record and dynamic patterns of ongoing behavior (Joyce e Johannessen, 1996, p.138)

Questões como as implicações sociais das áreas de actividade e os aspectos culturais da formação estratigráfica revelaram-se de difícil alcance. O piso da estrutura [204] produziu poucos restos artefactuais *in situ*, não se tendo detectado qualquer derrube ou assinaláveis vestígios orgânicos do tecto ou das paredes que selassem esse nível de ocupação. A cobrir o nível encontrava-se, sim, a camada [202]. Apesar disso, os dois conjuntos de materiais revelados pelo processo de escavação foram interpretados como produto directo da acção humana (vd. secção IV.3.).

A interpretação das funções e actividades que se podem ter desenrolado na estrutura assentou, assim, no reconhecimento das funções dos artefactos nela encontrados, nomeadamente nos referidos conjuntos [203A] e [203B] (Apêndice B: fig. B.10). Para além destes, o preenchimento superior da estrutura continha uma elevada quantidade de materiais, sugerindo que uma vez abandonada a estrutura o local continuou a ser ocupado, (re)utilizando-se a mesma para a deposição de lixos.

Seguindo esta linha de pensamento, note-se que no nível [202-3] foram encontrados vários termoclastos e fragmentos cerâmicos organizados em círculo (Apêndice B: fig. B.31), sinais de uma possível estrutura de combustão. Desta forma, a vida útil desta estrutura, ainda que em moldes distintos, pode ter-se prolongado no tempo, com outros fins que não os habitacionais, antes do abandono completo do local.

Todavia, sabendo que estas evidências podem ser alteradas e condicionadas por vários processos naturais e culturais (Schiffer, 1983, p.676; 1987, p.7), devemos assumir que os artefactos encontrados, em especial nos níveis de ocupação, foram aí deixados exactamente como terão sido usados? Mesmo que representem uma

transformação do contexto sistémico dos residentes (Schiffer, 1972; 1975, p.838; 1983, p.677)?

Somente se todas as actividades fossem subitamente interrompidas, devido a alguma catástrofe, e os materiais permanecessem «congelados» onde caíram («Pompeii Premise»; vd. Binford, 1981; Schiffer, 1985), poderíamos reconstruir, com confiança, o comportamento da comunidade em curso, sem referência aos vários processos que se podem ter desenrolado no abandono e pós-abandono da estrutura (Joyce e Johannessen, 1996, p.150).

Os próprios processos de formação exibem padrões que podem ser identificados através do uso de apropriados utensílios de análise e inferência, construídos com base no conhecimento das leis que governam esses processos (Schiffer, 1983, p.677), sendo as limitações destes processos específica aos depósitos (Schiffer, 1983, p.678).

Identificar um processo de formação é inferir que o mesmo ocorreu, sendo o depósito o nível analítico a que esta identificação pode atingir. Tradicionalmente, em Arqueologia, o *nível* é uma unidade criada para agrupar conjuntos de artefactos, considerados como correspondentes a um tipo de comportamento ou período temporal (Stein, 2001, p.44).

Dada esta perspectiva, um *depósito* é uma entidade problemática. (1) Um único processo de deposição pode dar origem a materiais em depósitos diferentes, (2) itens originalmente depositados em conjunto podem ser divididos posteriormente, em resultado de vários processos, pelos vários depósitos, e (3) um único depósito pode conter os produtos de variados e diferentes processos deposicionais (Schiffer, 1987, p.266), incluindo distintas actividades culturais.

Ora, a definição de um nível incorpora, com frequência, o método (ou uma aproximação) usado pelos geólogos, que definem os depósitos pela sua litologia. Neste âmbito, os processos envolvidos na criação do depósito são diversos, trazendo partículas de várias fontes, agentes de transporte (incluindo culturais) e com proporções variáveis. Isto é, o depósito é uma unidade organizacional, na qual o objectivo é reconhecer o(s) evento(s) que o criaram. Não é apenas uma unidade útil

para o reconhecimento de comportamentos ou padrões de artefactos produzidos por uma actividade cultural (Stein, 2001, p.44).

Foi com base nestas diferentes perspectivas que, no processo de escavação, foram diferenciados vários níveis ou eventos de deposição e formação – [200], [201], [202], estrutura de combustão no nível [202-3], [203A], [203B] e [204] (vd. Cap.IV). A análise que efectuaremos dos mesmos estará, por isso, condicionada quer pela interpretação durante a escavação, quer pelas problemáticas, anteriormente referidas, que a definição dos processos de formação dos depósitos apresenta (Schiffer, 1987, p.266), ou mesmo pelas unidades deposicionais de cariz sedimentológico. Para além disso, iremos recorrer a investigações de âmbito etnoarqueológico e arqueológico que revelam e especificam vestígios materiais que podem ajudar a identificar processos específicos (Schiffer, 1983; Cameron e Tomka (eds.), 1996).

Assim, a análise dos artefactos revela uma série de padrões (Apêndice D: figs. D.2-D.12), que vão ser discutidos à luz das trajectórias descritas. Primeiro, numa breve análise, em relação aos conjuntos [203A] e [203B], nota-se a segregação espacial dos mesmos (Apêndice B: fig. B.10). Os artefactos, e outros resíduos que os constituem, são remetidos para os dois pólos da habitação. Apesar de acumulados em duas áreas específicas, por si só não há uma segregação material que possa indicar uma actividade específica para cada um dos conjuntos, surgindo cerâmicas associadas a alguma fauna, bem como, alguns termoclastos, núcleos, lascas e outros objectos líticos e fragmentos de argila cozida e carvões. Segundo, devemos notar que muito poucos (ou se sequer algum) dos itens permanece no seu contexto de uso original.

Expliquemos o porquê deste juízo. Por um lado, não foram detectados materiais intactos, por outro, não foi localizada nenhuma segregação material marcada espacialmente pelos resíduos de alguma actividade produtiva. Os conjuntos [203A] e [203B] pela sua localização («fora do caminho»), pela falta de materiais inteiros ou funcionais, ou até pela variedade material, configuram zonas de depósito primário de detritos de actos de limpeza da área de habitação.

Na componente cerâmica, em concreto, foram detectados alguns casos com porção significativa da peça, mas invariavelmente incompletas e com uma reconstituição da mesma inferior a metade do seu perfil original. Dentro deste

esquema surgem, até, mais peças na camada de enchimento: 13 – [202]; 3 – [203-A]; e 9 – [203B]. Para além destes, os únicos objectos inteiros e funcionais – ou, pelo menos, com porção considerável preservada – que possuímos são um dormente fragmentado, percutores e dois núcleos sem defeitos ou exaustão, da [203B]. Um elemento de foice encontrava-se deslocado e isolado, na camada de enchimento.

Pelas suas características, todos os percutores e polidores estariam funcionais, mas por alguma razão foram descartados ou abandonados. A sua facilidade de aquisição ou produção poderá ser uma das causas. Quanto aos alimentos só temos dados qualitativos. Consumiam ovicaprinos (vd. secção VII.1.), com restos definidos quer no potencial nível de ocupação [203], quer no de enchimento da estrutura - [202]. Apesar de fragmentados os elementos metálicos – [202] – são feitos pela manipulação de uma matéria-prima valiosa e altamente reciclável, podendo ser acumulados como sucata.

Como podemos verificar (vd. Cap. VI), poucos materiais inteiros ou funcionais estão presentes. De forma semelhante, em termos de tipo artefactual, não houve uma variação significativa entre estes conjuntos e a camada de enchimento (Apêndice D: fig. D.13). As únicas diferenças assinaláveis verificam-se com os fragmentos de recipientes cerâmicos e com os materiais de construção e manutenção, neste caso nos termoclastos que estruturariam a estrutura de combustão na camada [202]. Esta camada apesar da homogeneidade litológica, comportou, tridimensionalmente, diferentes padrões de deposição material, mas não tão concentrados como os conjuntos [203A] e [203B] (vd. Apêndice D: figs. D.7-D.9, comparar com D10-D.12).

Estes conjuntos poderão reflectir actos de deposição secundária de detritos, neste caso cerâmicos, pelas populações que, de forma sazonal, terão ocupado o espaço de Entre Águas 5. Estes padrões, ou disposições espaciais (o contexto arqueológico), podem ter derivado de diferentes tipos de uso e processos de formação, tendo em conta a multiplicidade de acções humanas e fenómenos naturais passíveis de ocorrer, mesmo em períodos temporais não muito longos (Schiffer, 1983, p.695).

Esta situação envolve um processo em que há uma disseminação dos materiais descartados ou perdidos, novamente objectos de pequena dimensão, ou cuja utilidade

cessou. Tal processo pode ter levado, então, à dispersão mais aleatória dos artefactos, de acordo com sua última utilização ou dependendo do agente de dispersão (por exemplo: o Homem, um animal, elementos naturais, como o rio ou o vento, etc.).

Segundo Arthur Joyce e Sissel Johannessen (1996, p.138), «a padronização material, em sítios de cariz doméstico, resulta, em grande parte, da disposição de lixo humano durante o uso, abandono e pós-abandono do local». Na estrutura [204] a acumulação de objectos de tamanho considerável em pilhas de lixo (os conjuntos [203A] e [203B]) é, como vimos, um indicador de actividades sistémicas de manutenção da área.

A sua conseqüente presença, no registo arqueológico, representa, igualmente, uma falta de intenção de as deslocar para fora do espaço habitacional. A variedade no tamanho dos materiais que os constituem deforma, também, uma acção natural (fluvial) na sua deslocação e agregação. Sinais de erosão não foram encontrados (excepto num fragmento cerâmico) e pequenos objectos que possam ter sido removidos (como lascas, fragmentos ósseos e carvões), pela acção do rio, estão presentes (vd. Schiffer, 1983, p.680). Neste aspecto, não sabemos de que modo a profundidade, e a interpretação arqueológica, pode ter sido uma variável na divisão de processos de formação singulares e únicos (vd. Schiffer, 1983, p.685).

Tendo em conta que o abandono gradual (ou repetitivo) conduz os indivíduos, nalgumas situações, a relaxar os seus padrões de higiene, levando à deposição de materiais em áreas da habitação normalmente não utilizadas para o descarte (nem que seja de forma provisional) (Joyce e Johannessen, 1996, p.151; Lightfoot, 1996, p.171), os indicadores que apresentamos são prova de um ou vários processos (e episódios) de abandono planeado, no qual os materiais em estado de uso foram recolhidos no abandono ou pós-abandono (não encontrados no registo arqueológico) e os detritos foram acumulados nos cantos da estrutura.

Estes materiais são, deste modo, evidência das actividades e tomadas de decisão sobre a ocupação e o abandono. Em si, as decisões de ocupação e abandono representam soluções para problemas (Fish e Fish, 1996, p.91). No caso do abandono a já referida possível inundação provocada pelo leito de rio, na época das chuvas. Esta causa – fundamental no que concerne à falta de condições para uma permanência

anual – estaria acompanhada de outros factores mais gerais de ordem sócio-económica como motivação da sazonalidade e, por inerência, do modelo de ocupação daquele grupo populacional¹².

Nestas condições de abandono regular (sazonal), as casas poderiam ser pilhadas enquanto estivessem desocupadas. Se os seus proprietários não regressassem estas poderiam mesmo ser privadas dos seus materiais de construção por outros grupos humanos (Schlanger e Wilshusen, 1996). Esta seria uma das últimas funções dadas à estrutura finda a sua utilidade doméstica.

Como já enunciámos em hipótese, a mesma foi usada como lixeira e até, pela estrutura de combustão, como local de estadia episódica. A juntar a estas funções, poderia, ainda, eventualmente ter sido usada como marco para a reivindicação de uma determinada área (Rothschild *et alii*, 1996, p.125). Porém, a função primordial teria sido a doméstica, como nos indiciam: (1) as características físicas da estrutura; (2) os paralelos encontrados; (3) a existência de buracos de poste noutras estruturas similares de Entre Águas 5; (4) os conjuntos de materiais [203A] e [203B]; e, por fim, (5) as categorias de objectos recolhidos nestes conjuntos (Apêndice D: fig. D.13), que sugerem-nos a presença de actividades quotidianas envolvendo a confecção e ingestão de alimentos, bem como a existência de actividades de produção e subsistência (como a moagem de cereais e de outras substâncias, o talhe ocasional de líticos e a armazenagem de produtos) (vd. Cap. VI). Em suma, todos estes indícios se unem num sistema que implicaria uma série de agentes e actividades de transporte e relação social, que cremos corresponder a um fim doméstico.

Neste prisma, os equipamentos de processamento de alimentos (moventes, dormentes, percutores e os recipientes de cerâmica) podem ser considerados como elementos estáveis de mobiliário doméstico. Contudo, a imagem que possuímos do mesmo não é completa já que, durante o abandono ou pós-abandono da estrutura, vários objectos e materiais ainda funcionais (quase inexistentes no registo arqueológico) terão sido extraídos.

¹² Estes poderiam ir desde o perfil económico (actividades desenvolvidas e métodos de exploração) à falta generalizada de mecanismos sociais para manter a população agregada num único local.

CAPÍTULO VI: CULTURA MATERIAL

Las tipologías [...] no constituyen sino intentos de objetivar la percepción personal, a partir tanto de rasgos morfológicos de materiales – lo que permite categorizar los objetos –, cuanto de una pretendida función de uso en el nivel más general de clasificación (Ruíz-Galvéz Priego, 2001, p.39)

The goal is not to reconstruct the past because that is not possible. Instead, archaeologist must outline the possibilities (Nelson, 2010, p.238)

VI.1. Os recipientes cerâmicos

VI.1.1. Estudo morfológico

A estrutura [204] documentou a presença de, pelo menos, 209 recipientes cerâmicos. Deste conjunto apenas uma pequena parte (8 fragmentos) não permitiu a definição tipológica. Como previamente se referiu, o conjunto ficou marcado por um elevado grau de fragmentação, com todas as condicionantes e imperfeito grau de precisão associados. Nalguns casos este era tal que a definição segura de uma forma ficou impossibilitada¹³. De forma a trabalharmos os dados propiciáveis pelos fragmentos de recipientes cerâmicos foi definida uma tabela tipológica, que seguiu os critérios expostos na secção II.2.1.

O estudo morfológico dos recipientes cerâmicos revelou pouca variabilidade a nível formal. Dividido o conjunto em formas fechadas (potes), abertas (taças) e carenadas (taças/cálices), as formas distinguem-se, no caso das abertas, pela profundidade e, no caso das fechadas, pela existência de colo. As taças carenadas denotam variantes abertas e fechadas (cálices/copas). Para cada um dos tipos e sub-tipos definidos encontraram-se várias variantes, distinguindo-se pelo tipo e diâmetro do bordo.

¹³ Nomeadamente no caso dos fragmentos de carena.

Num estudo comparativo de vários povoados do Sudoeste Peninsular «culturalmente» associados ao Bronze Final foi visível, do ponto de vista formal, a grande similitude com os dados documentados para a realidade em estudo (Rocha *et alii*, prelo). No mesmo foram adiantados alguns dos dados aqui desenvolvidos. Assim, a divisão tipológica aí definida foi novamente revista e mantida como aí se configura, registando-se apenas algumas alterações de cariz estatístico.

Em termos numéricos, os potes, com 88 exemplares, representam a maior percentagem (42,11%). As taças, com 76 exemplares, surgem em número similar (36,37%). As taças carenadas, com 37 exemplares, representam 17,70% do total. Em oito casos, devido à reduzida porção de bordo, foi impossível definir uma forma de contentor. Ficamo-nos, dessa maneira, pela sua diferenciação dos restantes. Assim, face a estes dados podemos considerar as taças (tipo 1) e os potes (tipos 2) como os recipientes definidores das populações que usaram a estrutura [204] como *habitat* e como local de deposição de lixos (vd. secção V.2.).

Analisado o panorama geral dos recipientes da estrutura [204] passaremos a uma análise particular das componentes morfológicas dos diferentes tipos e sub-tipos definidos.

O **tipo 1** corresponde a recipientes abertos (taças), nos quais o diâmetro do bordo representa o diâmetro máximo do recipiente, apresentando as peças perfil hemisférico ou em calote esférica, sem qualquer carena ou inflexão da orientação do bojo. Com base no ângulo formado pelo bordo e parede do fragmento com o plano de abertura (<45º; 45-90º) (Boaventura, 2001, p.25) definiram-se dois sub-tipos.

O **sub-tipo 1.1** – prato/taça baixa – corresponde a formas com corpo de perfil hemisférico, muito baixas e abertas. Esta forma apresenta dois grandes tipos de bordo – sub-vertical e extrovertido, com lábios rectos e semi-circulares, podendo estes ter tendência biselada ou ser espessados externamente (Apêndice C: fig. C.3, nº 1-3). Os diâmetros são sempre superiores a 15cm, c.60% de tamanho grande e c.40% de tamanho médio (Apêndice D: fig. D.25).

O **sub-tipo 1.2** – taça hemisférica – corresponde a formas abertas com perfil de corpo hemisférico ou calote esférica. Os bordos podem ser verticais, sub-verticais, ou extrovertidos, por vezes apenas ligeiramente. Os lábios possuem secção recta, biselada

e semi-circular, podendo, neste último caso, ser superiormente aplanados, ter tendência biselada e ser bi-espessados ou espessados externa ou internamente. Dimensionalmente, estão patentes os três tamanhos definidos. Os diâmetros são por norma grandes (c. 60%), seguidos dos médios (c.30%) e pequenos (c.10%) (Apêndice D: fig. D.25). Num exemplar foi identificada uma pega de preensão (Apêndice C: fig. C.4, nº 1-3).

O **tipo 2** corresponde a recipientes fechados, nos quais o diâmetro do bojo representa o diâmetro máximo do recipiente, apresentando as peças perfil hemisférico ou em calote esférica, sem qualquer carena. Com base na presença ou não de uma inflexão da orientação do bojo no corpo superior, que estrangula a peça, apresentando, em concordância, paredes verticais ou ligeiramente inclinadas para o interior, definiu-se uma distinção para os recipientes fechados. Não se conseguiu identificar nenhum pote que conservasse perfil completo, contudo, quer pela espessura, quer pela forma dos fundos que continham bojo, os vários fundos planos (35) identificados corresponderiam, na sua maioria, a recipientes destas formas (Ruíz Mata, 1979).

O **sub-tipo 2.1** – pote esférico – corresponde a formas fechadas com corpo de perfil esférico. O bordo possui todas as orientações registadas, o mesmo sucedendo com os lábios com excepção do lábio em bisel. Ao nível do bojo de alguns dos exemplares (3) foram identificadas pegas de preensão (Apêndice C: figs. C.5, C.6 e C.7). Os diâmetros são sempre superiores a 15cm, c.50% de tamanho grande e c.35% de tamanho médio (Apêndice D: fig. D.25).

O **sub-tipo 2.2** – pote estrangulado – distingue-se, como se referiu, por possuir inflexão da orientação do bojo no corpo superior, podendo, por vezes, conferir colo. Revela bordos extrovertidos, introvertidos e verticais, com lábios de secção semi-circular, por vezes aplanados superiormente ou com tendência biselada (Apêndice C: fig. C.8). Existem, com base no diâmetro do bordo, potes de pequena, média e grande dimensão (Apêndice D: fig. D.25).

Um terceiro tipo definido teve por base os recipientes ou fragmentos que continham carena. O **tipo 3** foi dividido em dois sub-tipos conforme a peça seja fechada ou aberta. Alguns dos fragmentos não possuíam bordo, impossibilitando,

assim, a sua divisão nos sub-tipos definidos. Por essa razão o tipo 3 será tratado no seu conjunto, analisando os dados disponíveis para os recipientes abertos (3.1), para os fechados (3.2) e para os restantes fragmentos de carenas de recipientes cujo bordo não possuímos (3). Os diâmetros são variados e de proporção idêntica (Apêndice D: fig. D.25).

O **sub-tipo 3.1** – taça carenada aberta – corresponde a formas de perfil carenado, abertas. O bordo é extrovertido, com lábios semi-circulares, estando a carena em posição média/alta em relação ao fundo. Pode apresentar perfil suave, com a parede do corpo vertical ou ligeiramente côncava acima da carena e corpo inferior de perfil esférico (Apêndice C: fig. C.9, nº 1-2).

Menos comum é o **sub-tipo 3.2** – taça carenada fechada/cálice/copa – que corresponde a formas de perfil carenado, fechadas, cujo corpo superior pode apresentar forma hiperbolóide. De forma similar ao tipo 3.1, a carena surge numa posição média/alta do corpo. O bordo pode ser extrovertido ou vertical., detendo sempre diâmetros pequenos. Os lábios são, com algumas variantes, semi-circulares (Apêndice C: fig. C.9, nº 3-4).

A juntar aos dados que acabamos de enumerar, na estrutura [204] foram encontrados orifícios de suspensão ou de reparação (Apêndice C: fig. C.10, nº 2) em três dos fragmentos cerâmicos (nº 449, 535 e 685b) – um dos quais fragmento de uma taça carenada – e um negativo de semente num fragmento de bojo (Apêndice C: fig. C.10, nº 1), outro numa pega e, a nosso ver, um duvidoso numa das taças hemisféricas.

Os fundos recuperados são na sua totalidade planos, variando entre os 0,6cm e os 2cm de espessura (Apêndice C: fig. C.10, nº 3-7). Os elementos de preensão são, por norma, pegas de tendência horizontal, não perfuradas (Apêndice C: fig. C.10, nº 8; fig. C.11, nº 1 e 2). Em dois exemplares verificou-se a perfuração ou dupla perfuração das mesmas (Apêndice C: fig. C.11, nº 5). Definiram-se, ainda, um mamilo Apêndice C: fig. C.11, nº 3) e uma asa em fita (Apêndice C: fig. C.11, nº 4). Nos exemplares com fragmento de bordo contendo pega e parte do bojo do corpo foi possível comprovar a sua localização na metade superior dos mesmos na zona da pança ou no bordo (Apêndice C: fig. C.7, nº 3).

VI.1.2. Estudo tecnológico

Em geral, segundo o conceito de Michael Brian Schiffer e James Skibo (2008) (Rocha *et alii*, prelo), o estudo dos recipientes cerâmicos denotou uma grande heterogeneidade ao nível das características técnicas ou de performance. Considerando aquilo que comumente são entendidos como aspectos tecnológicos (Pavón Soldevilla, 1994, p.60), na análise macroscópica efectuada verificou-se o fabrico manual da totalidade do conjunto. As pastas dos fragmentos estudados revelaram, em geral, um padrão de cores pouco homogéneo. A heterogeneidade verificada não se revela apenas em diferentes colorações do cerne para a superfície, mas também consoante a zona do fragmento (Apêndice D: figs. D.14, D.15 e D.16).

Nesta questão em particular, os dados revelam-nos que 50% dos fragmentos possuem cerne com mais de um tom. O número reduz-se de forma significativa nas superfícies, c.13% no caso da interna e c.15% na externa. Numa análise simplista, ao correlacionarmos os dados adquirimos pela análise das cores, das superfícies e cerne dos fragmentos, verificamos que, pelo menos, cerca de três quartos dos recipientes analisados revelam a presença de ambientes irregulares ou diferenciados de cozedura e arrefecimento.¹⁴

No conjunto, definimos, ainda, parâmetros tais como a textura e homogeneidade da pasta, a coesão e a frequência e dimensão das inclusões não plásticas presentes. No geral, as pastas apresentam consistência média (79,90%) e alta (16,27%), com alguma porosidade e textura não muito ou moderadamente homogénea (87,56%) a homogénea (8,61%). Existem alguns exemplares que revelaram pastas friáveis (3,83%) e pouco homogéneas (3,83%) (Apêndice D: figs. D.17 e D.18).

As inclusões não plásticas presentes nos fragmentos estudados possuíam, na sua maioria, uma frequência alta (27,75%) a muito alta (69,86%) (Apêndice D: fig. D.19). O tamanho das mesmas possuía uma maior variação. No mesmo fragmento eram visíveis desde inclusões muito finas (inferiores a 0,5 mm) a grosseiras (50,24%) ou muito grosseiras (37,32%). Nalguns casos os fragmentos dos recipientes não revelaram a presença de inclusões de grande dimensão, apenas muito finas a finas (0,48%) ou a médias (11,97%) (Apêndice D: fig. D.20).

¹⁴ Na secção 8.1.2 discutiremos estas problemáticas com maior pormenor.

Uma amostra de dezassete fragmentos cerâmicos de ornatos brunidos de Entre Águas 5 foi analisada através da espectrometria de fluorescência de raios X (FRX) e da observação de lâminas delgadas ao microscópio óptico com luz polarizada transmitida (MOLPT), associada à análise por difracção de raios X (DRX) (Barreto, 2010, p.8). Estas análises revelaram que as inclusões não plásticas presentes nas amostras representam cerca de 30 a 45% da matriz (Barreto, 2010, p.12). As inclusões que as mesmas detinham não possuem orientação definida e apresentam geometria angular, sub-angular e sub-rolada (Barreto, prelo, p.12).

Numa análise macroscópica aos elementos petrográficos presentes foi possível identificar a presença de partículas de quartzo em todas as cerâmicas, e, em diferentes percentagens, de feldspatos (86,60%), micas (76,08%) e minerais opacos de coloração branca e negra (96,65%), bem como, de *grog* (13,40%). Estes dados parecem estar em conformidade com uma análise mais específica e segura feita através de análises de DRX e de lâminas delgadas no microscópio petrográfico (em nicóis cruzados e paralelos). As mesmas, na amostra estudada, permitiram identificar quartzo, plagioclase (da família dos feldspatos), moscovite, biotite, clorite, hematite e outros minerais opacos (Barreto, 2010, p.12).

Outro ponto comum às cerâmicas analisadas é o predomínio das superfícies polidas, c.72% na superfície externa e c.66% na interna. A pequena diferença percentual poderá estar correlacionada com a forma e/ou função do recipiente. As superfícies afagadas representam ainda uma boa percentagem do total, entre os c.20% (externa) e os c.27% (interna). As superfícies grosseiras, entre os 7% (interna) e 8% (externa), têm pouca expressividade (Apêndice D: figs. D.21 e D.22). Num caso as superfícies encontravam-se corroídas. O processo de erosão que sofreram impediu a determinação do tratamento de superfície realizado.

Analisado o panorama geral dos recipientes da estrutura [204] passaremos a uma análise particular das componentes tecnológicas dos diferentes tipos e sub-tipos definidos.

O **sub-tipo 1.1** caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente finos ou espessos (Apêndice D: figs. D.23 e D.24), em torno dos 40 e 60%. As pastas apresentam-se, genericamente, como de consistência média (c.80%)

(Apêndice D: figs. D.17) e moderadamente homogêneas (90,32%) (Apêndice D: figs. D.18), com inclusões não plásticas quase sempre grosseiras ou muito grosseiras (Apêndice D: figs. D.20), com frequência muito alta (c.70%) a alta (c.30%) (Apêndice D: figs. D.19). No que diz respeito às superfícies, elas apresentam-se ligeiramente melhor cuidadas na superfície interna. A maior parte apresenta superfícies polidas (c. 60%) ou afagadas (c.30-40%). Uma percentagem nunca superior a 10% mostra superfícies grosseiras (Apêndice D: figs. D.21 e D.22).

O **sub-tipo 1.2** distingue-se do anterior por apresentar bordos e bojos mais espessos (Apêndice D: figs. D.23 e D.24). Os bordos e bojos são, por norma, finos ou espessos, em torno dos 30-40 e 60%. Mas, contrariamente ao sub-tipo 1.1, as percentagens não sofrem grandes alterações entre o bordo e o bojo, mantendo-se sempre dominantes os bordos e bojos espessos. As pastas revelaram-se mais compactas (c. 22%), apesar de genericamente serem de consistência média (c. 70%) (Apêndice D: figs. D.17) e moderadamente homogêneas (82,22%) (Apêndice D: figs. D.18).

Já as inclusões não plásticas apresentam um valor mais alto na classe de média dimensão, não deixando, contudo, de ser na sua larga maioria grosseiras ou muito grosseiras (Apêndice D: figs. D.20). Apresentam, por norma, frequência muito alta (c. 66 %) a alta (c. 30%) (Apêndice D: figs. D.19). No que diz respeito às superfícies elas apresentam-se, de novo, ligeiramente melhor cuidadas na superfície interna. A maior parte apresenta superfícies polidas (c. 70%) ou afagadas (c. 20%). Uma percentagem nunca superior a 10%, sobretudo na exterior, mostra superfícies grosseiras (Apêndice D: figs. D.21 e D.22).

O **sub-tipo 2.1** caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente espessos (c. 60-70%) (Apêndice D: figs. D.23 e D.24), mantendo por regra os bordos menor espessura. As pastas apresentam-se, em geral, como de consistência média (c. 90%) (Apêndice D: figs. D.17) e moderadamente homogêneas (c. 90%) (Apêndice D: figs. D.18), com elementos não plásticos quase sempre grosseiros ou muito grosseiros (Apêndice D: figs. D.20), em frequência muito alta (c. 70%) a alta (c. 25%) e média (c. 5%) (Apêndice D: figs. D.19). No que diz respeito às superfícies,

quase 80% dos potes possui superfície externa polida, enquanto na interna não ultrapassa os 60%, com c. 40% de superfícies afagadas (Apêndice D: figs. D.21 e D.22).

No que toca à espessura, o **sub-tipo 2.2** evidencia-se pela maior representatividade dos bojos e bordos muito espessos (Apêndice D: figs. D.23 e D.24). As pastas apresentam-se, genericamente, de consistência média (64,29%) (Apêndice D: figs. D.17) e textura moderadamente homogênea (92,86%) (Apêndice D: figs. D.18), com elementos não plásticos quase sempre muito grosseiros ou grosseiros (Apêndice D: figs. D.20) e frequência muito alta (71,43 %) a alta (28,57%) (Apêndice D: figs. D.19). As superfícies apresentam-se maioritariamente polidas e, em menor expressão, afagadas e grosseiras (Apêndice D: figs. D.21 e D.22).

O **tipo 3**, no seu conjunto, caracterizou-se por apresentar bordos e bojos esmagadoramente finos (c. 80-70%) (Apêndice D: figs. D.23 e D.24) e pastas em norma de consistência média (86,49%) e moderadamente homogêneas (86,49%), mas com uma boa percentagem de pastas compactas (13,51%) e homogêneas (10,81%) (Apêndice D: figs. D.17 e D.18). Os elementos não plásticos, *grosso modo*, mantêm-se em linha com o panorama desenvolvido, com predomínio da frequência muito alta (72,98%) e dimensão grosseira (56,72%) a muito grosseira (35,14%) (Apêndice D: figs. D.19 e D.20). No que diz respeito às superfícies, elas apresentam-se em linha com o descrito para o tipo 1, mostrando, na maior parte, superfícies polidas (72,98%) (Apêndice D: figs. D.21 e D.22).

VI.1.3. A decoração

A pouca variabilidade detectada em termos morfológicos encontra correspondência nas técnicas decorativas. Apenas três tipos de técnicas decorativas foram identificados, e mesmo algumas destas valorações oferecem-nos dúvidas razoáveis. No total, as decorações estão presentes em nove fragmentos, todos pertencentes ao bojo dos recipientes com excepção de duas carenas, que revelaram decoração de ornatos brunidos (Apêndice C: fig. C.11, nº 8; fig. C.12, nº 1).

A incidência dos fragmentos com decoração e marcada valoração estética no conjunto cerâmico, face às cerâmicas lisas, revelou-se pouco expressiva (4,15%). Este

factor pode dever-se: (1) a um baixo uso e um maior cuidado com o manuseamento das peças decoradas (limitando o seu abandono e o risco de acidentes no manuseamento), isto é, ao seu alto valor simbólico, económico, etc; (2) a uma menor procura ou necessidade das peças decoradas; (3) a uma baixa capacidade económica, ou de outra ordem, de aquisição dessas peças ou das técnicas e saberes para a sua realização; ou (4) a outros factores de ordem ideológica ou social que nos escapam. Fosse qual fosse o motivo para esta fraca expressividade, o uso deste tipo de cerâmicas ficou marcado para a eternidade.

Apesar de marcado, não veio acometido de um «guia explicativo». Como referimos, alguns dos fragmentos que aqui destacamos oferecem-nos dúvidas quanto a uma categorização decorativa. Reportamo-nos a dois exemplares incisos (Apêndice C: fig. C.11, nº 6-7) e a quatro *cepillados* (Apêndice C: fig. C.11, nº 9-12). A localização da decoração nos exemplares incisos dá-se quer na superfície externa (Apêndice C: fig. C.11, nº 7), quer na interna (Apêndice C: fig. C.11, nº 6). No caso dos exemplares *cepillados* um deles regista-se no interior do bojo (Apêndice C: fig. C.11, nº 11), outro nas duas superfícies (Apêndice C: fig. C.11, nº 10) e os restantes no exterior.

As incisões visíveis não apresentam um padrão figurativo. A própria dimensão do fragmento limita a nossa base empírica. As incisões foram executadas com a pasta ainda fresca, e não apontam responder a um acontecimento fortuito, quer pela profundidade de uma, quer pela fina dimensão do traço da outra.

Não questionando o alcance visual das mesmas (embora uma se dê sobre a superfície interna), parece-nos que o seu intuito visaria responder a qualquer necessidade funcional, seja ela simbólica ou de mera distinção do recipiente e, possivelmente, do seu conteúdo. Neste ponto, não deixa de ser evidente a rudeza, e o fraco investimento temporal que o oleiro dedicou na execução das duas incisões que nos mostram os fragmentos estudados (e, convém reter, são apenas dois fragmentos do todo). Esta consideração leva-nos a aceitar com maior probabilidade um intuito para lá da valoração puramente estética e/ou simbólica, aproximando-nos, porventura, de uma função marcadora ou de registo.

A técnica do *cepillo* coloca uma dúvida quanto a seu significado e função (vd. Vilaça, 1995, p.49). A questão não possui resolução simples e definitiva. A não ser que

se tenha observado o significado da mesma para a comunidade, representa um problema especificar de que tipo de significado se revestiria.

O tratamento superficial pode ser tão funcional como decorativo. De que forma o procedimento utilizado estaria para lá do processo comum, das cerâmicas lisas, de formar o recipiente desde a argila até à sua forma final e acabamento das suas superfícies? No nosso entendimento esta questão revela-se-nos ambígua, daí se considerar as superfícies *cepilladas* como uma entidade estética, de marcado valor funcional, «podendo o atrito da irregularidade do “cepillado” conferir mais segurança e facilidade quando deslocados» (Vilaça, 1995, p.293) e aumentar a capacidade dos recipientes em absorver calor (Rice, 2005, p.5).

Tal como noutros casos (Gibson *et alii*, 1998, p.204; Soares, 2005, p.132), as decorações brunidas, em todos os exemplares, constituem impressões ténues, só devidamente visíveis (actualmente) com uma determinada inclinação em relação à luz incidente. Em todo o caso, é claro o seu carácter não representacional, consistindo em padrões geométricos. Os exemplares de ornatos brunidos que se encontraram revelaram isso mesmo, com uma organização em retícula (Apêndice C: fig. C.11, nº 8; fig. C.12, nº 1) e outro dispendo faixas paralelas em diagonal (Apêndice C: fig. C.12, nº 2), sendo que a primeira organização pode perfeitamente constituir um exemplar do tipo 1 ou 2 de Eduardo Cunha Serrão e a segunda o 5 (1970, p.281).

No que toca à sua exposição, esta verifica-se, em dois dos casos, na superfície exterior da peça, em consonância com o tipo Lapa do Fumo, predominante no Sul do território português (Soares, 2005, p.131). Um terceiro exemplar recebe decoração interna, típica da zona do Guadalquivir (Almagro-Gorbea, 1977, p.127; Lopéz Roa, 1977 e 1978) (Apêndice C: fig. C.11, nº 8).

IV.1.4. Leitura sintética

O aparelho cerâmico é formado por um conjunto pouco variado de formas básicas (abertas, fechadas, carenadas ou com colo discriminado), correspondentes a uma ou mais tipos por nós definidos, que foram multiplicadas em recipientes com distintos tamanhos. Numa óptica integral, os dados apresentados, permitem afirmar

que o sistema adoptado, na produção deste aparelho, tendia à obtenção de recipientes de fabrico manual, com pastas moderadamente compactas, com alguma porosidade, que possuem frequentes elementos não plásticos, quase sempre de grande dimensão.

Na grande maioria dos casos, uma vez conformadas, ambas as superfícies terão sido polidas. O emprego de engobes nas mesmas prefigura-se como uma conduta inusual. Evidencie-se, porém, que o estado das superfícies é um predicado particularmente afectado pelas circunstâncias singulares de utilização, manutenção, abandono e pós-abandono. A decoração é rara e afirmada, sobretudo, pelo emprego de motivos geométricos brunidos, os designados ornatos brunidos.

VI.1.5. Manufactura e produção

A produção e o trabalho do barro para o fabrico de recipientes e outros artefactos cerâmicos implicam, necessariamente, o conhecimento de alguns princípios básicos, desde logo que este é maleável, podendo ser modificado com a adesão de outras substâncias, e que, quando seco, mantém a forma, endurecida através da cozedura da mesma (Rice, 2005, p.8). Este conhecimento teria uma base empírica, podendo transmitir-se de um ente familiar para outro, contudo, nada exclui, *a priori*, a possibilidade de que houvesse uma prática diferente, de carácter não familiar.

Os ocupantes da estrutura [204] poderiam não saber trabalhar o barro, mas a comunidade que estudamos sim. Não existem provas directas da produção cerâmica *in loco*. Contudo, a base da nossa afirmação não é refutada pela análise das pastas, efectuadas a depósitos de argila, próximos do povoado, em comparação com alguns dos fragmentos de ornatos brunidos (vd. Barreto, 2010, p.25). Estes tipos de fragmentos pelo carácter diferenciador, que lhes confere o motivo decorativo, com semelhanças inter-locais ao nível da estrutura iconográfico-cultural (Soares, 2005), seriam, em princípio, tendencialmente valiosos e possivelmente elementos de troca no âmbito de relações sociais, isto é, potencialmente seriam mais propícios de serem importados pela comunidade de Entre Águas 5.

Mesmo, no local de implantação do sítio estão presentes os quatro elementos necessários para a produção cerâmica: argilas, água, ar e fogo (ou melhor o seu combustível). A comunidade não se teria instalado ali especialmente em função da produção cerâmica, esta viria a reboque do eixo económico fundamental – a agro-pecuária. Não foram encontrados, nem são conhecidos de outros povoados, de forma directa ou indirecta, elementos materiais que permitam supor uma produção em larga escala da cerâmica, como motor da economia local (vd. Vilaça, 1995, p.293).

Neste caso, os oleiros de Entre Águas 5 estariam total ou parcialmente condicionados aos materiais disponíveis nas suas proximidades, afectando-se, deste modo, as propriedades da cerâmica, que se não seriam as desejáveis (e para aquela comunidade poderiam perfeitamente sê-lo), seriam, pelo menos, as possíveis. A produção encontra na sua localização e no material disponível para trabalhar o seu primeiro factor limitativo ou – dito de outra forma – condicionador do produto final.

Os indícios que possuímos põem em hipótese realização esporádica desta tarefa, talvez de índole sazonal (vd. Rice, 2005). Numa produção deste género, o objectivo primário seria a satisfação das necessidades de recepção, serviço, transformação e armazenamento de conteúdos líquidos e sólidos dos elementos da comunidade. Esta poderia estar dependente quer do ritmo de desgaste e perda dos recipientes, quer de alterações ao nível demográfico e do poder aquisitivo, de carácter pontual ou permanente, ou da quantidade e qualidade de conteúdos líquidos e sólidos, normalmente alimentares, existentes e espectáveis.

O trabalho do oleiro¹⁵ e hipotéticos auxiliares para a realização e substituição de recipientes e outros artefactos cerâmicos, envolveria um variado conjunto de procedimentos. Estes consistiriam, essencialmente, na recolha de argila localizada próximo ou na área de implantação do povoado (Barreto, 2010, p.25), na sua modificação e tratamento, na sua modelação, secagem e, por fim, cozedura.

Este conjunto de actividades implicaria, certamente, vários espaços de funcionamento que nos são desconhecidos. Algumas cerâmicas ostentam impressões

¹⁵ O uso do género gramatical masculino deve-se meramente a conveniência textual e não implica, de maneira nenhuma, uma distinção de género quanto aos indivíduos que realizariam a tarefa em questão na sociedade que aqui estudamos. Efectivamente, existem paralelos etnográficos para ambos casos, isto é, estão documentadas sociedades onde a olaria é ocupação exclusiva de homens e outras onde é unicamente desempenhada por mulheres (vd. Vilaça, 1995, pp.293-294).

ocasionais de sementes na superfície externa, podendo apontar como causa para essa impressão o fabrico das mesmas junto a lugares onde existiam cereais, isto é, locais de vivência (p. e. a própria ou as cercanias de uma estrutura habitacional). A ser esse o caso não haveria um local específico de manufactura cerâmica (vd. Vilaça, 1995, p.293), nem uma especialização na produção da mesma.

Os fenómenos meteorológicos, a humidade e a falta de higiene implícita à actividade¹⁶, poderiam condicionar a selecção dos espaços e a época em que se processaria a actividade oleira. O volume da obra a realizar poderia ser outro factor a ter em conta, mas como vimos o mercado de destino, em princípio, seria o meio familiar ou local, necessariamente vocacionado para o auto-consumo de pequena escala.

As análises a cerâmicas do sítio de Santa Margarida, localizado a 7 km de Entre Águas 5, levantam a hipótese de algumas cerâmicas, ou a própria argila, provirem de Entre Águas 5 (vd. Barreto, 2010, p.25). Trata-se de um indício que precisa de ser melhor documentado, mas que nos relata a existência de potencial empírico para a comprovação da presença de relações sociais, económicas e culturais entre estas comunidades.

Independentemente da escala de consumo, a realização de um recipiente cerâmico deve responder ao gosto¹⁷ e a um conjunto de necessidades funcionais e/ou simbólicas. A maior preocupação na produção de peça cerâmica é obter um produto adequado para o uso pretendido (Rice, 2005, p.104), necessariamente dependente do critério do seu utilizador. O sucesso deste objectivo depende do material usado, da qualidade do oleiro e de factores não controláveis, como os climáticos, que podem originar alterações químicas que levam à dissolução, alteração ou quebra do objecto, ao longo do processo de fabrico e uso (vd. Rice, 2005).

O processo de fabrico, uma vez recolhida a argila, passaria pela remoção e adição de materiais. Esta última tarefa, fazendo uma analogia com dados etnográficos (Rice, 2005, p.117), envolveria um processo demorado. O material estranho à argila (folhas, raízes, seixos...) seria recolhido à mão. Terminado este processo, a argila poderia ou não ter sido pisada e, eventualmente, triturada e peneirada.

¹⁶ Conceito que poderia não deter o mesmo sentido que o actual.

¹⁷ Parâmetro subjectivo em cada sociedade.

Na caracterização química e mineralógica, efectuada a algumas das cerâmicas de ornatos brunidos do povoado, verificou-se que as inclusões das mesmas não possuíam orientação definida e apresentavam geometria angular, sub-angular e sub-rolada. Se as de cariz rolado sugerem uma presença prévia na argila (Rice, 2005, p.73), a presença de inclusões com geometria angular sugerem, embora não necessariamente (Rice, 2005, p.410), que estas tenham sido adicionadas à argila durante o fabrico das cerâmicas (Barreto, 2010, p.12; Rice, 2005, p.74). As mesmas podem ter sido obtidas através do esmagamento de rochas ou da adição de areia e *grog*, denunciados pela presença de quartzo, feldspatos, entre outros minerais (vd. secção VI.1.2.).

Neste ponto, convém reter a presença de feldspatos potássicos como a microclina (Barreto, 2005, p.12), característicos de rochas ácidas, ocorrendo com o quartzo nos granitos (Deer, Howie e Zussman, 2000, p.486; Rice, 2005, p.35). E, por sua vez, de plagioclases, características de dioritos e basaltos, mas também de granitos (com o quartzo e feldspatos potássicos) ou anfibolitos (Deer, Howie e Zussman, 2000, pp.440-445, 466-469, 486). Qualquer um destes elementos está presente quer na zona de implantação do povoado quer nas suas proximidades (vd. Cap. III).

No seguimento do processo de fabrico e depois de removidos e adicionados os vários materiais não plásticos, de forma a ganhar plasticidade, é acrescentada água ao barro. O corpo daí resultante seria esmagado e amassado com as mãos, com os pés ou fazendo uso de um objecto duro. Todo este processo visa eliminar as bolsas de ar da argila, bem como, assegurar uma distribuição uniforme e homogénea da mistura e das inclusões e, ainda, garantir que todas as partículas fiquem húmidas, aumentando, assim, a plasticidade do barro (Rice, 2005, p.119).

O passo seguinte consistiria na construção do recipiente cerâmico. O processo utilizado foi realizado de forma manual. É-nos difícil pormenorizar o método de construção dos recipientes. Não possuímos exemplares completos ou de perfil completo e não sabemos se o procedimento adoptado se distinguiria consoante a zona do corpo e a morfologia do recipiente. Quanto às possíveis técnicas adoptadas, devido a restrições de espaço, remetemos o leitor para a obra de Prudence Rice (2005, p.125).

Em qualquer das alternativas, tendo em conta o fabrico manual, na execução do recipiente o oleiro poderia circular em seu torno, colocando-o sobre o chão, sobre outro qualquer suporte físico plano ou manter-se numa posição imóvel e virar o recipiente durante o trabalho (Rice, 2005, p.133). Os recipientes de fundo esférico deveriam ter sido formados em suportes (Rice, 2005, p.132) ou sobre uma espécie de molde, como, por exemplo, o aproveitamento de grandes fragmentos de cerâmica (Vilaça, 1995, p.293).

Constituído o corpo da peça, o oleiro desta comunidade executou os acabamentos finais, que passaram quer pelo alisamento da superfície, quer, em alguns casos, pela adição de outros elementos ou de motivos decorativos. Com a peça ainda húmida e de consistência ainda pouco dura, ou num estágio de secagem avançado (Vilaça, 1995, p.49), o recipiente é alisado ou polido de forma a criar uma superfície mais fina e regular (Rice, 2005, p.138), de modo a eliminar imperfeições.

Os fragmentos de cerâmica estudados revelaram diferentes graus de execução deste processo. Esta situação decorre do objecto usado na tarefa, da pasta e do estado da superfície e da quantidade e qualidade de trabalho empreendido pelo oleiro. Assim, definiram-se: (1) superfícies grosseiras, caracterizadas por superfícies ásperas, sem nenhuma suavidade, com pouca ou nenhuma preocupação no tratamento da superfície; (2) superfícies alisadas, suaves e mates, obtidas «pela fricção pouco intensa de um objecto semiduro [sic] (pedaço de couro ou até a própria mão) sobre a pasta húmida» (Vilaça, 1995, p.49); (3) superfícies polidas que obtêm o seu aspecto brilhante da fricção intensa com «um objecto liso e duro (um seixo ou pedaço de chifre ou osso, por exemplo) na pasta crua mas semi-seca» (Vilaça, 1995); e (4) superfícies com engobe vermelho, um fluído constituído pela suspensão de argila e/ou outros materiais em água (Rice, 2005, p.149).

Não sabemos qual o processo utilizado na aplicação do engobe às peças presentemente analisadas. Aqui também não se detectaram evidências directas da produção cerâmica. Desta forma, só podemos arrolar hipóteses, sem qualquer base empírica de suporte. O engobe poderia ter sido aplicado com a imersão da peça ou aplicado na superfície com um farrapo, um pedaço de pele ou as próprias mãos do oleiro (Rice, 2005, p.150). O processo poderia concluir-se com um brunimento cuidadoso, de forma a garantir melhor adesão à peça (Rice, 2005, p.150).

Como antes referimos, alguns fragmentos apresentaram um brilho mais intenso em partes da superfície, justapondo áreas lustrosas a mates, a exemplo de outros casos do Sudoeste Ibérico (Blázquez Martínez *et alii*, 1979, p.136; Aubet Semmler *et alii*, 1983, p.79). Estas traduzem-se na expressão de motivos geométricos (resultado de uma maior fricção), sendo entendido, por isso, como fenómeno de carácter estético e simbólico, sem uma funcionalidade prática. Esta questão coloca-se também sobre as superfícies *cepilladas* (vd. secção VI.1.3.). O efeito *cepillado* seria conseguido através da passagem irregular de uma escova pela pasta ainda húmida (Almagro-Gorbea, 1977, p.134; Vilaça, 1995, p.49), num processo simples e pouco demorado.

Por sua vez, o ornato brunido seria conseguido através de processo idêntico ao usado para o polimento (López Roa, 1977, p.342; 1978, p.167; Blázquez Martínez *et alii*, 1979, p.136; Pellicer Catalán, 1987-88, p.467). Os dois fragmentos amorfos com incisões foram obtidos com a pasta ainda fresca e com dois utensílios distintos, um fino – estilete (?) – e outro largo, de ponta romba (Apêndice C: fig. C.11, nº 6-7). Em ambos os casos, todavia, a técnica utilizada implicou o uso de um objecto pontiagudo que actuou de forma corrida sobre a superfície (Vilaça, 1995, p.50).

Depois de concluída a peça e de esta ter passado por um processo de secagem, num local estável do ponto de vista térmico, preferencialmente fechado ou à sombra, a manufatura do recipiente cerâmico concluía-se com a sua cozedura. No caso do espólio analisado esta foi realizada a céu aberto, podendo ter aproveitado alguma das estruturas negativas reveladas na escavação (Apêndice B: fig. B.11). Contudo, não foram detectados vestígios da realização desta tarefa. O suporte para esta consideração assenta, assim, em provas indirectas. Uma análise macroscópica às cores das cerâmicas (vd. secção VI.1.2.) e análises petrográficas e de DRX a algumas das cerâmicas do povoado (Barreto, 2010), na nossa opinião, não reprovam esta teoria.

A cozedura a céu aberto caracterizava-se pela colocação de uma cama de combustível sobre o chão, sendo a cerâmica colocada sobre esta e, de seguida, mais combustível é então colocado à volta e por cima da cerâmica (Rice, 2005, p.153). Este processo tanto se efectuariam para a cozedura de um só recipiente, como de dezenas. Durante o tempo de cozedura o oleiro poderia, ainda, manipular a mesma com adição

de mais combustível. O combustível poderia incluir madeira, estrume, cortiça, ramos, carvão, palha ou sub-produtos agrícolas (Rice, 2005, p.154).

No processo de arrefecimento os recipientes tanto poderiam ser cobertos pelas cinzas, estrume ou pó de serradura (Rice, 2005, p.158), como, aparentemente, descobertos, permitindo a circulação de ar. Esta situação manipularia a presença de oxigénio, influenciando no ambiente de arrefecimento, e, por conseguinte, na cor das superfícies. As próprias condições atmosféricas e a irregularidade da combustão podem ter actuado nos níveis de circulação de oxigénio, quer durante a cozedura, quer durante o arrefecimento.

Como dissemos, os fragmentos estudados revelaram um padrão de cores pouco homogéneo, com várias diferenças de cor no cerne, nas superfícies e entre estas duas zonas da peça (vd. secção. VI.1.2). Esta variação denuncia um parco controlo da cozedura, do seu tempo, atmosfera e duração, que afecta, assim, o produto final, podendo, ainda, no caso dos cernes negros, advir de uma forte presença de material orgânico (Rice, 2005, p.88). Assim, potencialmente podem ter existido três atmosferas de cozedura: (1) uma até ao atingir da temperatura máxima, com um elevado consumo de oxigénio; (2) a atmosfera durante o tempo de manutenção da temperatura máxima; e (3) a atmosfera durante o arrefecimento.

A cerâmica analisada denuncia uma pirotecnologia relativamente simples, por norma, nem completamente oxidante, nem completamente redutora, típica de cozeduras a «céu aberto» (Rice, 2005, p.81). Fruto da quantidade orgânica presente, temperatura, duração ou circulação de oxigénio, a oxidação da peça raramente foi total.

Apenas dezasseis dos tipos definidos (7,66% do total) se revelaram completamente oxidantes e trinta e quatro redutores (16,27 % do total), com pouca ou nenhuma oxidação. Contudo, podemos questionar até que ponto não correspondem a fragmentos de recipientes que deteriam bases, zonas do bordo ou do bojo com superfícies e cerne de tom diferenciado, denunciando cozedura ou arrefecimento irregulares.

No que respeita à temperatura, o estudo de alguns fragmentos do mesmo sítio concluiu que essas cerâmicas foram cozidas a temperaturas próximas dos 850/900°C (Barreto, 2010, p.12), consonantes com cozeduras a céu aberto (vd. David e Kramer,

2001, p.151). Apesar de termos uma ideia da temperatura a que as cerâmicas, em princípio, teriam sido cozidas, a sua relevância é pouco significativa, quer pela parca amostra, quer pelo facto de não sabermos a duração da temperatura máxima.

Não sabemos o total, nem o tempo dos vários passos percorridos até ao fim da cozedura. Mais, um gradiente térmico existiria no próprio barro entre as superfícies e o cerne e, até, de um lado do recipiente para o outro (Rice, 2005, p.109). De qualquer forma, a falta deste elemento não destrói as teses defendidas sobre o processo de cozedura empreendido para as cerâmicas analisadas, porque a análise macroscópica permite-nos perceber à partida a irregularidade típica da cozedura a «céu aberto» (Rice, 2005, p.81).

Assim, depois de explanados e discutidos os dados e as inferências dos mesmos, podemos referir, em conclusão que os elementos ausentes e presentes nos indicam que estamos perante uma produção cerâmica de perfil auto-suficiente. Esta, fruto de relações de troca, poderia esporadicamente ter um destino estranho à comunidade de fabrico. A escala intui-se pequena, de índole familiar e doméstica, baseada num conhecimento empírico, assente numa tecnologia simples, sem a necessidade de estruturas ou espaços físicos permanentes para a realização do processo produtivo. O fabrico é manual, as formas simples, a cozedura a «céu aberto» e sem provas, directas ou indirectas, que permitam pensar que a este processo não fosse intermitente e sazonal, sem especialistas.

VI.1.6. Variabilidade funcional – os recipientes, as suas características e as suas funções na manufactura e pós-manufactura

Por princípio, os recipientes cerâmicos são vasos destinados a receber produtos e matérias sólidas e líquidas, normalmente, ligadas a conteúdos alimentares, que se conservam, que se transportam, que se preparam, que se servem e que se consomem (Vilaça, 1995, p.288; Rice, 2005, p.207). «By investigating the technical (formal) properties of the vessels (e.g., shape, size, temper, and surface finish), we establish the empirical foundation for understanding how the vessel could have performed cooking, storage, and transport functions» (Schiffer e Skibo, 2008, p.2).

Na base desta ideia está a assunção de que as propriedades «tecnomorfológicas» afectam as características de performance, isto é, as capacidades de desempenho que um artefacto tem de possuir para cumprir a sua função numa tarefa específica (Hally, 1986), seja ela no processo de manufactura ou pós-manufactura (Schiffer e Skibo, 2008, p.11). Por exemplo, para que um pote cerâmico seja eficiente na sua função de cozinhar alimentos ele deve deter características que o permitam ser eficaz em termos térmicos e resistente ao impacto mecânico e choque térmico (Schiffer e Skibo, 1987, p.598).

Assim, a forma dos recipientes e a tecnologia de manufactura permite, aos investigadores, obter uma base indirecta para a elaboração de hipóteses sobre a função do recipiente, ou, pelo menos, sugestões sobre as funções para as quais os recipientes estariam particularmente preparados ou aptos (Rice, 2005, p.232). Contudo, as propriedades «tecnomorfológicas» são também consequência dos muitos constrangimentos ao trabalho do oleiro, e não simplesmente variáveis dependentes que reflectem ou predizem a função do recipiente (Rice, 2005, p.300).

Necessariamente, o estudo da função de um determinado objecto só é completo quando analisadas todas as informações disponíveis, provenham elas da documentação escrita, da etnografia ou da experimentação. Nesta mesma ideia concorrem os traços de uso, como a carbonização ou o desgaste, que implicam a adopção de vários padrões (Schiffer e Skibo, 2008, p.7; Rice, 2005, p.235). Por exemplo, a presença ou ausência de água durante a cozedura provoca diferentes marcas de uso (Schiffer e Skibo, 2008, p.48). O que não implica obrigatoriamente que diferentes formas de cozinhar tenham sido empregues e não tenham deixado marca, ou por outra via tenham sido «apagadas» por outros traços e alterações sofridas pela peça até hoje.

Devido ao elevado grau de fragmentação do conjunto estudado, o estudo destes padrões não foi efectuado. Assim sendo, apenas se poderá inferir a função para a qual os recipientes foram concebidos e não a função que na prática realmente detiveram (Vilaça, 1995, p.288).

Refira-se, ainda, que outras variáveis como as que fazem apelo aos nossos sentidos – o cheiro da peça, a cor, a decoração, o som, o toque e até o gosto – provocam emoções. Estas podem estar relacionadas com factores culturais e sociais e

pesar no prato da balança, no momento da realização ou aquisição da peça (Schiffer e Skibo, 2008, p.2e p.13; Rice, 2005, p.207).

Todas estas considerações têm em comum o facto de não se poderem dissociar do contexto em que se inserem, já que os tipos artefactuais podem ter diferentes significados em diferentes contextos (vd. Hodder e Hudson, 2003). O que para uma sociedade com um determinado modo de vida pode ser eficiente (seja em que plano for), para outra pode representar quando não uma desvantagem, uma inutilidade ou um diferente tipo de vantagem.

No mesmo plano, o próprio significado funcional e cultural dos materiais está ligado ao(s) contexto(s) de uso e fabrico. Neste ponto temos como certeza que possuímos o contexto de descoberta, isto é, o seu último local de deposição antes da sua recuperação actual. Ora, este pode não ser necessariamente o contexto de uso.

Parece-nos que ficou evidente, no ponto anterior, o tipo de tecnologia disponível e o sistema produtivo utilizado no processo de fabrico dos recipientes cerâmicos. A possibilidade de escolha dos materiais, as capacidades do oleiro, as estruturas, a qualidade, a quantidade e a capacidade financeira do mercado (orientado para a auto-suficiência), em suma, aspectos correlacionados com problemas de manufactura e produção, condicionaram as escolhas efectuadas na realização do vaso cerâmico.

Os materiais elaborados, em princípio, usaram a matéria-prima existente nas proximidades do povoado. O uso destes implicou necessariamente o reconhecimento de propriedades especiais e desejáveis, preenchendo, pelo menos de modo satisfatório, os critérios dos usuários, que não são os critérios actuais. Apesar da matéria-prima, do processo de fabrico, as peças efectuadas, com maior ou menor eficiência, tiveram sucesso e efectuaram as funções para as quais foram concebidas, isto apesar de algumas das realizações certamente não terem conseguido aguentar os processos de alteração física e química a que foram sujeitas, ficando inutilizáveis ou deformadas.

Dos fragmentos das peças que chegaram até nós, a análise a uma amostra de peças de vários contextos do povoado revelou que as inclusões constituíam cerca de 30 a 45% da matriz (Barreto, 2010, p.12) de forma esférica ou angular. Como podemos observar (vd. secção VI.1.2.), a análise macroscópica revelou, nas formas, uma

frequência muito alta de inclusões, entre c. 60 a 70 %. A própria dimensão é, na maioria dos casos (principalmente no tipo 2), muito grossa ou grosseira (vd. Apêndice D: fig. D.20) e a textura da pasta não é totalmente homogénea (vd. Apêndice D: fig. D.20).

A obtenção destas características promovia o aumento do tamanho dos poros e, com isso, o movimento dos líquidos do interior para o exterior (Rice, 2005, p.66), reduzido em quase todos os exemplares pelos tratamentos de superfícies aplicados. Os dados sugerem, assim, que a adição e presença de inclusões não plásticas teria provavelmente conferido um adequado grau de controlo e resistência ao choque térmico, diminuindo a plasticidade e o risco de quebrar, caso a temperatura de cozedura subisse rapidamente ou se as correntes de ar frio entrassem em contacto com o recipiente quando quente (Rice, 2005, p.105).

A própria secagem da peça tornar-se-ia mais rápida (Schiffer e Skibo, 1987, p.603) com menor risco de deformação, facilitando, assim, a manufactura da peça e o risco de acidentes (Schiffer e Skibo, 1987, p.604; Rice, 2005, p.74). A inerente condução de calor seria melhor optimizada nestes recipientes, tornando-os mais eficientes na cozedura dos alimentos, proporcionando um variado número de vantagens. Estas iriam desde o sabor dos alimentos à capacidade de resistir aos processos de expansão e contracção provocados pelas acções químicas e físicas decorrentes da sua função (Rice, 2005, p.106).

A presença de grandes quantidades de inclusões seria vantajosa quer para a manufactura, quer para uso da peça como «louça de cozinha». Neste aspecto, o facto de os recipientes abertos diminuírem a contenção e a condução de calor (Hally, 1986, p.280), seria compensado pela configuração aplanada e pouca profundidade (Schiffer e Skibo, 1987, p.606). Aliás, nada impede que estes, ou alguns em particular, não tivessem sido tapados por outros objectos. A inexistência de perfis completos não permite perceber melhor esta realidade, potencialmente optimizada pelas taças carenadas fechadas, que apresentem base aplanada.

Os paralelos encontrados com perfis completos não parecem corresponder a esta situação de base plana. Assim, tomamos a consideração de que estes recipientes não seriam usados na cozedura de alimentos, podendo funcionar como loiça de mesa, que de facto deveria existir. Vários paralelos etnográficos (quer actuais, quer de

períodos históricos mais antigos) entram em linha com esta consideração (Rice, 2005, p.236). A sua maior abertura facilitaria, ainda, o acesso ao interior, situação mais premente aquando da ingestão dos alimentos. Por seu lado, a sua espessura mais fina torná-los-ia mais leves e facilmente manipuláveis e movíveis.

Não faremos uma valoração específica em termos de funcionalidade das taças sejam carenadas ou não (vd. Vilaça, 1995, pp.290-291), porque no nosso entender não existem formas e dados empíricos, no conjunto estudado, que permitam uma sugestão *sine qua nom*. A própria tradição gastronómica (que nos é absolutamente desconhecida) poderia envolver no consumo de alimentos sólidos e líquidos, de forma individual ou colectiva, o emprego de serviços de recipientes formalmente idênticos.

Os recipientes fechados, em geral, possuíam paredes mais espessas, diminuindo a facilidade de manuseio. A sua própria forma conferia maior dificuldade de acesso ao interior. Estas duas características conjugadas com a sua maior capacidade, variando caso a caso, tornava os recipientes fechados mais «rentáveis» em actividades de transporte e armazenamento; o facto de os fundos, pelo menos parte, serem planos aumentava a sua estabilidade. O aumento do esforço, provocado pelo uso de grandes quantidades de desgordurantes, em putativas tarefas de transporte pode não ter representado um problema, apesar da sua fraca mobilidade geradora (Vilaça, 1995, p.289).

Para armazenar, paredes ou bases espessas seriam desejáveis, de forma a aumentar a estabilidade e manter a humidade fora ou dentro do vaso (Rice, 2005, p.228). Nas próprias actividades de processamento de alimentos seriam mais resistentes aos impactos causados pela execução dos mesmos (Rice, 2005, p.228) (vd. Apêndice D: fig. D.24, onde é visível a percentagem de recipientes que respondiam a esta qualidade, e, em especial, a predominância das formas do tipo 2, na solução a esta questão).

A solução encontrada é sempre de compromisso. A realização de um recipiente que seja apto para uma determinada tarefa, como o cozimento de alimentos, indicaria paredes finas, configuração fechada, de base plana e presença substancial de minerais como desgordurantes (Schiffer e Skibo, 1987; Rice, 2005, pp.228-229). Contudo esta situação tornaria os potes menos resistentes ao impacto, condição combatida pela morfologia esférica que poderiam apresentar. Alguns dos potes da estrutura [204]

apresentam características que os permitem inserir neste esquema (falamos dos recipientes do tipo 2 com espessura média e fina de bojo, vd. Apêndice D: fig. D.24).

Na contenção de líquidos, a permeabilidade, causada pela porosidade da peça, poderia representar um problema. A redução deste fenómeno era alcançada com o polimento e alisamento ou aplicação de engobe às superfícies. Como nos revelam os dados apresentados (vd. secção VI.1.2.), poucas são as peças que não respondem de forma satisfatória a esta questão.

O tratamento das superfícies possuía, ainda, outras utilidades. Os métodos utilizados (já discutidos) detinham um efeito estético de colorir (no caso do engobe), alisar ou tornar áspero (no caso do *cepillado*). Os dois primeiros diminuía, ainda, a porosidade e retardavam o vazamento dos conteúdos líquidos (Rice, 2005, p.231). O terceiro melhorava a absorção de calor e conferia segurança e maior facilidade no transporte e manuseio (vd. secção VI.1.3.).

Outro problema era a abrasão provocada pelo uso e limpeza dos recipientes. Diversos estudos comprovam que os recipientes seriam mais resistentes à abrasão nas seguintes condições: cozedura dos recipientes em baixas temperaturas, tamanho reduzido das inclusões e pastas compactas (Schiffer e Skibo, 1987, p.607). No caso das peças estudadas, estas, em geral, não são totalmente compactas, existiam inclusões de tamanho considerável e a entendida cozedura a «céu aberto» permite pensar em temperaturas não muito altas. Desta forma, contrariando algumas destas ineficiências, o tratamento das superfícies das peças serviria de auxílio a esta situação, homogeneizando a superfície do recipiente (Rice, 2005, p.355). Esta homogeneização permitia mitigar a penetração de gotas e respingos nas paredes dos recipientes, tornando a limpeza mais fácil (Rice, 2005, p.232).

Tendo em consideração os dados fornecidos para as diversas formas, na sua generalidade, a cerâmica estudada parece ter respondido satisfatoriamente a esta questão. Raros são os casos de superfícies não polidas, ou pelo menos afagadas, bem como, de pastas friáveis, isto apesar da dimensão grosseira e muito grosseira de parte dos seus desengordurantes.

Como anteriormente referimos, as próprias características visuais e estéticas dos recipientes seriam indicadores das funções que as mesmas poderiam desempenhar. Por exemplo, as taças carenadas decoradas com ornatos brunidos

poderiam estar ligadas a práticas de exibição e consumo (Armada Pita, 2008, p.154) ou de rituais (Soares *et alii*, 2009, p.451), tendo em conta o esforço «extra» despendido na sua elaboração e o premeio das características visuais.

A função desempenhada seria simbólica, isto é, comportamental, os recipientes decorados serviram como meio e forma de troca de informações entre grupos, indivíduos e sexos, em eventos de marcada interacção social (Vilaça, 1995, p.288), podendo servir como agente definidor de fronteiras entre grupos sociais e ou comunidades (Hodder e Hudson, 2003, p.2). Os recipientes decorados com ornatos brunidos seriam, assim, esteticamente agradáveis, vistosos, perpassando um código comunicacional, de vincado carácter social e simbólico. O recipiente projectaria uma mensagem social unicamente entendível no núcleo de conceitos dessa comunidade e das que com ela mantinham relações próximas.

Não percebemos o conceito por detrás do código ou como esse código é codificado, contudo podemos apontar para este código um marcado valor comunicacional como *primo inter pares* da peça e do usuário da mesma. A valorização da componente visual da peça denuncia a sua intenção ostentatória; era algo para ser visto, admirado, e que por si só comunicava com o outro (ser social), denunciando o estatuto e o valor social, económico e/ou simbólico do seu detentor, envolvendo, para isso, espaços e eventos colectivos socialmente relevantes, marcando fenómenos rituais e de ausência/presença.

As peças com ornatos brunidos funcionariam, deste modo, como agente num sistema de comunicação visual que reproduzia os princípios e as relações pelas quais a comunidade estruturava e organizava as suas percepções do cosmos e das realidades sociais – de forma consciente ou inconsciente – ordenando a experiência e segmentando-a em categorias manipuláveis (Munn, 1966, p.936 e 946; Rice, 2005, p.251).

VI.1.7. Enquadramento «cultural» – cultura material e paralelos espaciais

A similitude ao nível formal, tecnológico e estético pode reflectir a existência de interacções sociais, mas ela não significa que o faça necessariamente ou de forma exclusiva entre grupos culturais próximos. Os povos Hopi e Hopi-Tewa, do Arizona (E.U.A.) viviam, em 1978, em três povoados contíguos, mas detendo diferentes línguas, religiões e padrões sociais, e apesar disso produzem cerâmica idêntica (Stanilawski e Stanilawski, 1978, pp.225-226). Mais, nas fronteiras dos grupos étnicos, em Baringo (Quénia), quanto maior a interacção entre as populações, menor a similitude estética (Hodder e Hudson, 2003, p.2).

Manifestamente, é possível que, num fenómeno de reciprocidade negativa, quanto maior a competição e interacção social entre os grupos, mais marcadas sejam as diferenças ao nível da cultura material e vice-versa. A nosso ver, as culturas são sistemas de comportamentos socialmente transmitidos, um conjunto de conceitos (de carácter social, económico e religioso) que cada indivíduo pensa que o outro conhece, acredita e entende (Keessing, 1974, pp.74-77, 82-89). Como afloramos na secção I.1., as diferentes culturas e etnias não reflectem necessariamente a distribuição espacial da cultura material.

Neste sentido, sem qualquer valoração cultural, não iremos para lá da simples descrição da distribuição espacial de formas e decorações paralelas às estudadas da estrutura [204], de Entre Águas 5, num processo simples de presença/ausência. As formas estudadas desta estrutura possuem características que gozam de um amplo panorama cronológico e espacial. Contudo, alguns casos ou algumas destas características permitem uma filiação clara no âmbito do Bronze Final do Sudoeste Ibérico.

Começando pelo tipo 1.1, vários paralelos para o período cronológico em causa foram encontrados. Em Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et alii*, 1983) algumas das taças hemisféricas encaixam nesta atribuição (p. e. nº 131, p.82). A forma encontra mais paralelos em Llanete de los Moros (Montoro) (Baquedano Beltrán, 1987), nomeadamente na forma IIIA1/Tipo 26. No litoral alentejano, a jazida da Cerradinha (Santiago do Cacém) oferece um exemplar desta forma (Silva e Soares, 1978). Em Los

Corvos (Villagonzalo), na Estremadura espanhola, a forma também se encontra presente (Enríquez Navascués, 1990), assim como no Passo Alto (Serpa) (Soares, 2003).

O tipo 1.2 também encontra paralelos em várias estações do Bronze Final. A Cerradinha (Silva e Soares, 1978) proporciona paralelos para os exemplares de bordo sub-vertical e alguns dos espessados externamente. Na margem esquerda do Guadiana, a forma é frequente, encontrando paralelos, por exemplo, no Passo Alto, em Santa Margarida (Serpa) ou na Serra Alta (Moura) (Soares, 2005). Os povoados da Corôa do Frade, em Évora, (Arnaud, 1979) ou do Outeiro do Circo (Beja) (Serra *et alii*, 2008) revelaram também recipientes com esta forma.

Ainda no Alentejo Central, a forma é visível em S. Gens (Redondo), Evoramonte (Estremoz), Padrão (Estremoz), Martes (Redondo), Castelo (Redondo/Estremoz), Castelo Velho (Alandroal) (Calado e Rocha, 1997), S. Pedro de Arraiolos (Almeida *et alii*, 2010) e Casarão da Mesquita (Évora) (Santos *et alii*, 2008). Na Andaluzia, um vasto conjunto de povoados (Pellicer Catalán, 1987-1988) documentam este tipo de recipientes. Por exemplo, Peñalosa (Escacena del Campo) (García Sanz e Fernández Jurado, 2000), Llanete de los Moros – formas 7 e 15 - (Baquedano Beltrán, 1987), Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et alii*, 1983) ou Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979). Na Estremadura espanhola a situação repete-se em vários dos povoados (Enríquez Navascués, 1990; Pávon Soldevilla, 1998).

Apesar de estas formas não serem estranhas ao espaço cronológico e geográfico em que se inserem, estes dois sub-tipos possuem paralelos materiais em contextos de vários períodos dos «mundos» Andaluz, da Meseta ou de Portugal (Pavón Soldevilla, 1998, p.108; Pellicer Catalán, 1987-1988, p.465). Nomeadamente no Bronze Médio, nas jazidas do Catujal (Loures) (Carreira, 1997), Casal da Torre (Torres Novas) (Carvalho *et alii*, 1999), Moinho da Atalaia do Oeste (Amadora) (Fontes, 2002) ou Quinta da Fidalguia (Mourão) (Silva e Soares, 2008). Desta forma, a maioria das formas carece *per se* de valor cronológico.

A formulação feita anteriormente aplica-se de forma similar aos recipientes fechados (tipo 2). Já bastante foi dito sobre a temporalidade do tipo em causa e do seu fraco valor cronológico. Nos territórios andaluzes e estremenho o sub-tipo 2.1 encontra-se presente em várias estações arqueológicas (Baquedano Beltrán, 1987;

Enríquez Navascués, 1990; Pávon Soldevilla, 1998), como, por exemplo, Atalaya de Zarza (Palomas) (Enríquez Navascués, 1990) ou Llanete de los Moros – tipo 18 – (Baquedano Beltrán, 1987).

Em território do Sul de Portugal, ele encontra-se tanto em sítios da Península de Lisboa (Cardoso, 2006; Cardoso e Silva, 2004) como do Algarve (Gomes e Calado, 2007) e Alentejo, seja ele Litoral – Cerradinha (Silva e Soares, 1978), Central – Castelo do Giraldo (Évora) (Mataloto, 1999), S. Gens, Evoramonte, Padrão, Martes, Castelo (Calado e Rocha, 1997), Corôa do Frade (Arnaud, 1979), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008), Outeiro do Circo (Serra *et alii*, 2008), ou da margem esquerda do Guadiana – Passo Alto, Santa Margarida (Soares, 2005).

Os potes fechados de colo estrangulado são muito frequentes no Bronze Médio, persistindo no Bronze Final, mas com tendência a possuir colos e bordos curtos (Pellicer Catalán, 1987-188, p.465). Na península de Lisboa, eles surgem na Tapada da Ajuda (Lisboa) (Cardoso e Silva, 2004) e no Cabeço do Mouro (Cascais) (Cardoso, 2006), sendo igualmente comuns no Alentejo Litoral – Cerradinha (Silva e Soares, 1978), no Alentejo Central – S. Gens, Evoramonte, Padrão, Castelo (Calado e Rocha, p.197), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008) – e nos povoados da margem esquerda do Guadiana – Passo Alto, Santa Margarida, S. Brás 1 (Serpa) (Soares, 2005). Atalaya de Zarza (Enríquez Navascués, 1990), na Estremadura, ou Llanete de los Moros (Bosquedano Beltrán, 1987), na Andaluzia, são alguns outros exemplos que documentam a existência destas formas em território espanhol.

Podendo ter os três tamanhos definidos, as taças carenadas encontram perfis aparentados na Cerradinha (Silva e Soares, 1978), no Alentejo Litoral, e na Corôa do Frade (Arnaud, 1979), no Alentejo Central. Ainda dentro deste âmbito, as taças carenadas abertas surgem em S. Gens, Evoramonte, Padrão e Castelo (Calado e Rocha, 1997), no Outeiro do Circo (Serra *et alii*, 2008), Casarão da Mesquita (Santos *et alii*, 2008) ou no Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999). Na margem esquerda do Guadiana assinalam-se em Passo Alto (Soares, 2003) e Santa Margarida (Soares, 2005)

A sua ampla distribuição geográfica vai mais além. Especificadamente está presente na Tapada da Ajuda (Cardoso e Silva, 2004), tendo-se revelado na Andaluzia Ocidental como uma forma recorrente (Ruiz Mata, 1979, p.5), designadamente no Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979), Mesa de Setefilla (Aubert

Semmler *et alii*, 1983) e em Llanete de los Moros – tipos 8, 9, 11, 12, 14 e 28 (Baquedano Beltrán, 1987). Na Estremadura espanhola podem apontar-se os casos de Medellín (Badajoz) – em contextos do século VIII (Jiménez Ávila e Haba Quiros, 1995) – e de Peñalosa (García Sanz e Fernández Jurado, 2000).

O tipo 3.2 apresenta apenas diâmetros reduzidos. Este recipiente tem perfis aparentados na Andaluzia ocidental (Ruiz Mata, 1999) e no povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso e Silva, 2004), datados respectivamente do Bronze Final I e do Bronze Final II. Em Atalaya de Zarza (Enríquez Navascués, 1990) e Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez *et alii*, 1979) este morfotipo é similarmente visível. A Cerradinha (Silva e Soares, 1978), no Alentejo Litoral, e a Corôa do Frade (Arnaud, 1979), no Central, apresentam novamente formas análogas.

Como vimos, a análise da morfologia dos recipientes cerâmicos da estrutura [204] de Entre Águas 5 permitiu, de forma genérica, enquadrar a sua cultura material no Bronze Final do Sudoeste Ibérico. Não deixando de apresentar formas recorrentes em vários espaços e tempos do mundo ibérico, Entre Águas 5 e o próprio Bronze Final do Sudoeste distinguem-se pelo predomínio das taças e vasos de carena média ou alta de grande amplitude, pelos perfis suaves de algumas carenas (Aubet Semmler, 1983, p.84; Pellicer Catalán, 1987-1988, p.466) e pelos potes estrangulados com tendência a possuir colos e bordos curtos (Pellicer Catalán, 1987-188, p.465).

As cerâmicas que designamos de «ornatos brunidos» (Serrão, 1970, p.10) podem incluir um vasto leque de motivos (vd. Serrão, 1970; Vilaça, 1995, pp.284-285; Soares, 2005). Elas agrupam-se nesta «família» ao possuir decoração obtida pelo uso de brunimento selectivo, de modo a garantir a realização de padrões geométricos.

Os exemplares exumados até hoje surgem concentrados no Sudoeste Peninsular (López Roa, 1977, p.342), apresentando características morfológicas variadas, mas consistentes com este período histórico (Blázquez Martínez *et alii*, 1979, pp.135; Osório, 2008, p.199). Os motivos podem ocorrer na superfície exterior, na interior, ou em ambas. Com base nestas diferenças, individualizaram-se duas expressões ou áreas nucleares: a de Huelva-Guadalquivir (Almagro-Gorbea, 1977, p.127; López Roa, 1977 e 1978), com predomínio da decoração interior, e a de Lisboa-

Setúbal (Serrão, 1970; López Roa, 1978, p.165), com preponderância decorativa exterior.

Nas regiões intermédias (Centro-Sul português e Estremadura espanhola) tem-se documentado a presença da decoração tanto nas superfícies exteriores, como nas interiores ou, ainda, em ambas (Schubart, 1971; Almagro-Gorbea, 1977, p.131; Vilaça, 1995, p.299, Soares, 2005; Silva e Berrocal-Rangel, 2005). Não obstante, nestas regiões predomina estatisticamente a decoração externa, com a possível excepção do Algarve (Soares, 2005, p.134).

A disposição e os repertórios dos exemplares da estrutura [204] encontram paralelos tanto no Sudoeste de Espanha como no Centro-Sul de Portugal. A temática da retícula, frequentemente associada a outros padrões decorativos, possui uma presença destacada nos elementos materiais disponíveis para os povoados da actual Andaluzia ocidental. Podemos encontrá-los no espólio recolhido de um vasto número de povoados com ocupações do Bronze Final (López Roa, 1977, pp.353-357). Carambolo (López Roa, 1978, p.159): Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez, 1979, p.101, 132), La Mesa de Setefilla (Aubet Semmler *et alli*, 1983, pp.80-81), San Bartolomé de Almonte (Ruiz Mata e Fernández Jurado, 1986, pp.197-201) e El Llanente de los Moros (Baquedano Beltrán, 1987, pp.234-235) são alguns dos exemplos.

Nessa área, como dissemos, a superfície preferencial é quase sempre a interior. As excepções à regra encontram-se em Carambolo (López Roa, 1978, p.159), Cabezo de San Pedro (Blázquez Martínez, 1979, p.135) ou El Llanente de los Moros (Baquedano Beltrán, 1987, pp.234-235).

Na Beira Interior, vários povoados atestam a presença de reticulados brunidos (Vilaça, 1995, p.287). O mesmo sucede para a zona do Sul de Portugal (Parreira e Soares, 1980, p.115, 120, 123). Povoados como Mangancha (Domergue e Andrade, 1971, p.106), Outeiro do Circo (Parreira, 1977, p.39), Giraldo (Mataloto, 1999, p.343), Alto do Castelinho da Serra (Gibson *et alii*, 1998, p.204) ou S. Pedro de Arraiolos (Almeida, Silva e Osório, 2010, p.595) evidenciaram cerâmica de ornatos brunidos. Na Corôa do Frade são visíveis faixas oblíquas em parte do espólio (Arnaud, 1979, p.73). Na Cerradinha, identificam-se peças com motivos reticulados, no interior e exterior (Silva e Soares, 1978, p.88).

Na margem esquerda do Guadiana, o estudo de síntese de António M. Monge-Soares informa da presença constante dos motivos reticulados – em Santa Margarida, Crespa, Álamo (2005, pp.118-126) – e das faixas oblíquas – Passo Alto e Serra Alta (2005, p.122, 126). A juntar a estes povoados podemos enunciar, ainda, o caso do Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal-Rangel, 2010, p.280).

A Estremadura espanhola é uma das áreas onde a disposição da técnica decorativa se processa na superfície interna e/ou externa (Enríquez Navascués, 1990, p.48). A disposição exterior está documentada em Medellín, Cueva de Boquique, Valcorchero (Almagro-Gorbea, 1977, p.86, 96, 102), Nogales, Atalaya de Zarza, Alange (Enríquez Navascués, 1990, p.48) ou, ainda, em San Cristobál, Santa Engrácia (Celestino Pérez *et alii*, 1992, p.312), La Virgin de La Cabeza e El Riso (fase III) (Pavón Soldevilla, 1998, p.141). O uso das faixas é visível na Cueva de Boquique e o reticulado em Medellín, Nogales, Atalaya de Zarza, Alange ou em La Cueva de el Escobar ou Peñalosa (mas no interior) (Almagro-Gorbea, 1977, pp.96, 100, 102; Enríquez Navascués, 1990, p.50; García Sanz e Fernadéz Jurado, 2000, p.17, 25, 36, 42).

Apesar de não as termos considerado como temáticas decorativas, os tratamentos de superfície *cepillo* e engobe vermelho pela sua singularidade estética e visual mereceram um destaque na investigação arqueológica. Este tipo de soluções visuais e de tratamento das superfícies são comuns a vários povoados do Sudoeste Peninsular, no Bronze Final. Na Beira Interior, no estudo dedicado por Raquel Vilaça (1995, pp.305-306) a alguns povoados daquela cronologia, documentam-se cerâmicas *cepilladas*. A sua disposição dá-se, por norma, em vasos de paredes grossas (Enríquez Navascués, 1990, p.48), como são os casos das cerâmicas de Alange, Atalaya de Zarza, Santa Engrácia (Enríquez Navascués, 1990, p.51), Medellín, Valcorchero e de La Cueva de el Escobar (Almagro-Gorbea, 1977, p.89, 90, 100, 103) na Estremadura espanhola.

Próximo de Entre Águas 5, os povoados de Santa Margarida, Passo Alto, Serra Alta, Álamo (Soares, 2005, p.136) e Salsa 3 (Deus, Antunes e Soares, 2010, p.519) continham, igualmente, alguns fragmentos *cepillados*. Na região alentejana podemos encontrar, ainda, fragmentos de recipientes cerâmicos *ceplillados* nos povoados do Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999, p.343), do Alto do Castelinho da Serra (Gibson *et alii*, 1998, p.204) ou do Castro dos Ratinhos (Silva e Berrocal-Rangel, 2010, p.279).

A distribuição espacial desta solução estende-se à Andaluzia e à Meseta (Pavón Soldevilla, 1998, p.151) e, em termos cronológicos, a períodos mais recuados, embora tenha a sua máxima expressão durante o final da Idade do Bronze e a 1ª Idade do Ferro (Pavón Soldevilla, 1998, p.151).

No que respeita às peças engobadas, a sua existência encontra-se comprovada para contextos do Bronze Final, quer do território português, quer do espanhol. O Castro dos Ratinhos, nas investigações levadas a cabo por Luis Berrocal-Rangel e António Carlos Silva (2010, p.280), revelou um assinalável número de fragmentos engobados, especialmente nas fases 1a e 1b. A sua ocorrência no povoado dá-se ainda durante a fase II (Bronze Final), mas de forma parca. Na Estremadura espanhola Santa Engracia e Los Corvos (Enríquez Navascués, 1990, p.51) entregaram fragmentos cerâmicos que parecem ter sido revestidos por um engobe, obtido com um pigmento vermelho.

Em conclusão, os dados e os paralelos encontrados para as características morfológicas e estéticas do conjunto cerâmico da estrutura [204], do nosso povoado, permitem-nos enquadrar a mesma num ambiente cultural extensível à Idade do Bronze Final, no Sudoeste Peninsular. Conforme vimos afirmando, esta situação não nos parece base suficiente para supor a existência de um grande grupo cultural, mas sim, necessariamente, de um circuito de relações e interações sócio-económicas entre diferentes grupos deste espaço geográfico. Ainda que não seja uma hipótese a excluir, este circuito não implica *per se* a existência de um único grupo cultural ou «étnico».

VI.2. Outros artefactos cerâmicos e de barro cozido

VI.2.1. Peças quadrangulares

A designação de «peça quadrangular» aplica-se aqui a dois fragmentos de peças cerâmicas que apresentam formato dessa configuração. As mesmas têm características muito próprias: uma é maciça; a outra é outra oca, aberta e, por comparação com outras de Entre Águas 5 (Santos *et alii*, 2009, pp.156-157), sem

fundo. Ambas as peças apresentam decoração. O exemplar maciço possui decoração geométrica, conseguida através da incisão de linhas profundas e largas, obtidas com um objecto rombo quando a pasta estava ainda fresca (Apêndice C: fig. C.12, nº 3). A peça oca revelou uma conjugação da incisão e da impressão, formando, de igual modo, uma decoração geométrica (Apêndice C: fig. C.12, nº 4). Em termos métricos a peça maciça conservou 5,3 x 5,4cm de lado. A peça oca 2,9 x 4,7cm.

No decurso da nossa investigação não encontramos nenhum paralelo directo para estas duas formas. A peça mais similar é uma «garrafa» da Idade do Ferro de Turuñuelo (Jiménez Ávila e Domínguez de la Concha, 1995, p.133). Por outro lado, as suas características e contexto de descoberta não nos proporcionam pistas quanto à sua funcionalidade prática, para além das analogias com peças similares do povoado que referimos anteriormente (vd. Santos *et alii*, 2009, pp.157).

Todavia, o premeio das características visuais leva-nos a por em hipótese um uso simbólico. Neste ponto recuperamos uma ideia defendida para a cerâmica de ornatos brunidos, considerando aqui, também, que a valorização da componente visual da peça denuncia uma intenção ostentatória (vd. secção VI.1.3).

Deixamos como hipótese de trabalho a proveniência forânea das peças, senão para ambas, pelo menos para uma, que apresenta uma pasta, com tons sons rosa e bege, diferente de todos os outros materiais cerâmicos estudados (Apêndice C: fig. C.12, nº 4). Pensamos que é uma hipótese de trabalho que deve ser analisadas em estudos futuros, através de análises petrográficas e químicas.

VI.2.2. «Discos» / «Fichas» cerâmicas

Nesta categoria integramos três fragmentos de bojos de recipientes afeiçoados de maneira a obter uma forma sub-circular (Apêndice C; fig.C.11, nº 8 e 13; fig. C.13, nº 1). A sua função utilitária figura-se-nos pouco explícita. Como nota Vilaça (1995, p.366), a bibliografia existente é escassa. O panorama que a mesma descreve quanto a uma funcionalidade para este tipo de peças não mudou. Podem ter funcionado como peças de jogo, tampas de recipientes, peças de cômputo ou contabilidade. Tendo em conta a dimensão dos mesmos (5,7 a 8cm), e dos recipientes estudados (vd. Apêndice

E), embora possível, em alguns casos, parece-nos pouco provável que os mesmos tenham funcionado como tampas de recipiente.

Peças do género encontram-se em vários povoados do Bronze Final, para além de outros períodos (Torres, Gómez e Ferreira, 2003, p.134). Em território português documentam-se em povoados da Beira Interior (Vilaça, 1995, p.366). Do lado espanhol, na região da Estremadura espanhola, em Medellín (Badajoz) (Almagro Gorbea, 1977, p.470).

VI.2.3. Suportes

Em Entre Águas 5, na estrutura [204], encontram-se objectos cerâmicos sem fundo, não constituindo por essa razão recipientes. Face a esta situação, tomou-se a opção de não os enquadrar na tipologia definida, adoptando para eles a designação de «suporte», de resto corrente nas investigações arqueológicas (Baquedano Beltrán, 1987, p.24; Ruiz Mata, 1979, p.7). As peças definidas como suportes caracterizam-se por possuir um corpo de perfil hiperbolóide e bordo extrovertido, com lábio semi-circular, podendo ainda conservar tendência biselada ou mesmo bordo em bisel (Apêndice C: fig. C.13, nº 2 e 3).

As características «tecno-morfológicas» são algo variadas, com uma percentagem alta (c.40%) de bordos finos, por oposição aos bojos aonde a peça é quase sempre espessa (Apêndice D: figs. D.23 e D.24). A pasta, que é, em todos os exemplares, de consistência média (Apêndice D: fig. D.17), revela-se quase sempre moderadamente homogéna (Apêndice D: fig. D.18) e apresenta inclusões, em geral, muito grosseiras (Apêndice D: fig. D.19) e muito frequentes (Apêndice D: fig. D.20). Por sua vez, as superfícies são, em quase todos os casos, polidas (Apêndice D: figs. D.21 e D.22). Já a medida do diâmetro da peça, na zona dos bordos, oscila sempre entre os 10 e os 20cm (Apêndice D: fig. D.25).

No que diz respeito à funcionalidade, a sua configuração inviabiliza o seu uso como contentor, não se perspectivando, do ponto de vista funcional, outra função que não a de suportes de recipientes ou de outros elementos, de base não plana, utilizados em funções de transporte e armazenamento. Estes suportes, de configuração

hiperbolóide, segundo Bosquedano Beltrán (1987, p.24), apresentam-se não só como elemento inovador, mas, também, característico da bacia média do Guadalquivir. Outro tipo de suporte, designado em língua castelhana de *carrete*, é muito frequente na Andaluzia (Ruiz Mata, 1979, p.7).

O paralelo para este tipo de suportes que foge ao clássico tipo *carrete* restringe-se, de momento, à margem esquerda do Guadiana – Santa Margarida (Soares, 2005, p.120) – e à Bacia Média do Guadalquivir – Llanete de los Moros, tipo 19 (Baquedano Beltrán, 1987), Purullena (Molina e Pareja, 1975) e Carmona (Pellicer Catalán e Amores Carredano, 1985). É, naturalmente, mais difícil a avaliação de peças não completas.

VI.2.4. Barro cozido

Os fragmentos de barro cozido apresentam uma morfologia informe (Apêndice C: fig. C.34), possuindo nalguns casos uma superfície mais plana, que acreditamos tratar-se da parte superior de uma eventual estrutura de combustão ou da parede da própria estrutura habitacional. Diga-se, neste ponto, que nenhum nódulo denunciou marcas de ramagens.

Genericamente, apresentam-se em linha com o detectado para os recipientes cerâmicos e para a amostra de argila analisada (Barreto, 2010). Trata-se de pequenos nódulos com tons vermelhos, castanho, cinzentos e negros, com elevada quantidade de inclusões pétreas, substancialmente quartzo, úteis no controlo do fenómeno de fissuração (Bruno, 2006, p.72).

VI.3. Pedra polida, afeiçoada e com traços de utilização

Un elevado porcentaje de los huesos y piedras que encontramos en los yacimientos arqueológicos fueron pensados y hechos para ser utilizados, para que el hombre, de alguna manera, modificara con ellos la naturaleza. Por ello es lógico que ante estos restos materiales de unas sociedades ya desaparecidas nos preguntemos el

por qué de su existencia, el para qué fueron hechos, su función en una palabra (Vila i Mitjá in Semenov, 1981, p.1)

VI.3.1. Variabilidade tipológica

Entre o espólio da estrutura [204] encontramos algumas peças que, apesar de configurarem utensílios normalmente polidos, não percebem sinais de polimento. Falamos, concretamente, de um exemplar de um utensílio de corte (machado) (vd. Apêndice F), que possui alguns levantamentos na extremidade do gume, mas que, retirando este aspecto, não denota nenhum outro trabalho prévio de concepção do instrumento (Apêndice C: figs. C.13 – nº 4 – e C.25, C.26 e C.27). O seu uso como instrumento de corte é denunciado pelas marcas visíveis no gume, que, como referimos, foi obtido através do truncamento de uma das extremidades, potenciando a forma natural concedida ao lítico. O gume afigura-se simétrico (vd. Eiroa *et alii*, 1999, p.92), evidenciando ainda forma sub-rectangular.

Para além deste objecto, existe um outro, de configuração e secção sub-rectangular, que possui uma das extremidades polidas. Este polimento poderá dever-se ao uso do próprio objecto como polidor, ou de uma intenção de polir esse extremo com um propósito funcional que de todo nos escapa. A nosso ver, a sua utilidade, a existir, estará ligada ao polimento de matérias físicas. O uso de líticos como polidor foi, ainda, detectado num pequeno seixo de quartzito que encontra as suas superfícies bastante desgastadas, apresentando duas das faces brilho (Apêndice C: figs. C.14 – nº 5 – e C.24).

O conjunto de pedra afeiçoada ou com traços de utilização acresce ao mencionado com a presença de onze termoclastos, dezasseis percutores, um dormente e dois moventes de moagem. Os termoclastos apresentam várias configurações, decorrentes da forma natural da pedra (Apêndice C: fig. C.29). Alguns deles encontram-se fragmentados. Um dos percutores foi, ainda, usado como termoclasto. Os percutores, que não sendo objectos previamente concebidos ou alterados, foram seleccionados em função das suas características físicas (Apêndice C: figs. C.13 – nº 5 – e C.15 a C.22). As formas, as dimensões e a dureza da rocha, em

função da amostra, revelam um intuito específico na obtenção e selecção de líticos para a percussão.

De uma maneira geral, os percutores possuem configuração adaptável à mão, com formas sub-esféricas e ovalóides, mas, também, sub-quadrangulares, sub-rectangulares e sub-triangulares (vd. Apêndice D: fig. D.26). A morfologia de alguns é, igualmente, resultado do seu uso: referimo-nos a alguns percutores esféricos com as arestas gastas, apresentando um gasto intenso (não decorrente necessariamente da quantidade de vezes em que poderá ter sido utilizado) (vd. C.19, C.21 e C.22).

A dimensão dos percutores, no seu eixo maior, não ultrapassa os 13cm, sendo que a norma se situa entre os 5 e 8cm (vd. Apêndice D: fig. D.27). No menor fica-se, em norma, pelos 6 a 7/8cm (vd. Apêndice D: fig. D.28). O próprio peso é indica um fácil manuseio. Os exemplares mais pesados (mais de 600 gramas) são seixos que apresentam ligeiros sinais de percussão, numa das faces ou extremos, denotando um curto período de vida útil. Em regra, os percutores (inteiros) pesam entre 300 e 600 gramas, e em três casos entre 100 e 300 gramas (vd. Apêndice D: fig. D.29).

O uso dos percutores revela-se bastante severo em dois exemplares e ligeiro em três, denotando os restantes um uso frequente ou, por outra via, intenso, decorrente do material a percutir. Em oito casos, os sinais de percussão são visíveis em várias ou todas as extremidades; nos restantes, apenas em duas ou em três (vd. Apêndice D: fig. D.30). Três possuem levantamentos e, em dois casos, uma das faces apresenta sinais de polimento. Estes podem ter tido uma outra função.

Como moventes definimos dois exemplares mostrando uma ou duas das faces com sinais de polimento, decorrente do movimento de vaivém na acção de moagem. Um deles encontra-se fragmentado obstando a uma valoração das suas dimensões (vd. Apêndice C: figs. C.14 – nº 4 – e C.23). A forma sub-esférica, de novo, adapta-se ao uso manual. As secções apresentam tendência triangular ou oval, com a «linha» da peça aplanada na zona das faces (vd. Apêndice F). O peso, em torno dos 300 gramas, não dificulta a acção.

O dormente, bastante fragmentado, possui 22cm conservados no seu eixo maior e cerca de 11,5cm no menor e um peso de 3453 gramas. (Apêndice C: fig. C.28). A sua superfície activa encontra-se plana e polida, através do contacto com o movente.

VI.3.2. Aspectos funcionais

Para que um objecto tenha utilidade – mesmo que não tenha sido previamente concebido com determinado fim – deve poder aplicar-se a alguma realidade e produzir no seu emprego um benefício (Calvo Trias, 2002, p.28). A função de um objecto é, assim, decorrente de um motivo. A actividade específica dos utensílios estudados, potencialmente perceptível através de estudos traceológicos (Calvo Trias, 2002, pp.86-92), permitiria elaborar hipóteses quanto à função específica de cada objecto, elucidando o motivo por detrás do uso/realização do mesmo.

A análise funcional efectuada decorre de uma observação macroscópica das características morfológicas e marcas de uso (vd. secção II.2.2.), permitindo-nos apenas levantar uma hipótese quanto à função e emprego gerais destes utensílios. No seu conjunto, os dados permitiram-nos discernir um grupo de percutores com marcas de golpes aplicados sobre elementos duros (Vilaça, 1995, p.58), embora possam ter sido usados na trituração de matérias orgânicas ou inorgânicas brandas, colocadas sobre uma matéria dura.

Na percussão de vários objectos e matérias, a força aplica-se de forma instantânea (Calvo Trias, 2002, p.88). O uso destes utensílios fez-se, assim, de forma diferenciada. Alguns possuem uma maior área activa, em várias zonas ou na quase totalidade (vd. Apêndice D: fig. D.30); outros, por algum motivo, não atingiram esse ponto.

A estabilidade que a utilização manual conferiria a estes instrumentos seria aumentada no caso do machado pelo seu encabamento. O seu uso como instrumento de corte tornava-se eficaz com um aumento do comprimento do movimento (balanço) e, por conseguinte, da velocidade de embate – abate de árvores, corte de lenha e outras acções (Eiroa *et alii*, 1999, p.93) – isto é, da energia cinética, a qual envolve ainda outras variáveis, como a força de impulso produzida pelos músculos dos braços e a precisão do golpe.

Em cada tarefa a executar com recurso ao machado, este teria a sua particularidade cinemática, isto é, a acção dependeria do material que se trabalha e do utensílio empregue (Semenov, 1981, p.38). Ou seja, o machado é utilizado quer no abate árvores, quer no corte de lenha, mas cada tarefa implica movimentos e até

posições diversas da mão e do utensílio. O mesmo ocorre quando o instrumento não é composto por outros elementos, como um cabo.

À semelhança dos percutores, os polidores e moventes usavam-se directamente com a mão sobre as matérias às quais se aplicava a força transformadora. A sua função poderia ser a regularização de superfícies (como objectos cerâmicos ou líticos) ou, no caso dos moventes, a trituração de matéria sólida de modo a que esta fique reduzida a pequenas partículas de escassa entidade (Eiroa *et alii*, 1999, p.85), como os cereais, tubérculos, etc. (Vilaça, 1995, pp.56-57).

O movente é uma peça que só possui utilidade funcional se complementada por um dormente. Este é o elemento estático do processo de moagem, enquanto o movente representa a componente móvel (Eiroa *et alii*, 1999, p.85). O sujeito utiliza o movente sobre a matéria colocada no dormente, executando um movimento de vaivém. Este movimento de fricção gera a energia necessária para a «desintegração» da matéria trabalhada. Os dormentes, como o que se encontrava sobre o solo de ocupação, permaneceriam pousados no solo, constituindo o suporte de todo o trabalho (Vilaça, 1995, p.56).

Por fim, uma palavra para os líticos que sofreram a acção do fogo, evidenciando uma estrutura enegrecida (termoclastos). A sua utilidade, a ter existido, seria possivelmente a de estruturação de uma lareira ou qualquer outro elemento de propriedades térmicas com vista ao aquecimento de alimentos, bens e pessoas.

VI.3.3. Modelos e técnicas

Os materiais de pedra polida, afeiçoada ou com traços de utilização revelam uma selecção das matérias-primas. A escolha estava decorrente da actividade a desempenhar, que se queria o mais eficaz possível, e da disponibilidade existente. Os percutores que envolviam uma acção de embate e percussão exigiam, para serem rentáveis e não se desintegrarem com facilidade, um tipo de rocha que fosse dura e resistente ao impacto, isto é, de difícil fractura.

Os principais tipos de rochas utilizados vinculam-se ao grupo de minerais de sílica, entre os quais o quartzo composto, muito próximo de 100 %, por dióxido de silício (SiO₂) (Deer, Howie e Zussman, 2000, p.479). Este tipo de rocha é bastante duro,

atingindo o nível 7 da escala de Mohs (Semenov, 1981, p.68; Farndon, 2006, p.200). Este material possuía outra característica que o tornava eficiente no uso como percutor: a sua qualidade isotrópica, ou seja, a posseção de idênticas qualidades físicas em todas as direcções (Semenov, 1981, p.68). Em suma, a fraca (ou totalmente ausente) clivagem e a dureza tornavam-no resistente ao impacto (Deer, Howie e Zussman, 2000, pp.480-483) e, conseqüentemente, um material excelente para a realização de actividades de percussão.

Os percutores constituem suportes secundários que não implicam uma transformação da sua morfologia de modo a serem usados, mas, sim, uma selecção da forma pretendida. Os caudais fluviais são ideais para obtenção destes suportes, em seixo, para serem usados como percutores, bem como de outros líticos com traços de utilização, exemplo do polidor em quartzito.

As vantagens que estas áreas de abastecimento conferem medeiam-se entre o rolamento das rochas e a conseqüente ausência de fissuras (permitindo obter suportes resistentes), a visibilidade do material e o acesso directo à matéria-prima sem necessidade de actividades extractivas (García González, 2005, p.50). Deste modo, o esforço e tempo investidos na localização, selecção e extracção dos suportes desejados vêem-se reduzidos.

Quanto ao machado, este teve um trabalho de desbaste prévio ao seu uso, mas, na essência, a sua forma aproveita as características morfológicas «dadas» pelo suporte original. Uma solução de recurso ou um retrocesso da importância funcional dos machados, face a putativos elementos de metal?

O movente, para além das características formais da rocha usada como suporte (bloco de granito), apresenta outras características que levaram à sua escolha. Concretamente: uma textura granular grossa, para que seja possível criar uma superfície de fricção uniforme, ao mesmo tempo que possui uma certa rugosidade que facilite a processo de moagem (Eiroa *et alii*, 1999, p.86).

A realização de um dormente pressupunha a obtenção de uma superfície activa, plana, por meio da abrasão do objecto, isto é, do desgaste por fricção com outro elemento lítico. De forma a obter o atrito necessário, a mesma superfície podia, ainda, ser picotada através da acção de outro elemento como o percutor (Vilaça, 1995, p.59),

Por último, os moventes, neste caso de granito e arenito, possuem uma forma e tamanho condicionado pelo seu uso, mas também pela realização manual da moagem, levando a que se seleccionem suportes que se possam utilizar com as mãos.

VI.3.4. Gestão de matérias-primas

A análise da proveniência do tipo de litogia (vd. Apêndice F) presente na estrutura parece revelar uma origem fluvial para a grande parte dos percutores, em particular dos de quartzito. Ainda que o aspecto rolado que estes apresentam estejam relacionados não com a localização geográfica das áreas de proveniência, mas com a natureza dessas fontes. O material será originário de depósitos de aluvião, apresentando um rolamento característico dos efeitos de transporte pela água.

Dos dezasseis percutores identificados, cinco são de quartzo. A maior proporção é representada pelos quartzitos, aproveitando a disponibilidade conferida pelos leitos fluviais, ricos em seixos. O quartzito é uma rocha metamórfica predominantemente quártzica (Carvalho, 1997, p.82). Assim, as características físicas enunciadas anteriormente aplicam-se, de forma semelhante, ao quartzito.

Fugindo à regra e ao senso comum, dois exemplares de granito e arenito evidenciam marcas de percussão. O arenito de forma ligeira numa das faces e o de granito em várias. Estes objectos, em especial o de arenito, podem ter sido usados como recurso para a percussão de algum elemento que não justificasse assinalável dureza do percutor. Em qualquer caso não temos de parte que, no caso do de arenito, possa ter existido outra causa, natural ou humana, para as marcas evidenciadas.

Materiais como o quartzo, o arenito e o granito podem ou não ser localmente recolhidos, numa estratégia de aprovisionamento directo e no âmbito da exploração do território imediato de captação de recursos. Atendendo às características geológicas da região, trata-se da maioritária obtenção de matérias-primas existentes a nível local e regional. Para além destes, o anfibolito foi outra das matérias usadas, neste caso, no objecto polido (polidor?), no machado e como termoclasto.

VI.3.5. Leitura sintética

Os dados disponíveis acerca dos materiais de pedra polida e afeiçãoada, recolhidos na estrutura [204], não nos permitem confirmar se estes foram configurados, no sítio, sobre rochas duras localmente disponíveis, embora sejam do mesmo tipo.

A quase inexistente dimensão de pedra polida, consubstanciada em elementos de corte, pode decorrer das circunstâncias de uso, conservação, abandono e pós-abandono destes artefactos, mas sobretudo de um uso mais recorrente de materiais em metal. Neste prisma, refira-se que o fragmento que se interpretou como de machado possui poucas alterações em relação ao corpo original, sendo, por isso, escassamente polido, apesar de parecer ter sido, efectivamente, utilizado.

No campo da pedra afeiçãoada deve destacar-se a produção de dormentes, moventes e, sobretudo, de percutores a partir de diferentes matérias-primas, bem como a relativa diversidade que o conjunto exhibe ao nível da forma, da dimensão e do estado das superfícies activas. Ainda que, nesta área, sejam pouco frequentes os trabalhos de arqueologia experimental, é expectável que alguns destes elementos possam ter estado associados a processos de moagem de cereais, bem como à moagem de outro tipo de produtos.

VI.4. Pedra lascada

VI.4.1. Variabilidade tipológica

O estudo dos objectos líticos lascados permitiu-nos a observação de um conjunto restrito de materiais arqueológicos. O uso da pedra lascada corrobora-se pela localização, nas camadas de enchimento e ocupação da estrutura [204], de núcleos e lascas de debitage, bem como, algum material residual. A análise dos materiais exumados trouxe-nos à colação a ideia de que, em termos comparativos, a variedade tipológica se retinha nos sub-produtos da produção de utensílios. Neste campo e no espólio analisado, documentou-se, somente, um elemento de foice (vd. Apêndice I: Quadro I.3).

Os produtos de debitagem correspondem, na maioria dos casos, a lascas não corticais ou com talão cortical (vd. Tab. VI.1). Algumas lascas evidenciam uma considerável ou quase total presença de córtex na sua face dorsal. Por norma, o córtex situa-se na parte proximal das lascas, ocorrendo em dois casos na parte distal e em quatro na totalidade da superfície dorsal. Isto indica que se trata de lascas de descorticação, «limpeza» do núcleo, representando uma primeira fase de preparação deste.

As características morfológicas e tecnológicas apontam para uma produção simples e expedita. Não foram, pelo menos, identificados sinais de processos complexos de preparação e debitagem do talhe quer nos núcleos, quer no material de debitagem. O núcleo seria desbastado do seu córtex e de seguida seriam extraídos produtos e sub-produtos do talhe, por norma, sem uma direcção preferencial ou seguindo arestas-guia.

O perfil das lascas, a sua morfologia e a sua secção são tendencialmente irregulares; o talão é cortical (Apêndice C: fig.C.30). Não se observou tratamento térmico ou calcinação das peças. Estas apresentavam, em grande medida, acabamento distal natural, sendo moderadamente frequente a presença de nervuras (37,93%). As lascas apresentam um reduzido tamanho: vinte e duas possuem dimensões iguais ou inferiores a 30mm; cinco entre 30mm e 50mm e só duas detinham grande dimensão, superior a 50mm (vd. Apêndice I: Quadro I.2).

Tab. VI.1 – Inventário geral da indústria de pedra lascada da estrutura [204]

	Quartzo	Quartzito	Ind.	TOTAL
Material de debitagem				
Lascas corticais	4	-	-	4
Lascas parcialmente corticais	7	2	-	9
Lascas não corticais	15	1	-	16
Núcleos				
Debitado, para lascas	6			6
Ortogonal/Poliédrico, para lascas	2	-	-	2

Sobre seixo, para lascas	1	1	-	2
Preparação / reavivamento				
«Flancos» de núcleo	1	-	-	1
Material residual				
Fragmentos inclassificáveis	7	-	1	8
Esquírolas	2	-	-	2
Utensílios sobre lasca				
Elementos de foice	1	-	-	1
Total	47	4	1	52

Os núcleos revelaram-se variados, com primazia para os debitados, correspondendo a levantamentos avulsos, não contínuos e sem direcção preferencial (vd. Apêndice C: figs. C.31, – nº 5-6 – e C.32, nº 1). Os núcleos sobre seixo apresentam características similares ao referido, possuindo levantamentos aleatórios sem direcção preferencial (vd. Apêndice C: fig. C.32, nº 2-3). Para além destes, foi possível identificar núcleos ortogonais, com negativos dispostos de forma paralela, com uma, ou mais, plataformas seleccionadas para a extracção de produtos.

O córtex encontrou-se sempre presente, apesar de em diferentes quantidades. A análise do mesmo permitiu considerar que três dos exemplares usados como núcleos correspondem a seixos de rio, em quartzito. A plataforma de preparação foi quase exclusivamente a superfície cortical. O talhe dos blocos usados raramente se deu até exaustão (ou próximo), em alguns casos a extracção de produtos ou subprodutos revelou-se parca. Defeitos da matéria-prima (como clivagens), do talhe ou uma opção do processo de talhe levaram à não continuação do talhe de nove dos dez núcleos identificados (vd. Apêndice I: Quadro I.1).

Todos os núcleos identificados foram usados para a extracção de lascas. O processo deu-se, na maioria dos casos, sem uma direcção preferencial. Aspectos como a regularização da cornija, preparação prévia de plataforma, tratamento térmico e calcinação não foram identificados. As dimensões e peso são pouco expressivos, não foram detectados grandes blocos de matéria-prima (vd. Apêndice I: Quadro I.1).

A colecção permitiu, ainda, a identificação de material residual (duas esquírolas e sete fragmentos informes) e aquilo que, a nosso ver, parece um «flanco» de núcleo em quartzo hialino. Refira-se que não foi detectado, nesta estrutura, qualquer núcleo deste tipo.

VI.4.2. Aspectos funcionais

Este ponto em particular presta-se a poucos comentários. Como se referiu, os utensílios restringem-se a um elemento de foice (e nesta consideração muito enuncia sobre o seu valor funcional). Assim, o elemento de foice foi identificado em resultado da sua configuração, do entalhe sofrido numa das extremidades laterais da lasca que serviu de suporte e do desgaste e brilho lustroso (cerealífero) que a zona activa da peça apresenta (vd. Apêndice C: fig. C.30, nº2). Este elemento cortante faria parte de uma foice compósita, fabricada com cabo em madeira.

Estes utensílios encontram paralelo na península de Lisboa, nomeadamente na Tapada da Ajuda, em Lisboa (Cardoso e Silva, 2004). O restante material configura subprodutos da indústria de pedra lascada.

VI.4.3. Modelos e técnicas

A análise das características tecno-tipológicas do conjunto (vd. secção VI.4.1.) permitiu perceber que estávamos perante objectos e utensílios que requereram pouco planeamento na sua execução. As técnicas empreendidas possuíam carácter expedito. Nesta estratégia as lascas seriam removidas e modificadas consoante as necessidades imediatas (Hayden *et alii*, 1996, p.16).

A presença de vários percutores, as características dos núcleos e as matérias-primas usadas levam-nos a considerar o uso da percussão como método de extracção preferencial no fabrico de produtos e sub-produtos do talhe da pedra. As acções mecânicas detectadas permitiram-nos perceber que não seriam necessários muitos passos mentais prévios ao talhe. O conhecimento e capacidade técnica não são demasiado complexos. A qualidade e quantidade do material não se afigura

estandardizada. Não parece existir uma ditadura da forma e do processo de obtenção do produto debitado.

A tecnologia de talhe tomou a forma núcleos informais, multidireccionais e com levantamentos aleatórios, que tendem a ser usados em situações onde os materiais mais facilmente disponíveis são de pior qualidade (Rosen, 1996, p.152), como foi possível verificar com a presença, em alguns núcleos, de defeitos da matéria-prima.

VI.4.4. Gestão de matérias-primas

A procura e selecção das matérias-primas responderam a um conjunto de necessidades básicas. Para obter um produto funcional, que se fragmente de forma previsível, as rochas teriam de ser homogéneas e isotrópicas (Andrefsky, 1998, p.23; Inizian *et alii*, 1995, p.19; Semenov, 1981, p.9). Dentro do grupo de rochas com características aceitáveis, para realizar os procedimentos de manufactura e pós-manufactura sem se estilhaçarem, a escolha recaiu sobre litologias locais – quartzo e quartzito.

Num segundo plano, a escolha pela matéria-prima apoiou-se também em influências culturais, constrangimentos ocasionais e acessibilidade à matéria-prima. O peso económico e cultural dos produtos líticos, neste caso dos talhados, que pensamos cingir-se, essencialmente, aos elementos de foices e algumas lascas retocadas, levou a um processo produtivo expedito e pouco especializado e ao emprego de matérias-primas das fontes de recurso mais próximas.

O volume da produção não exigiu o uso de grandes blocos pétreos. O material empregue corresponde ao aproveitamento de pequenos seixos e à recollecção de pequenos blocos de quartzo. Os mesmos evidenciam com alguma frequência clivagens naturais.

A amostra afigura-se demasiado pequena para permitir compreender em pormenor as estratégias de gestão da matéria-prima. Contudo, os dados deixam perceber que o mercado (doméstico) não exige a existência de grandes qualidades da matéria-prima. Os blocos usados como núcleos seriam obtidos nas fontes mais acessíveis, não havendo necessidade de materiais especialmente duráveis, isto é, não se recorreu a blocos de grande qualidade que permitissem um duradouro e contínuo

processo de talhe. A inexistência de produtos longos ou de uma vasta gama de instrumentos líticos parece ter conduzido a uma desvalorização económica, cultural e social da matéria-prima. O gosto por materiais de qualidade «desaprendeu-se», pelo menos para a população que usou, nas suas diversas fases, a estrutura [204].

VI.4.5. Leitura sintética

Os produtos líticos possuem ao longo do espaço e do tempo uma conjunção de características dinâmicas. Por isso, o entendimento da pedra lascada, que analisamos, deve ser feito a dois níveis: um curto (o resultado da produção e uso) e um longo (resultado de diferenças materiais, culturais e comportamentais) (Andrefsky, 1998, p.38). Existem, ainda, diversos constrangimentos ocasionais e naturais que podem afectar o comportamento dos indivíduos, devendo, deste modo, estar assinalados nos raciocínios formulados.

Na nossa opinião, foi demonstrado que o conjunto lítico resulta de um processo expedito, pouco elaborado, mas pré-determinado que visava solucionar componentes práticas do processo económico agrícola. A(s) ausência(s) de outros utensílios líticos (ou de outra matéria que cumprisse função semelhante) demonstra uma alteração dos modelos e técnicas de produção alimentar. A mudança do foco económico para a componente produtora, num processo constante desde o Neolítico, mas não recto, levou ao abandono de práticas e utensílios líticos.

Mais que a introdução, a opção concorrencial dos metais contribui para estas alterações de hábitos (Rosen, 1996, p.129). Os ocupantes desta estrutura vêm-se inseridos num contexto populacional capaz de produzir objectos metálicos. Este é resultado de um processo lento, ainda, não totalmente compreendido que levou à «substituição» dos artefactos líticos por correspondentes metálicos (Carvalho, 2009, p.88; Rosen, 1996, p.131).

VI.5. Metais

VI.5.1. Variabilidade tipológica e funcional

O mesmo contexto possibilitou a exumação de dois artefactos metálicos. Sempre segundo os mesmos critérios de análise, constatámos estar perante materiais já totalmente elaborados, os quais, pelas suas características morfológicas, entendemos corresponderem a utensílios – uma haste de um objecto não identificado e uma agulha. Estes artefactos foram realizados numa liga binária de bronze (Valério *et alii*, 2009)

A agulha foi assim classificada por possuir corpo alongado (48mm de comprimento conservado por dois de espessura) e «aguçado», de secção circular, com a parte distal afunilada, enunciando uma extremidade pontiaguda. O artefacto encontra-se fragmentado na extremidade proximal, não se revelando por isso conveniente realizar uma diferenciação ou aproximação a qualquer tipo específico (vd. Apêndice C: fig. C.32, nº 4).

A haste conservada possui como características essenciais as suas reduzidas dimensões (c. 2mm de espessura por 20mm de comprimento) e o dobramento da extremidade proximal, em direcção à peça, com o objectivo de criar um orifício. A secção é circular. Tal como a agulha, a haste encontrava-se fragmentada na extremidade distal, impedindo a definição clara da peça (vd. Apêndice C: fig. C.32, nº 4-5).

Este tipo de objecto ocorrendo em vários sítios ibéricos (Arnaíz Alonso e Montero Gutiérrez, 2004, p.232), seriam usados para coser tecidos e peles, como indicia o dobramento da extremidade proximal, em direcção à peça e o seu corpo delgado.

VI.5.2. Modelos e técnicas

Na estrutura [204] não foram encontrados, em qualquer dos níveis, objectos que indiciassem a prática metalúrgica na estrutura ou no povoado. Porém, nas restantes áreas escavadas, exumaram-se objectos que nos permitem inferir quer a

prática metalúrgica no núcleo de Entre Águas 5, quer a potencial produção autóctone dos artefactos anteriormente mencionados.

Nas terras resultantes do revolvimento mecânico do fundo de cabana da Sondagem X surgiram vários fragmentos de escória. Da mesma sondagem provêm: um molde de prego em cerâmica, fragmentos de algaravizes (alguns com restos de escória) e cadinhos, dois apresentando suporte de cabo de secção quadrangular que estão ligados à produção de bronze (Valério *et alli*, prelo) (Apêndice C: fig. C.34). Desta sondagem, em particular, proveio quase metade da cerâmica decorada de todo o povoado e a maior porção dos elementos metálicos ou metalúrgicos, bem como restos faunísticos.

Os elementos enunciados elucidam vários aspectos sobre a economia local. Em primeiro lugar, existem provas directas da prática da metalurgia de bronze no povoado (bem documentada no nível [1012] da sondagem X), do qual poderiam ter beneficiado os ocupantes da estrutura [204] – se, como cremos, os ocupantes de ambas as estruturas (vd. Cap. 10) tiverem sido contemporâneos. Neste ponto, não sabemos em que moldes se processaria a aquisição, ou uso, dos elementos ligados à metalurgia pelos ocupantes da estrutura [204]. Apesar de não existirem vestígios, no nível de ocupação do fundo de cabana, de uma prática metalúrgica, não podemos pôr de lado a hipótese de os membros deste espaço doméstico terem sido parte activa no processo produtivo de bens metálicos.

Em segundo lugar, esta comunidade teve acesso a minérios como a existência de cassiterite, um minério de estanho. A escória aderente a um dos cadinhos prova-o (Valério *et alli*, 2009). A Sul do Tejo, em território hoje português, «a única ocorrência de estanho conhecida encontra-se localizada junto a Monforte, Campo Maior e Elvas, apresentando vestígios arqueológicos de exploração desde a Idade do Bronze» (Gamito, 1996, p.65). A proximidade desta eventual fonte poderia ter sido contrastada pela facilidade de acesso a recursos «trazidos» pelo Guadiana. O cobre existe em diversos pontos a sul de Portugal (Serpa Pinto, 1933, p.6; Ferreira e Viana, 1956, p.522), podendo, contudo, ter outra origem.

Em terceiro lugar, os dados existentes para a produção de metais revelam-nos um método que pressupunha a utilização de uma estrutura de combustão. Esta, a exemplo de San Bartolomé de Almonte (Fernández Jurado, 1988-89, pp.183-185),

poderia constituir-se através da abertura, no subsolo, de um simples buraco, de tendência circular ou alongada. Quanto a uma superestrutura, a existir, poderia compor-se essencialmente por barro cozido, com o qual se realizaria, deixando-se um orifício a modo de respirador. Nessa estrutura seria embutido o algaraviz, em barro refractário, que servia de ligação entre o fole e a câmara de fundição.

O objectivo deste método era a introdução de sistemas de oxigenação do foco de calor, de forma a atingir-se a temperatura necessária para a redução dos metais. Por oposição ao fabrico de cerâmicas, o processo metalúrgico implicava, assim, um controle da circulação de oxigénio e de todo o processo térmico (Eiroa *et alii*, 1999, pp.218-219). O combustível e os minerais seriam colocados de forma alternada no cadinho e, uma vez concluído o procedimento, retirar-se-ia a massa dele resultante, isto é, o régulo e escória.

Removida a escória, a restante matéria seria colocada num cadinho e alvo de um processo de fusão, num procedimento similar ao relatado. Obtido o metal fundido, em estado líquido, este seria vertido em moldes, como o que anteriormente demos conta. Uma das técnicas utilizadas era a de cera perdida o que implicava que a forma do objecto fosse executada em cera ou outra matéria, depois encasulada por barro, deixando uma abertura. Quando o barro era cozido a cera derretia, ficando o molde com a forma desejada para a peça metálica. Uma vez vazado o molde, alguns processos mecânicos, como a martelagem, poderiam ter sido empregues para dar a forma final ao objecto.

CAPÍTULO VII: RESTOS FAUNÍSTICOS E PALEOBOTÂNICOS

VII.1. Elementos faunísticos – descrição e observação sumária da ocorrência e inferências económicas (dados preliminares)

As informações que pudemos extrair das possibilidades oferecidas pelos restos faunísticos são parcas. A valoração e análise dos dados é limitada e só tentada de execução na sua componente qualitativa. Neste sentido, o espólio faunístico da estrutura [204] revelou uma elevada fragmentação. Esta situação dificulta a aplicação dos critérios morfológicos de diferenciação. Devido a este panorama e à dificuldade na classificação taxonómica dos diferentes elementos sem o recurso a uma colecção de referência, optou-se pela identificação mais aproximada dos elementos dentários e osteológicos mais marcantes¹⁸.

Este processo possibilitou o reconhecimento de alguns elementos dentários de *ovis/capra* (Apêndice C: figs. C.35 e C.36). Contudo, não foi possível determinar com segurança o número de espécimes presentes na amostra, devido à dificuldade na identificação do dente e da sua disposição no maxilar. Do mesmo modo, não pudemos averiguar aspectos como a idade, sexo e o estado físico de cada espécime.

Apesar das dificuldades numa análise, ainda que sumária, da ocorrência osteológica, foi possível identificar marcas de corte em alguns dos restos ósseos, melhor conservados. Contudo, não foi possível perceber se os mesmos foram executados com recurso a instrumentos metálicos ou líticos.

Normalmente, de um reduzido número de restos dificilmente se poderá extrair alguma conclusão acerca do estado doméstico ou selvagem do animal (Castaño, 1991, p.11). Esta situação, associada à já referida concisão dos dados osteológicos, conduz a uma escassez de inferências. Do tipo de análise efectuada estamos limitados apenas a considerar que na estrutura em causa estão presentes vestígios de ovicaprinos, que, possivelmente, seriam criados pelo próprio grupo.

¹⁸ Este procedimento foi realizado com recurso ao manual *Zooarchaeology*, de REITZ, E. J. E WING, E. S. (1999).

Numa análise mais aprofundada deste tipo de evidências seria interessante perceber como era feita a gestão económica dos animais, a sua origem e qual a idade e sexo de abate e de que formas este se processaria. Por enquanto, sabemos apenas que consumiriam ovicaprinos, com restos identificados quer no potencial nível de ocupação [203], quer no de enchimento da estrutura - [202].

VII.2. Elementos paleo-botânicos: descrição e observação da ocorrência inferências económicas

Os carvões exumados no povoado de Entre Águas 5 foram alvo de um estudo (Queiroz, 2011) que nos permite tirar algumas ilações sobre a flora do local (vd. Cap. 5). Para além desse estudo, nalguns fragmentos de cerâmica foram detectadas impressões de sementes, mas não sabemos qual a espécie a que corresponderiam. As mesmas situam-se na superfície externa, devendo corresponder a algum acidente no processo produtivo (vd. secção VI.1.2.).

A análise antracológica realizada levou à identificação taxonómica, na estrutura [204], de *Pinus cf. P. Pinaster* (pinheiro, provavelmente pinheiro-bravo), *Quercus sp.*, *Quercus suber* (sobreiro) (Apêndice C: fig. C.2) e *coccifera* (carrasco), *Olea europea* (Zambujeiro/Oliveira), *Arbutus unedo* (medronheiro) (Apêndice C: fig. C.1), *Erica sp.*, *Erica arborea* (urze-branca) e *umbellata* (queiró) e *Calluna vulgaris* (urze-roxa) (Queiroz, 2011).

Os resultados obtidos incluem um elenco de espécies arbóreas e arbustivas provavelmente correspondentes às espécies maioritariamente utilizadas pela população durante a Idade do Bronze Final, porventura como fonte energética e material de construção (Queiroz, 2011, p.8). Neste cenário, podemos enquadrar o pinheiro, o sobreiro e o zambujeiro (?). O carrasco e o medronheiro poderiam, também, oferecer algum tipo de uso energético e, de forma remota, servir como material de construção.

Para além destes aproveitamentos, os frutos destas árvores podem ter servido de alimentação da população humana, como condimento ou complemento da dieta

alimentar, e/ou dos animais domésticos. Falamos, em concreto, da bolota, do medronho, do pinhão e da azeitona.

As diferentes *Erica sp.*, a urze-branca, a urze roxa e o queiró, são espécies de arbustos, distribuídos actualmente por todo o país incluindo o Alentejo (Queiroz, 2008). Em si, a urze trata-se de género nativo, conotada com o manto vegetal mediterrânico (Ribeiro *et alii*, 1988, p.580). Algumas das espécies de *Erica sp.* correspondem a arbustos de grande dimensão, característicos de matagais secundários, evoluídos, especialmente sobre substratos ácidos siliciosos. (Queiroz, 2008).

Na vertente económica, a presença de urze e queiró estaria ligada à alimentação, aquecimento ou outra qualquer actividade que envolvesse o fogo e necessitasse de combustível. Refira-se que a lenha de urze, em particular a da urze-branca (*Erica arborea*) tem sido uma das madeiras preferidas pelo seu alto valor calórico e facilidade em atear fogo, ocorrendo em Portugal com grande frequência em sítios arqueológicos de todas as cronologias (Vilaça, 1995, pp.396-397; Queiroz, 2008).

A presença de urze é ainda um elemento ilustrativo de um espaço composto por vegetação rasteira, o que se coaduna com actividades como a pastorícia (Parreira, 1995, p.131). A existência de restos osteológicos de ovicaprinos (vd. secção VII.1.) leva-nos a considerar que existem indícios de que a população local (que ocupou a estrutura doméstica analisada) teria como uma das suas actividades económicas a pastorícia, que, necessariamente, incluiria o gado ovicaprino. Uma possibilidade que poderá ser melhor comprovada e aprofundada em trabalhos futuros.

CAPÍTULO VIII: DATAÇÕES ABSOLUTAS

VIII.1. Origem e natureza das amostras

No sítio de Entre Águas 5 os contextos apresentaram uma frequência moderada de matéria orgânica. Os carvões surgiam em nódulos de pequena dimensão, registando alguma concentração nas realidades [203a] e [203b]. Os ossos, mais frequentes, surgiam ou sob a forma de pequenas esquirolas ou inteiros (ou quase). Perante esta situação foi possível a recolha de várias amostras, de todo o sítio de Entre Águas 5, para a realização de análises de datação.

Na recolha, em campo, dessas amostras teve-se em atenção a pertença a um contexto fidedigno. De forma a evitar uma contaminação dos mesmos furtou-se ao máximo o contacto directo com as amostras, sendo as mesmas colocadas em sacos ou caixas devidamente seladas. Após a selagem da amostra foi realizada a localização tridimensional e preenchida a respectiva ficha de campo.

No âmbito do projecto de investigação *O Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana: fortificações, áreas rituais, cronologias*, da responsabilidade de António M. Monge Soares, várias amostras de carvão vegetal e uma de ossos, de espécie não determinada, foram enviadas para o Laboratório de Datação por Radiocarbono do Instituto Tecnológico e Nuclear, em Sacavém.

Numa primeira fase foram analisadas três amostras provenientes das sondagens II, VIII e X, que se interpretaram como áreas habitacionais (Rebelo *et alii*, 2010). Posteriormente realizou-se uma nova análise sobre três amostras da sondagem V, VI e, de novo, da X (Rocha *et alii*, prelo) e outra sobre os níveis de piso das estruturas das sondagens II e X (Valério *et alii*, prelo).

No que diz respeito à sondagem II as amostras analisadas provêm da unidade [203A] e da [203B]. Como anteriormente se referiu, estas entidades correspondem a uma concentração de materiais no lado Este e Oeste da sondagem, sendo constituídos por terras castanhas escuras e abundantes fragmentos cerâmicos de grande dimensão,

termoclastos e carvões. A amostra da sondagem VIII é originária do primeiro nível da camada de enchimento [809]. Esta camada assentava directamente no substrato geológico, isto é, no fundo da estrutura. Na sondagem X foram analisadas amostras de duas camadas. Uma de ossos, neste caso da camada [1012], na base e a outra do topo – [1002]. E, por fim, foram, ainda, analisadas amostras dos enchimentos [502], da base da sondagem V, e [601] do topo da sondagem VI.

VIII.2. Apresentação e discussão dos resultados

A análise das diversas amostras orgânicas (madeiras carbonizadas e fauna mamalógica) revelou um quadro cronológico genericamente enquadrável entre XIII-X e VIII a. C., normalmente correspondente, por diversos autores, a contextos da Idade do Bronze Final (Gomes e Silva, 1994; Ruíz-Galvéz Priego, 1995a).

A observação comparada destas datas revela uma contemporaneidade dos contextos identificados nas sondagens V, VI, VIII e X, enquadrados, tendo em conta a calibração mais provável por 2σ , entre a segunda metade do século XI e a primeira do século VIII a.C. O fundo de cabana identificado na sondagem II apresenta uma amostra com datação mais antiga, enquadrável entre a segunda metade do século XIII e os finais do século X a.C. e uma segunda entre os séculos XI/X e IX a.C. (vd. Tab. VIII.1).

Assim sendo, embora uma das datas obtidas para o fundo de cabana da sondagem II pareça indicar que esta estrutura seria mais antiga que as restantes, terá de notar-se que se trata apenas de uma data e que o intervalo de distribuição de probabilidade desta data calibrada se sobrepõe aos das outras datas. Por isso, não se poderá afirmar que a estrutura da sondagem II é mais antiga que as outras a não ser que o espólio nela registado assim o indique.

Tab. VIII.1 - Datas de Radiocarbono para contextos de Entre-Águas 5						
Ref. Lab.	Proveniência	Amostra	¹³ C (%)	Data ¹⁴ C (BP)	Data Calibrada (cal BC) ¹⁹	
					1σ	2σ
Sac-2404	EA5-UE-203A	Madeira Carbonizada	-25,39	2900±60	1207-1203; 1195-1140; <u>1134-1005</u>	1288-1283; <u>1269-919</u>
Beta-313500	EA-UE-203B	<i>Calluna Vulgaris</i> Carbonizada	-25,30	2780±30	<u>990-900</u>	<u>1010-840</u>
Sac-2411	EA5-UE-502	Madeira Carbonizada	-25,10	2660±90	970-961; <u>933-762</u> ; 681-672	1039-1033; <u>1029-537</u> ; 530-523
Sac-2410	EA5-UE-601	Madeira Carbonizada	-25,73	2610±73	893-877; <u>846-749</u> ; 687-666; 641-592;	915-521
Sac-2405	EA5-UE-809-1	Madeira Carbonizada	-20,36	2740±70	972-959; <u>936-815</u>	1106-1106; <u>1055-792</u>
Sac-2403	EA5-UE-1012	Ossos (Colagénio)	-21,55	2770±50	975-953; <u>945-887</u> ; 884-843	1038-1034; <u>1028-813</u>
Sac-2409	EA5-UE-1012	Madeira Carbonizada	-21,15	2650±80	<u>916-764</u> ; 679-674	<u>1006-723</u> ; 694-540
Beta-261318	EA5-UE-1012	<i>Erica sp.</i> carbonizada	-23,20	2740±40	<u>920-830</u>	<u>980-810</u>

¹⁹ As datas convencionais de radiocarbono foram calibradas fazendo uso da curva IntCal04 (Reimer e alii, 2004) e do programa OxCal v4.1.1 (Bronk Ramsey, 2001).

Acrescente-se que a disparidade encontrada entre esta data do contexto [203A] (que, ao contrário das demais, pode representar um contexto primário) e as datas dos restantes poderá ter várias explicações:

1) Esta estrutura pode (hipoteticamente, não de facto) ter tido uma ocupação que se iniciou desde os séculos XIII-X a.C., por oposição às outras que o teriam sido desde o séc. XI/X a.C.;

2) A diferença pode dever-se a uma contaminação da amostra que «na maior parte dos casos decorre de factores de ordem tafonómica, associados quer à movimentação da matéria orgânica datada quer à movimentação de componentes da cultura material que, no decorrer da intervenção, podem não ter sido detectados pelo arqueólogo» (Diniz, 2007, p.149);

3) as amostras datadas de madeira queimada são amostras de elementos com vida larga, que datam um período de crescimento da árvore anterior ao seu uso, maior ou menor dependendo da zona de anéis de crescimento seleccionados. Assim, por oposição às amostras das restantes sondagens, a amostra da sondagem II poderia representar um momento mais recuado do crescimento da árvore de onde proveio.

Conforme interpretámos o registo arqueológico (vd. Cap. V), a amostra Sac-2404 deve corresponder a umas das duas últimas hipóteses apresentadas, já que a segunda data para a mesma estrutura (Beta-313500), obtida de uma amostra de um arbusto de curta duração, tem um valor estatisticamente similar às restantes sondagens. Por outro lado, os materiais apresentam uma similitude ao nível do espólio. Neste sentido, os estudos de âmbito histórico-cultural sobre a Idade do Bronze Final permitiram esclarecer as datas obtidas por radiocarbono.

No que toca ao Sudoeste peninsular, a presença da cerâmica de ornatos brunidos tem sido utilizada, por alguns autores, em conjunto com as de boquique, excisa, pintada e penteada, como definidora do Bronze Final II²⁰ do Sudeste Ibérico (López Roa, 1977, p.343; Pellicer Catalán, 1987-88, p.462). Para outros, as cerâmicas

²⁰ Segue-se a cronologia em duas fases advogada entre outros por Gomes (*in* Silva e Gomes, 1994) para o Sul de Portugal; por Cardoso e Silva (2004) para a Estremadura portuguesa; e, *grosso modo*, por Pellicer Catalán (1987-1988) para a Andaluzia Ocidental; e Pavón Soldevilla (1998) para a Estremadura Espanhola. Pellicer Catalán e Pavón Soldevilla associam um Bronze Final III ao período orientalizante (Ferro).

de ornatos brunidos terão origem mais recuada em torno do século XI (Torres Ortiz, 2002, p.128) e até XIII/XII a.C. (Soares, 2005, p.141), baseando-se nas datações obtidas para contextos da Beira Alta e Interior.

A sua amplitude cronológica, segundo dados fornecidos por Cabezo de San Pedro (Huelva), Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo) ou Mesa de Setefilla (Sevilha), inclui, ainda, a I Idade do Ferro (López Roa, 1977, p.351; 1978, p.151; Soares, 2003, p.307; Gibson *et alii*, 1998, p.194), mas já coevamente com materiais a torno (Aubet Semmler *et alii*, 1983, p.86) e formas «paleo-púnicas» [sic] (Schubart, 1971, p.158; Blázquez Martínez *et alii*, 1979, p.157; Gibson *et alii*, 1998, p.194).

Elaborando uma análise intra-sítio, em Entre Águas 5 todas as realidades estratigráficas que foram datadas por radiocarbono possuíam ornatos brunidos. Tomando por consideração estas perspectivas, várias conclusões podem ser retiradas da conjugação do registo arqueológico com os dados materiais e as datações absolutas: (1) considerando que em Entre Águas 5 não se encontraram materiais a torno e formas «paleo-púnicas» os seus contextos podem ser interpretados como anteriores ao século VIII a.C.; e (2) o conjunto de materiais [203a], [203b] e o nível de ocupação da estrutura [204], por conterem cerâmica de ornatos brunidos poderão, por comparação com as datações de outros sítios do Sudoeste, puxar a cronologia da estrutura para o século XI-X a.C.

Terá de facto a cerâmica de ornatos brunidos uma datação mais recuada ou, por outra ordem, o elemento datado (Sac-2404) por radiocarbono não corresponde à data real de uso da estrutura [204]? Sendo a época de uso da mesma, por comparação com os dados das restantes estruturas, da cultura material e de outros povoados do Bronze Final (vd. secção VI.1.4.), mais avançada, inclusive do século IX a.C.?

Em nossa opinião, frente aos dados e à similitude de todas as restantes datações considera-se: (1) que a ocupação da estrutura [204] seria contemporânea ao uso, por parte das populações, da cerâmica de ornatos brunidos; (2) a mesma estrutura será contemporânea das restantes; e (3) que os restantes contextos se enquadram entre a primeira metade do século XI/X e o século IX a.C. A nosso ver, a conjugação entre os dados materiais e as datações absolutas enquadra o fundo de

cabana [204], de momento e de forma provável, entre os finais do Bronze Final I e o Bronze Final II, entre XI/X e IX a.C.

CAPÍTULO IX: O POVOADO DE ENTRE ÁGUAS 5 NO QUADRO DAS OCUPAÇÕES DA IDADE DO BRONZE FINAL DO BAIXO ALENTEJO

IX.1. A realidade no final da Idade do Bronze Médio

Os poucos dados disponíveis para a caracterização da Idade do Bronze Médio provêm, sobretudo, de prospecções de superfície, pouco conclusivas quanto à sequência cronológica exacta do possível *habitat*. De um modo geral, os sítios identificados são simplesmente adscritos à Idade do Bronze. E, por este motivo, a informação existente para descrever as estratégias de povoamento revela-se bastante omissa (Jorge, 1990, p.225; Silva, 1999, p.116; Silva e Soares, 2008, p.87). O reconhecimento das ocupações apresenta-se, assim, marcado pela dúvida ou ausência.

Na última década e meia, no prosseguimento dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito do regolfo do Alqueva, vários sítios arqueológicos foram referenciados (Silva, 1999), mas os dados que possuímos deles suscitam, ainda, um debate quanto à matriz ocupacional das populações deste período histórico.

Alguns autores têm apontado vários motivos para este panorama. António Carlos Silva (1999, p.116) socorre-se de uma falha das prospecções, conjugadas com um fraco reconhecimento da realidade material, com alterações pós-deposicionais, ou ambos factores. Esta situação, na nossa opinião, resulta dos poucos vestígios escavados e detectados até hoje. Já as possíveis alterações pós-deposicionais, para além de poderem afectar qualquer tipo de estrutura ou período histórico, não significam uma eliminação completa de toda a realidade.

Tendo em conta este panorama, a caracterização cronológica, material e económico-social deste período, têm vindo a ser feita, desde Estácio da Veiga (1891), que as adscrevia à Idade do Cobre (Schubart, 1974, p.334), a Parreira (1995), passando por Schubart (1974 e 1975), sobretudo, com base na realidade funerária, achados dispersos e algumas minas de cobre (Idem).

Parecendo óbvio que, em parte, os poucos conhecimentos que possuímos sobre esta realidade resultam de lacunas na investigação, não deixa de ser evidente a falta de elementos visíveis na paisagem, por oposição aos povoados fortificados do Calcolítico, do Bronze Final e da Idade do Ferro (Senna-Martínez, 2002, p.106).

A ausência deste tipo de sítio, na Idade do Bronze Médio, tem condicionado alguns autores nas suas leituras, ao afirmarem que neste período cronológico existiria uma distinta abordagem do território pelos grupos populacionais. Um vazio populacional não parece concebível, já que existe um número alargado de realidades funerárias (Schubart, 1975; Jorge, 1990; Santos *et alii*, 2008; Valera e Filipe, 2010). E, como afirma Susana Oliveira Jorge (1996-1997, p.80), o próprio povoamento «pode envolver muitas formas de manipulação da paisagem sem que tenha de forçosamente exprimir-se através de estruturas domésticas duradouras».

Assim, segundo António M. Monge-Soares (1994, p.179), o modelo adoptado pode ter passado por ocupações temporárias de populações itinerantes dispersas pelo território, apresentado o *habitat*, por isso mesmo, reduzida dimensão e monumentalidade. Uma itinerância que, hipoteticamente, poderia ser descontínua, de índole sazonal.

Para S. O. Jorge (1996-1997, p.86) a precariedade dos contextos domésticos, apesar de ser uma condição *sine qua non* de um modo de vida itinerante, não pode levar a uma *correlação simplista de invisibilidade arqueológica (neste caso, das produções domésticas) com fluidez, mobilidade e instabilidade social*. Isto é, a *continuidade e a descontinuidade dum sítio tanto se pode dar no interior de um regime sedentário como dum itinerante*.

Logo, este tipo de sítios pode, igualmente, corresponder a uma modelo ocupacional de populações de vida sedentária, que de forma contínua ou descontínua, mais ou menos alargada no tempo, habitavam um determinado local.

Tenham optado por vidas itinerantes ou sedentárias, parece-nos evidente que estas populações, por oposição à vida, deixaram a morte bem vincada. Para Schubart (1974, p.365) esta realidade seria o resultado de uma população semi-nómada, de índole ganadeira, embora cultivando alguns alimentos e recolhendo outros, que em

certas ocasiões exploraria filões de cobre. Por seu lado, Soares e Parreira consideram que estas poderiam viver, sobretudo, da agricultura (Soares, 1994, p.174; Parreira, 1995, p.132).

Fosse qual fosse a matriz económica, as populações optariam por habitações perecíveis, em zonas de planície ou pequenas elevações, sem fortificação. (Schubart, 1974, p.366). Os poucos dados disponíveis de sítios escavados zona do Baixo Alentejo refutam a generalização desta ideia. Se ela pode corresponder ao quadro geral, existe um caso (Cosme, 2008), embora com algumas dúvidas, que pode remeter para a existência de estruturas de material duradouro no Bronze Médio, indiciando, desta forma, uma forma de vida sedentária.

No geral, os dados disponíveis (que, como se disse, provêm, na sua maioria, de prospecções de superfície) revelam que a implantação dos *habitats* verifica-se quer em topos de elevações, quer em zonas de planície, próximas de linhas de água (Silva, 1999). As áreas de dispersão material são reduzidas e não demonstram sinais de grandes investimentos na construção de estruturas de índole privada ou pública. E os sítios fortificados até agora escavados não revelaram, com algumas possíveis excepções de carácter pontual (Mataloto, 1999, p.339; Valera, 2002), contextos da Idade do Bronze Médio, ao contrário da Andaluzia e Estremadura espanhola, onde foram identificados povoados deste tipo com ocupação do Bronze Médio (Aubert *et alii*, 1983; Martín de la Cruz, 1987, p.205; Hurtado Pérez e García Sanjuán, 1994; Pavón Soldevilla, 1998, p.44).

Assim sendo, com os actuais dados não é visível, em território alentejano, um *sistema de povoamento fortemente hierarquizado*, que Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (2008, p.103) crêem ter existido.

Fora do âmbito geográfico deste estudo, ainda em território alentejano, foram identificados alguns povoados abertos associados a necrópoles (Silva e Soares, 1981; 1995, p.137; Parreira, 1995, p.132). Estes mantêm o padrão referido: implantação em zonas aplanadas e abertas, junto a linhas de água, e a ausência de condições naturais de defesa.

As estruturas habitacionais são constituídas por cabanas de planta rectangular, com paredes de materiais perecíveis, apresentando, em raras ocasiões, base reforçada com elementos pétreos (Silva e Soares, 1981; Soares e Silva, 1995, p.137; Parreira, 1995, p.132). As lareiras, de morfologia circular, eram sobrelevadas e limitadas por pequenos esteios, os pavimentos podiam ser lajeados e os buracos de poste estruturados (Silva e Soares, 1981; 1995, p.137).

Os materiais arqueológicos exumados destes contextos revelaram a existência de uma relação próxima entre os recursos naturais disponíveis, nas áreas envolventes, e as actividades económicas desenvolvidas por estas comunidades. As actividades documentadas reportam-se, aparentemente, a auto-consumo, nomeadamente a agricultura, a tecelagem, a olaria e a produção metalúrgica. Acrescentando-se a este panorama, no caso dos povoados da zona de Sines, a pesca e a recollecção de marisco (Silva e Soares, 1981; 1995, p.137).

No Baixo Alentejo, os últimos trabalhos de campo têm documentado um vasto conjunto de realidades que apresentam elementos comuns a estes exemplos. A Quinta da Fidalguia, em Mourão, enuncia um pequeno habitat, em área aberta e plana. No mesmo, não se identificaram estruturas, mas sim restos materiais de várias actividades humanas (Soares e Silva, 2008).

O povoado da Atalaia da Insuínha, na Vidigueira, apresenta características semelhantes, mas desta vez com estruturas habitacionais e pétreas identificadas: um buraco de poste, uma lareira, um torreão ou possível cabana, bem como, compartimentos de uma habitação de forma sub-quadrangular e muros em pedra de xisto com uma largura de cerca de 30cm (Cosme, 2008).

Embora sem evidências de estruturas habitacionais, outros trabalhos permitiram conhecer nas zonas de Évora (Santos *et alii*, 2008; 2009), Serpa (Alves *et alii*, 2010; Valera e Filipe, 2010) e Beja (Sousa, 2007) vários campos de fossas ou silos em zonas de peneplanície, algumas das quais constituindo realidades funerárias. Estas estruturas negativas, que enunciam actividades de âmbito económico, serão os únicos

vestígios sobreviventes do que poderão ter sido núcleos habitacionais dedicados à exploração dos recursos agrícolas.²¹

Em si, as estruturas de tipo fossa/silo terão funcionado quer como áreas de armazenagem de alimentos, quer como lixeiras. A sua existência, em conjunto com vários elementos de foice e elementos de moagem, é testemunho dos inúmeros processos de produção do alimento cerealífero e da prática agrícola. A juntar a estas evidências, alguns artefactos em metal documentam a prática de uma metalurgia, que se afirma de pequena escala (Alves *et alii*, 2010; Valera e Filipe, 2010).

Em resumo, face aos dados, somos levados a concluir que a conjectura formulada sobre o povoamento não é de momento refutável. Assim, na antecâmara do Bronze Final, as sociedades que habitavam o Baixo Alentejo viviam em povoados abertos de forma dispersa, num território amplo e fluído, possuindo, alternadamente ou em conjunto, as actividades agrícolas e pastoris como predominantes. A sua estruturação económica, de perfil autárcico, seria condicionada quer pela forma de vida, quer pela localização geográfica do habitat, tirando partido dos recursos naturais disponíveis.

Os «lugares abertos» que, pelas suas características (mais ausentes que presentes), levam a que se sugira uma ocupação instável do território (Schubart, 1974; Soares, 1994; Barceló, 1999; Romero Bomba e Rivera Jiménez, 2008, p.129), porventura cíclica, não são suficientes para considerar que estamos perante populações socialmente instáveis ou débeis. Cada contexto poderá deter uma resposta própria e terá as suas especificidades, mas a existência de um padrão ao nível das suas características básicas aponta para a existência de uma concepção económica comum de abordagem e aproveitamento do território. As próprias necrópoles apresentam um conjunto de características rituais e arquitectónicas partilhadas, por vários séculos, pelas populações do Sudoeste ibérico (Schubart, 1975; Valera e Filipe 2010; Alves *et alii*, 2010).

No Bronze Médio estaríamos, assim, perante populações com práticas estáveis do ponto de vista social, que mantiveram um tronco comum ao longo de centenas de

²¹ Os investigadores de Torre Velha 3 levantam algumas dúvidas quanto a uma função habitacional de algumas das estruturas negativas identificadas (Alves *et alii*, 2010, p.5).

anos, ao mesmo tempo que incorporavam elementos inovadores. Estes seriam o resultado de processos internos e externos de mudança, fruto das possibilidades acidentais e espíritos empreendedores, que algumas comunidades poderiam experimentar sob as condições propícias.

Estes processos, na nossa opinião, conduziram a fenómenos de territorialização não holísticos, consignados pela presença de pontos estáveis na paisagem (vd. Gomes e Silva 1994, p.103), isto é, o surgimento de alguns povoados fortificados do Bronze Final, que emergiram como «os grandes agregados populacionais [...], alguns deles relacionados com actividades metalúrgicas que, nessa altura, experimentaram importantes desenvolvimentos». (Soares, 1994, p.179).

IX.2. Estratégias e dinâmicas do povoamento no Bronze Final

O estudo das dinâmicas e realidades materiais das populações do Bronze Final no Baixo Alentejo estava, até aos anos 90 do séc. XX, condicionado por uma base incompleta e um conhecimento desigual dos povoados, em resultado das poucas escavações realizadas no Sul de Portugal (Gibson *et alii*, 1998, p.191). Esta situação, apesar de recentemente atenuada (Silva e Berrocal-Rangel, 2005 e 2010; Soares, 2005; Serra *et alii*, 2008), não permite, ainda, demonstrar em toda a sua plenitude a existência de uma hierarquização territorial, que vários autores advogam (Gomes e Silva, 1994; Silva e Berrocal-Rangel, 2010) baseando-se na dimensão, características físicas e localização espacial.

Na investigação sobre esta temática, tem vindo a ser proposto, quer para as regiões alentejanas (Gomes e Silva, 1994; Parreira, 1995; Silva e Berrocal-Rangel, 2010, pp.433-434), quer para a Estremadura portuguesa (Cardoso, 2002, p.359), para a espanhola (Pávon Soldevilla, 1998) e para a Andaluzia (Gómez Toscano 1999 e 2006; Gómez Toscano e Campos Carrasco, 2008), um modelo de assentamento baseado na existência de povoados centrais fortificados, dominadores de «aldeias» e «casais» de menor envergadura.

Na sua concepção, os povoados fortificados, em zonas de altura, constituiriam centros de poder político e económico que conformavam territórios específicos dos quais aproveitam os recursos e potencialidades económicas (agrícolas, pastoris, silvícolas, mineiras...). As «aldeias» e «casais» nas suas proximidades ocupavam zonas de peneplanície fluvial e estavam vinculadas ao centro produtor principal, que seria o seu complemento económico na hora de trocar os seus excedentes.

Ao mesmo tempo que este fenómeno se desenvolveria, em certas zonas do território, por se encontrarem afastadas destes focos de decisão política, algumas manifestações populacionais mantêm-se de fora deste processo de territorialização, consubstanciado numa nova elite político-administrativa proto-estatal, sobre o comando de um chefe hereditário, emergido no seio de um grupo de grandes guerreiros.

A estrutura hierárquica desenvolvida estaria baseada na ideia de que o território envolvente aos povoados de altura (e fortificados) seria do usufruto exclusivo da comunidade (ou do chefe) que habitava esse sítio. Terá sido esta concepção de posse do território, baseada numa capacidade e motivação económica, decorrente de trocas comerciais sobre determinado território e/ou ponto de passagem, que reforçou e levou ao desenvolvimento da segmentação da sociedade e ao aparecimento de regimes de chefatura.

O auge desse processo ter-se-á dado entre a segunda metade do séc. IX e a primeira metade do séc. VIII a.C. (período de transição entre o Bronze Final e a Primeira Idade do Ferro). Fruto de contactos e trocas de bens e pessoas (casamentos), o nível mais elevado da sociedade, que controlava estas estruturas populacionais, teria desenvolvido um processo de orientalização das estruturas materiais, mentais e simbólicas da sociedade.

Neste período os povoados do Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), Rocha do Vigio 2 (Reguengos de Monsaraz) e Castro dos Ratinhos (Moura) apresentam vestígios artefactuais, incluindo arquitectónicos, que são lidos como evidências de um incremento de novos interesses comerciais (Calado, 2002, p.124; Silva e Berrocal-Rangel, 2010).

No caso particular do Castro dos Ratinhos os autores defendem o uso da plataforma superior (muralhada), e o edifício de planta ortogonal aí identificado, como um espaço sagrado. Neste local teria lugar uma panóplia de rituais de origem oriental que funcionariam como mecanismos de centralização e agregação populacional em torno de uma entidade espelhada na figura do «chefe» (Silva e Berrocal-Rangel, 2010, pp.434-435).

A ideia de controlo social através da monumentalização da paisagem estaria plenamente associada a estas divisões internas, bem como, às externas. Os povoados fortificados seriam a expressão máxima de um fenómeno de ordenação territorial do espaço, através do controle das forças e/ou relações económicas, que teria permitido a formação de grandes entidades sociais.

Podemos mesmo perguntar-nos se a localização e construção destes povoados e das suas várias estruturas defensivas não se teria realizado (pelo menos implicitamente) de forma activa e competitiva, tendo por objectivo atrair e impressionar «casais» agrícolas dispersos e cimentar relações sociais e económicas de dependência e dominação dentro de um determinado espaço.

A fortificação desenvolver-se-ia emergida no meio de um afã de conservação do *status* social e económico, representante simbólico do poder do chefe e da comunidade. Para isso, revestiria-se de um efeito prático de índole defensiva e outro psicológico, causando impacto nas mentes de quem dela tomava conhecimento (Gomes e Silva, 1994, p.105).

No início desta secção referimos que ainda não é possível comprovar, na sua plenitude, o modelo hierárquico proposto para o território do Sudoeste, nomeadamente para o Baixo Alentejo. Os dados arqueológicos provenientes de escavações controladas ainda não demonstraram o surgimento de uma especialização económica, de onde possa emergir uma mais vincada hierarquização social. De momento, não sabemos até que ponto e de que modo se processariam as relações económicas entre o povoado fortificado e os «casais» e «aldeias» em seu redor.

Falta localizar com precisão os lugares de produção, a potencial ou factual origem das matérias-primas, o número de lugares de produção ou, ainda quais os

objectos de produção local e quais os que são fruto de intercâmbio entre comunidades²², em suma, falta um mapeamento dos diferentes tipos de assentamento. A escavação das habitações pode fornecer-nos importantes dados sobre estas matérias. O fogo, durante o Bronze Final, funcionaria como uma autêntica unidade doméstica de produção. Um diferente (ou ausente) registo material entre os vários fogos de um dado local e/ou região pode proporcionar-nos elementos que permitam esclarecer a potencial hierarquização territorial, económica e social.

Para alguns exemplos da Andaluzia é possível inferir a existência de relações económicas entre diversas regiões. Concretamente, em San Bartolomé de Almonté (Huelva) documentou-se a realização de actividades produtivas relacionadas com a metalurgia. Segundo Ruíz Mata e Fernández Jurado (1986, p.253) a origem da matéria-prima localiza-se na faixa pirítica da Sierra Morena.

A existência deste tipo de povoados com economia metalúrgica, francamente presente, estará relacionada com a proximidade de centros comerciais e a necessidade abundante de combustíveis (Ruíz Mata e Fernández Jurado, 1986, p.254). Desta forma, Almonté certifica um papel de placa giratória, de centro económico para o qual e do qual vários produtos em bruto e manufacturas circulariam.

Por seu lado, os dados disponíveis de Entre Águas 5 e Salsa 3 (Antunes *et alii*, no prelo), revelam o cariz essencialmente doméstico ou local das principais produções artesanais, nomeadamente da olaria e metais. Todavia, vários indícios (Serpa Pinto, 1933; Gomes, 1994), a par do caso de Almonté, sugerem a existência de uma circulação dos produtos metálicos e outros «bens de prestígio», baseada, para alguns autores, num sistema de ofertas recíprocas entre elites (Ruíz-Galvéz Priego, 1995b; Senna-Martínnez, 1996).

Esta dualidade aponta, a nosso ver, para um tipo de economia em que os mecanismos de mercado embora presentes, eram apenas um dos eixos económicos do leque de opções disponíveis na hora de obter um produto. Os indivíduos e as comunidades, principalmente os pequenos assentamentos rurais, encontravam-se,

²² Note-se que se conhecem alguns materiais de origem e/ou inspiração atlântica e mediterrânica. Essencialmente, aqueles que são tidos como bens de prestígio.

antes de tudo, imbuídos num modelo de produção doméstica caracterizado pela diversidade e orientado para o auto-consumo.

Os povoados fortificados poderiam, porventura, assumir um papel diferente com maior preponderância do mercado na sua economia, seja ele de curta distância, decorrente da sua posição coerciva, ou de longa distância, decorrente das redes de troca de produtos, nomeadamente metalúrgicos, que poderiam passar pelo seu território. Resulta, ainda, fundamental compreender o tipo de relações existentes (vd. Antunes *et alii*, no prelo), reconhecendo, à partida, que todas as considerações e sistemas de interação propostos serão heurísticos, ou melhor, categorias idealizadas de comportamento.

IX.3. Integração e tipologia funcional da ocupação de Entre Águas 5

O papel de um povoado é indissociável do seu local de implantação, da paisagem que o envolve e dos recursos que esta última lhe proporciona. De forma a captar as diferentes matrizes funcionais dos locais de *habitat*, foram elaborados vários modelos conceptualizados de ordenação espacial e categorização do povoamento. Os mesmos estão imbuídos das ideias sobre o tipo de administração territorial que vimos desenvolvendo. A distribuição e categorização dos sítios implicam implicitamente que as comunidades que os habitavam mantivessem relações com o seu meio ambiente e com comunidades distantes e próximas entre si (Fernandes e Neto, 1997, p.20). No campo físico onde nos movemos, vários exemplos arqueológicos documentam partes destas realidades (Gomes e Silva, 1994; Berrocal e Rangel, 2010).

Nos limites geográficos impostos a este estudo documentam-se até ao momento cerca de 30 entidades populacionais (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p.28; Silva, 1999; Calado, Barradas e Mataloto, 1999; Soares, 2005; Serra *et alii*, 2008; Deus, Antunes e Soares, 2009; Rebelo *et alii*, 2009; Antunes *et alii*, no prelo). A grande maioria destas localiza-se na margem esquerda do Guadiana. A variedade nas características de implantação e estruturas de defesa conduziram A. M. M. Soares (2005) a definir para esta área específica uma divisão dos assentamentos existentes

em quatro categorias: (a) grandes povoados fortificados; (b) povoados de altura; (c) pequenos povoados com taludes artificiais; e (d) sítios de planície.

Próximo, na Estremadura espanhola Enríquez Navacués (1990) e Pávon Soldevilla (1998) definiram modelos paralelos de conceptualização da paisagem. No seu estudo sobre a Estremadura espanhola, Enríquez Navascués enuncia três tipos de sítios: (1) povoados fortificados de altura; (2) assentamentos modestos em planícies fluviais; e (3) aproveitamento de grutas, variando a sua categoria em função de uma relação directa ou indirecta com o rio Guadiana, entendido como o principal eixo comunicador. Pávon Soldevilla (1998, p.46) usa uma base similar, mas sub-divide as três categorias consoante a topografia do sítio e da envolvente e, no caso das grutas, da existência de ocupação interna ou interna e externa.

Na sua essência os diferentes modelos implicam três grandes categorias de assentamentos: uma primeira, caracterizada pelos grandes povoados fortificados, com uma área ocupacional superior a 1 ha, que, por essas características, funcionariam como lugares centrais na cadeia de povoamento; uma segunda, ocupando uma escala intermédia, corporizada por povoados fortificados ou providos de outras defesas naturais e artificiais de dimensão inferior a 1ha; e uma terceira, caracterizada por pequenos *habitats* de peneplanície sem qualquer tipo de defesa natural ou artificial, potencialmente dependentes em termos políticos e/ou económicos de povoados de maior dimensão.

O maior número de estabelecimentos humanos da Idade do Bronze Final corresponderia a este último tipo de assentamento, cuja economia assentava na exploração agro-pecuária, possivelmente em regime familiar. Isto é, pequenas «granjas» em encostas suaves sob terrenos férteis e sem condições naturais de defesa (Gomes e Silva, 1994, p.106)

Entre Águas 5 é um dos exemplos desta situação. No Baixo Alentejo, Cocos 12 (Calado, 2003), Santa Margarida, Casa Branca 1, Moitão d'Altura (Soares, 2005) ou

Salsa 3 (Deus, Antunes e Soares, 2009) são outros exemplos que documentam esta realidade²³.

²³ Quanto aos restantes tipos de assentamento, o primeiro é corporizado, entre outros, pelos casos do Outeiro do Circo (Serra *et alii*, 2008), Castro dos Ratinhos (Berrocal-Rangel e Silva, 2005 e 2010), Laço (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, p.28) ou Crespa (Soares, 2005) e o segundo por S. Jeães 2, Monte do Outeiro 2 (Calado, Barradas e Mataloto, 1999), Rocha do Vigio 2 (Calado, 2003), Álamo ou Serra Alta (Soares, 2005).

CONCLUSÃO

O estudo das realidades materiais do Bronze Final passou por diversas metamorfoses ao longo da História da Arqueologia. Com o incremento da actividade arqueológica, diferentes aspectos e soluções de vivência humana têm vindo a ser descobertos e reconhecidos. Neste prisma, o povoado de Entre Águas 5 surge como uma «nova» entidade, até recentemente quase invisível quer na paisagem, quer na investigação nacional.

Os dados que analisámos de um dos contextos deste povoado permitiram-nos compreender vários aspectos sobre as estratégias económicas adoptadas por populações do Bronze Final, em concreto pelas desta realidade. As teorias que nos auxiliam na percepção destas estratégias e procuram dar resposta às questões colocadas, ao longo do desenvolvimento do texto e da análise aos dados recolhidos, são acima de tudo entendidas como aproximações à realidade então vivida.

A entidade analisada confrontou-se com vários condicionalismos fisiográficos que lhe moldaram ou preencheram o perfil económico. A zona plana e aberta, num clima e vegetação mediterrânicos, propiciaram condições para a prática de um regime agro-pastoril, complementado por várias actividades produtivas subsidiárias. A presença de diversas espécies arbóreas, de diferentes animais domesticados e de meios de produção de alimentos cerealíferos afirmam-nos a existência desta realidade.

A base deste regime não comportava uma ocupação permanente do espaço, visto não existirem condições de habitabilidade durante o período das chuvas. As estruturas habitacionais utilizadas por estas populações, conforme a por nós analisada, possuíam uma arquitectura eminentemente perecível e semi-subterrânea que, pelos atributos do subsolo e pela proximidade do leito do rio, ficariam inutilizáveis no Inverno.

A dispersão material, no seu preenchimento e nível de piso, relata-nos diferentes momentos e acções culturais de deposição de lixos. A forma padronizada e a variedade qualitativa e quantitativa de dois conjuntos de materiais, no nível de piso, servem-nos para documentar uma estratégia de seriação de detritos, como

consequência de uma manutenção e de um abandono planeado da estrutura habitacional. A existência de materiais na camada de preenchimento, de forma mais dispersa, evidencia, por sua vez, o uso deste local como depósito secundário dos detritos da comunidade. Durante esta segunda fase regista-se, ainda, a edificação de uma estrutura de combustão.

Todo este processo funcional dependeria da estratégia ocupacional, de cariz iminentemente sazonal. Todavia, esta não pôs em causa a proliferação de várias actividades produtivas, das quais beneficiaram os ocupantes da estrutura [204]. Ao longo do texto analisámos diversas variáveis da cultura material identificada e preservada no registo arqueológico. Isto permitiu-nos ter uma visão do contexto sistémico dos referidos materiais e dos elementos humanos que com eles interagiram.

Atestámos a existência de produção cerâmica, metalúrgica (bronze) e lítica, bem como várias actividades de transformação e consumo de bens agrícolas. Estas indicam-nos uma economia substancialmente doméstica, ao invés de uma baseada na especialização económica e na troca. A existir, a especialização e complexificação social e económica seriam, pelo exemplo analisado, pouco evidentes nas zonas rurais e pastoris mais afastadas dos grandes povoados do Bronze Final, próximos do Guadiana, podendo, neste caso, estar ligadas a movimentos exógenos de troca dos recursos metalíferos para fora e dentro do Sudoeste Ibérico.

Neste sentido, refira-se que esta comunidade teve acesso a minérios como a cassiterite. No metalúrgico, por oposição ao cerâmico, o procedimento produtivo implicava um controlo da circulação de oxigénio e de todo o processo térmico, sendo o combustível e os minerais colocados, de forma alternada, no cadinho.

O aparelho cerâmico é formado por um conjunto pouco variado de formas, de concepção provavelmente local e replicadas em recipientes de distintos tamanhos. Globalmente, pode inferir-se que o sistema produtivo adoptado tendia à obtenção de recipientes de fabrico manual, com pastas moderadamente compactas, algo porosas e frequentes elementos não plásticos (quase sempre de grande dimensão), além de polidos nas superfícies.

Os elementos ausentes e presentes indicam-nos que estamos perante uma produção cerâmica de perfil auto-suficiente, fruto de relações de troca e, possível e

esporadicamente, com um destino estranho à comunidade de fabrico. A escala intui-se pequena, de índole familiar e doméstica, baseada num conhecimento empírico, assente numa tecnologia simples (a «céu aberto»), sem a necessidade de estruturas ou espaços físicos permanentes para a realização do processo produtivo e sem provas, directas ou indirectas, que permitam pensar que este processo não fosse intermitente e sazonal, sem especialistas.

As categorias de objectos recolhidos – quer no nível de piso, quer no preenchimento – foram interpretadas por nós como sendo de função doméstica o que, por seu turno, nos sugere várias actividades: (1) as quotidianas, que envolviam a confecção de alimentos; (2) as de produção e subsistência, como a moagem de cereais ou de outras substâncias; (3) as de talhe ocasional de líticos; e (4) as de armazenagem de diversos produtos alimentares.

Os objectos líticos, que resultariam de um processo expedito – pouco elaborado, mas pré-determinado – que visaria solucionar problemas práticos do processo agrícola, como a ceifa, enfrentavam uma forte «concorrência» dos metais. Tal como noutros exemplos do Bronze Final, os ocupantes desta estrutura viviam numa sociedade capaz de produzir artefactos metálicos. Este contexto, resultante de um processo gradual e ainda não totalmente compreendido, levou a uma «substituição» dos artefactos líticos por correspondentes metálicos.

Em conclusão e a nosso ver, a conjugação entre os dados materiais e as datações absolutas configura, de momento, uma ocupação da estrutura [204] provavelmente enquadrada entre a transição do século XI para o X a.C. e o IX a.C. As gentes que dela fizeram uso viveriam sazonalmente dos bens propiciados pela agricultura e pastorícia. Os objectos utilitários usados nestas e nas restantes actividades desenvolvidas foram, na sua maioria, localmente produzidos, beneficiando dos recursos aí disponíveis ou de outros obtidos através de trocas ou expedições em busca das matérias-primas desejadas.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1995), «Existe uma Idade do Bronze Atlântico?», JORGE, Susana Oliveira Jorge (ed.), *Trabalhos de Arqueologia*, nº 10, Lisboa, IPA.
- AFFREIXO, José M. da Graça (1884), *Memória histórico-económica do Concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal (2ª edição – 1984).
- AKKERMANS, Peter M. M. G.; SCHWARTZ, Glenn M. (2003), *The Archaeology of Syria, From Complex Hunter-Gatherers to Early Urban Societies [ca. 16000-300 BC]*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977), «El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura», *Biblioteca Praehistorica Hispanica*, vol. XIV, pp. 1-543.
- ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo Costeira da; OSÓRIO, Ana (2010), «O Povoado de S. Pedro de Arraiolos (Évora): expressões da cultura artefactual», *IV Encuentro de Arqueología del Sudoeste Peninsular*, Huelva, Diputación Provincial, pp. 463-488.
- ALVES, Catarina; COSTEIRA, Catarina; PORFÍRIO, Eduardo; GARCÍA, Marta Moreno; SOARES, António M. Monge (2010), «Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal), O Sudeste no Sudoeste?!», *Zephyrus*, nº 66, Universidad de Salamanca, pp. 133-153.
- ANDERSON-GERFAUD, Patricia; MOSS, Emily; PLISSON, Hugues (1987), «A quoi ont-ils servi? L'apport de l'analyse fonctionnelle», *Bulletin de la Société préhistorique française*, vol. LXXXIV, nº 8, pp. 226-237.
- ANDREFSKY, William (1998), *Lithics, Macroscopic approaches to analysis*, Cambridge, Cambridge University Press.
- ANTUNES, Ana Sofia *et alii* (no prelo), «Povoados Abertos no Bronze Final do Médio Guadiana», *Sidereum Ana II: El río Guadiana en el Bronce Final*, (policopiado).
- ARAGÓN BENÍTEZ, Juan Pedro; RUIZ GIL, José Antonio; LOPÉZ AMADOR, Juan José (2003), «Aproximación al hábitat del Bronce Final a través del estudio de la cabaña de Pocito Chico (El Puerto de Santa María, Cádiz)», *Andalucía Medieval, Actas del III*

Congreso de Historia de Andalucía, vol. 3, Córdoba, Obra Social e Cultural Cajasur, pp. 35-44.

ARMADA PITA, X. L. (2008), «¿Carne, drogas o alcohol?: calderos y banquetes en el bronce final de la Península Ibérica», *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad de Granada*, nº 18, pp. 125-162.

ARNAÍZ ALONSO, Miguel Ángel; MONTERO GUTIÉRREZ, Juan (2004), «Facetas del Bronce Final "Regional" en el Alto Ebro y la zona oriental de la submeseta norte: manifestaciones arqueológicas y objetos sociales de la Solana (Modúbar de la Emparedada, Burgos)», *Zephyrus*, nº 57, pp. 221-248.

ARNAUD, José Morais (1979), «Corôa do Frade: Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - Escavações de 1971-1972», *Madriider Mitteilungen*, nº 20, pp. 56-100.

AUBET SEMMLER, María Eugenia *et alii* (1983), «La Mesa de Setefilla, Lora del Río», *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº 122, Madrid, Direccion del Patrimonio Artísitico, Archivos y Museos.

BAHN, Paul; RENFREW, Colin (2008), *Archaeology: Theories, Methods and Practice*, 5ª Edição, London, Thames & Hudson.

BAQUEDANO BELTRÁN, Isabel (1987), «Inicios del Bronce Final en la Cuenca Media del Guadalquivir: El Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba)», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 44, nº 1, pp. 223-250.

BARANDIARÁN, Ignacio; MARTÍ, Bernat; ÁNGELES DEL RINCÓN, M.ª; MAYA, José Luis (1999), *Prehistoria de la Península Ibérica*, Barcelona, Ariel, pp. 317-425.

BARCELO, Juan Antonio (1999), «Patriarchs, Bandits and Warriors, An analysis of Social Interaction in Bronze Age South Western Iberian peninsula», *Eliten in der Bronzezeit, Monographien des Römisch-Germanisches Zentralmuseum*, nº 43, pp. 223-243.

BARKER, Philip (1993), *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Batsford.

BARRETO, João (2010), *Cerâmicas de Ornatos Brunidos de Povoados do Bronze Final do Sudoeste da Bacia do Enxoé. Caracterização Química, Mineralógica e Textural*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

BEIRÃO, Caetano de Melo (1972), «Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no sul do País», *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses, pp. 193-222.

BELÉN DEAMUS, María; ESCACENA CARRASCO, José Luis; BOZZINO, M^a (1991), «El mundo funerário del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. Análisis de la documentación», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 48, pp. 225-256.

BELÉN DEAMUS, María; ESCACENA CARRASCO, José Luis (1995), «Acerca del Horizonte de la Ría de Huelva: consideraciones sobre el final de la Edad del Bronce en el Suroeste Iberido», *Complutum*, Extra 5, pp. 86-114.

BICHO, Nuno Ferreira (2000), *Technological Change in the Final Upper Paleolithic of Rio Maior, Portugal*, Tomar, CEIPHAR.

BICHO, Nuno Ferreira (2006), *Manual de Arqueologia Pré-histórica*, Lisboa, Edições 70, pp. 17-82.

BINFORD, Lewis R. (1981), «Behavioral Archaeology and the 'Pompeii Premise'», *Journal of Anthropological Research*, vol. 37, nº 3, pp. 195-208.

BLASCO BOSQUED, María Concepción (2004), «Los poblados ribereños de hoyos en el entorno madrileño. Un modelo de asentamiento de la edad del bronce peninsular», *La Península ibérica en el II milenio a.C.: Poblados y Fortificaciones* (María de Rosario García Huerta e Javier Morales Hervás, Coords), Ciudad Real, pp. 349-387.

BLÁZQUEZ MARTINÉZ, José María; RUIZ MATA, Diego; REMESAL RODRÍGUEZ, José; RAMÍREZ SABADA, José Luís; CLAUSS, K. (1979), «Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva): Campaña de 1977», *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº 102, Madrid, Direccion del Patrimonio Artísitico, Archivos y Museos.

BOAVENTURA, Rui (2001), «O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados», *Trabalhos de Arqueologia*, nº 20, Lisboa, IPA.

BRONK RAMSEY, C. (2001), «Development of the Radiocarbon calibration program OxCal», *Radiocarbon*, vol. 43, nº 2, pp. 355-363.

BRUNO, Patrícia (2006), «O uso da terra na construção de uma cabana do Bronze Final, Estudo dos materiais provenientes do sítio proto-histórico Rocha do Vigio 2

(Campinho, Reguengos de Monsaraz)», *Terra: forma de construir, Arquitectura-Antropologia-Arqueologia*, Lisboa, Argumentum, pp. 67-73.

CALADO, Manuel, ROCHA, Leonor (1996-1997), «Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central», *A Cidade de Évora*, 2ª série, nº 2, pp. 35-55.

CALADO, Manuel; BARRADAS, Manuel Pisco; MATALOTO, Rui (1999), «Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central», *Revista de Guimarães*, volume especial, pp. 363-386.

CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001), *Carta Arqueológica do Concelho do Redondo*, Redondo, Câmara Municipal.

CALADO, Manuel (2002), «Povoamento Pré- e Proto-Histórico da Margem Direita do Guadiana: blocos 2 e 8», *Al-Madan*, 2ª série, nº 11, pp. 122-127.

CALVO TRIAS, Manuel (2002), *Útiles líticos prehistóricos, Forma, función y uso*, Barcelona, Ariel.

CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press.

CARDOSO, João Luís (2002), *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo.

CARDOSO, João Luís (2006), «A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 1, pp. 21-46.

CARDOSO, João Luís., SILVA, Inês Mendes da (2004), «O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 1, pp. 227-271.

CARREIRA, Júlio M. Roque (1997), «Catujal: um povoado da idade do bronze (médio) à entrada da Ria de Loures – contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze Estremenho», *Vipasca*, nº 6, pp. 119-140.

CARVALHO, António Faustino (1999), «Talhe da Pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras de Aires e Candeeiros (Estremadura Portuguesa), Um primeiro Modelo Tecnológico e Tipológico», *Textos Monográficos*, nº2, Lisboa, Colibri.

CARVALHO, António Faustino (2008), «O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 1. Sugestões teóricas e metodológicas para o seu estudo», *Praxis Arqueológica*, nº 3, pp. 167-181.

CARVALHO, António Faustino (2009), «O talhe da pedra na Pré-História recente de Portugal: 2. O estado actual da investigação», *Praxis Arqueológica*, nº 4, pp. 67-91.

CARVALHO, António Faustino; Bragança, Filipa; NETO, Filipa; JUSTINO, Lúcia (1999), «O Sítio da Idade do Bronze Pleno do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas)», *Trabalhos de Arqueologia do EAM*, nº 5, pp. 63-81.

CARVALHO, A. M. Galopim de (1997), *Geologia, petrogénese e orogénese*, Lisboa, Universidade Aberta.

CARVALHOSA, António de Barros (1966), *Contribuição para o conhecimento geológico da região entre Portel e Ficalho (Alentejo)*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

CASTAÑO, Pedro María (1991), «Animales domésticos y salvajes en Extremadura, Origen y evolución», *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 47, nº 1, pp. 9-66.

CELESTINO PÉREZ, Sebastian; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan J.; RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso (1992), «Paleoetnología del área extremeña», *Complutum*, nº 2-3, pp. 311-328.

CHILDE, Verde Gordon (1930), *The Bronze Age*, Cambridge, University Press.

COFFYN, André (1983), «La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal», *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 149-196.

COFFYN, André (1985), *Le Bronze Final Atlantique*, Paris, Diffusion de Broccard.

CORREIA, Susana (2002), «Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo do Alqueva: blocos 4 e 7 do plano de Minimização de Impactes Arqueológicos», *Al-Madan*, 2ª série, nº 11, pp. 109-116.

COSME, Susana Rodrigues (2008), «O Povoado da Atalaia da Insuínha (Pedrogão, Vidigueira)», *Vipasca*, 2ª série, nº 2, pp. 171-179.

COSTA, José Carlos; AGUIAR, Carlos; CAPELO, João Henrique; LOUSÃ, Mário; NETO, Carlos (1999), «Biogeografia de Portugal Continental», *Quercetea*, nº 0, pp. 5-56.

CRUMLEY, Carole L. (1979), «Three Locational Models: An Epistemological Assessment for Anthropology and Archaeology», *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 2, pp. 141-173.

CUSTER, Jay F.; KELLOGG, Barbara Hsiao Silber; VARISCO, Robert (1995), «Final Archaeological Investigations at the Wrangle Hill Prehistoric Site (7NC-G-105), State Route 1 Corridor, Chesapeake and Delaware Canal Section, New Castle County, Delaware», *DelDOT Archaeological Series*, nº 136, pp. 1-61.

DAIFUKU, Hiroshi (1952), «The Pit House in the Old World and in Native North America», *American Antiquity*, vol. 18, nº 1, pp. 1-7.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol (2001), *Ethnoarchaeology in action*, Cambridge, Cambridge University Press.

DEER, William A.; HOWIE Robert A.; ZUSSMAN, Jack (2000), *Minerais constituintes das rochas, Uma introdução*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António M. Monge (2010), «A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste», *IV Encuentro de Arqueología del Sudoeste Peninsular*, Huelva, Diputación Provincial, pp. 514-543.

DINIZ, Mariana (2007), «O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neoutilização do Interior/Sul de Portugal», *Trabalhos de Arqueologia*, nº 48, Lisboa, IPA.

DOMERGUE, Claude; ANDRADE, Ruy Freire d' (1971), «Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal), Note préliminaire», *Conimbriga*, nº 10, pp. 99-116.

EIROA, Jorge J.; BACHILLER GIL, José Alberto; CASTRO PÉREZ, Ladislao; LOMBA MAURANDI, Joaquín (1999), *Nociones de tecnologia y tipologia en Prehistoria*, Barcelona, Ariel.

ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1989-1990), «Sobre algunos poblados del Bronce Final de la provincia de Badajoz», *Norba, Revista de História*, nº 10, pp. 41-58.

FABIÃO, Carlos (2008), «José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um archeólogo português», *O Arqueólogo Português, Série IV*, nº 26, 2008, pp. 97-126.

FARNDON, John (2006), *The Complete Guide to Rocks and Minerals*, London, Hermes House.

FEIO, Mariana (1991), *Clima e Agricultura, Exigências climáticas das principais culturas e potencialidades do nosso clima*, Lisboa, Direcção Geral de Planeamento e Agricultura.

FERNANDES, Carla S. Alves; NETO; Filipa Jorge M. (1997), «Povoados da Idade do Ferro do Concelho do Alandroal: uma aproximação espacial – I», *Al-Madan*, 2ª série, nº 6, pp. 19-32.

FERNÁNDEZ JURADO, Jesús (1988-89), «Aspectos de la Minería y la Metalurgia en la Protohistoria de Huelva», *Huelva Arqueológica*, nº 10-11 (3), pp. 177-214.

FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel (1956), «L'importance du cuivre péninsulaire dans les âges du Bronze», *IV Cong. Int. Ciencias prehistóricas y protohistóricas*, Zaragoza.

FISH, Suzanne K; FISH, Paul R. (1996), «An assessment of abandonment processes in the Hohokam Classic Period of the Tucson Basin» in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 191-195.

FONSECA, Paulo Emanuel Talhadas Ferreira da (1995), *Estudo da sutura varisca no SW Ibérico nas regiões de Serpa-Beja-Torrão e Alvito-Viana do Alentejo*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

FONTES, Tiago (2002), *Estudo de 145 Artefactos da Idade do Bronze do Moinho da Atalaia Oeste*, Dissertação de Licenciatura, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

FULLOLA I PERICOT, Josep M. (2002), «Prólogo» in CALVO TRIAS, Manuel, *Útiles líticos prehistóricos, Forma, función y uso*, Barcelona, Ariel, pp. 9-11.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993), «Estelas, paisaje y territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica», *Complutum*, Extra 3, pp. 15-110.

GAMITO, Teresa Júdice (1996), «O estanho de aluvião e a metalurgia do bronze no Castro do Baldio (Arronches, Portugal)», *Vipasca*, nº 5, pp. 29-50.

GARCÍA GONZÁLEZ, David (2005), «Método para el estudio de las herramientas de piedra pulimentada», *Arqueología y Territorio*, nº 2, pp. 133-151.

GARCÍA SANZ, Carmen; FERNÁNDEZ JURADO, Jesús (2000), «Peñalosa (Escacena del Campo, Huelva): un poblado de cabanas del Bronce Final», *Huelva Arqueológica*, nº 16, pp. 5-87.

GELLNER, Ernest (1993), *Nações e nacionalismo*, Lisboa, Gradiva.

GIBSON, Catriona; CORREIA, Virgílio Hipólito; BURGESS, Colin B. (1998), «Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal), A Preliminary Report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993», *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, pp. 189-215.

GILMAN, Patricia A. (1987), «Pit Structures and Pueblos in the American Southwest», *American Antiquity*, vol. 52, nº 3, pp. 538-564.

GOMES, Mário Varela (1990), «O Oriente no Ocidente, Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores», *Estudos Orientais*, vol. I, pp. 53-106.

GOMES; Mário Varela (2006), «Arquitectura de Terra na Proto-História do Sul de Portugal», *Terra: forma de construir, Arquitectura-Antropologia-Arqueologia*, Lisboa, Argumentum, pp. 60-66.

GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1976-1977), «As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja): estudo comparado», *Setúbal Arqueológica*, vol. II-III, pp. 281-343.

GOMES, Mário Varela; SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1994), *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta.

GOMES, Mário Varela; CALADO, David (2007), «Conjunto de Cerâmicas da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronce Final, no Sul de Portugal», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, nº 1, pp. 141-158.

GÓMEZ TOSCANO, Francisco (1999), «El Bronce Final en el Suroeste peninsular: una contribución al debate», *Huelva en su historia*, nº 7, pp. 25-42.

GÓMEZ TOSCANO, Francisco (2006), «El final de la Edad del Bronce entre el Guadiana y el Guadalquivir: síntesis histórico-arqueológica según las más recientes evidencias», *Madriider Mitteilungen*, nº 47, pp. 24-42.

GÓMEZ TOSCANO, Francisco; CAMPOS CARRASCO, Juan Manuel (2008), «El Bronce Final preferencio según el registro arqueológico del Cabezo de San Pedro: una revisión cuarenta años después», *Complutum*, nº 19, pp. 121-138.

GONZÁLEZ PRATS, Alfredo (1992), «El proceso de formación de los pueblos ibéricos en el Levante y Sudeste de la Península Ibérica», *Complutum*, nº 2-3, pp. 137-150.

HALLY, David J. (1986), «The identification of vessel function: a case study from the northwest Georgia», *American Antiquity*, vol. 51, nº 2, pp. 267-295.

HARRIS, Edward C. (1991), *Principios de Estratigrafía Arqueológica*, Barcelona, Editorial Crítica.

HAYDEN, Brian; FRANCO, Nora; SPAFFORD, Jim (1996), «Evaluating Lithic Strategies and Design Criteria» in ODELL, George H. (ed.) (1996), *Stone Tools, Theoretical Insights into Human Prehistory*, New York, Plenum Press, pp. 9-45.

HELENO, Manuel (1930-1931), «Tampas sepulcrais insculturadas da época do bronze», *O Archeologo Português*, 1ª série, vol. XXIX, pp. 186-189.

HELENO, Manuel (1935), «Jóias pré-romanas», *Ethnos*, vol. I, pp. 229-257.

HODDER, Ian; HUDSON, Scott (2003), *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press.

HURTADO PÉREZ, Víctor; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (1994), «Áreas funcionales en el poblado de la Edad Media del Bronce de Trastejón (Zufre, Huelva)», *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana: Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del suroeste*, Huelva, Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste / Universidad de Huelva, pp. 239-272.

INIZIAN, Marie-Louise; BALLINGER, Michèle Reduron; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques (1995), *Technologie de la pierre taillée*, Meudon, CREP.

IZQUIERDO DE MONTES, Rocío (1998), «La cabaña circular en el Mundo Tartésico, Consideraciones sobre su uso como indicador étnico», *Zephyrus*, vol. 51, pp. 277-288.

JALHAY, Eugénio (1931), «O tesoiro de Álamo (Moura, Alentejo)», *Brotéria*, vol. XII, 1º semestre, pp. 35-44.

JIMMÉNEZ ÁVILA, F. Javier; DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, Coronada (1995), «Materiales Protohistóricos de «El Turuñuelo» (Mérida, Badajoz)», *Pyrenae, Revista de Prehistòria i Antiguitat de la Mediterrània Occidental*, nº 26, pp. 131-151.

JIMMÉNEZ ÁVILA, F. Javier; HABA QUIROS, Salvadora (1995), «Materiales Tartésicos del Solar de Portaceli (Medellín, Badajoz)», *Complutum*, nº 6, pp. 235-244.

JIMÉNEZ JÁIMEZ, Víctor (2006/2007), «Pithouses versus Pits: apuntes para la resolución de un problema arqueológico», *Portugália*, nova série, vol. 28, Porto, DCTP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 35-48.

JORGE, Vítor Oliveira (1990), «Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios», in ALARCÃO, Jorge (Coord.), *Nova História de Portugal, Portugal das Origens à Romanização*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença, pp. 213-256.

JORGE, Susana Oliveira (1996-1997), «Diversidade Regional na Idade do Bronze da Península Ibérica, Visibilidade e opacidade do “registo arqueológico”», *Portugália*, Nova Série, vols. 17-18, pp. 77-96.

JOYCE, Arthur A.; JOHANNESSEN, Sissel (1996), «Abandonment and the production of archaeological variability at domestic sites», in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 138-156.

KANTNER, John (2004), *Ancient Puebloan Southwest*, Cambridge, Cambridge University Press.

KENT, Susan (1996), «Models of abandonment and material culture frequencies», in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 54-73.

KEESING, Roger M. (1974), «Theories of culture», *Annual Review of Anthropology*, nº 3, pp. 73-97.

- LIGHTFOOT, Ricky R. (1996), «Abandonment process in prehistoric pueblos» in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 191-195.
- LIMA, José Fragoso (1960), «Castro de Ratinhos (Moura, Baixo Alentejo, Portugal)», *Zephyrus*, nº 11, pp. 233-244.
- LOPES, Maria da Conceição; CARVALHO, Pedro C.; GOMES, Sofia M. (1997), *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa, Câmara Municipal.
- LOPÉZ ROA, Carmen (1977), «La cerámica con decoración bruñida en el Suroeste Peninsular», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 34, nº 1, pp. 341-370.
- LOPÉZ ROA, Carmen (1978), «Las cerámicas alisadas con decoración bruñida», *Huelva Arqueológica*, vol. 4, pp. 145-180.
- LULL, Vicente (1983), *La "cultura" de El Argar*, Madrid, Akal.
- MARQUES, Gustavo; ANDRADE, Gil Miguéis (1974), «Aspectos da Proto-História do Território Português – Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)», *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, Ministério da Educação Nacional, Junta Nacional da Educação, pp. 125-148.
- MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente (1987), «El Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba)», *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº 151, Madrid, Direccion del Patrimonio Artístico, Archivos y Museos.
- MATALOTO, Rui (1999), «As Ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora)», *Revista de Guimarães*, volume especial, pp. 333-362.
- MEDEROS MARTÍN, Alfredo; HARRISON, Richard J. (1996), «Patronazgo y clientela: honor, guerra y festines en las relaciones sociales de dependencia del Bronce Final atlántico en la Península Ibérica», *Pyrenae, Revista de Prehistòria i Antiguitat de la Mediterrània Occidental*, nº 27, pp. 31-52.
- MOLINA GONZÁLEZ, F., PAREJA LÓPEZ, E. (1975), «Excavaciones en la Cuesta del Negro (Purullena, Granada): campaña de 1971», *Excavaciones Arqueológicas en España*, nº 86, Madrid, Direccion del Patrimonio Artístico, Archivos y Museos.

- MONTERO RUIZ, Ignácio (1991), *Estudio arqueometalurgico en el Sudeste de la Península Ibérica*, Dissertação de Doutoramento (policopiado).
- MUNN, Nancy D. (1966) «Visual categories: an approach to the study of representational systems», *American Anthropologist*, nº 68, pp. 936-950.
- NELSON, Kit (2010), «Environment, cooking strategies and containers», *Journal of Anthropological Archaeology*, nº 29, pp. 238–247.
- ODELL, George H. (ed.) (1996), *Stone Tools, Theoretical Insights into Human Prehistory*, New York, Plenum Press.
- OLIVEIRA, J. T. et alii (1992), *Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- OSÓRIO, Ana (2008), «A cerâmica de ornatos brunidos do Bronze Final, Em busca do processo de produção, Estudo preliminar de um conjunto proveniente do Castelo de Arraiolos», *Actas das I Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica, Dialogando com a Cultura Material*, vol. 1, Madrid, Universidad Complutense, pp. 199-206.
- PAÇO, Afonso do; LEAL, Joaquim Bação (1964), «Sepulturas argáricas da Herdade da "Queijeirinha" (Mourão)», *Arquivo de Beja*, vol. 20-21, pp. 69-72.
- PAÇO, Afonso do; RIBEIRO, Fernando Nunes; FRANCO, Gonçalo Lyster (1965), «Subsídios para o estudo da cultura argárica no Alentejo», *Arquivo de Beja*, vol. 22, pp. 149-156.
- PARREIRA, Rui (1977), «O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja)», *Arquivo de Beja*, 2ª série vol. I, pp. 31-45.
- PARREIRA, Rui (1983), «O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa), Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980», *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. I, pp. 149-168.
- PARREIRA, Rui (1995), «Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior», in AA.VV., *A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 131-134.
- PARREIRA, Rui; SOARES, António M. Monge (1980), «Zu Einigen Bronzezeitlichen Hohensiedlungen in SudPortugal», *Madriider Mitteilungen*, nº 21, pp. 109-130.

PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio (1994), *Aproximación al estudio de la edad del bronce en la cuenca media del Guadiana: La solana del castillo de Alange (1987)*, Salamanca, Institución Cultural el Brocense/Diputación Provincial de Cáceres.

PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio (1998), *El tránsito del II al I milenio a. C. en las cuencas medias de los ríos Tajo y Guadiana: La Edad del Bronce*, Salamanca, Universidad de Extremadura.

PELEGRIN, Jacques (1986), *Technologie lithique: une méthode appliquée à l'étude de deux séries du Périgordien ancien: Roc de Combe c8, la Côte niveau III*, Nanterre, Tese de doutoramento pela Universidade de Paris X.

PELLICER CATALÁN, Manuel (1987-88), «Las cerâmicas a mano del Bronce Reciente e del Orientalizante en Andalucía Occidental», *Habis*, nº 18-19, pp. 461-484.

PELLICER CATALÁN, Manuel, AMORES CARREDANO, Fernando de (1985), «Protohistoria de Carmona: los cortes estratigráficos CA-80/A y CA-80/B», *NAH*, nº 22, Madrid.

PINTO, Daniel (1995), *Aridez e desertificação no Alentejo: o caso da região da margem esquerda do Guadiana*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

PINTO, Rui Serpa (1933), *Activite miniere et metallurgique pendant l'Âge du Bronze en Portugal*, Porto, Faculdade de Ciências.

POPPER, Karl (1999), *O mito do contexto: em defesa da ciência e da racionalidade*, Lisboa, Edições 70.

POPPER, Karl (2003), *Conjecturas e refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico* [1963], Coimbra, Almedina.

QUEIROZ, Paula Fernanda (2011), *Estudos de arqueobotânica no sítio da Idade do Bronze de Entre Águas 5 (Brinches, Serpa)*, *Relatório da Identificação Taxonómica de Fragmentos de Carvão de Madeira*, Lisboa, Terra Scenica, Centro para a criatividade partilhada das ciências, artes e tecnologias (policopiado).

REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2008), *Relatório da intervenção arqueológica no sítio de Corça 2, Serpa*, Lisboa, Neoépica (policopiado).

REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno; FONTES, Tiago; SOARES, António M. Monge; DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia (2010), «Dados preliminares da intervenção no sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa)», *IV Encuentro de Arqueología del Sudoeste Peninsular*, Huelva, Diputación Provincial, pp. 463-488.

REIMER, P.J., *et alii* (2004), «IntCal04 Terrestrial Radiocarbon Age Calibration, 0-26 cal Kyr BP», *Radiocarbon*, vol. 46, nº 3, pp. 1029-1058.

REITZ, Elizabeth J.; WING, Elizabeth S. (1999), *Zooarchaeology*, Cambridge, Cambridge University Press.

RIBEIRO, Fernando Nunes (1965), *O Bronze Meridional Português*, Beja, Ed. de Autor.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSCH, Hermann (1987), *Geografia de Portugal, O ritmo climático e a paisagem*, vol. II, Lisboa, João Sá da Costa.

RICE, Prudence M. (2005), *Pottery analysis, A Sourcebook*, Chicago, University of Chicago Press.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (no prelo), «Entre Águas 5: forma e funcionalidade dos recipientes cerâmicos de uma cabana do Bronze Final», *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (policopiado).

ROMERO BOMBA, Eduardo; RIVERA JIMÉNEZ, Timoteo (2008), «El Asentamiento Fortificado del Cerro del Almendro (Santa Olalla del Cala, Huelva)», *Vipasca*, 2ª série, nº 2, pp. 128-138.

ROSEN, Steven A. (1996), «The Decline and Fall of Flint» in ODELL, George H. (ed.) (1996), *Stone Tools, Theoretical Insights into Human Prehistory*, New York, Plenum Press, pp. 129-158.

ROTSCHILD, Nan A.; MILLS, Barbara J.; FERGUSON, T. J.; DUBLIN, Susan (1996), «Abandonment at Zuni farming villages» in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 191-195.

ROXO, Maria José (1994), *Acção antrópica no processo de degradação dos solos. Serra de Serpa e Mértola*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (1979), «El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 36, pp. 151-172.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (1986), «Navegación y comercio entre el Atlántico y el Mediterráneo a fines de la Edad del Bronce», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 43, nº 1, pp. 9-42.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (1987), «Bronce Atlántico y “cultura” del Bronce Atlántico en Península Ibérica», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 44, pp. 251-266.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (1995a), «Cronología de la Ría de Huelva en el marco del Bronce Final de Europa Occidental», *Complutum*, Extra 5, pp. 79-84.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (1995b), «El significado de la Ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro», *Complutum*, Extra 5, pp. 129-156.

RUÍZ GALVÉZ PRIEGO, Marisa (2001), *La Edad del Bronce-- primera Edad de Oro de España?: sociedad, economía e ideología*, Barcelona, Editorial Crítica.

RUIZ MATA, Diego (1979), «El Bronce Final – fase inicial – en Andalucía Occidental: ensayo de definición de sus cerámicas», *Archivo español de arqueología*, vol. 52, pp. 3-20.

RUIZ MATA, Diego; FERNANDÉZ JURADO, Jesús (1986), «El yacimiento metalúrgico de San Bartolomé de Almonte (Huelva)», *Huelva Arqueológica*, vol. 8, pp. 197-201

SANTOS, Filipe J. C.; AREZ, Luís; SOARES, António M. Monge; DEUS, Manuela de; QUEIRÓZ, Paula F.; VALÉRIO, Pedro; RODRIGUES, Zélia; ANTUNES, Ana Sofia; ARAÚJO, Maria de Fátima (2008), «O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora), um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº 2, pp. 55-86.

SANTOS, Filipe J. C.; SOARES, António M. Monge; RODRIGUES, Zélia; QUEIROZ, Paula F.; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima (2009), «A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História recente, com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 12, nº 1, pp. 53-71.

- SANTOS, Raquel *et alii* (no prelo), «O sítio do Bronze Final de Entre Águas 5 (Serpa): Arquitecturas de terra», s/d (policopiado).
- SAVORY, H. N. (1951), «A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa», *Revista de Guimarães*, vol. 61, nº 3-4, pp. 323-377.
- SCHIFFER, Michael Brian (1972), «Archaeological Context and Systemic Context», *American Antiquity*, vol. 37, nº 2, pp. 156-165.
- SCHIFFER, Michael Brian (1975), «Archaeology as Behavioral Science», *American Anthropology*, Nova Série, vol. 77, nº 4, pp. 836-848.
- SCHIFFER, Michael Brian (1983), «Toward the Identification of Formation Process», *American Antiquity*, vol. 48, nº 4, pp. 675-706.
- SCHIFFER, Michael Brian (1985), «Is There a 'Pompeii Premise' in Archaeology?», *Journal of Anthropological Research*, vol. 41, nº 1, pp. 18-41.
- SCHIFFER, Michael Brian (1987), *Formation process of the archaeological record*, Albuquerque, University of New Mexico Press, pp. 675-706.
- SCHIFFER, Michael Brian (1988), «The Structure of Archaeological Theory», *American Antiquity*, vol. 53, nº 3, pp. 461-485.
- SCHIFFER, Michael Brian, SKIBO, James M. (1987), «Theory and Experiment in the Study of Technological Change», *Current Anthropology*, vol. 28, nº 5, pp. 695-62.
- SCHIFFER, Michael Brian, SKIBO, James M. (2008), *People and Things, A Behavioral Approach to Material Culture*, New York, Springer.
- SCHLANGER, Sarah H.; WILSHUSEN, Richard H. (1996), «Local abandonments and regional conditions in North American Southwest» in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 191-195.
- SCHUBART, Hermanfrid (1965), «Atalaia: uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, vol. 22, pp. 7-136.

SCHUBART, Hermanfrid (1970), «Estatigrafia horizontal de Atalaia. Una contribución a la cronologia de la Edad del Bronce en el Sudoeste de la Península Ibérica», *XI Congresso Nacional de Arqueología*, pp. 396-414.

SCHUBART, Hermanfrid (1971), «La cerámica del Bronce Tardío del SO y sus paralelos en el Oeste y Sur de la Península», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 28, pp. 153-182.

SCHUBART, Hermanfrid (1974), «La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular, Distribución y definición», *Miscelánea arqueológica - XXV Aniversario de los Cursos Internacionales de Prehistoria y Arqueología en Ampurias (1947-1971)*, vol. 2, pp. 345-370.

SCHUBART, Hermanfrid (1975), *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen*, Berlin, Walter de Gruyter & Co.

SEMENOV, S. A. (1981), *Tecnología prehistórica, Estudio de las herramientas y objetos antiguos a través de las huellas de uso*, Madrid, Akal.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de (1996), «The Symbolism of Power in Central Portugal Late Bronze Age Communities», *Máthesis*, nº 5, pp. 163-175.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de (2002), «Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX», *Arqueologia & História, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 54., pp. 103-124.

SERRA, Miguel; PORFÍRIO, Eduardo; ORTIZ, Rafael (2008), «O Bronze Final no sul de Portugal: um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo», *Vipasca*, 2ª série, nº 2, pp. 153-162.

SERRA, Miguel; PORFÍRIO, Eduardo (no prelo), «O povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Mombaja, Beja), Balanço de 2 anos de investigação», *comunicação no 2º Encontro de Jovens Investigadores do CEAUCP-CAM, 9, 10 de Abril de 2010, Porto* (policopiado).

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1958), «Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos», *Zephyrus*, nº 9, pp. 177-186.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1970), «As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo», *Actas das I*

Jornadas Arqueológicas, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2, pp. 271-308.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher (1987), *Social Theory and Archaeology*, Albuquerque, University of New Mexico Press.

SHENNAN, Stephen J. (1994), «Archaeological approaches to cultural identity», in SHENNAN, Stephen J. (eds.), *Archaeological approaches to cultural identity*, London, Routledge.

SILVA, António Carlos (1999), «Salvamento Arqueológico no Guadiana», *Memórias d' Odiana: Estudos Arqueológicos do Alqueva*, nº 1, Beja, EDIA.

SILVA, António Carlos (2000), «Das Pedras do Xerez às novas terras da Luz», *Memórias d' Odiana: Estudos Arqueológicos do Alqueva*, nº 2, Beja, EDIA.

SILVA, António Carlos; BERROCAL-RANGEL, Luís (2005), «O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, nº 2, pp. 129-176.

SILVA, António Carlos; BERROCAL-RANGEL, Luís (2007), «O castro dos Ratinhos (Moura, Portugal), Um complexo no Bronze Final do Sudoeste Pensinsular» in BERROCAL-RANGEL, L.; MORET, P. (eds), *Paisajes Fortificados de la Edad de Hierro, Las murallas protohistóricas de la Meseta y la vertiente atlántica en su contexto europeo*, Madrid, Real Academia de la Casa de Velázquez, pp. 169-190.

SILVA, António Carlos; BERROCAL-RANGEL, Luís (2010), «O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura), Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007», *O Arqueólogo Português*, suplemento 6.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1978), «Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém)», *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, pp. 71-116.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1981), *Pré-História da Área de Sines, Trabalhos Arqueológicos de 1972-77*, Lisboa, Gabinete da Área de Sines.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1995), «O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do sudoeste peninsular» in AA.VV., *A Idade do Bronze em Portugal - Discursos de Poder*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 136-139.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2008), «A Ocupação da Idade do Bronze da Quinta da Fidalguia», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, nº 2, pp. 87-106.

SOARES, António M. Monge (1986), «O Povoado do Passo Alto: escavações de 1984», *Arquivo de Beja*, 2ª série, vol. III, pp. 89-100.

SOARES, António M. Monge (1994), «O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana, As necrópoles do concelho de Serpa», *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2, pp. 179-197.

SOARES, António M. Monge (1996), «Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa): Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos», *Vipasca*, nº 5, pp. 103-116.

SOARES, António M. Monge (2003), «O Passo Alto: uma fortificação única de Bronze Final do Sudoeste», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, nº 2, pp. 293-312.

SOARES, António M. Monge (2005), «Os povoados do Bronze final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 8, nº 1, pp. 111-145.

SOARES, António M. Monge; SANTOS, Filipe J. C.; DEWULF, Joke; DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia (2009), «Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – alguns dados», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº 17, pp. 433-456.

SOUSA, Vanessa (2007), *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos de emergência no sítio do Monte de Santo Adrião 8 (Beringel, Beja)*, (policopiado).

STANISLAWSKI, M, STANISLAWSKI, B. (1978), «Hopi and Hopi-Tewa ceramic tradition networks» in HODDER, Ian (ed.) (1978), *The spatial organization of culture*, Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, pp. 61-76.

STEIN, Julie K. (2001), «A review of site formation process and their relevance to geoarchaeology» in GOLDBERG, Paul; HOLLIDAY, Vance T.; FERRING, C. Reid (2001), *Earth Sciences and Archaeology*, New York, Kluwer Academic/Plenum, pp. 37-51.

TARRADELL, Miquel (1965), «El problema de las diversas áreas culturales de la Peninsula Iberica en la Edad del Bronce», *Miscélanea en Homenaje al Abade Henri Breuil*, vol. 2, Barcelona, pp. 423-430.

TEIXEIRA, Carlos (1981), *Geologia de Portugal, Precâmbrico e Paleozóico*, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

TILLEY, Christopher (1990), «Michel Foucault: Towards an Archaeology of Archaeology» in TILLEY, Christopher (ed.) (1990), *Reading material culture, Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism*, Oxford, Blackwell.

TIXIER, Jacques; INIZIAN, Marie-Louise; ROCHE, Hélène (1980), *Préhistoire de la Pierre Taillée, Terminologie et Technologie*, vol. I, Valbone, Centre des Recherches et d'Études Préhistoriques.

TOMKA, Steve A.; STEVENSON, Marc G. (1996), «Understanding abandonment process: summary and remaining concerns», in CAMERON, Catherine M.; TOMKA, Steve A. (eds.), *Abandonment of settlements and regions, Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 191-195.

TORRES, Cláudio; GOMÉZ, Susana; FERREIRA, Manuela Barros (2003), «Os nomes da cerâmica medieval, Inventário de termos», *Actas 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela, Câmara Municipal.

TORRES ORTIZ, Mariano (2002), *Tartessos*, Madrid, Real Academia de la Historia.

TRIGGER, Bruce (2006), *A History of Archaeological Thought*, New York, Cambridge University Press.

VALERA, António (2002), «Pré-História Recente da Margem Esquerda do Guadiana: bloco 5», *Al-Madan*, 2ª série, nº 11, pp. 117-121.

VALERA, António; FILIPE, Victor (2010), «Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de sociabilização, do Neolítico Final à Idade do Bronze», *Apontamentos de Arqueologia e Património*, nº 5, pp. 49-56.

VALÉRIO, Miguel (2011), *A presença meso-assíria no Médio Eufrates: o contributo da cerâmica de Tall Qabr Abū al-'Atīq (Deir ez-Zor, Siria)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

VALÉRIO, Pedro; SILVA, Rui J. C.; SOARES, António M. Monge; ARAÚJO, M^a Fátima; FERNANDES, F.M. Braz; GREGÓRIO, André; REBELO, Paulo; NETO, Nuno; SANTOS, Raquel; FONTES, Tiago (2009), «The Beginning of Bronze Metallurgy in Southern Portugal – Preliminary results from Entre Águas 5 (Serpa)», Poster apresentado no congresso Archaeometallurgy: technological, economic, and social perspective in Late Prehistoric Europe (Madrid, 25-27 Novembro 2009).

VALÉRIO, Pedro; SOARES, António M. Monge; SILVA, Rui J. C.; ARAÚJO, Maria Fátima; REBELO, Paulo; NETO, Nuno; SANTOS, Raquel; FONTES, Tiago (prelo), «Bronze production in Southwestern Iberia Peninsula – A Late Bronze Age metallurgical workshop at Entre Águas 5 (Portugal)» (policopiado).

VASCONCELLOS, José Leite de (1897), *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELLOS, José Leite de (1906), «Estudos sobre a época do bronze em Portugal», *O Archeologo Português*, 1^a série, vol. XI, n^o 5 a 8, pp. 179-189.

VASCONCELLOS, José Leite de (1927-1929), «Antiguidades do Alentejo», *O Archeologo Português*, 1^a série, vol. XXVIII, pp. 158-200.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1880), *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (1891), *Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Pré-Históricos Lisboa*, vol. III-IV, Imprensa Nacional.

VIANA, Abel (1947), «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, 1^a série, vol. IV, pp. 3-39.

VILAÇA, Raquel (1995), «Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze», *Trabalhos de Arqueologia*, n^o 9, Lisboa, IPPAR, 2 Vols.

VILAÇA, Raquel (2006), «Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português, Novos contributos e reavaliação dos dados», *Complutum*, vol. XVII, pp. 81-101.

VILA I MITJÁ, Assumpció (1981), «Prólogo» in SEMENOV, S. A. (1981), *Tecnología prehistórica, Estudio de las herramientas y objetos antiguos a través de las huellas de uso*, Madrid, Akal, pp. I-IV.

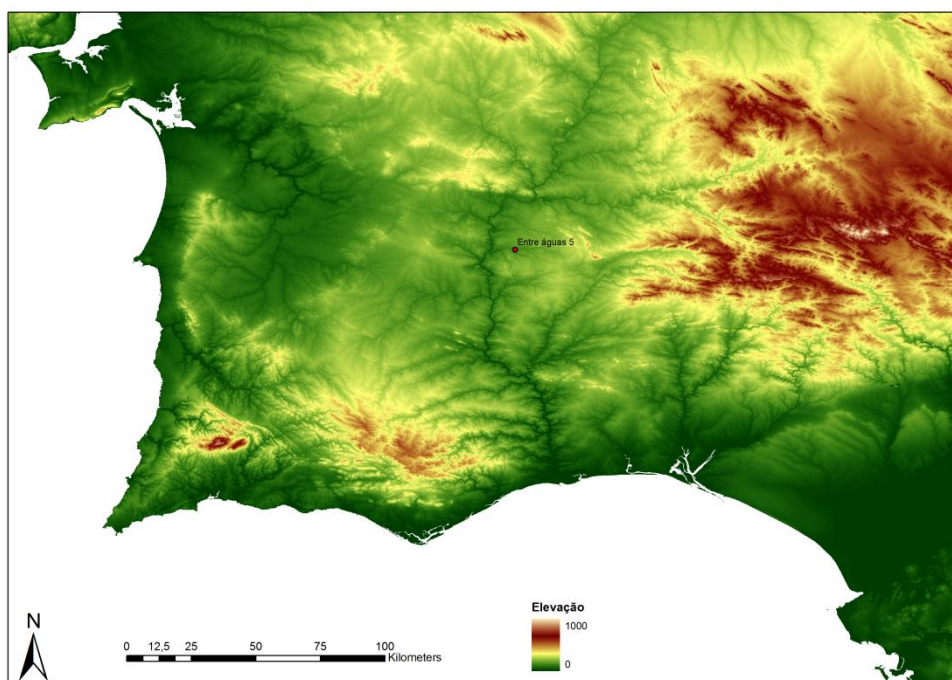
ZILHÃO, João (1997), *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, Lisboa, Colibri.

LISTA DE TABELAS

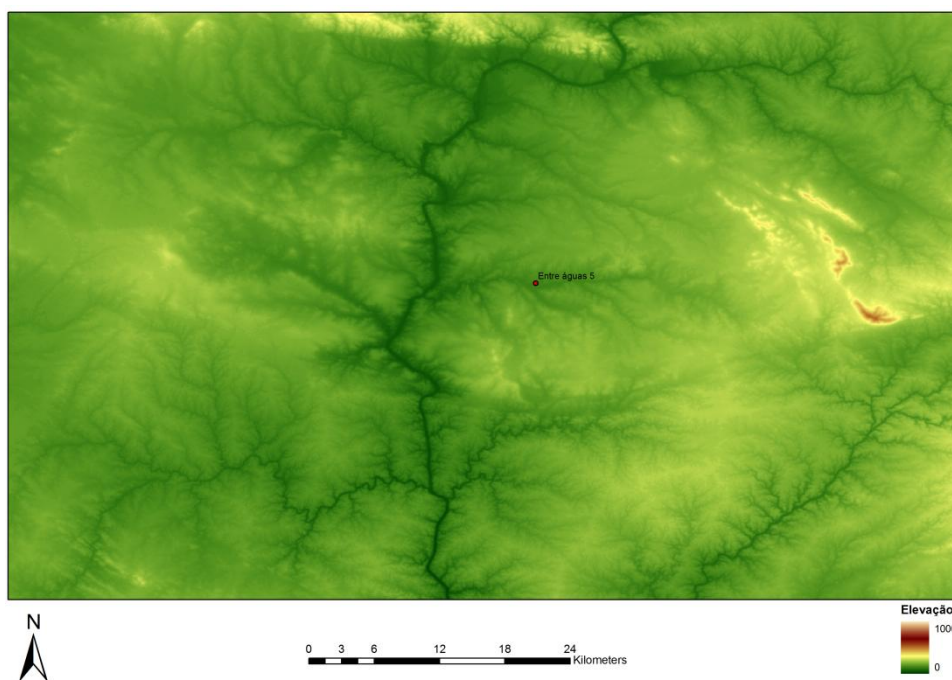
Tab. VI.1 – Inventário geral da indústria de pedra lascada da estrutura [204]	87
Tab. VIII.1 – Datas de Radiocarbono para contextos de Entre-Águas 5.....	100

APÊNDICES

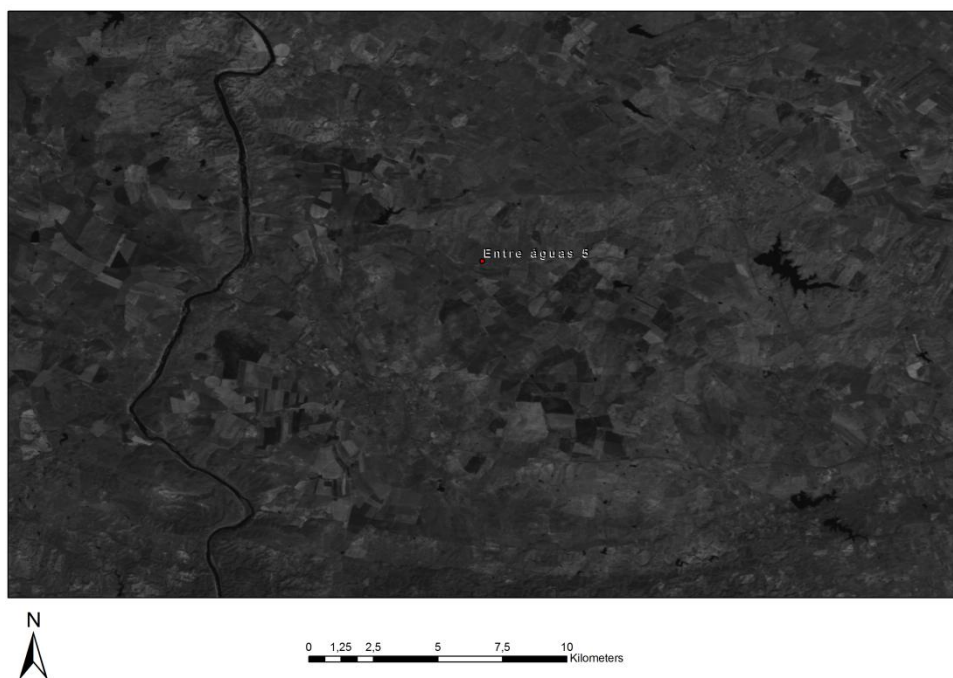
APÊNDICE A: MAPAS



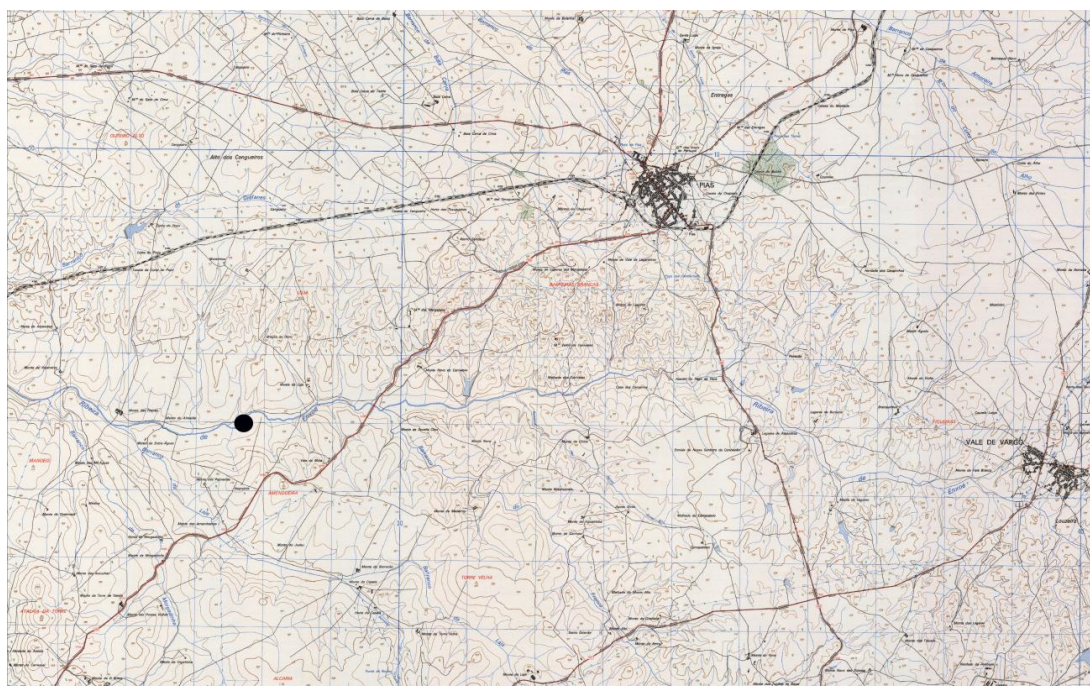
Mapa A.1 – Localização do sítio de Entre Águas 5, enquadrado na margem esquerda do Guadiana (autoria de Leandro Infantini).



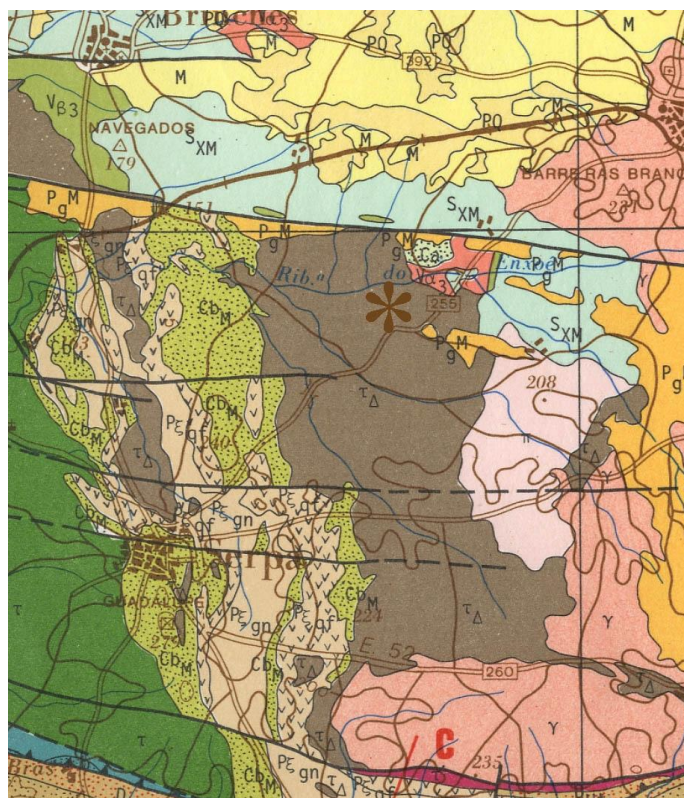
Mapa A.2 – Localização do sítio de Entre Águas 5, enquadrado nas margens do Guadiana, no espaço compreendido entre a Ribeira de Cuncos e a foz do Rio Chança (autoria de Leandro Infantini).



Mapa A.3 – Localização em pormenor do sítio de Entre Águas 5 (autoria de Leandro Infantini).



Mapa A.4 – Localização em pormenor da folha nº 523 da Carta Militar de Portugal, com a sinalização do sítio de Entre Águas 5.



Mapa A.5 – Localização de Entre Águas 5 na Carta Geológica de Portugal, Escala 1:200 000, folha 8.

APÊNDICE B: FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO E SEUS PARALELOS



Fig. B.1 – Vista da paisagem na qual se enquadra o sítio de Entre Águas 5 (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.2 – Estrutura [204] vista de Sul (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.3 – Alinhamento de fossas, sector 2 (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.4 – Sector 3, sondagem VIII, estrutura [800-817] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.5 – Sector 3, Sondagem X, plano final (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).

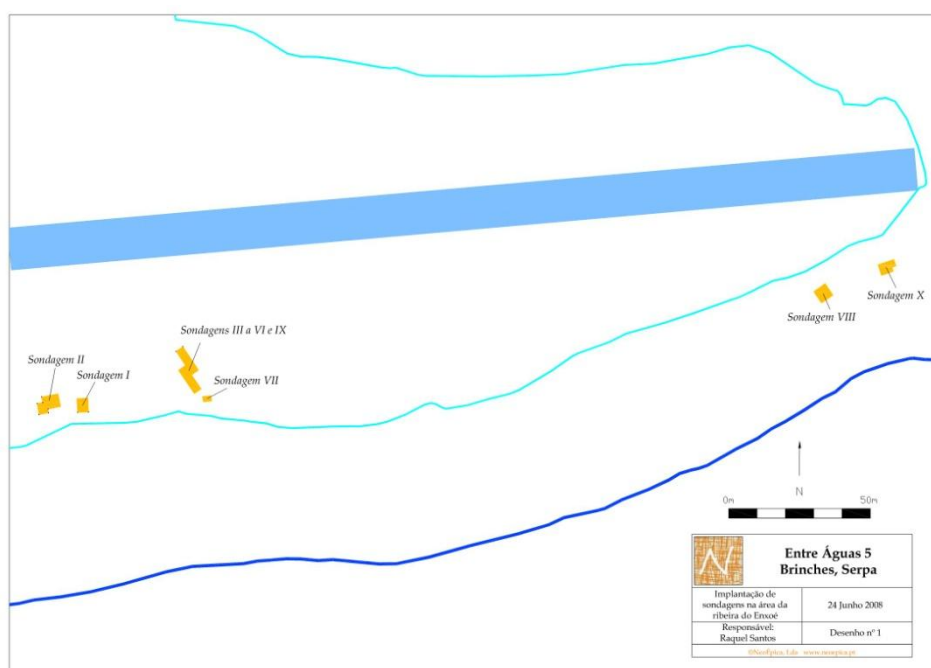


Fig. B.6 – Enquadramento das sondagens (autoria de Raquel Santos, 2008).

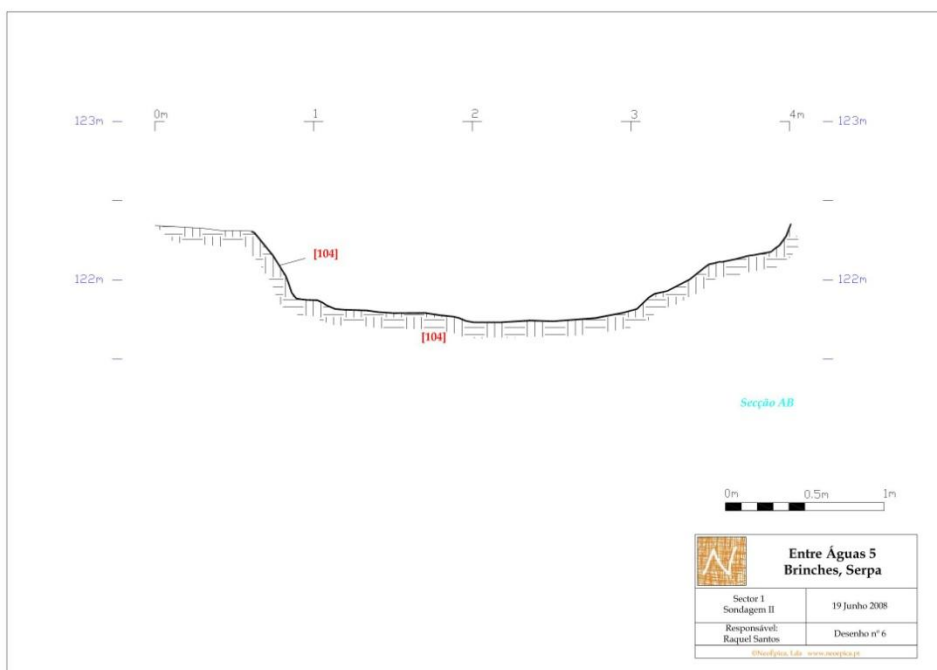


Fig. B.7 – Sondagem I, perfil do substrato natural (autoria de Raquel Santos, 2008).

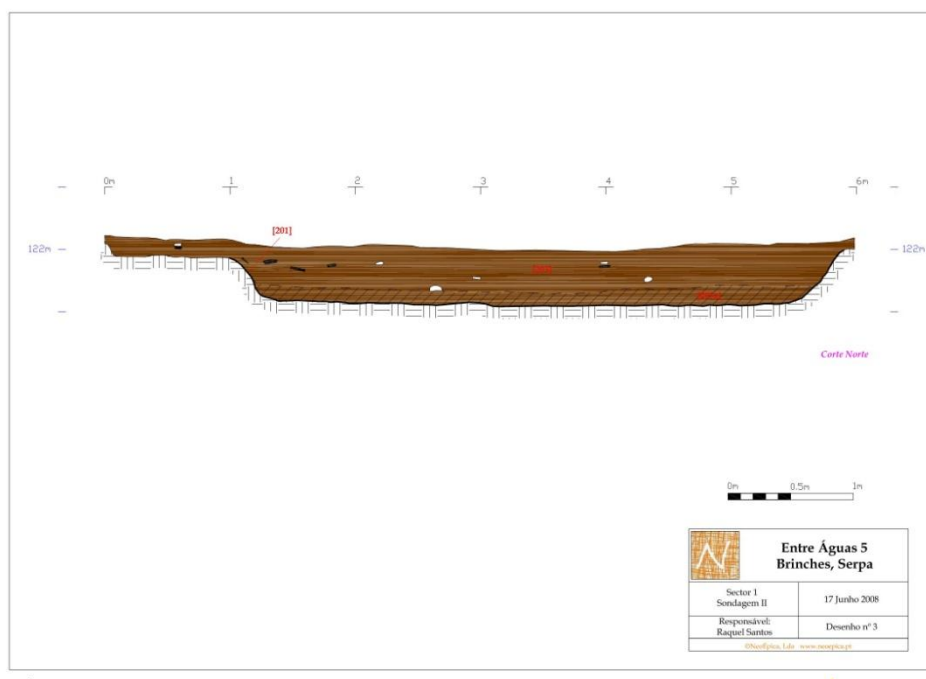


Fig. B.8 – Sondagem II, corte Norte (autoria de Raquel Santos, 2008).

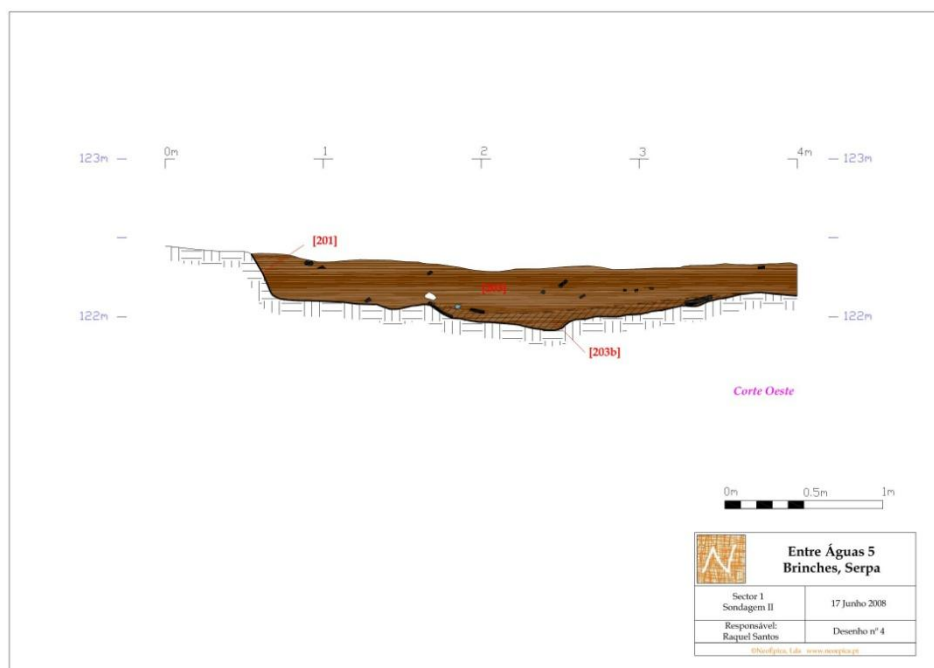


Fig. B.9 – Sondagem II, corte Oeste (autoria de Raquel Santos, 2008).

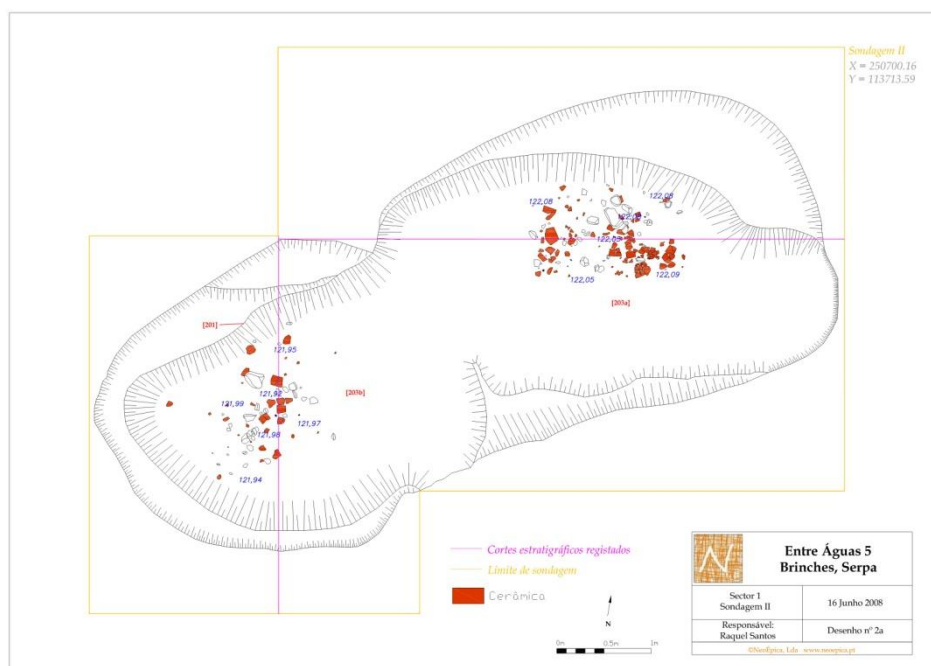


Fig. B.10 – Plano da estrutura [204] com a implantação dos conjuntos [203A] e [203B] (autoria de Raquel Santos, 2008).

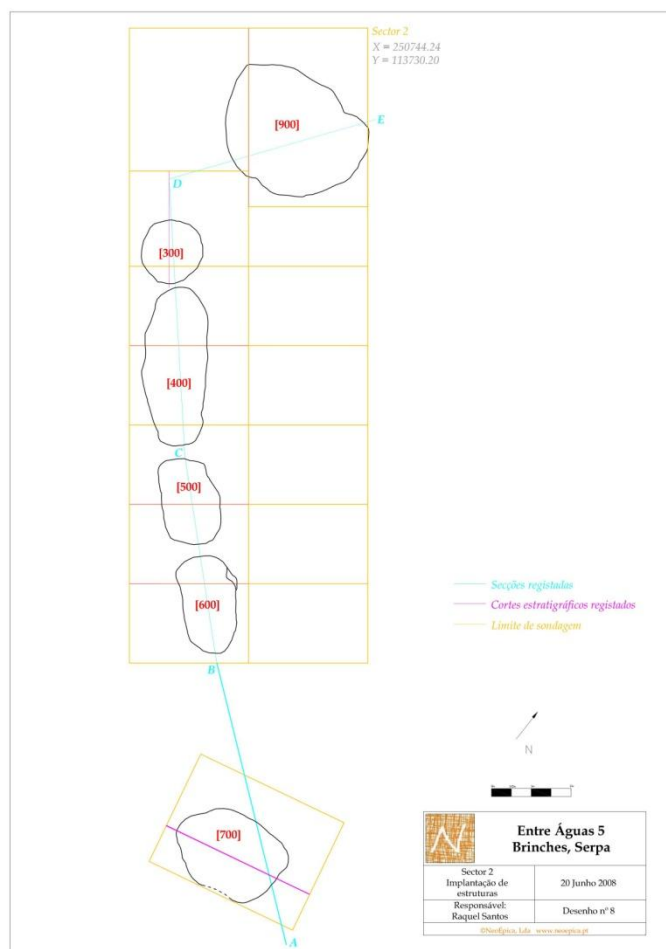


Fig. B.11 – Plano geral do sector 2 e do alinhamento de fossas (autoria de Raquel Santos, 2008).



Fig. B.12 – Sondagem III, estrutura [300] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).

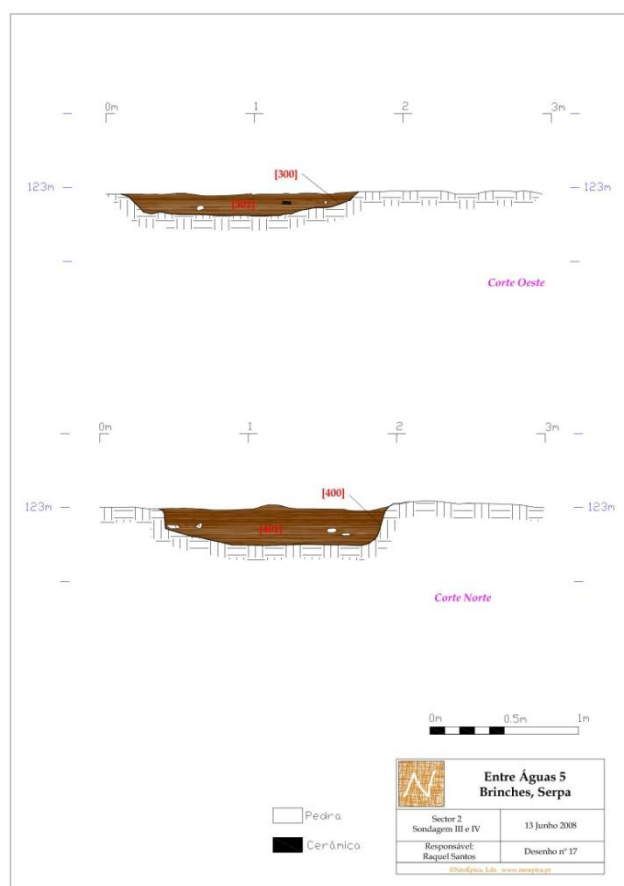


Fig. B.13 – Corte Oeste da Sondagem III e corte Norte da Sondagem IV (autoria de Raquel Santos, 2008).



Fig. B.14 – Sondagem IV, estrutura [400] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.15 – Sondagem V, estrutura [500] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda, 2008).

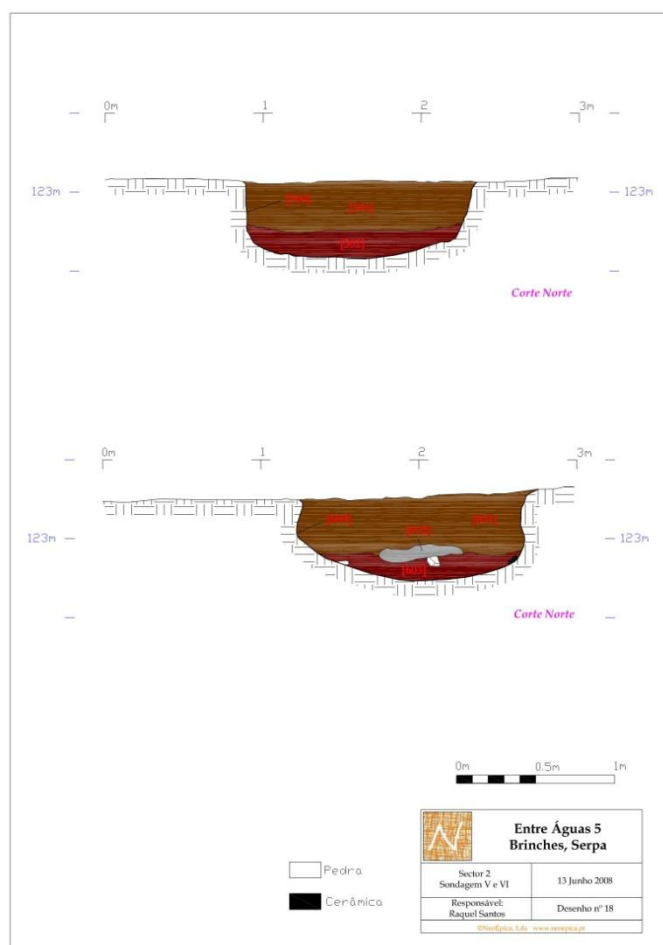


Fig. B.16 – Corte Norte da Sondagem IV e corte Norte da Sondagem VI (autoria de Raquel Santos, 2008).



Fig. B.17 – Sondagem VI, estrutura [600] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).



Fig. B.18 – Sondagem VII, estrutura [700] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).

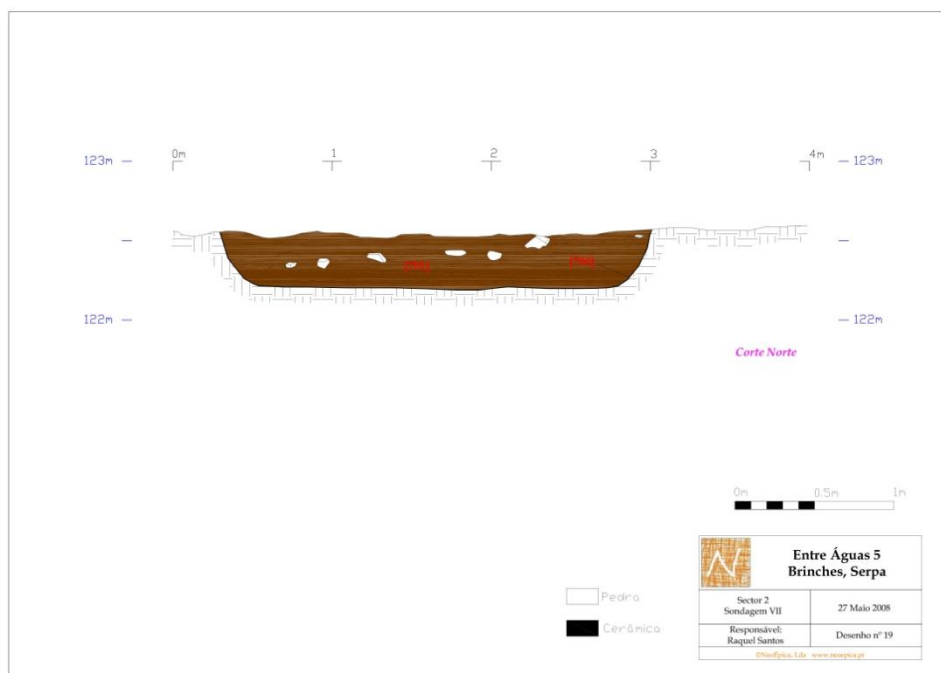


Fig. B.19 – Sondagem VII, corte Norte (autoria de Raquel Santos, 2008).

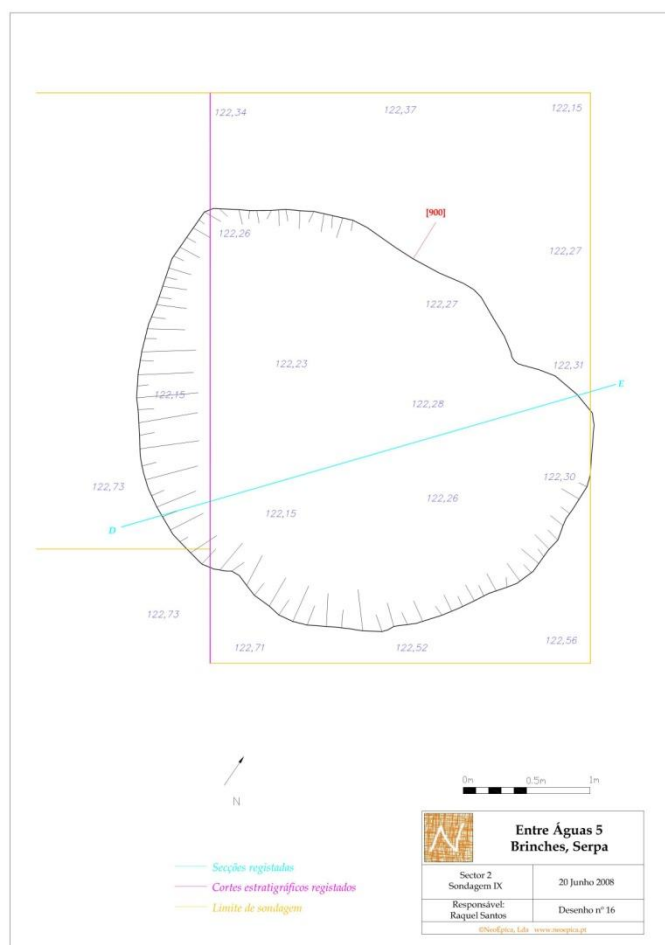
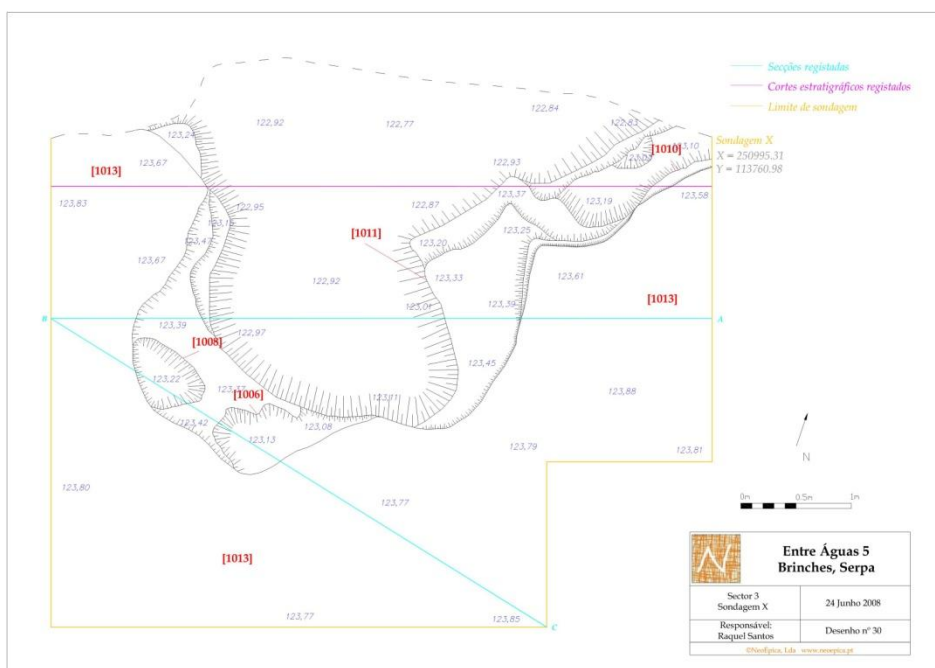
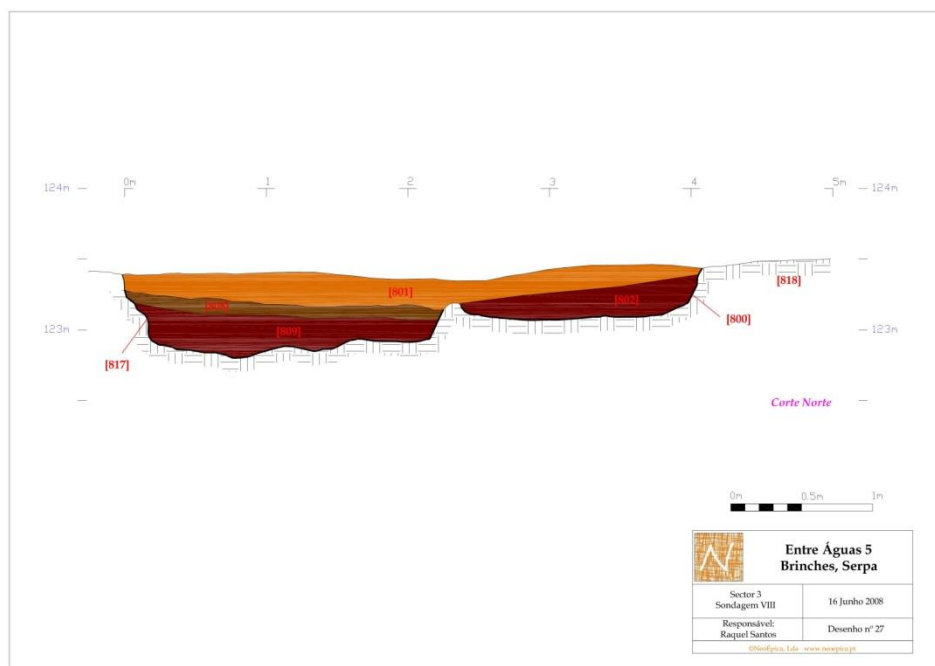


Fig. B.20 – Sondagem IX, estrutura [900] (autoria de Raquel Santos, 2008).



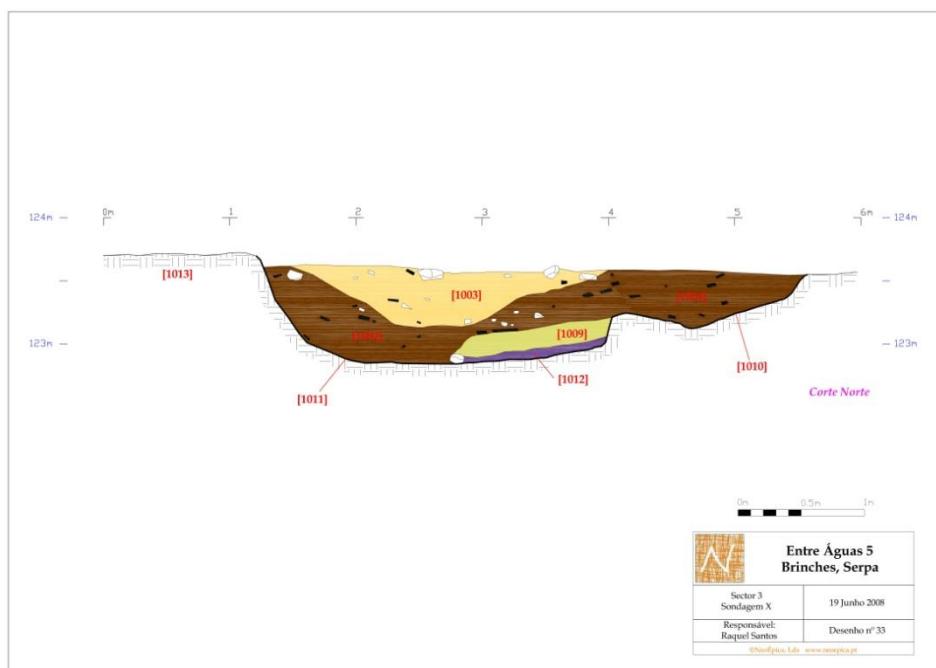


Fig. B.25 – Sondagem X, corte Norte (autoria de Raquel Santos, 2008).



Fig. B.26 – Sondagem II, pormenor do balcão da estrutura [204] (fotografia da equipa da Neoépica, Lda., 2008).

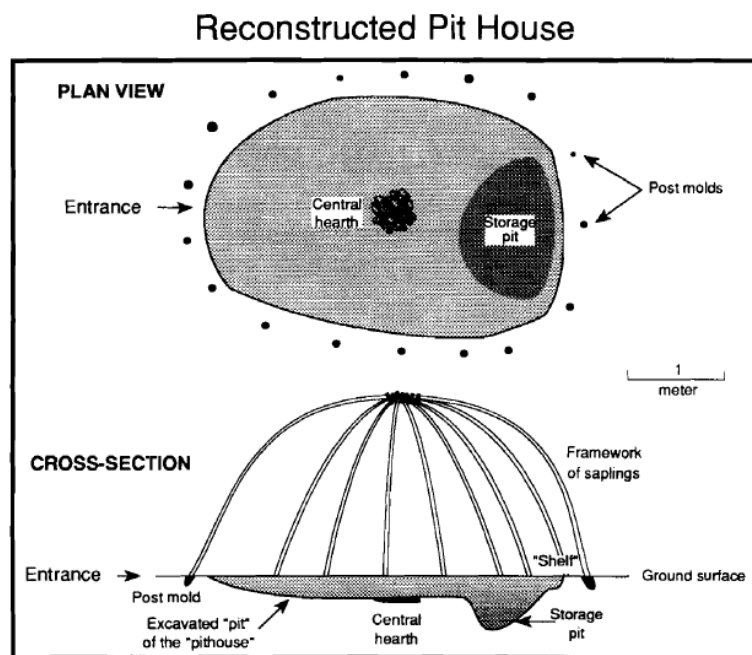


Fig. B.27 - Reconstrução de uma *pithouse* de Wrangle Hill Site, Delaware, EUA (fonte: Custer *et alii*, 1995, fig. 12).



Fig. B.28 – Localização do sítio de Entre Águas com leito da ribeira cheio (autoria: João Barreto).



Fig. B.29 – Plano final do fundo de cabana Norte de Salsa 3 (Fonte: Deus, Antunes e Soares, 2009).



Fig. B.30 – Plano final do fundo de cabana Sul de Salsa 3 (Fonte: Deus, Antunes e Soares, 2009).



Fig. B.31 – Estrutura circular de combustão na sondagem II (autoria da equipa da Neoépica, Lda.).

APÊNDICE C: FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO

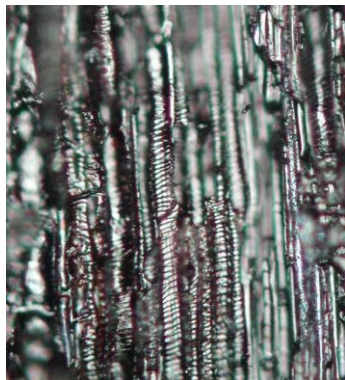


Fig. C. 1 – Secção radial com espessamentos espiralados de *Arbutus Unedo* (Medronheiro) (autoria: Paula Queiroz, 2011).

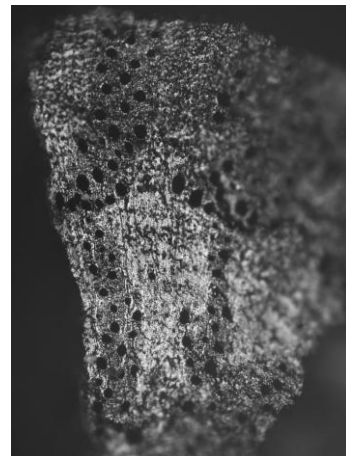


Fig. C. 2 – Secção transversal com padrões de porosidade de *Quercus Suber* (Sobreiro) (autoria: Paula Queiroz, 2011).

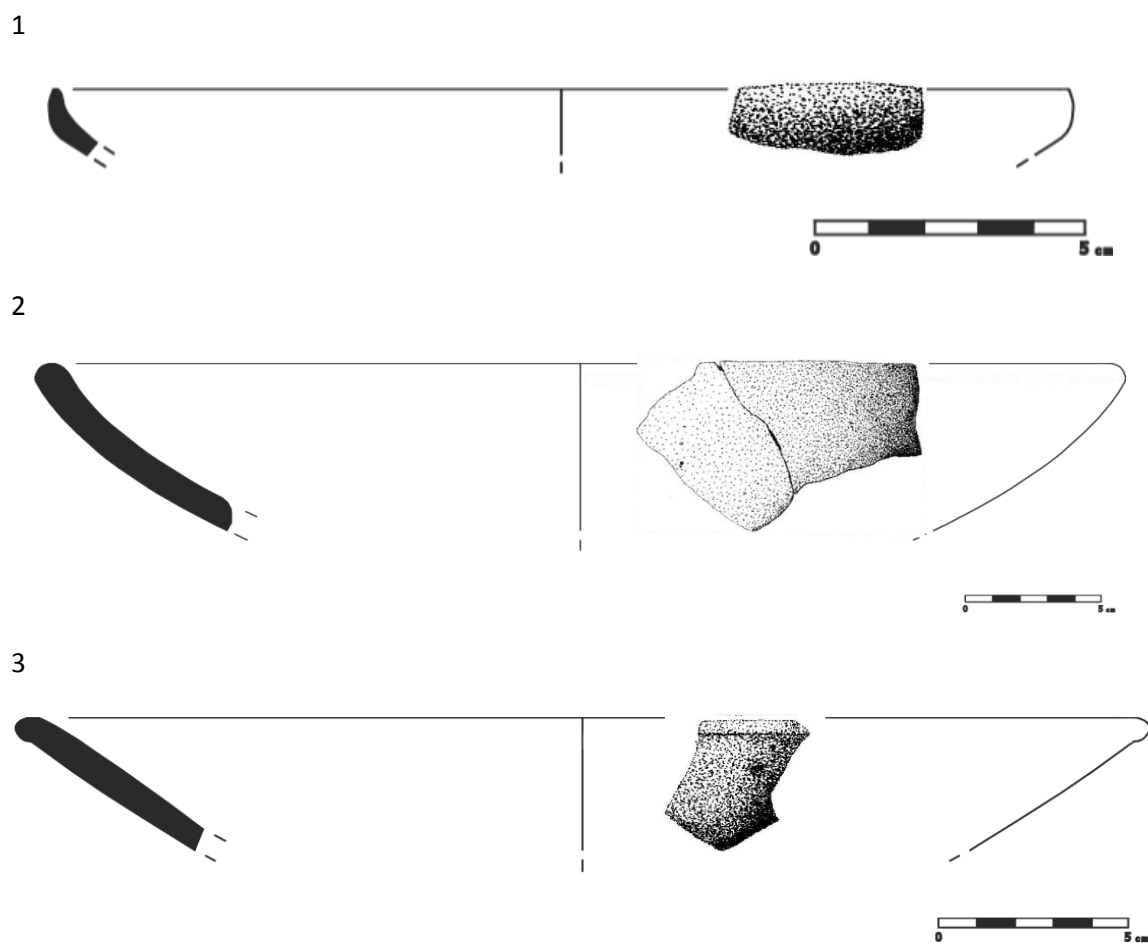
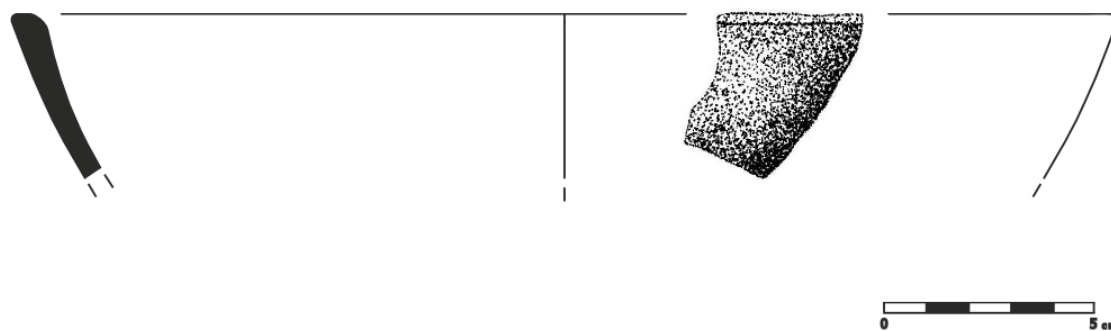
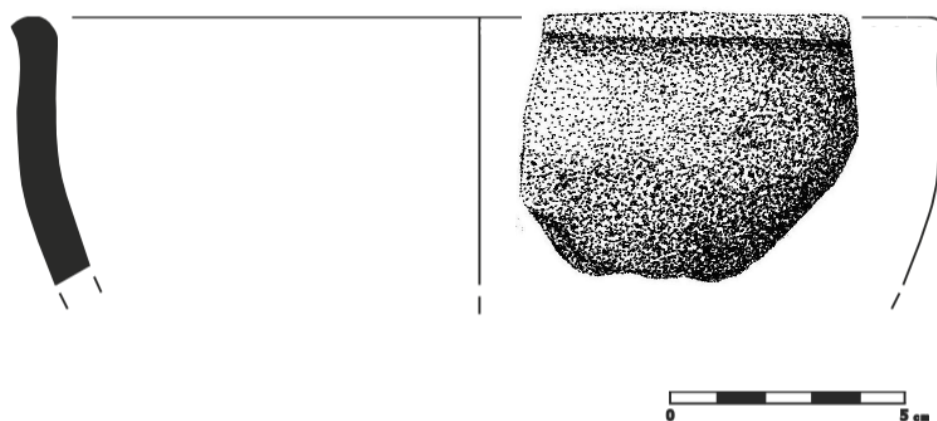


Fig. C.3 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 1.1.

1



2



3

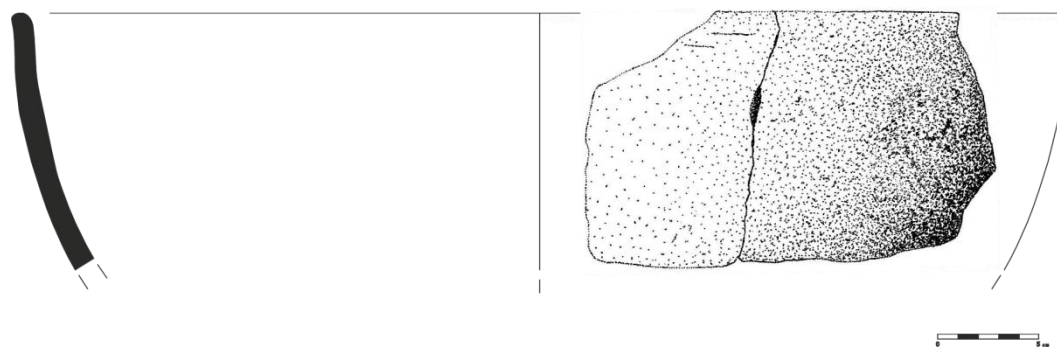
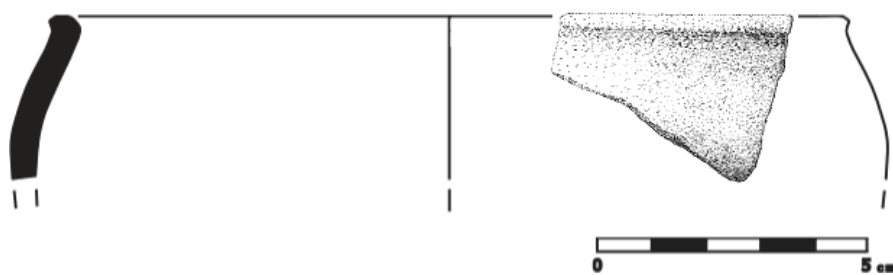
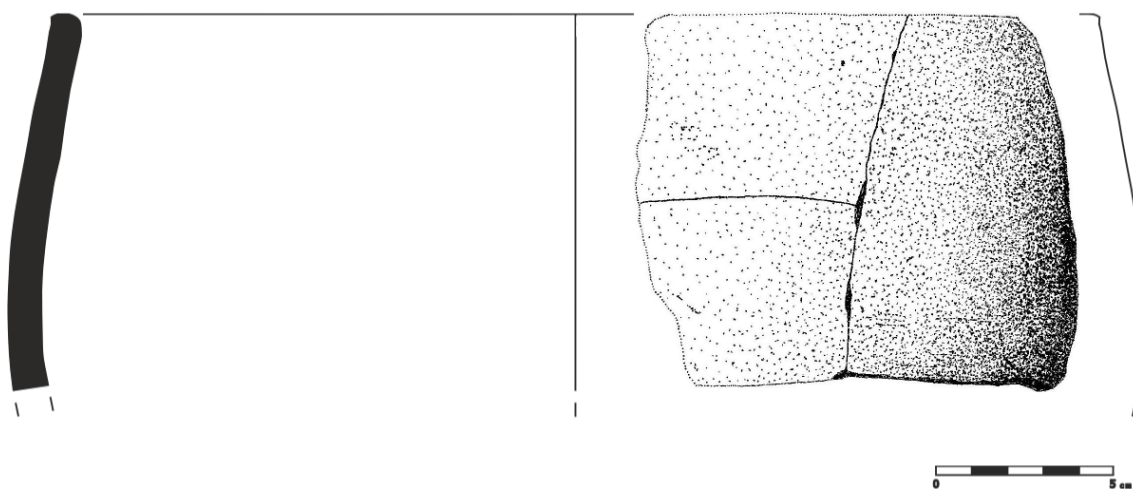


Fig. C.4 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 1.2.

1



2



3

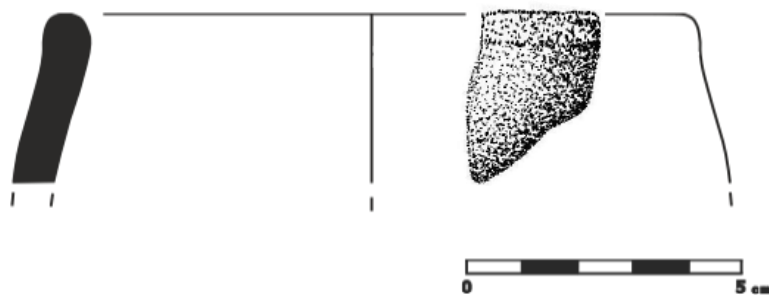
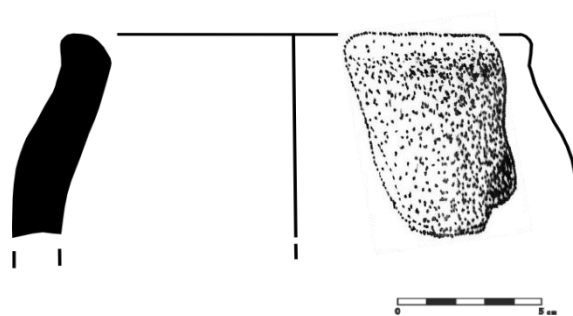
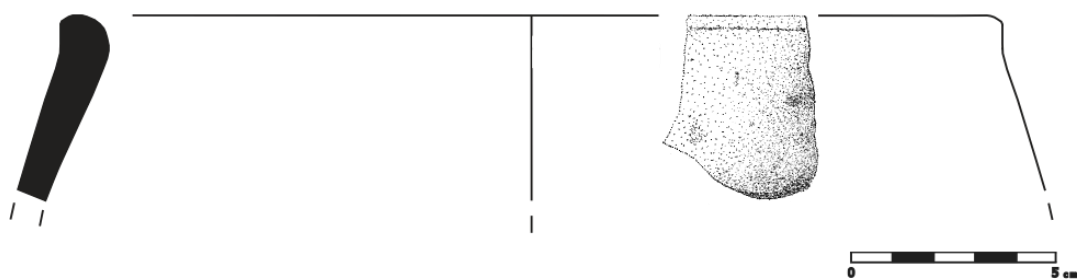


Fig. C.5 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 2.1.

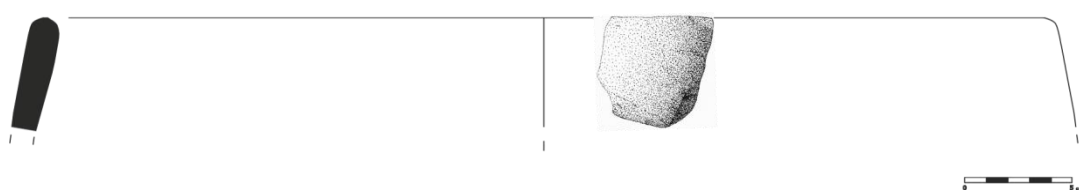
1



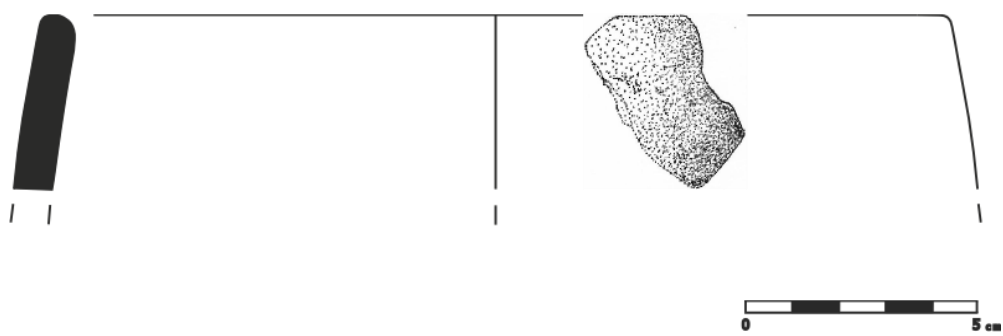
2



3



4

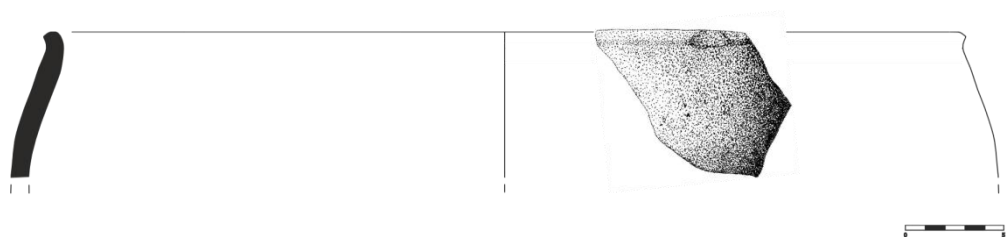


5

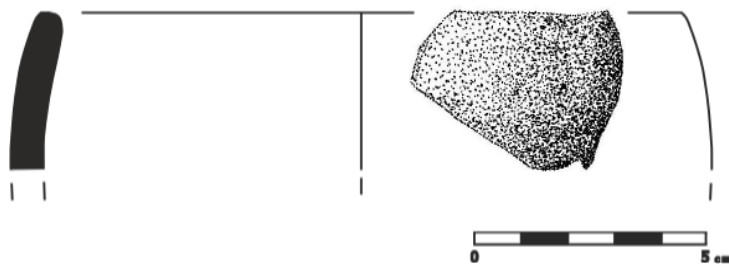


Fig. C.6 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 2.1.

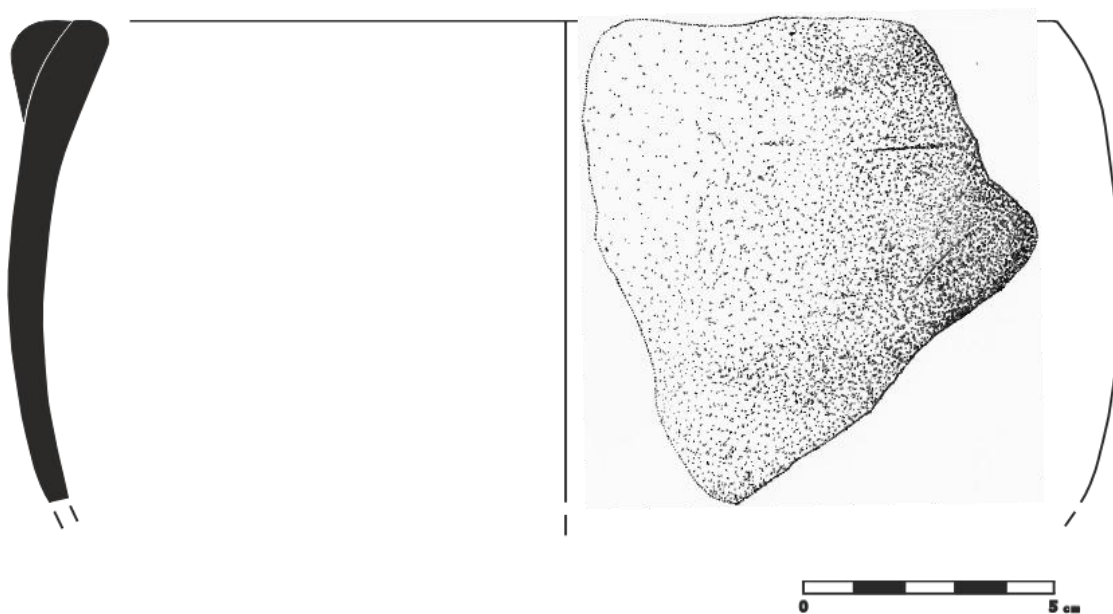
1



2



3



4

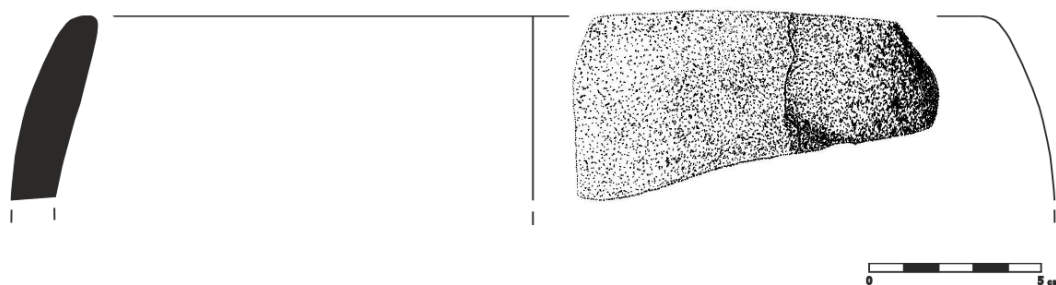
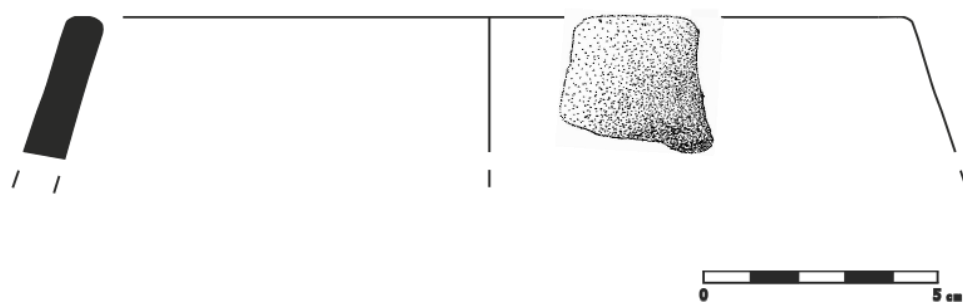
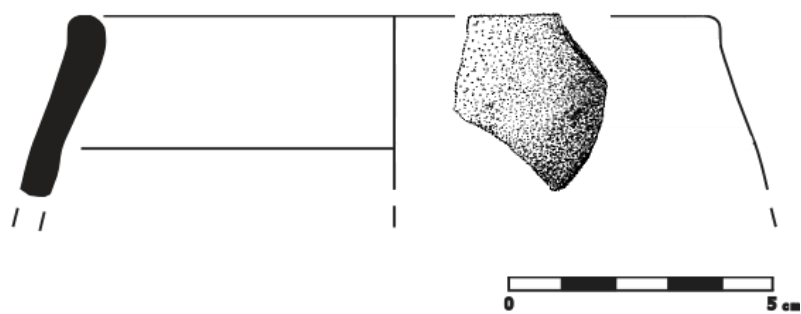


Fig. C.7 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 2.1.

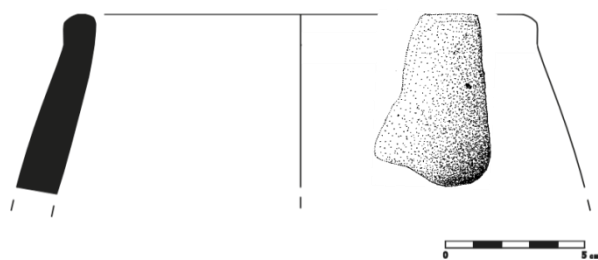
1



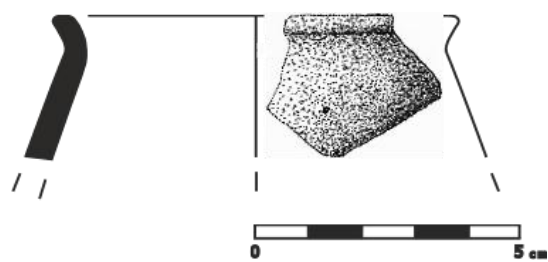
2



3



4



5

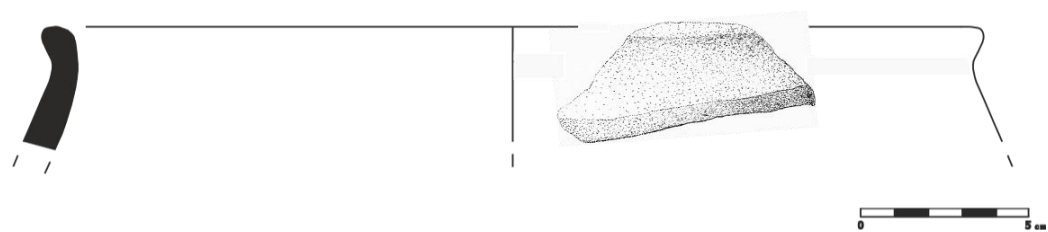
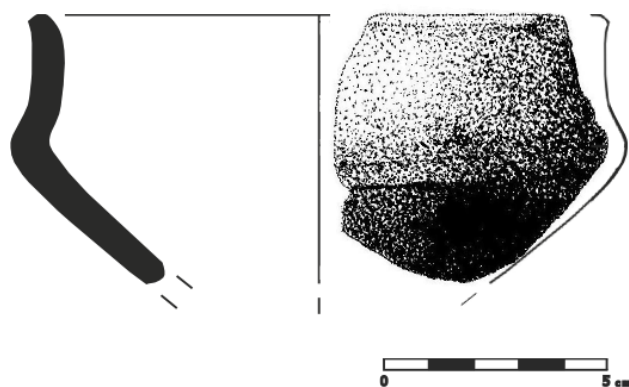


Fig. C.8 – Recipientes cerâmicos: sub-tipo 2.2.

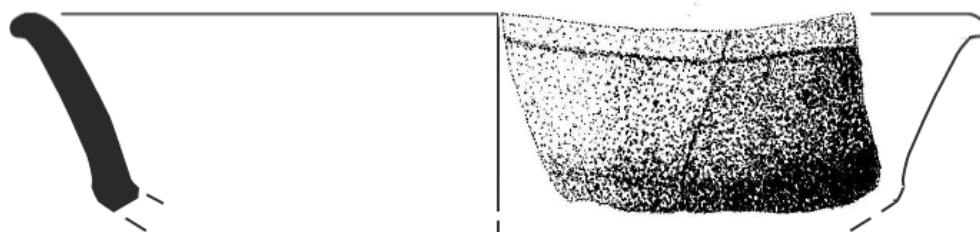
1



2



3



4

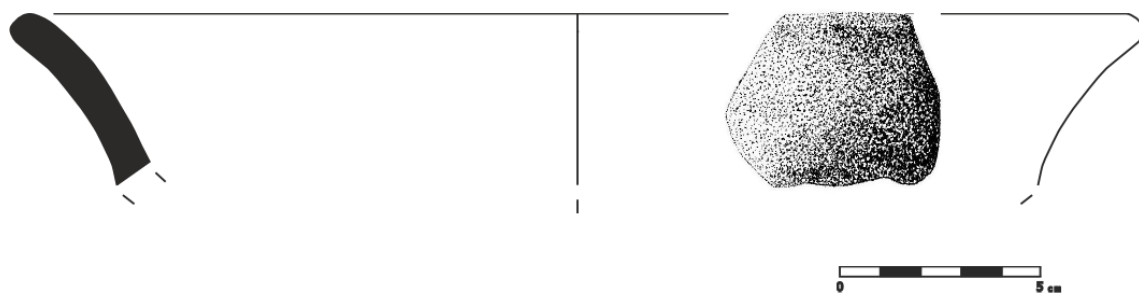


Fig. C.9 – Recipientes cerâmicos: tipo 3.

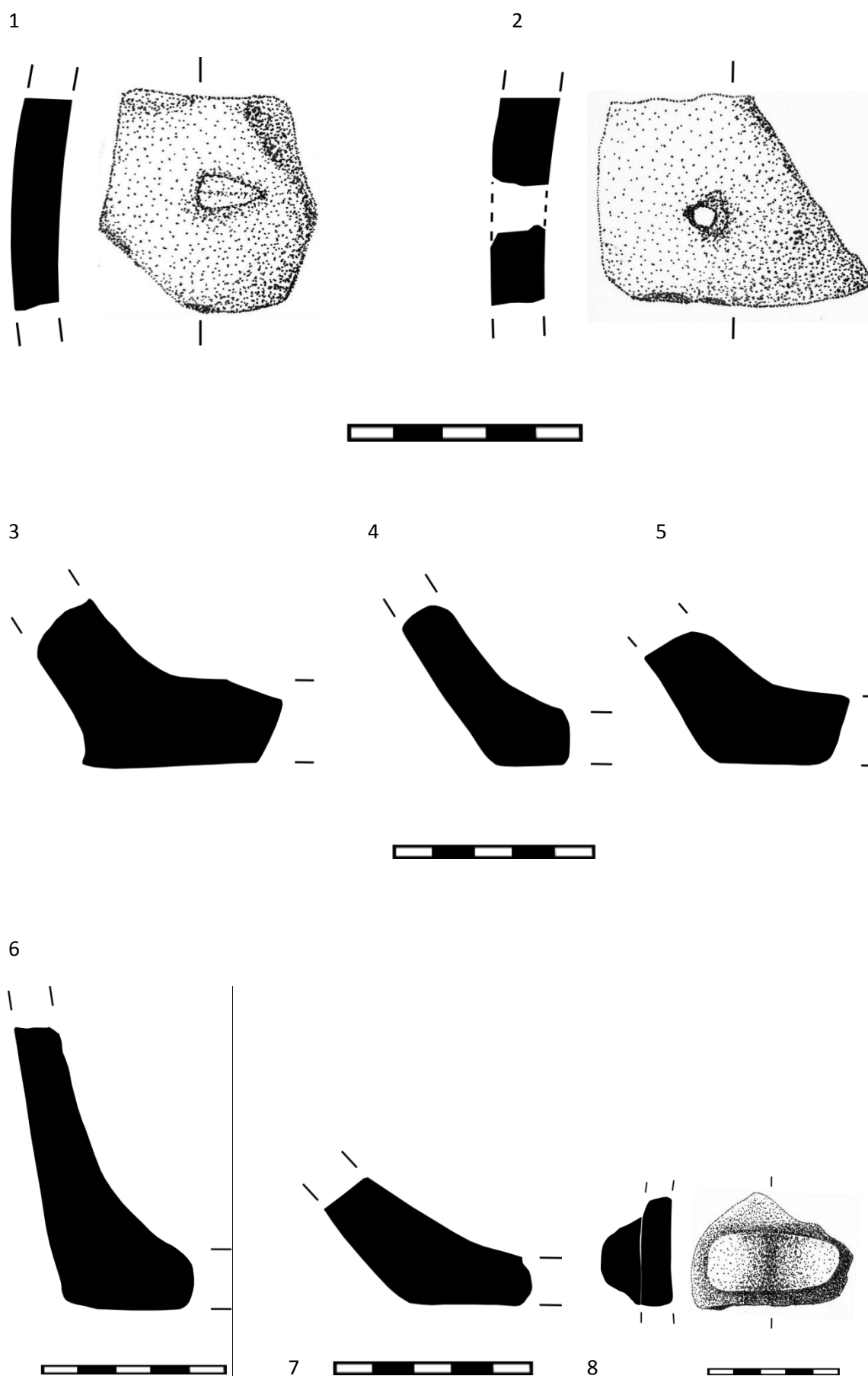


Fig. C.10 – Bojos, fundos e pegas em cerâmica.

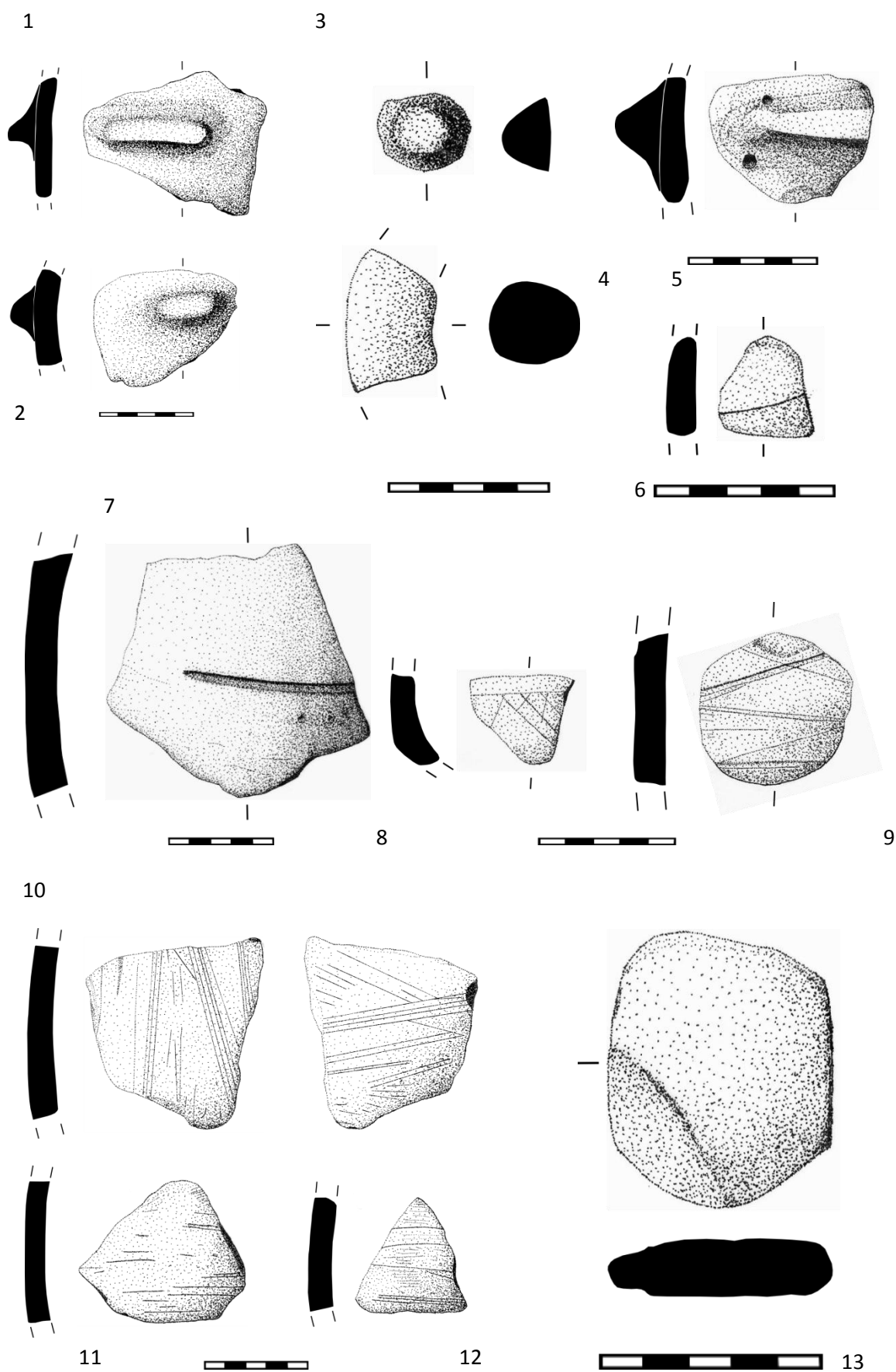


Fig. C.11 – Elementos de preensão, «disco» e bojos «cepillados», com incisões e decorados com ornatos brunidos.

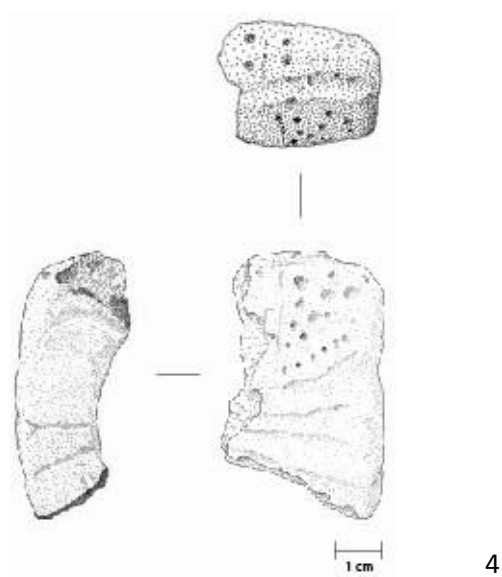
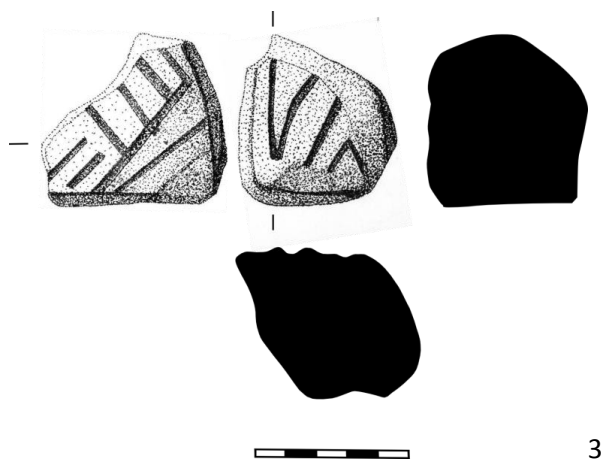
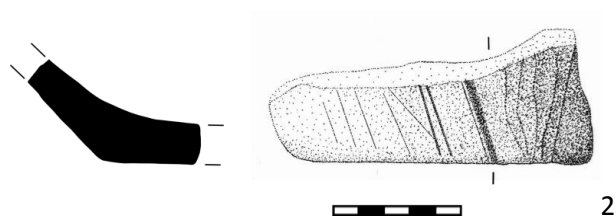
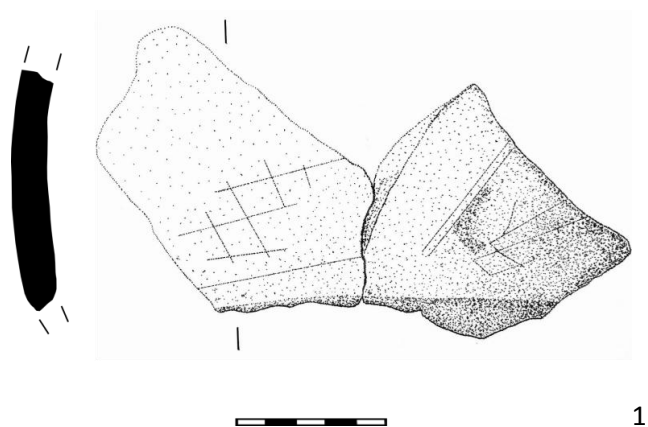
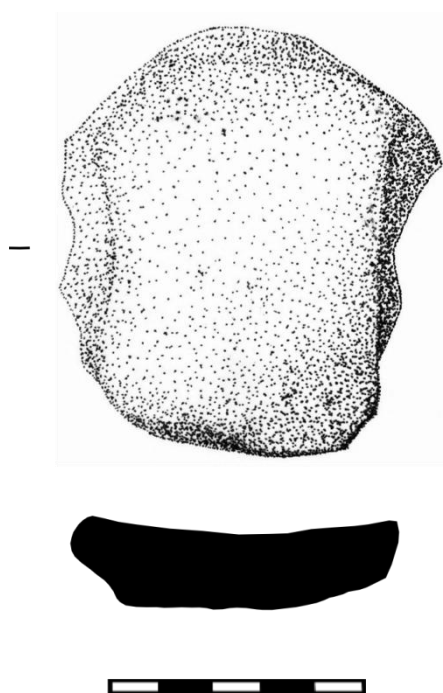
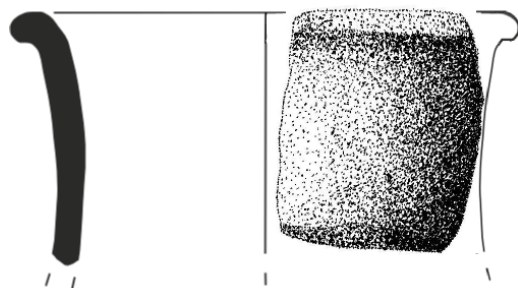
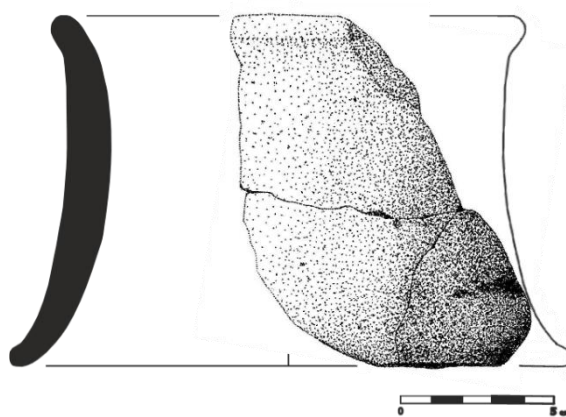


Fig. C.12 – Cerâmica de ornatos brunidos e peças quadrangulares (peça nº 4 autoria de Sara Brito, 2011).

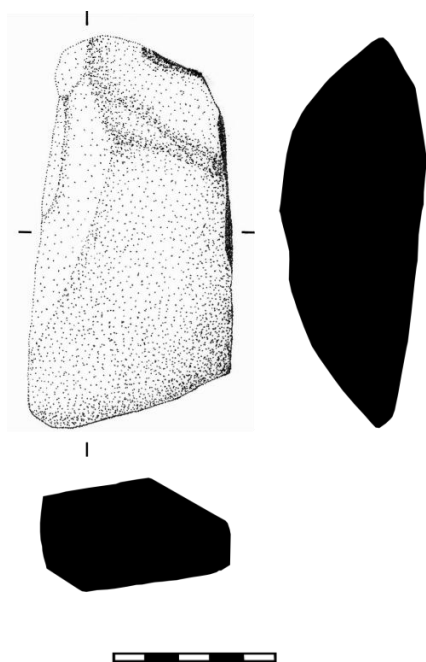
1



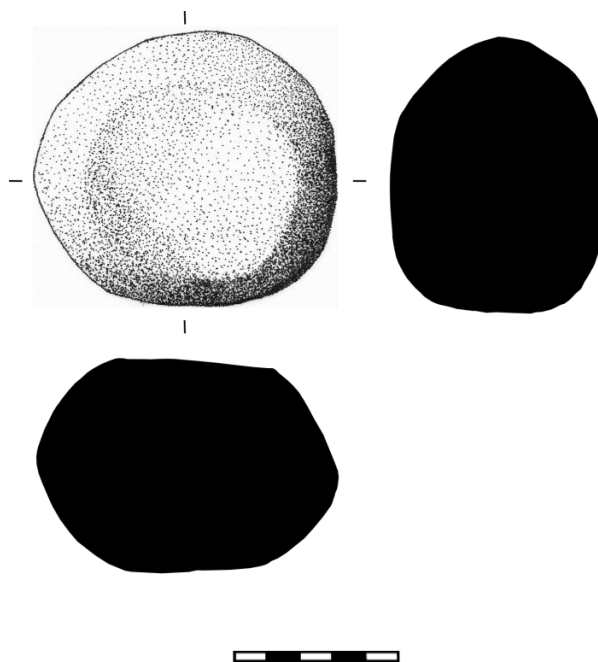
2



3



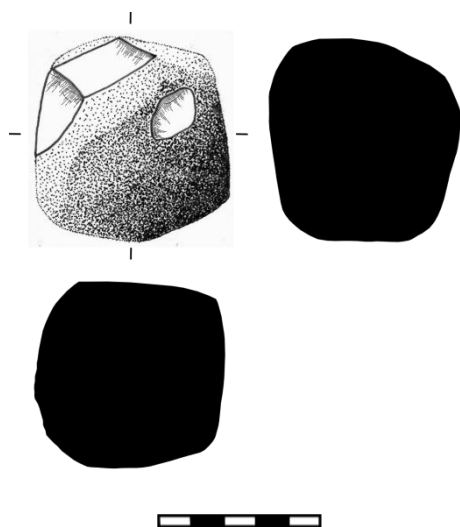
4



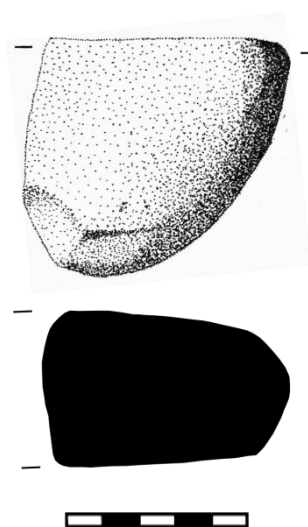
5

Fig. C.13 – «Disco», suportes, machado e percutor.

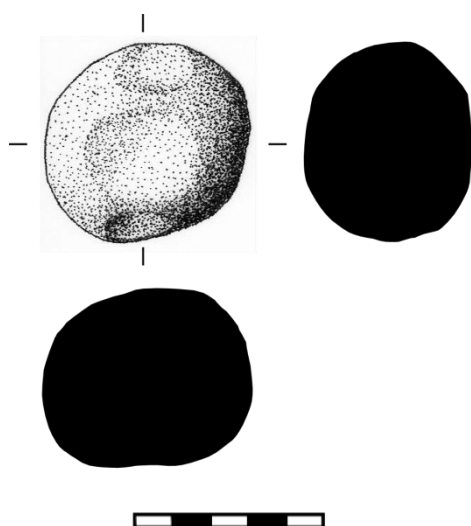
1



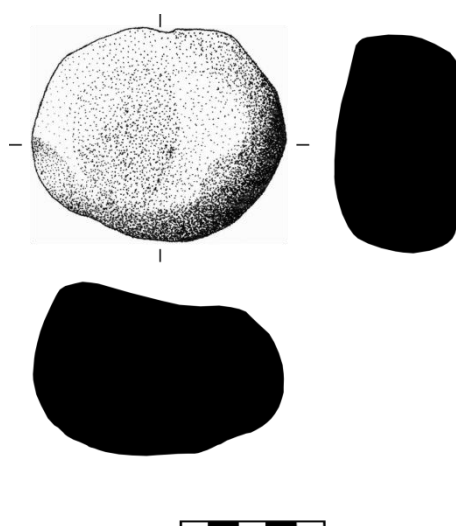
2



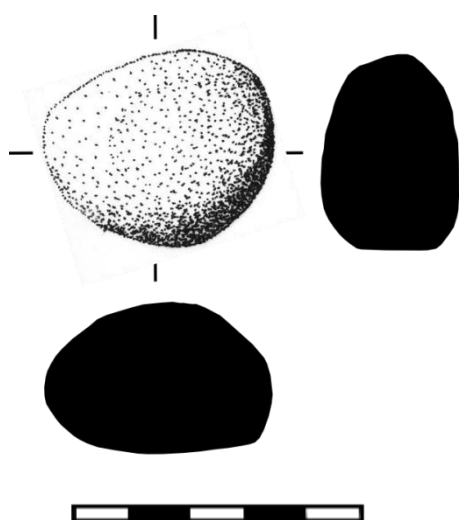
3



4



5



6

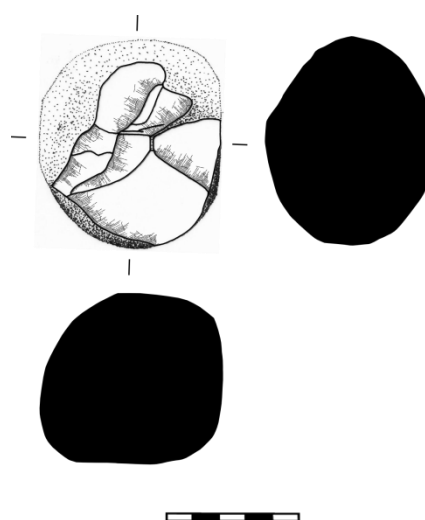


Fig. C.14 – Pedra afeiçãoada.



Fig. C.15 – Percutor (EA5/08.[200].332).



Fig. C.16 – Percutor (EA5/08.[200].332).



Fig. C.17 – Percutor (EA5/08.[200].332).



Fig. C.18 – Percutor (EA/08.[202-3].492).



Fig. C.19 – Percutor (EA/08.[202-2].448a).



Fig. C.20 – Percutor (EA/08.[202-2].456a).



Fig. C.21 – Percutor (EA/08.[202-2].448C).



Fig. C.22 – Percutor (EA/08.[202-4].566).



Fig. C.23 – Movente (EA/08.[202-2].379).



Fig. C.24 – Polidor (EA/08.[203A].669A).

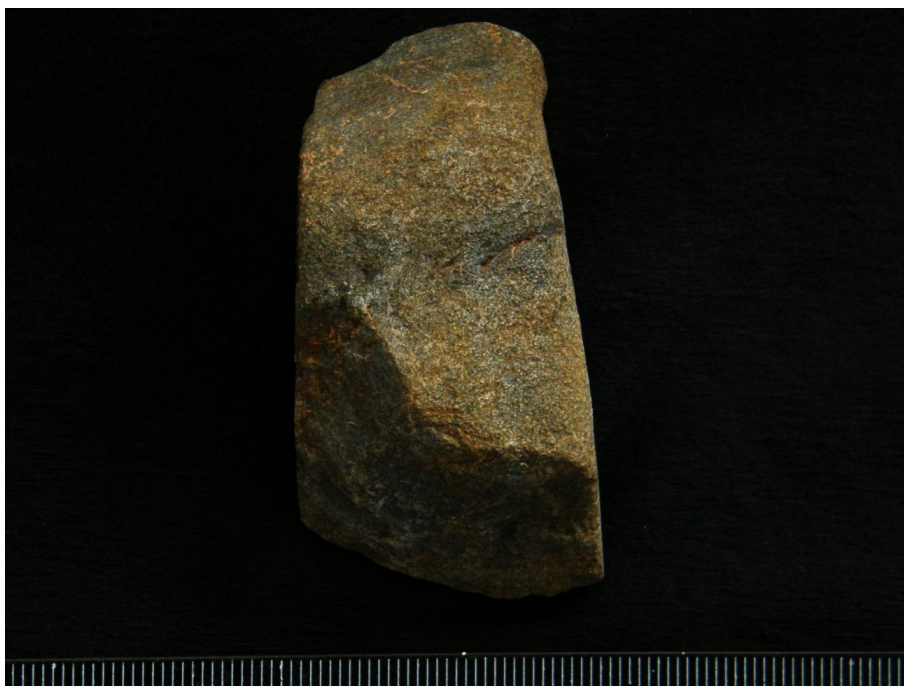


Fig. C.25 – Machado (EA/08.[203].615).

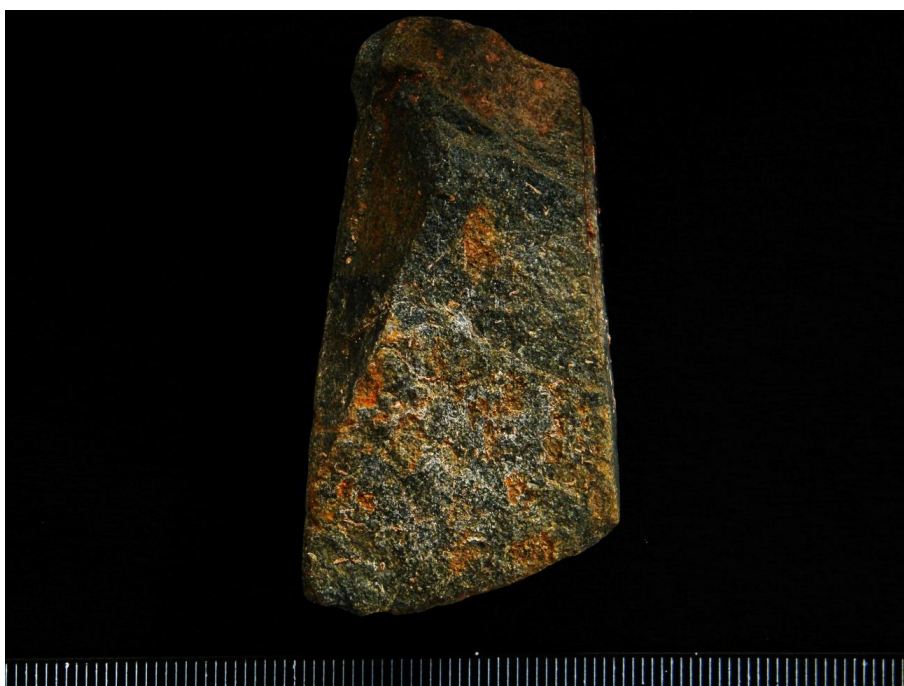


Fig. C.26 – Machado (EA/08.[203].615).



Fig. C.27 – Machado (EA/08.[203].615).



Fig. C.28 – Dormente (EA/08.[203B].615).



Fig. C.29 – Conjunto de termoclatos que estruturavam, em parte, a estrutura de combustão identificada no nível [202-3] (EA/08.[202-3].507).

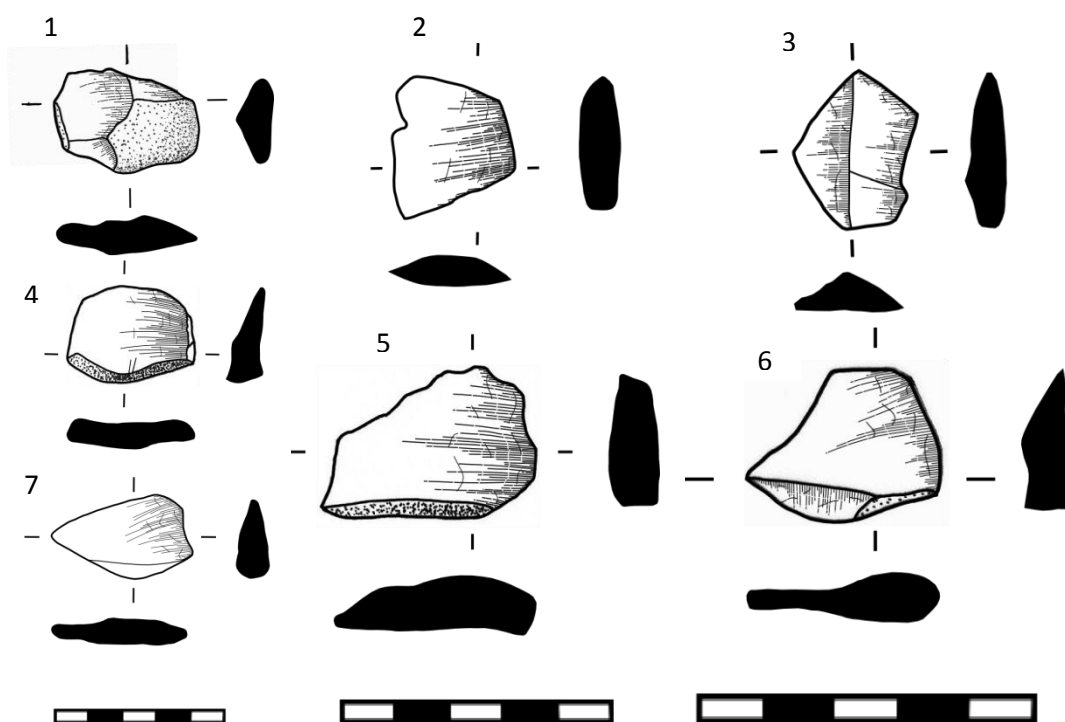


Fig. C.30 – Lascas e elemento de foice (nº 2).

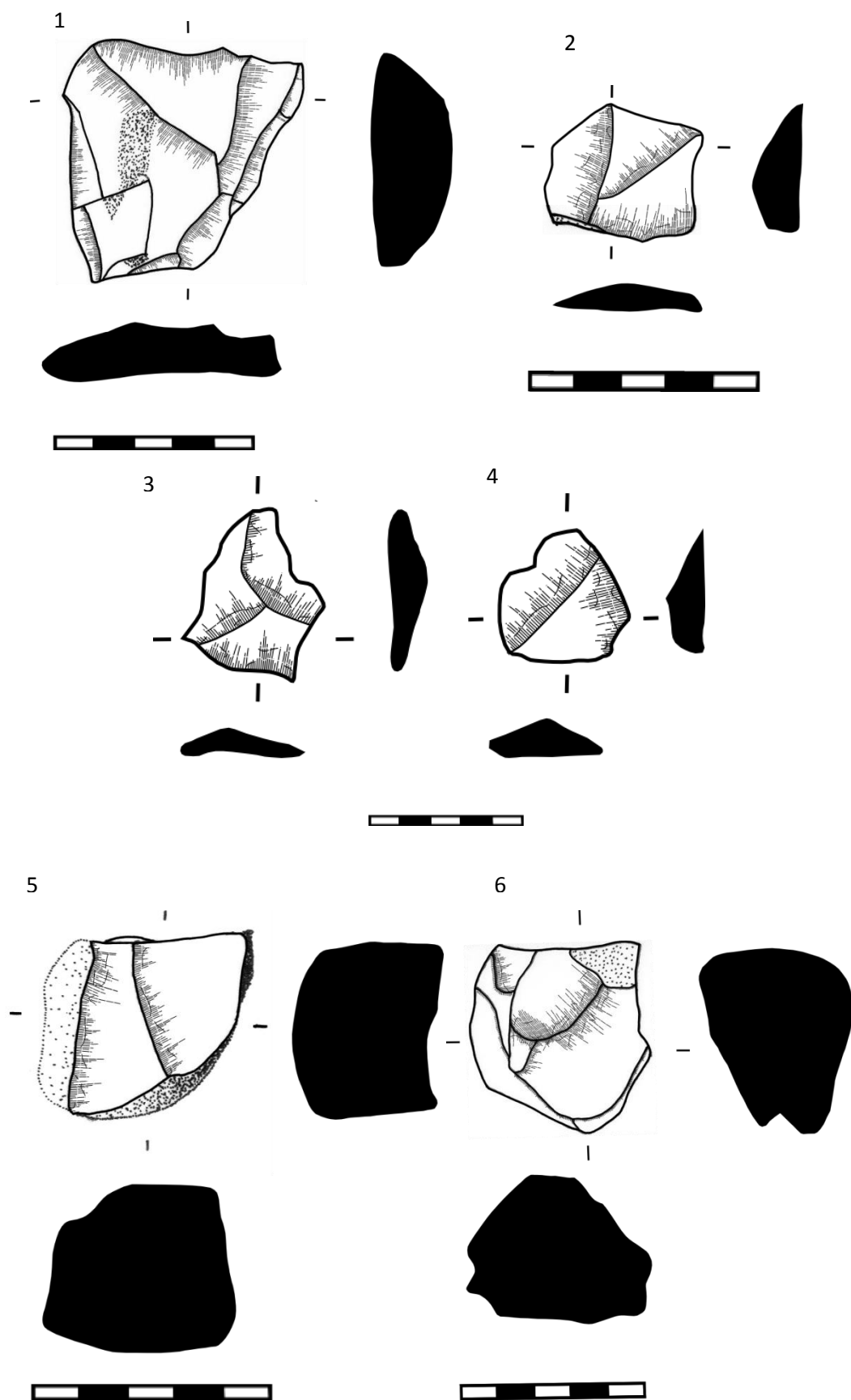


Fig. C.31 – Lascas (nº 1-4) e núcleos (nº 5 e 6).

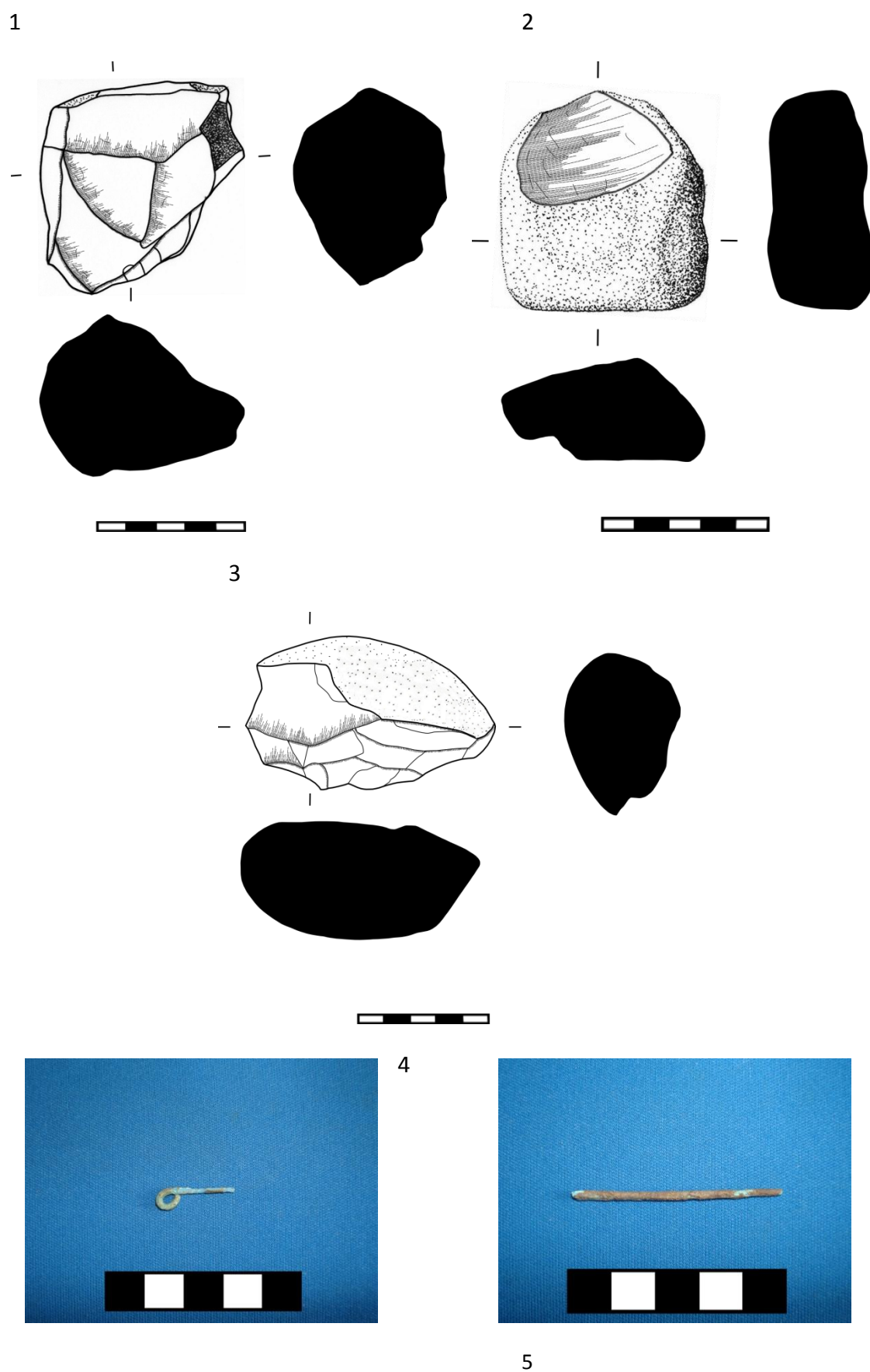


Fig. C.32 – Núcleos e metais (nº 4 e 5 autoria de Pedro Valério).

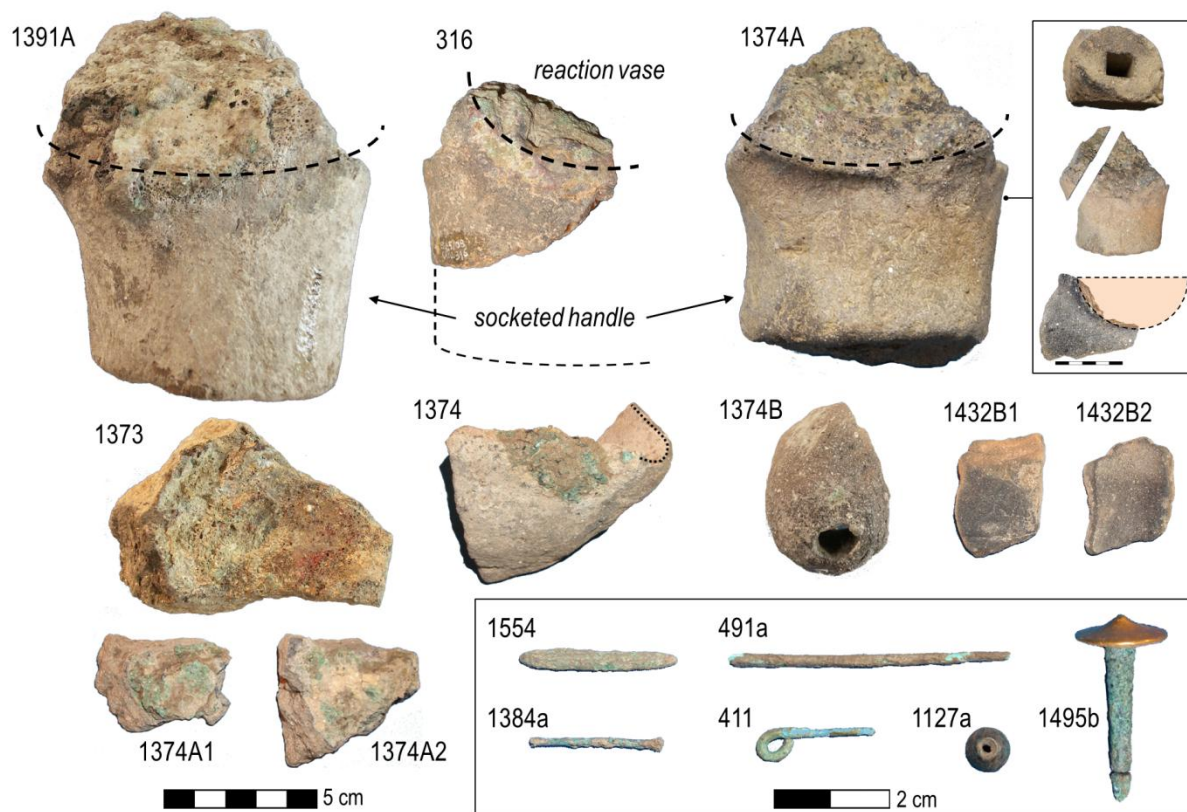


Fig. C.33 – Restos de produção e artefactos metálicos recuperados do sítio de Entre Águas 5 (fonte: Valério *et alli*, prelo).



Fig. C.34 – Nódulos de barro cozido.



Fig. C.35 – Dente de *Ovis/Capra*.

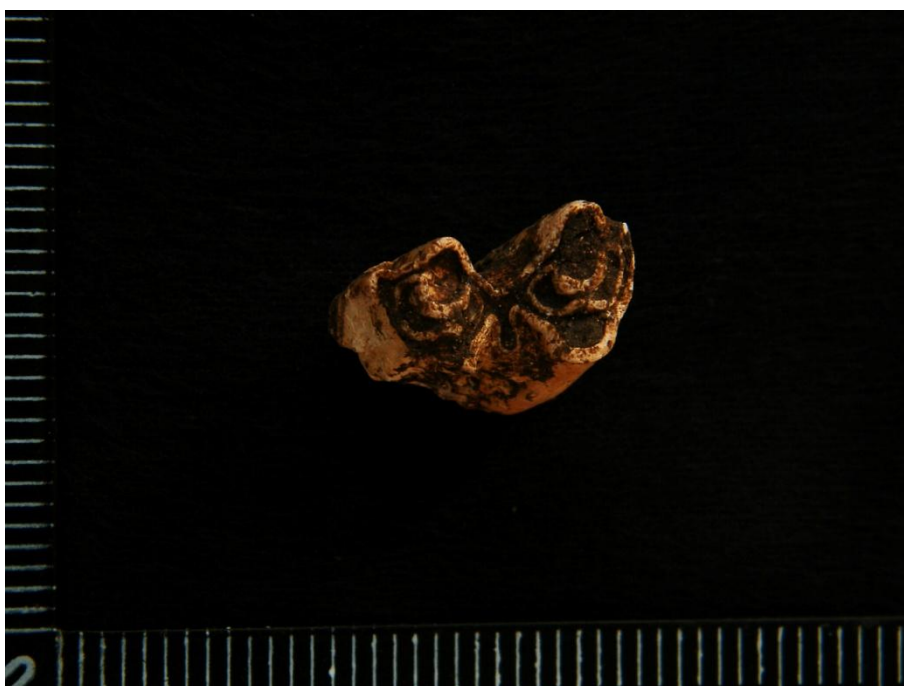


Fig. C.36 – Dente de *Ovis/Capra*.

APÊNDICE D: GRÁFICOS E TABELAS

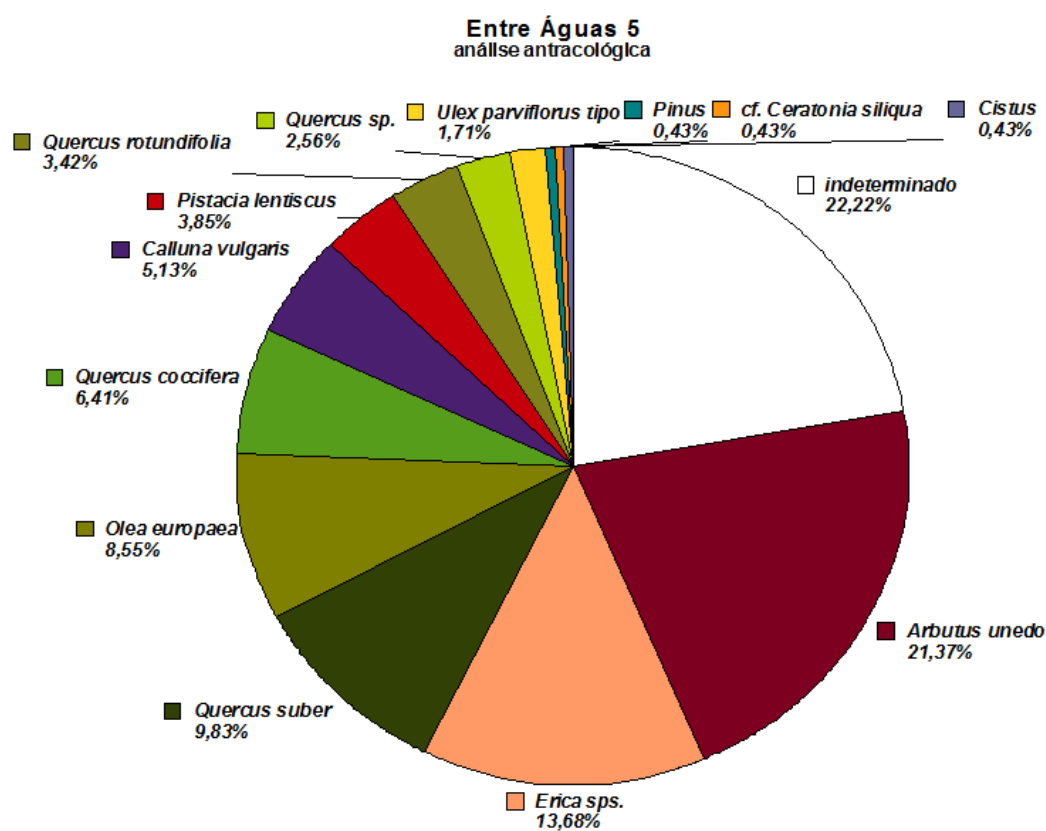


Fig. D.1 – Valores percentuais dos diferentes tipos xilomorfológicos identificados no conjunto total de amostras de Entre Águas 5.

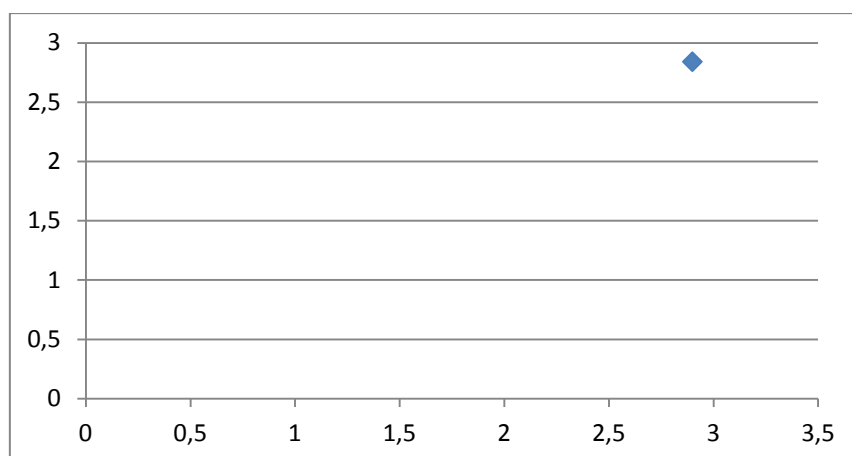


Fig. D.2 – Distribuição espacial da pedra lascada à cota 121,89-95.

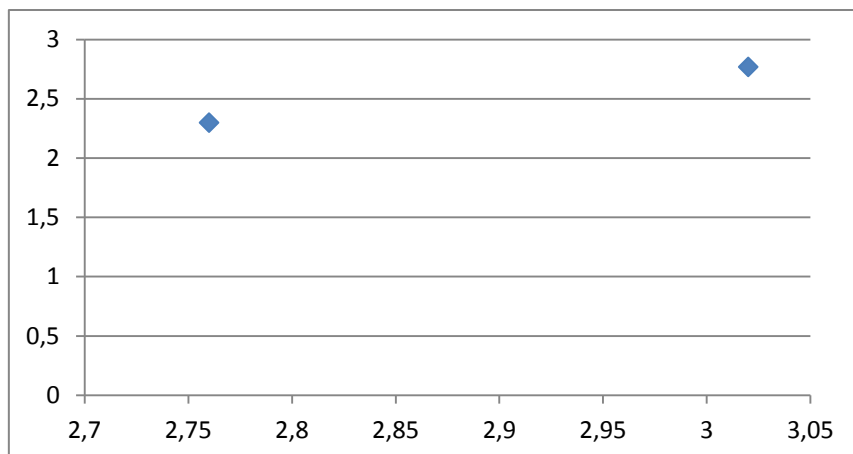


Fig. D.3 – Distribuição espacial da pedra lascada à cota 121,96-122,00.

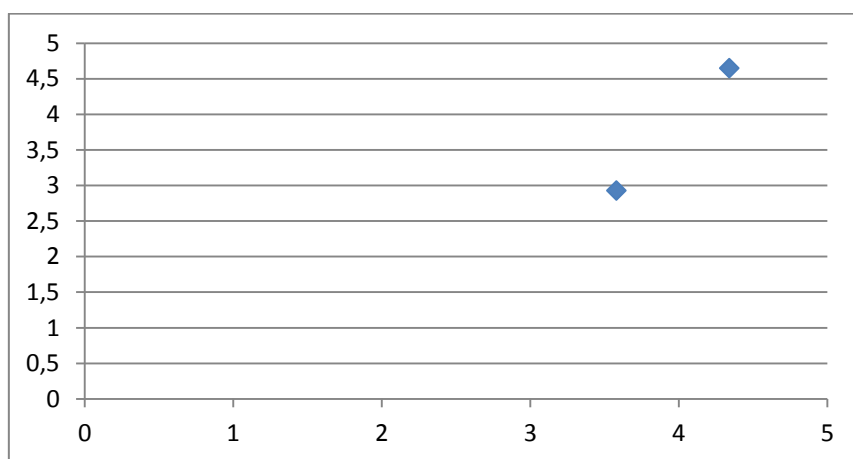


Fig. D.4 - Distribuição espacial da pedra lascada à cota 122,05-10.

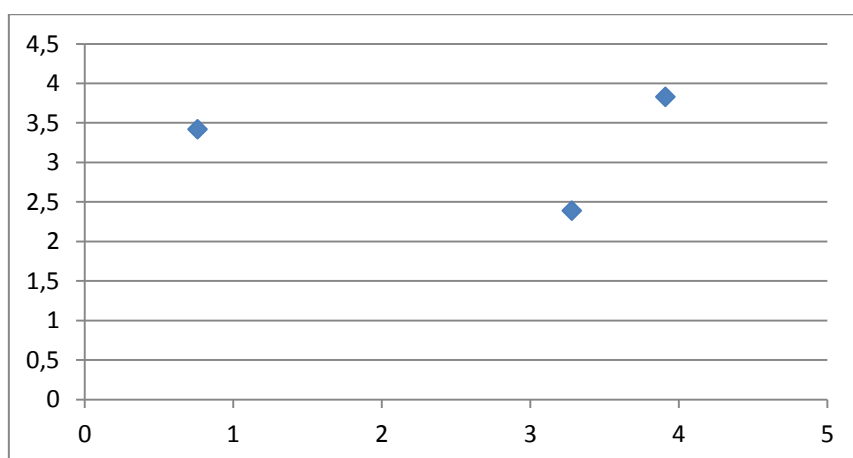


Fig. D.5 – Distribuição espacial da pedra polida e afeiçoada à cota 121,98-122,03.

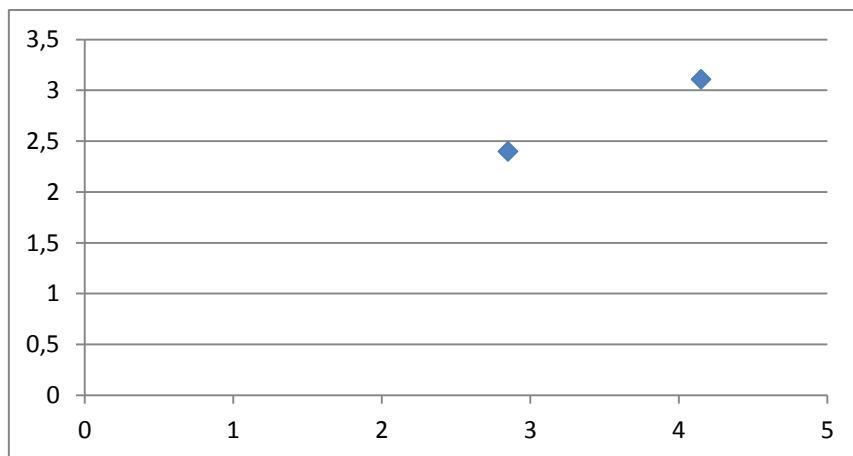


Fig. D.6 – Distribuição espacial da pedra polida e afeiçãoada à cota 122,07-12.

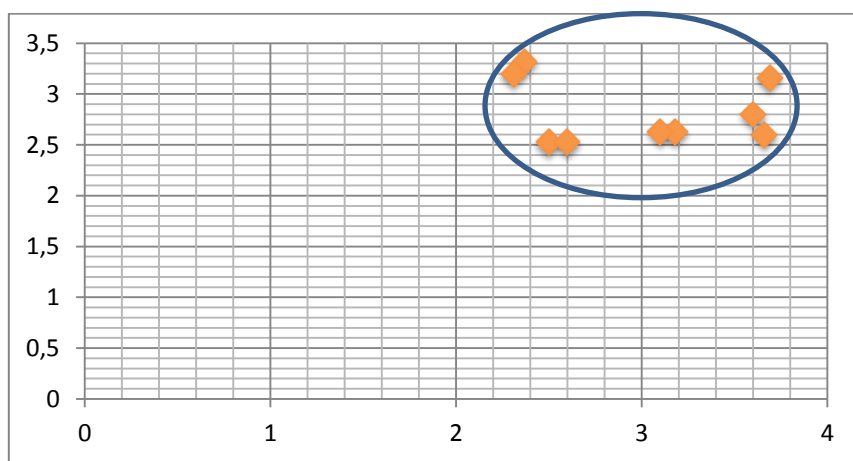


Fig. D.7 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 121,83-121,88 (conjunto [203B] a azul).

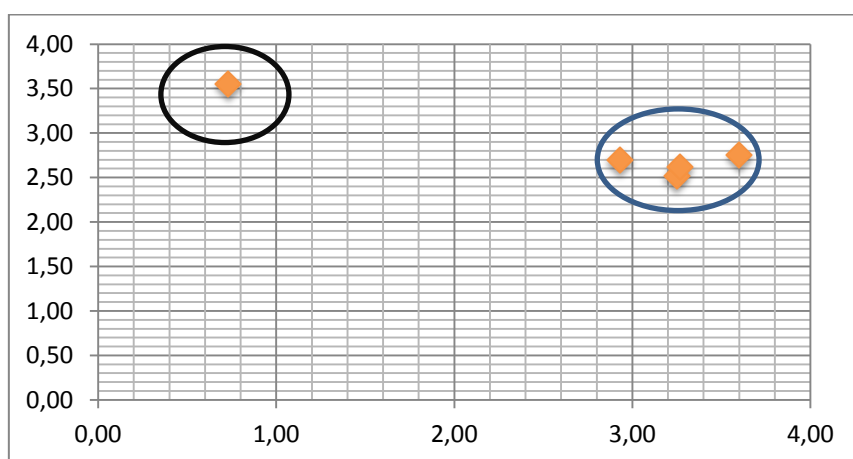


Fig. D.8 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 121,89-121,93 (conjunto [203B] a azul).

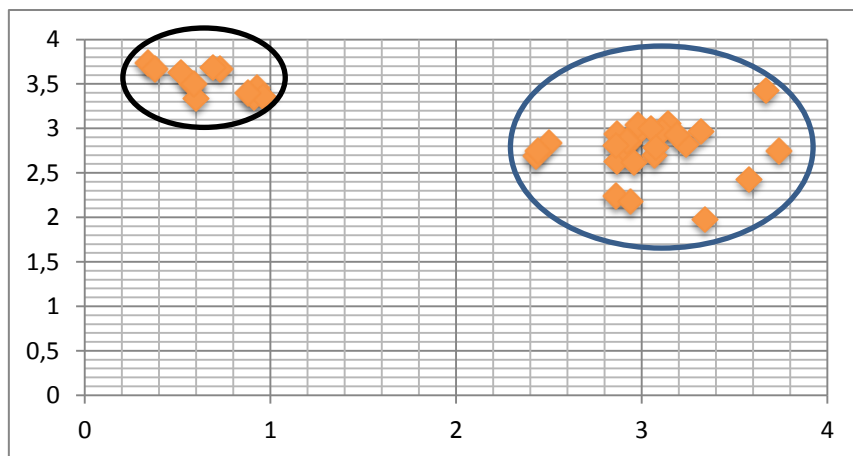


Fig. D.9 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 121,93-121,98 (conjunto [203B] a azul).

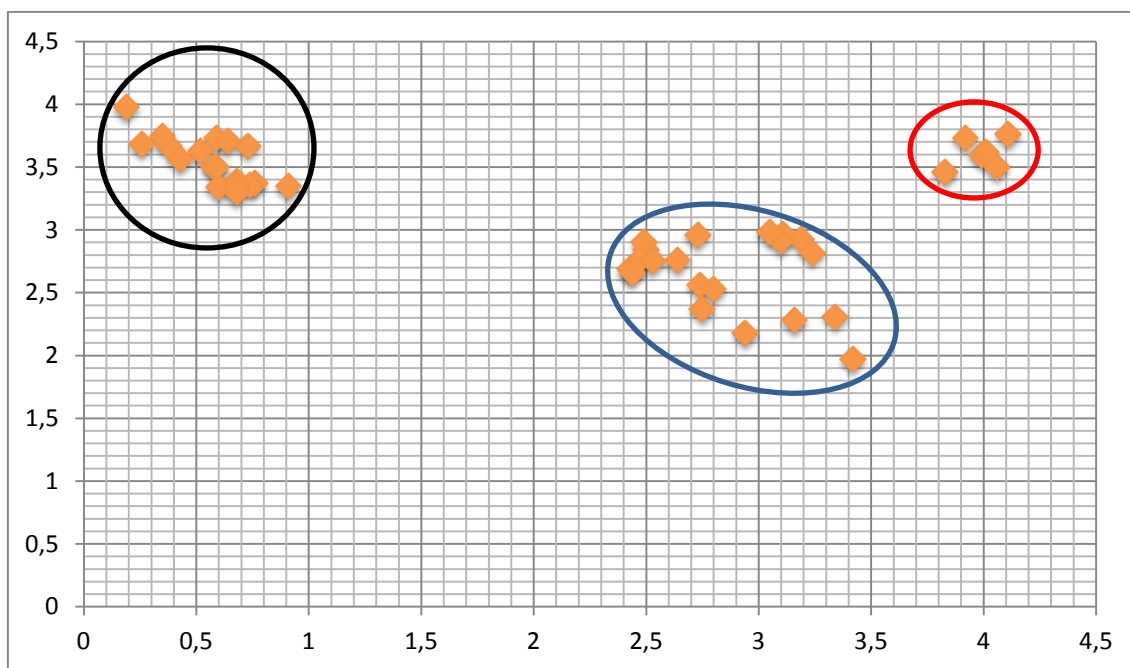


Fig. D.10 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 121,98-122,03 (incorpora materiais dos conjuntos [203A] a vermelho e [203B] a azul).

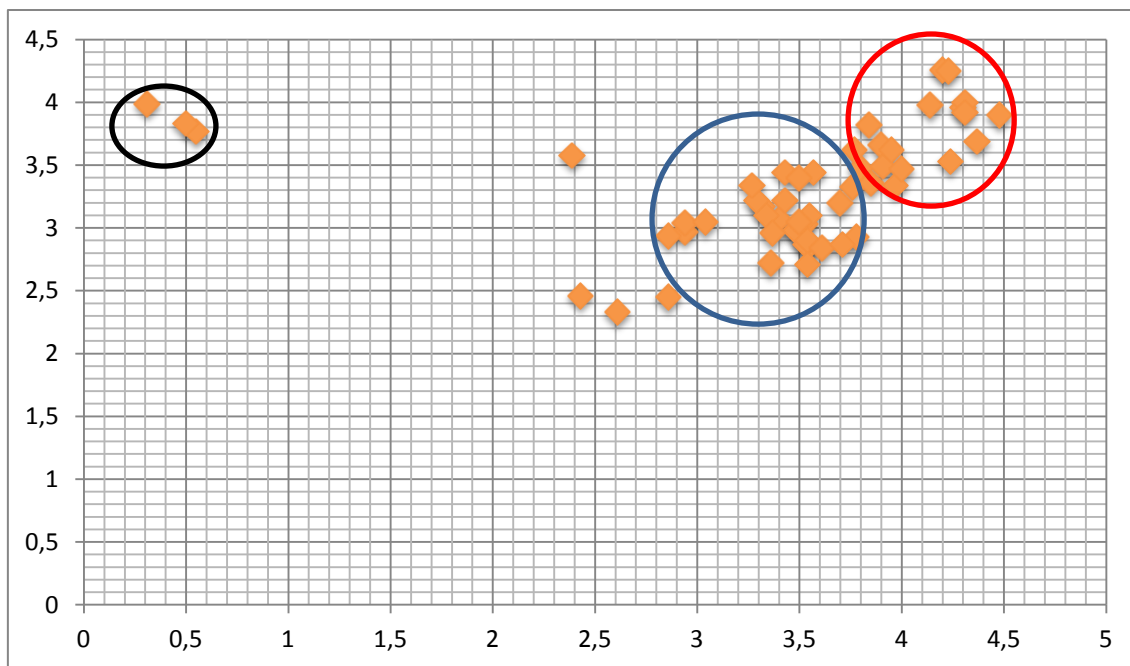


Fig. D.11 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 122,03-122,08 (incorpora materiais dos conjuntos [203A] a vermelho e [203B] a azul).

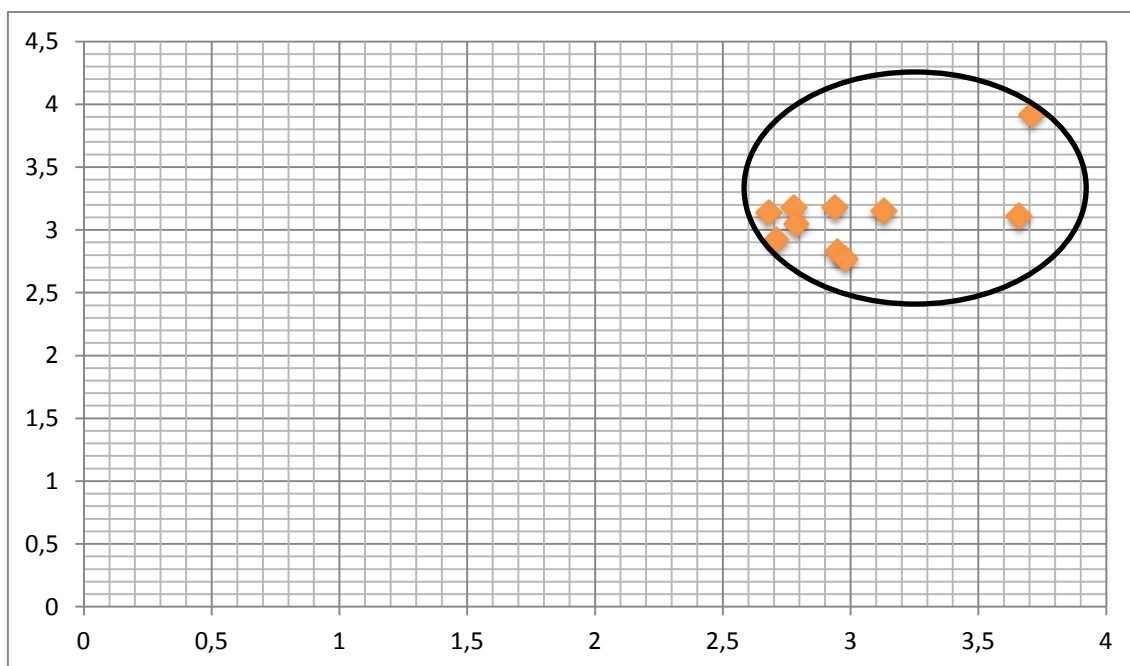


Fig. D.12 – Distribuição espacial da cerâmica à cota 122,08-122,13 (materiais da camada [203]).

Fig. D.13 – Categorias artefactuais encontradas no interior da estrutura [204]

Categoria Artefactual	[200] (%)	[202] (%)	[203] (%)	[203A] (%)	[203B] (%)	Total (%)	Nº
Meios de subsistência e produção	4.55%	40.90%	15.15%	19.70%	19.70%	100%	66
Recipientes	4.55%	69.55%	5%	11.36%	9.54%	100%	220
Artefactos pessoais e simbólicos	-	50%	-	-	50%	100%	2
Construção e manutenção	4.76%	80.95%	4.76%	9.52%	-	100%	21
Indeterminado	-	100%	-	-	-	100%	3
Total (%)	4.49%	64.42%	7.05%	12.82%	11.22%	100%	-
Nº	14	201	22	40	35	-	312

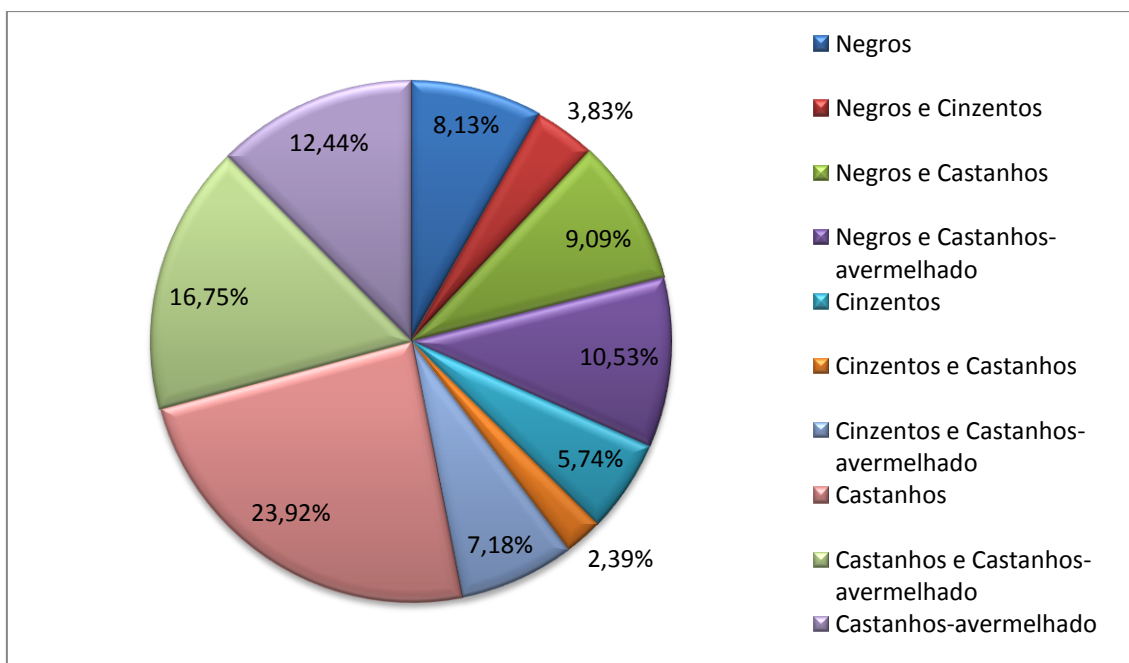


Fig. D.14 – Relação percentual dos tons dominantes dos cernes dos recipientes cerâmicos.

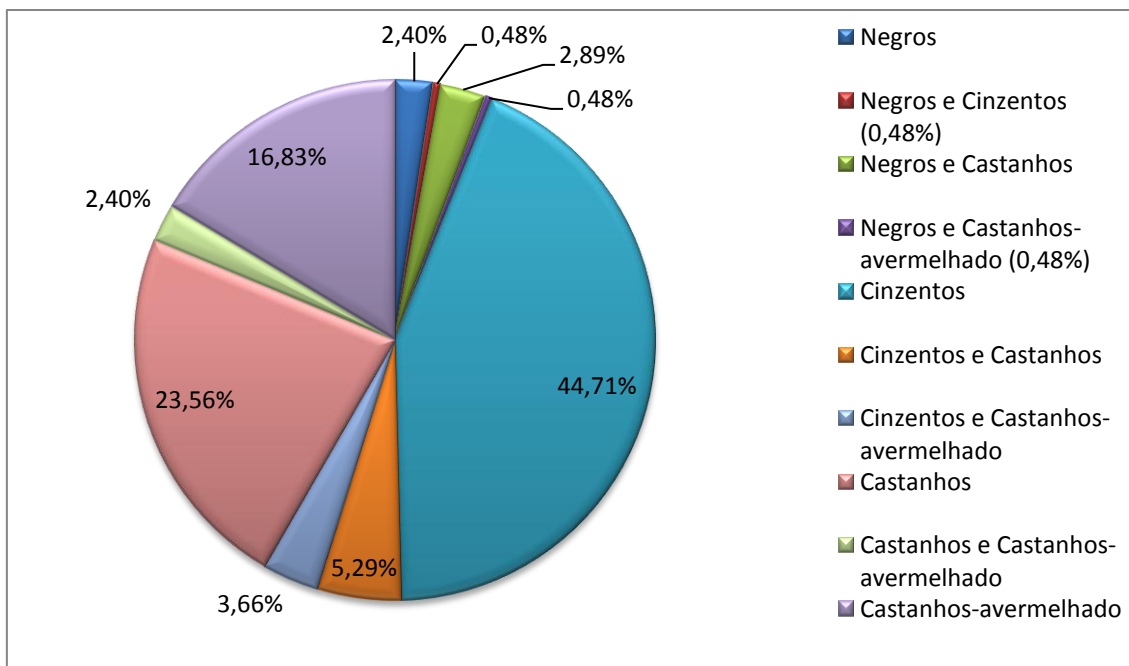


Fig. D.15 – Relação percentual dos tons dominantes das superfícies externas dos recipientes cerâmicos.

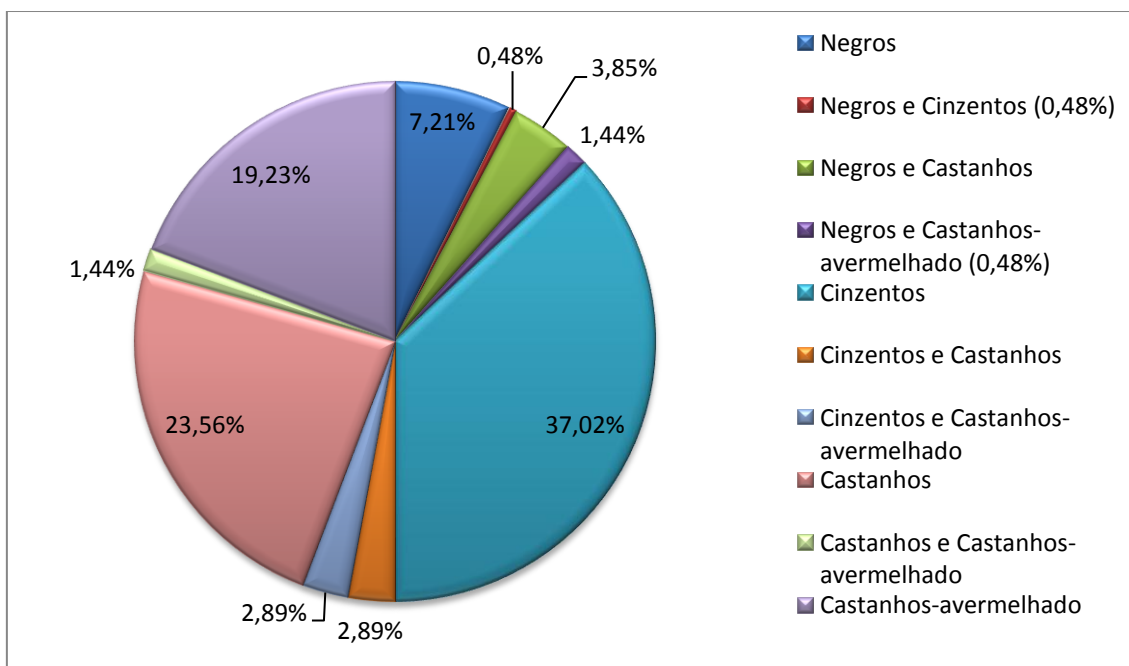


Fig. D.16 – Relação percentual dos tons dominantes das superfícies internas dos recipientes cerâmicos.

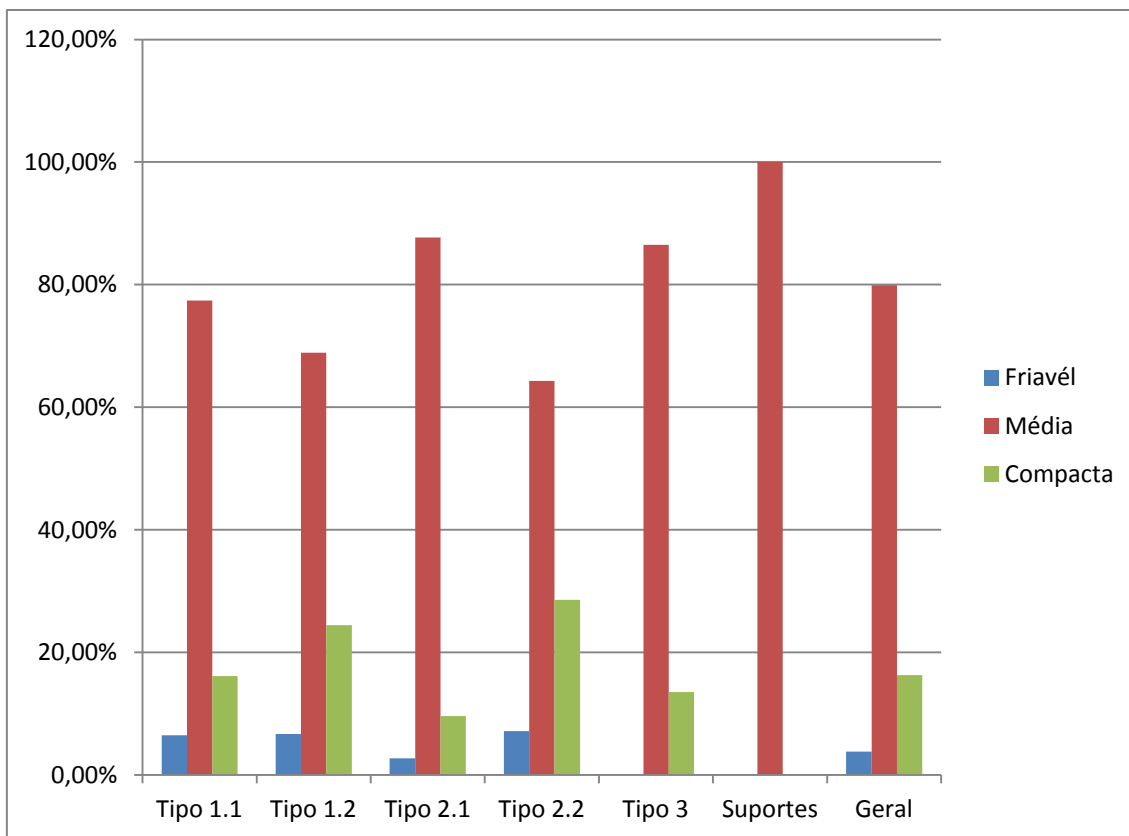


Fig. D.17 – Relação entre a consistência das pastas e tipo de recipiente.

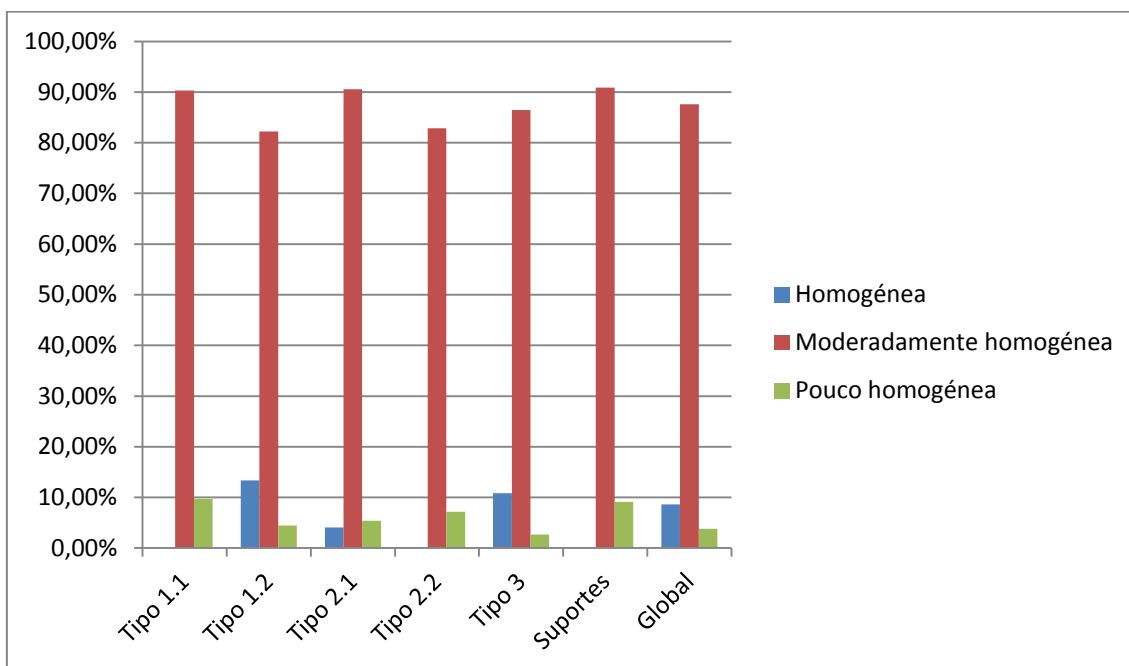


Fig. D.18 – Relação entre a textura das pastas e o tipo de recipiente.

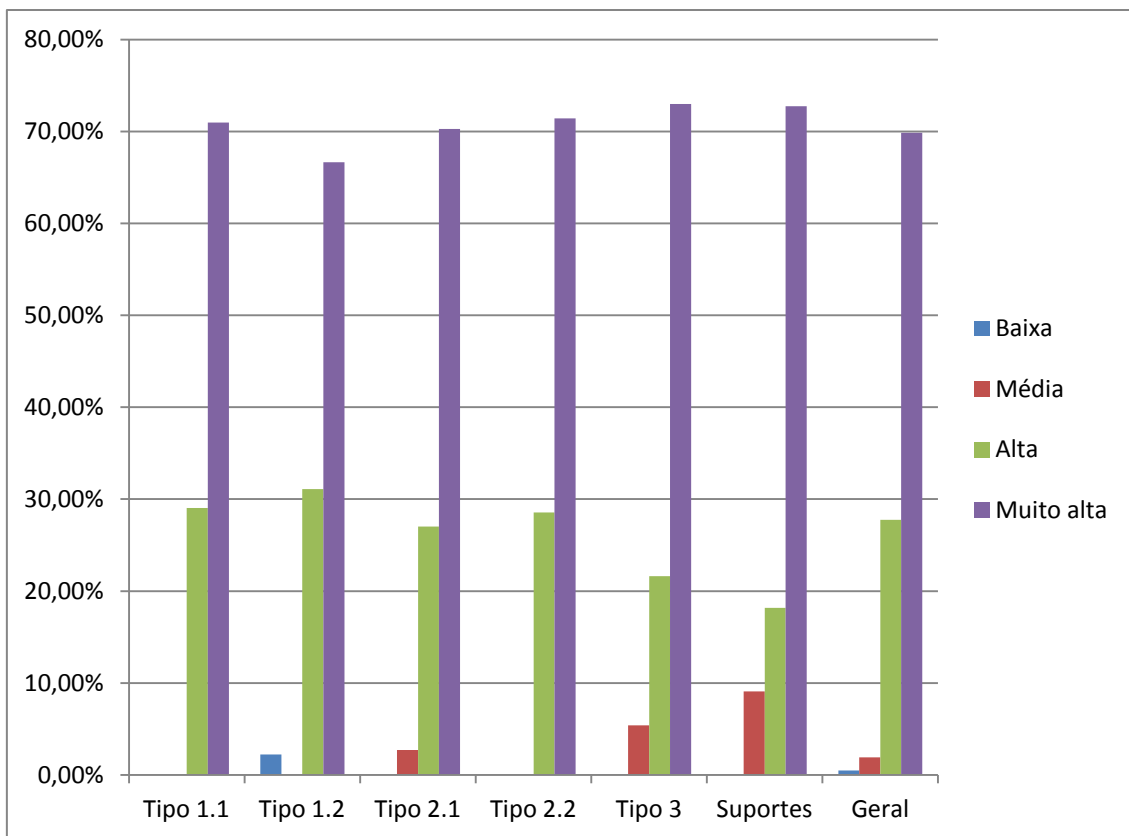


Fig. D.19 – Relação entre a frequência de e.n.p.'s e o tipo de recipiente.

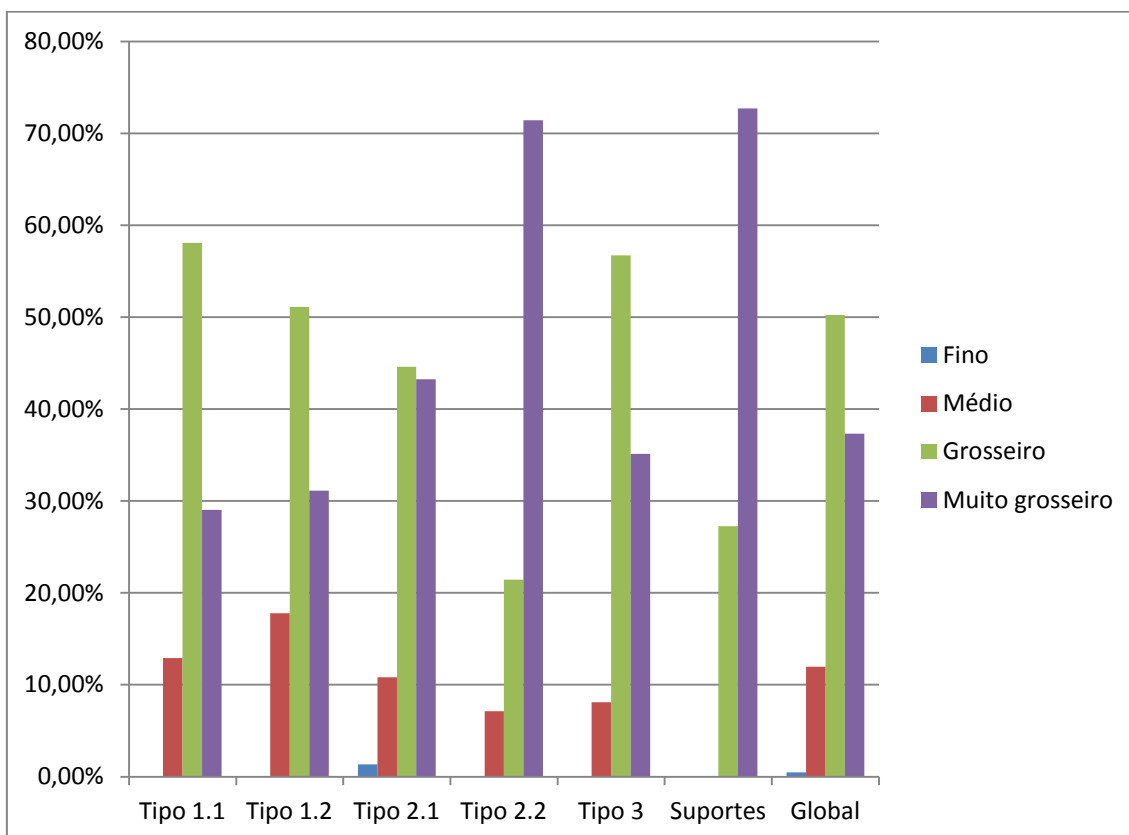


Fig. D.20 – Relação entre a dimensão dos e.n.p.'s e o tipo de recipiente.

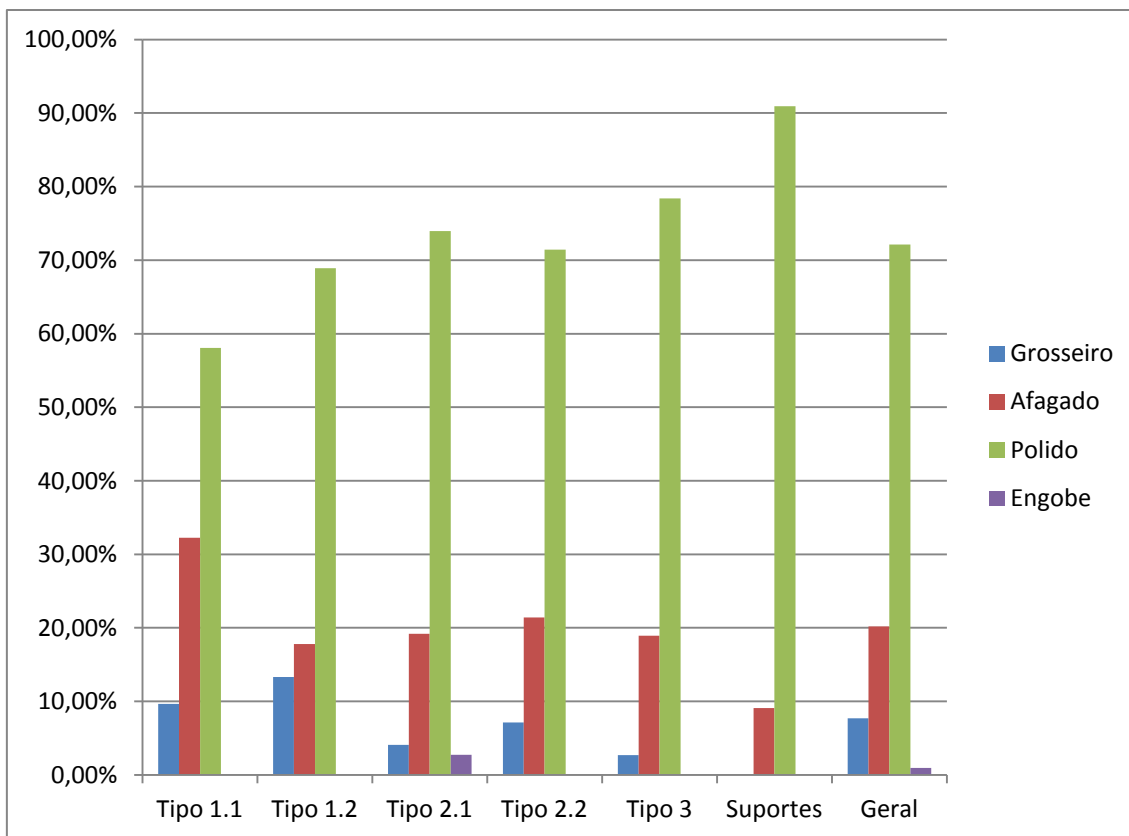


Fig. D.21 – Relação entre o tratamento da superfície externa e o tipo de recipiente.

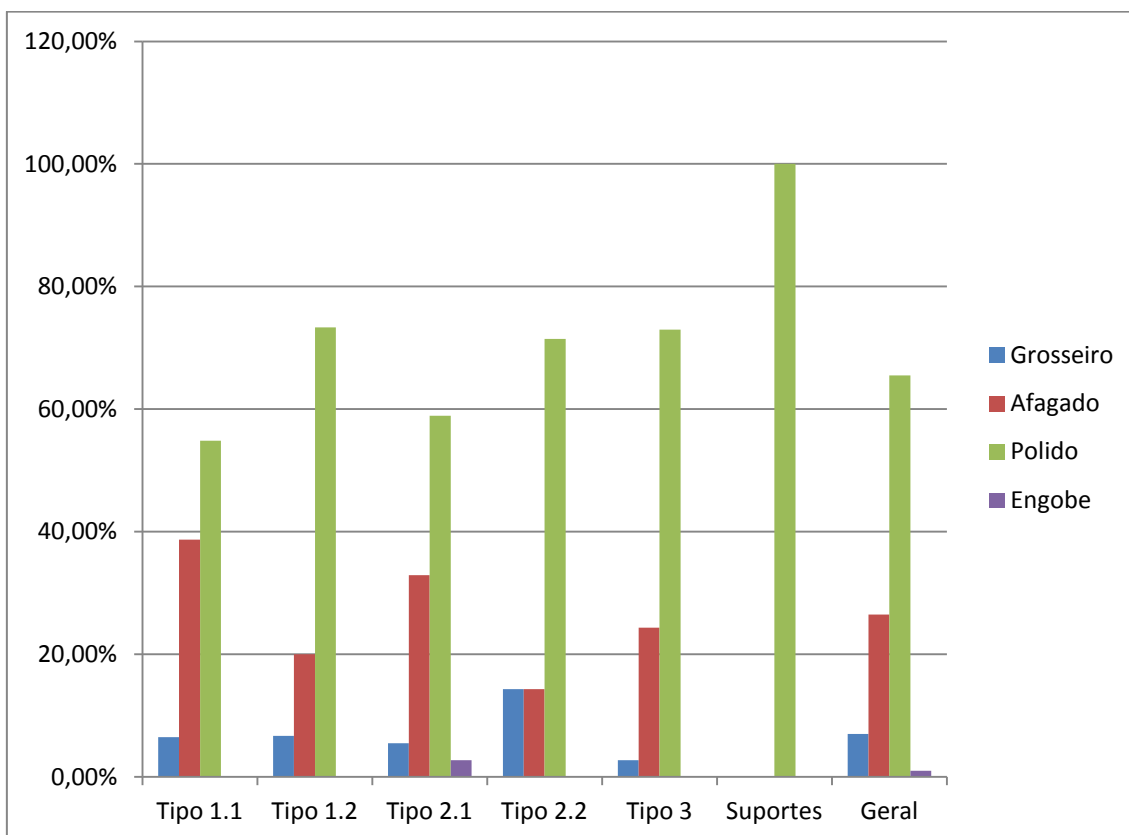


Fig. D.22 – Relação entre o tratamento da superfície interna e o tipo de recipiente.

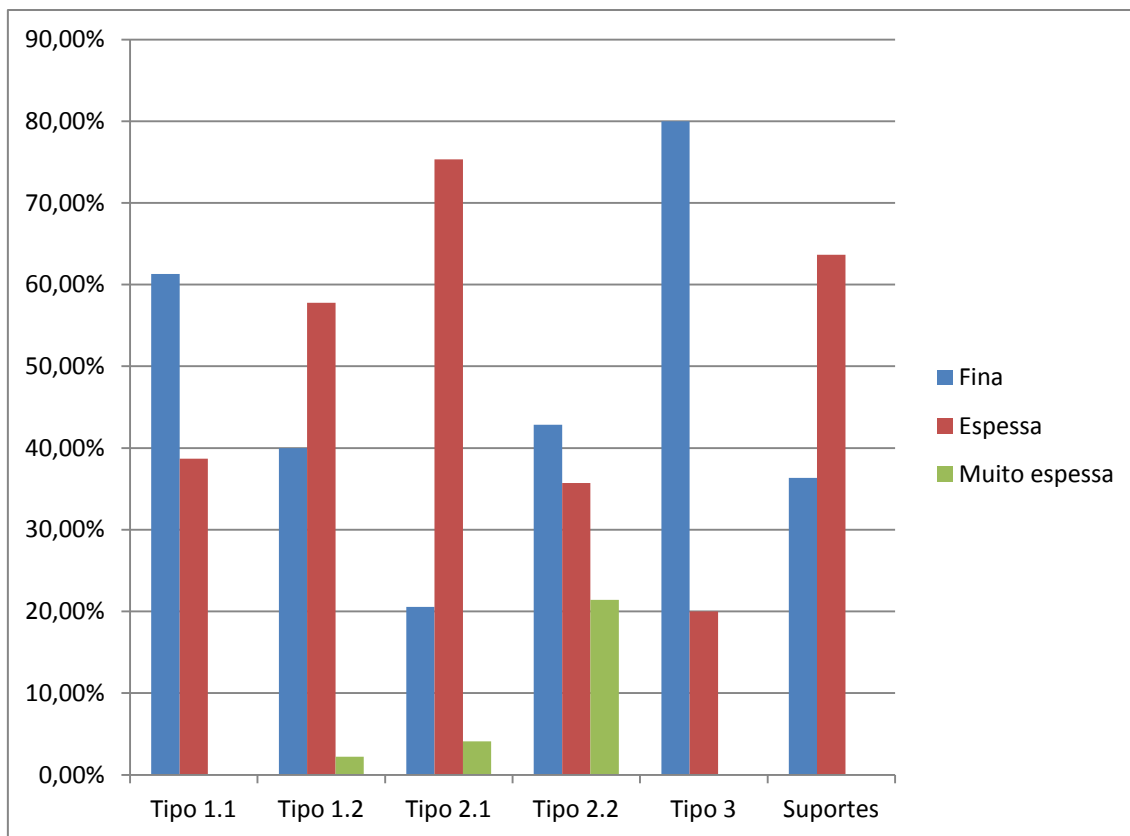


Fig. D.23 – Relação entre a espessura do bordo e o tipo de recipiente.

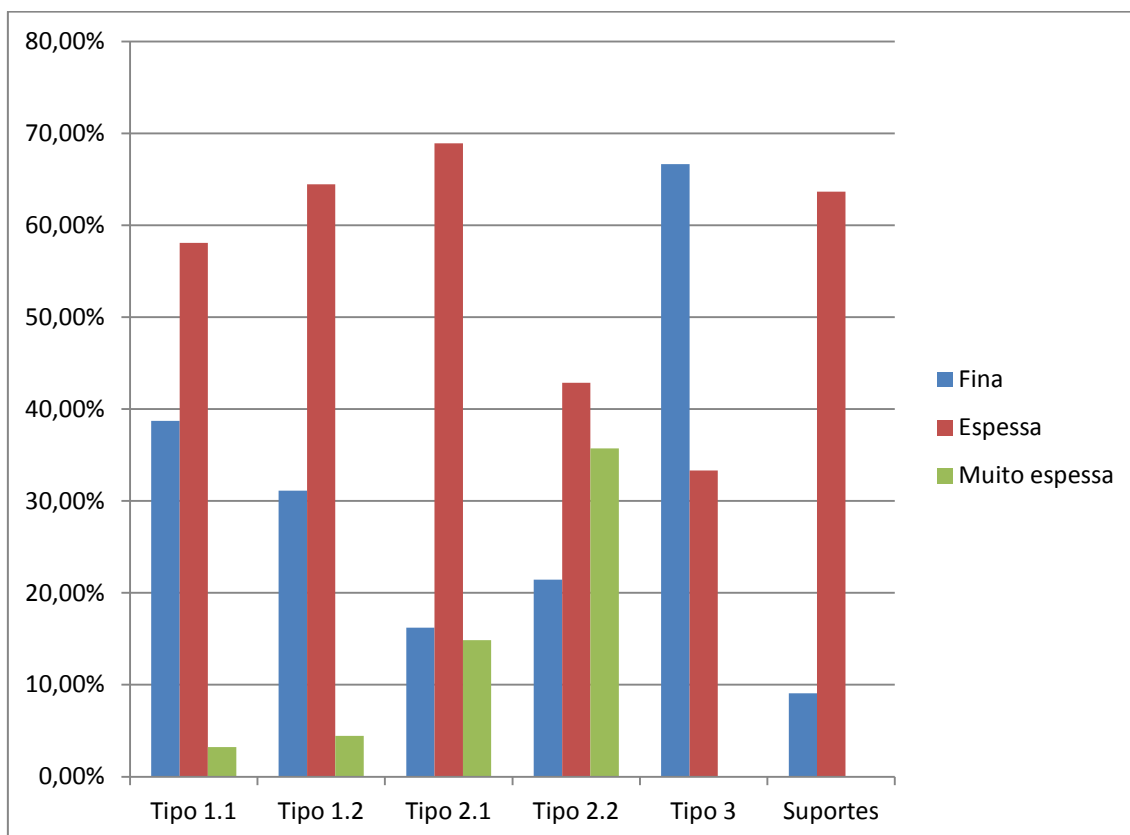


Fig. D.24 – Relação entre a espessura máxima do bojo e o tipo de recipiente.

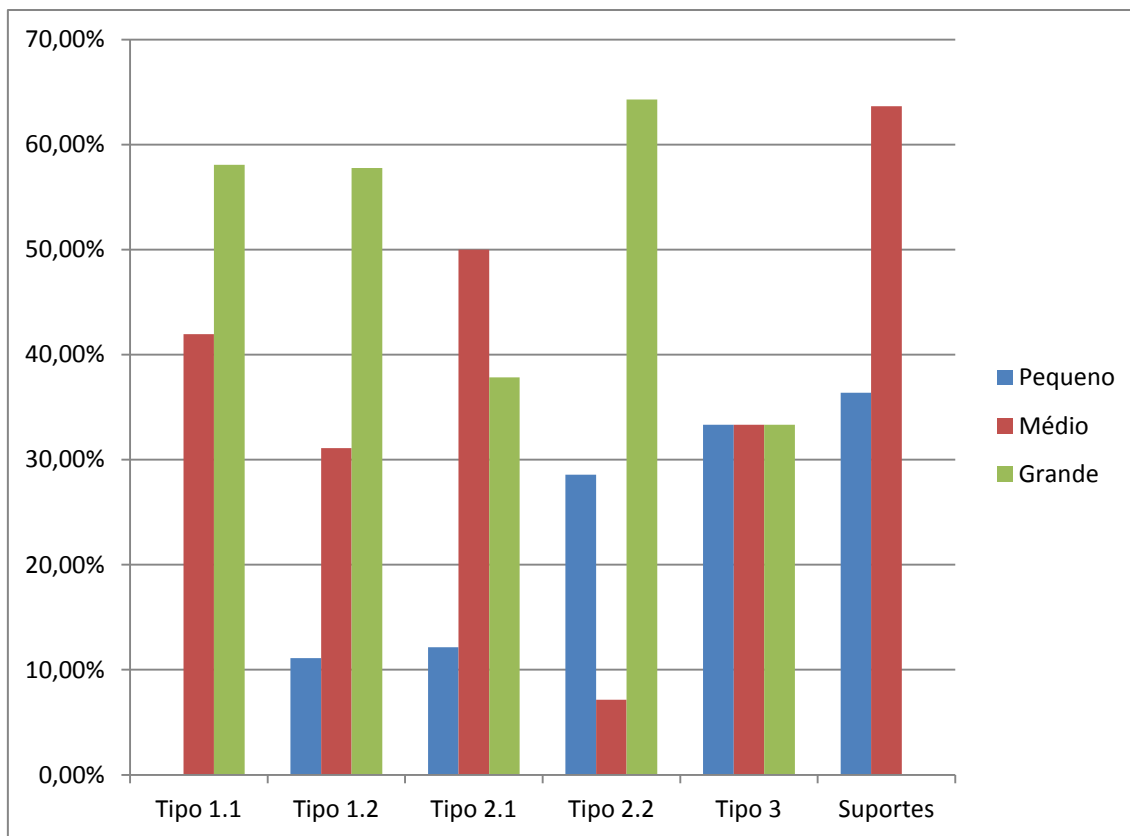


Fig. D.25 – Relação entre o diâmetro e o tipo de recipiente.

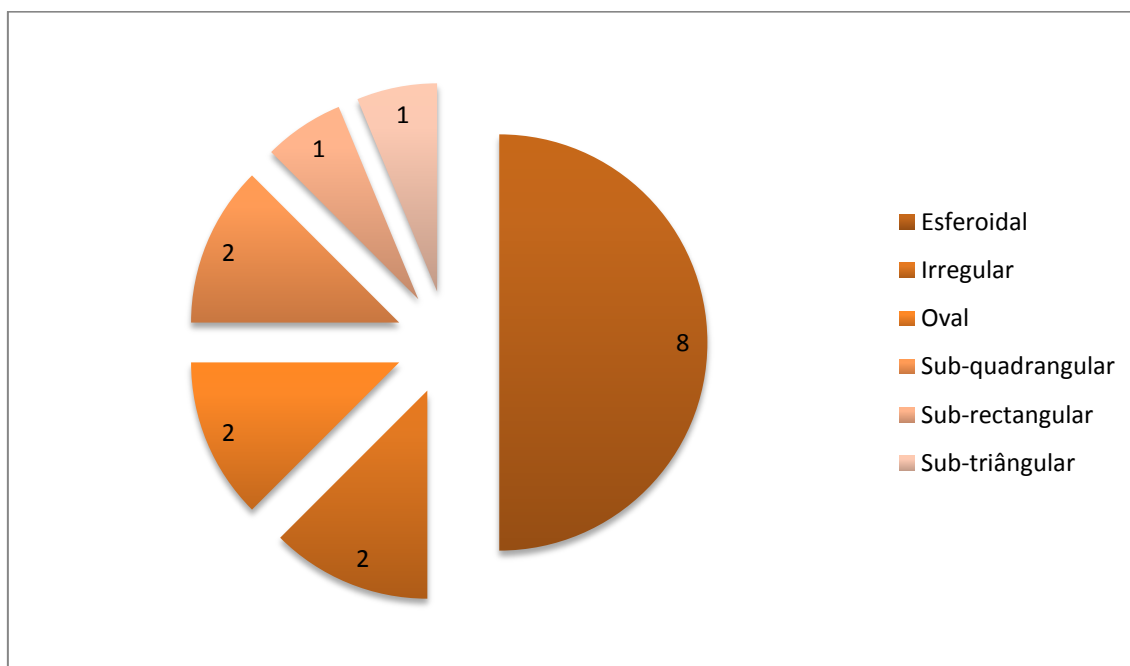


Fig. D.26 – Forma geral dos percutores.

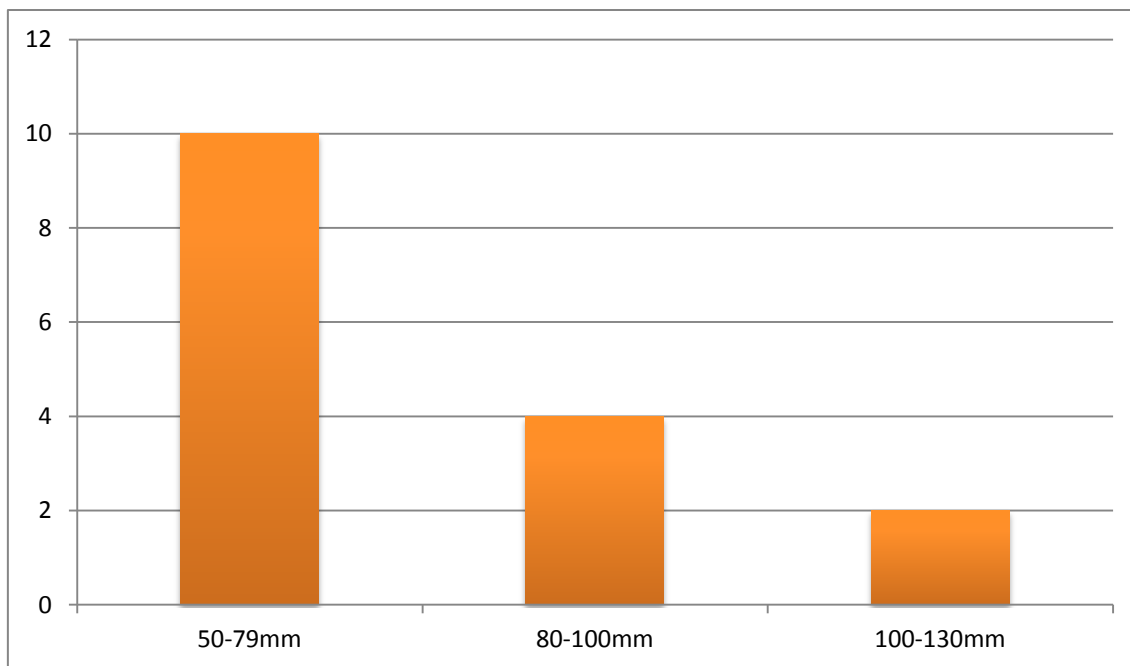


Fig. D.27 – Medidas dos eixos-maiores dos percutores.

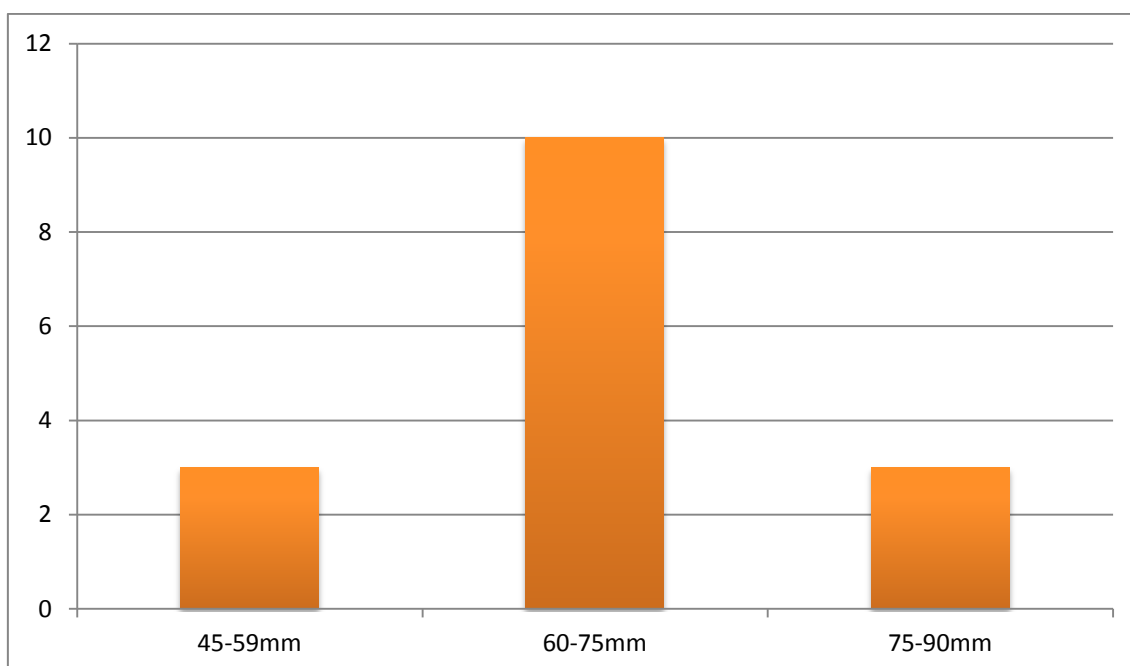


Fig. D.28 – Medidas dos eixos-menores dos percutores

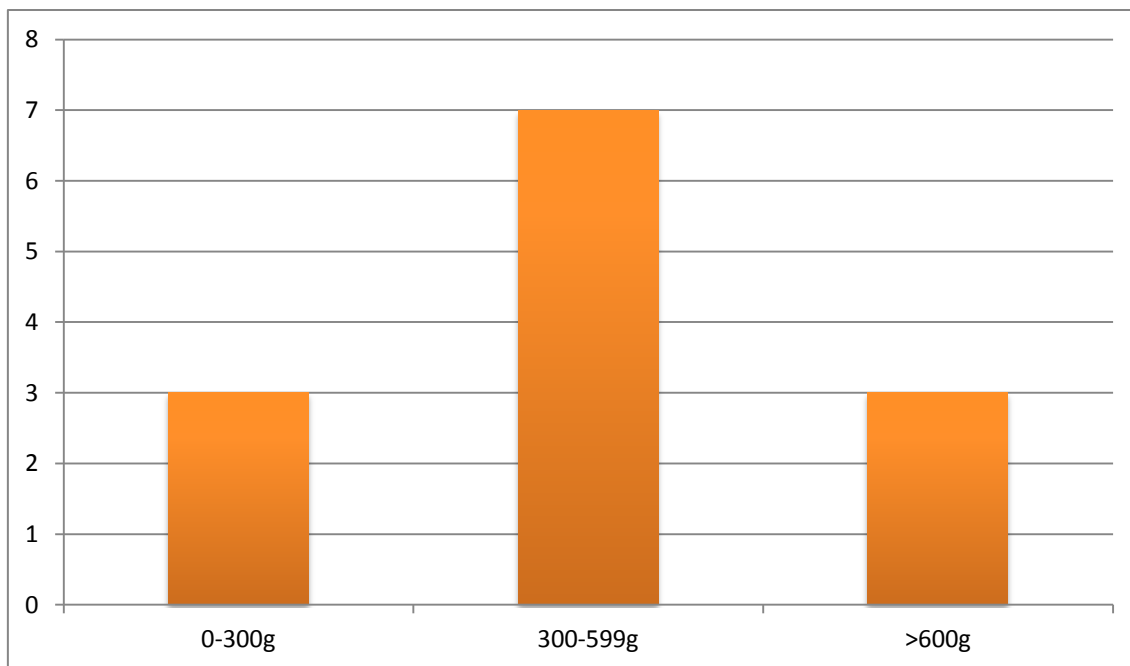


Fig. D.29 – Peso dos percutores-

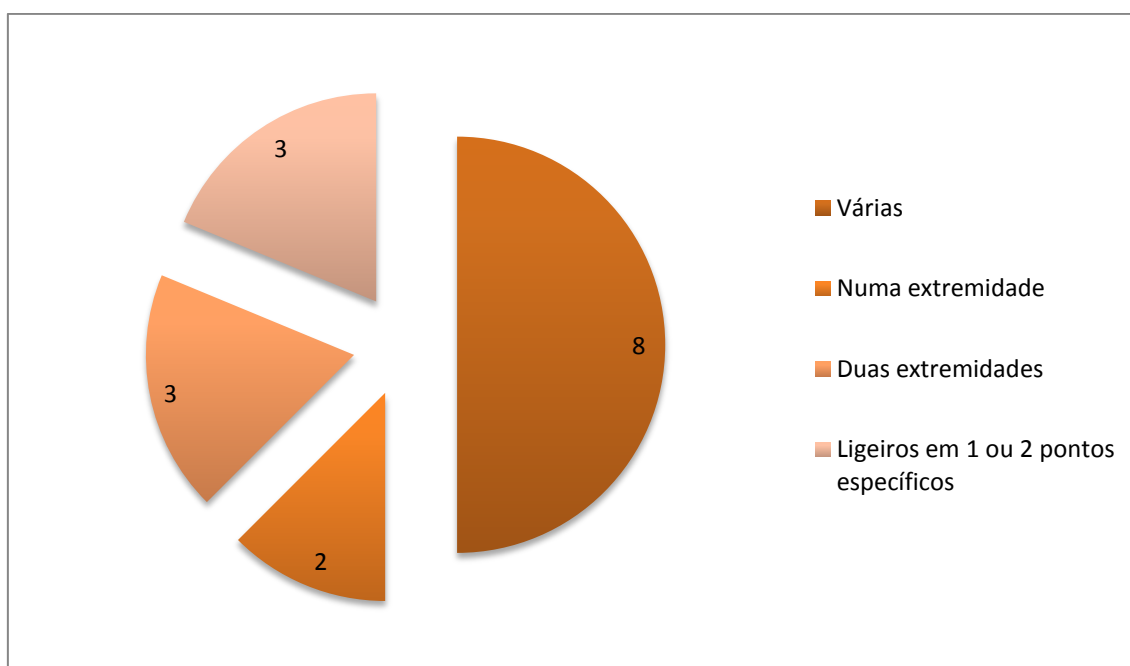


Fig. D.30 – Zonas de uso dos percutores.

APÊNDICE E: INVENTÁRIO DA COMPONENTE CERÂMICA

Nº Inv	Contexto	Tipo	Frag	Bord o	Lábio	Diâmetro	Esp Br/Pg/Cr	Esp Max Pr	EP - local
EA5/08.[200].319	1-II-200	2.1	br/pr	5	2	20.4cm	0.8cm	1cm	-
EA5/08.[200].320	1-II-200	2.1	br/pr	3	2	16cm	0.95cm	1.3cm	-
EA5/08.[200].321	1-II-200	2.2	br/pr	4	2	42.4cm	0.65cm	0.8cm	-
EA5/08.[200].322	1-II-200	ind.	br/pr	2	6	18cm	0.8cm	0.6cm	-
EA5/08.[200].323	1-II-200	1.2	br/pr	4	2	6.6cm	0.65cm	0.6cm	-
EA5/08.[200].324	1-II-200	1.1	br/pr	2	2	16.2cm	0.6cm	0.7cm	-
EA5/08.[200].325	1-II-200	1.2	br/pr	2	2	35.4cm	0.9cm	1cm	-
EA5/08.[200].326	1-II-200	3.2	br/cr/pr	1	8	6.7cm	0.25cm	0.35cm	-
EA5/08.[200].327	1-II-200	1.2	br/pr	4	2	10.6cm	0.3cm	0.3cm	-
EA5/08.[200].328	1-II-200	2	fd/pr	-	-	-	-	1.6cm	-
EA5/08.[200].329	1-II-200	-	pg	-	-	-	2.15cm	-	-
EA5/08.[202].334	1-II-202	2.1	br/pr	4	2	51.4cm	0.9cm	1cm	-
EA5/08.[202].335	1-II-202	1.1	br/pr	4	8	32.2cm	0.75cm	0.85cm	-
EA5/08.[202].336	1-II-202	1.2	br/pr	4	8	40cm	0.5cm	0.6cm	-
EA5/08.[202].337	1-II-202	1.1	br/pr	2	2	26.2cm	0.55cm	0.65cm	-
EA5/08.[202].338	1-II-202	1.2	br/pr	4	2	12.8cm	0.5cm	0.65cm	-
EA5/08.[202].339	1-II-202	2	fd/pr	-	-	-	-	1.6cm	-
EA5/08.[202].341	1-II-202	2.1	br/pr	2	6	22.8cm	1.1cm	0.7cm	-
EA5/08.[202].342	1-II-202	sup.	br/pr	4	2	14cm	0.7cm	1.25cm	-
EA5/08.[202].343	1-II-202	3.1	br/cr/pr	4	2	28cm	0.85cm	0.8cm	-
EA5/08.[202].344	1-II-202	2.1	br/pr	1	1	36cm	0.8cm	0.7cm	-
EA5/08.[202].345	1-II-202	2	fd/pr	-	-	-	-	1.7cm	-
EA5/08.[202].346	1-II-202	1.2	br/pr	4	8	17.8cm	0.5cm	0.7cm	-
EA5/08.[202].347	1-II-202	ind.	br/pr	1	2	Ind.	0.7cm	0.65cm	-
EA5/08.[202].348	1-II-202	2.1	br/pr	6	2	22.5cm	0.65cm	1cm	-
EA5/08.[202].350A	1-II-202	2.1	br/pr	6	ind.	20.5cm	ind.	0.95cm	-
EA5/08.[202].351	1-II-202	1.1	br/pr	4	8	18cm	0.6cm	0.8cm	-
EA5/08.[202].352	1-II-202	3	cr/pr	-	-	-	1.55cm	1.6cm	-
EA5/08.[202].353	1-II-202	2.1	br/pr	1	7	23.5cm	0.5cm	0.5cm	-
EA5/08.[202].355	1-II-202	1.2	br/pr	1	2	19.2cm	0.4cm	0.6cm	-
EA5/08.[202].356	1-II-202	1.2	br/pr	4	8	27.2cm	0.9cm	0.9cm	-
EA5/08.[202].357A	1-II-202	2	fd/pr	-	-	-	-	1.3cm	-
EA5/08.[202].357B	1-II-202	2	fd/pr	-	-	-	-	0.9cm	-
EA5/08.[202].358A	1-II-202	2.1	br/pr	1	2	22cm	0.75cm	0.9cm	-
EA5/08.[202].363	1-II-202	1.2	br/pr	4	8	17.2cm	0.6cm	0.8cm	-
EA5/08.[202].364	1-II-202	1.2	br/pr	2	2	39cm	0.7cm	0.9cm	-
EA5/08.[202].365A	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	1.25cm	1.25cm	-
EA5/08.[202].365B	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.8cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-1].367	1-II-202-1	1.2	br/pr	3	2	26.6cm	0.6cm	0.75cm	-

EA5/08.[202-1].368	1-II-202-1	2.1	br/pr	1	2	8.8cm	0.8cm	0.65cm	-
EA5/08.[202-1].369	1-II-202-1	1.2	br/pr	3	8	15.2cm	0.5cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-1].370	1-II-202-1	1.2	br/pr	2	7	33.2cm	0.7cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-1].371	1-II-202-2	2.1	br/pr	6	2	25cm	1cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-1].372	1-II-202-1	1.2	br/pr	4	7	20.8cm	1cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-1].373	1-II-202-1	1.2	br/pr	4	2	13.2cm	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-1].374	1-II-202-1	2.1	br/pr	3	2	21cm	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-1].375	1-II-202-1	2	fd/pr	-	-	-	-	1,85cm	-
EA5/08.[202-1].375A	1-II-200-1	1.2	br/pr	4	2	26.8cm	0.75cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-1].376A	1-II-202-1	-	pg	-	-	-	1cm	-	-
EA5/08.[202-1].376B	1-II-202-1	-	pg	-	-	-	1.75cm	-	-
EA5/08.[202-2].382	1-II-202-2	1.1	br/pr	1	2	18.4cm	0.4cm	0.4cm	-
EA5/08.[202-2].383	1-II-202-2	2.2	br/pr	4	2	26.4cm	0.55cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-2].384	1-II-202-2	1.1	br/pr	4	2	50.8cm	0.8cm	0.65cm	-
EA5/08.[202-2].385	1-II-202-2	2.1	br/pr	3	4	25cm	0.9cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].386	1-II-202-2	2.1	br/pr/pg	6	7	23cm	0.8cm	1.2cm	bordo
EA5/08.[202-2].387	1-II-202-2	3.1	br/cr/pr	4	2	25.2cm	0.65cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-2].388	1-II-202-2	2	fd/pr	-	-	-	-	1.7cm	-
EA5/08.[202-2].390	1-II-202-2	3.1	br/cr/pr	4	2	16.8cm	0.4/0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-2].391	1-II-202-2	1.1	br/pr	4	2	22cm	0.6cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].392A	1-II-202-2	2	fd/pr	-	-	-	-	1.7cm	-
EA5/08.[202-2].392B	1-II-202-2	2	fd/pr	-	-	-	-	0.9cm	-
EA5/08.[202-2].393A	1-II-202-2	1.2	br/pr	4	2	14cm	0.35cm	0.65cm	-
EA5/08.[202-2].393B	1-II-202-2	1.2	br/pr	2	2	39cm	0.8cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-2].395	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	2	17.4cm	0.4cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].396	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	8	20cm	0.45cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].397	1-II-202-2	2.2	br/pr	1	2	8.5cm	0.3cm	0.3cm	-
EA5/08.[202-2].398	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	7	20cm	0.8cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].399	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	7	10cm	0.75cm	0.75cm	-
EA5/08.[202-2].400	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	7	26cm	0.7cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-2].401	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	2	18.8cm	0.9cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-2].402	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	2	23.2cm	0.9cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].403	1-II-202-2	2.2	br/pr	4	2	14.6cm	0.4cm	0.65cm	-
EA5/08.[202-2].404	1-II-202-2	2.1	br/pr/ml	6	6	16.8cm	0.7cm	0.5cm	bojo
EA5/08.[202-2].405	1-II-202-2	1.2	br/pr	4	8	17.2cm	0.45cm	0.55cm	-
EA5/08.[202-2].406	1-II-202-2	1.1	br/pr	4	2	28cm	0.6cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].407	1-II-202-2	2.1	br/pr	3	4	35.7cm	1cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-2].408	1-II-202-2	2.1	br/pr	4	2	14cm	0.7cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].409	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	2	11.7cm	0.85cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].410	1-II-202-2	2.2	br/pr	4	2	28cm	0.6cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].411	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	2	12.8cm	0.6cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-2].412	1-II-202-2	1.2	br/pr/pg	2	7	39.5cm	0.7cm	0.65cm	bojo
EA5/08.[202-2].413A	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].413B	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.6cm	0.5cm	-

EA5/08.[202-2].413C	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	1.65cm	1.7cm	-
EA5/08.[202-2].414	1-II-202-2	2.1	br/pr	4	2	21.7cm	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].415A	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	1.4cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-2].415B	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	1cm	-
EA5/08.[202-2].415C	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	n.a.	-
EA5/08.[202-2].415D	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	1.1cm	-
EA5/08.[202-2].415E	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	1.9cm	-
EA5/08.[202-2].415F	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	0.85cm	-
EA5/08.[202-2].415G	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	n.a.	1.6cm	-
EA5/08.[202-2].421A	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	2.3*5.2cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].421B	1-II-202-2	2	fd	-	-	-	1.8*6.7cm	n.a.	-
EA5/08.[202-2].421C	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	2.3cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].421D	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	1.7*4.6cm	0.75cm	-
EA5/08.[202-2].423	1-II-202-2	1.2	br/pr	2	2	47.2cm	0.8cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].432	1-II-202-2	2.1	br/pr	6	2	18.2	0.4cm	0.75cm	-
EA5/08.[202-2].433	1-II-202-2	2.1	br/pr	6	2	22	0.7cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-2].434	1-II-202-2	1.1	br/pr	4	2	31.5	0.5cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-2].435	1-II-202-2	1.1	br/pr	1	2	20.8	0.8cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-2].436	1-II-202-2	3.2	cr/pr	4	2	18.9	0.3cm	0.3cm	-
EA5/08.[202-2].437	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	2	41.2	1.1cm	1.15cm	-
EA5/08.[202-2].438	1-II-202-2	1.2	br/pr	2	2	26	0.6cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].439	1-II-202-2	1.1	br/pr	4	2	30	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].440	1-II-202-2	2.1	br/pr	3	2	23.4	0.75cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-2].441	1-II-202-2	PQ	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.
EA5/08.[202-2].442	1-II-202-2	2.2	br/pr	1	2	14.6	1.1cm	1.5cm	-
EA5/08.[202-2].443	1-II-202-2	2.1	br/pr	6	2	21.2	0.8cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-2].444	1-II-202-2	-	pg/pr	-	-	-	1.7*7.4cm	0.95cm	bojo
EA5/08.[202-2].445A	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].445B	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.5cm	0.3cm	-
EA5/08.[202-2].445C	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].445D	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	0.5cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-2].446	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	2.2cm	1.5cm	-
EA5/08.[202-3].458	1-II-202-3	1.2	br/pr	4	8	20.6	0.65cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-3].460	1-II-202-2	sup.	br/pr	4	2	16.6/16.8	0.8cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-3].461	1-II-202-3	1.2	br/pr	2	2	36,3	0.8cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-3].462	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	8	40.4	0.5cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-3].463	1-II-202-3	sup.	br/pr	4	8	10	0.8cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-3].464	1-II-202-3	2.1	br/pr	1	4	38.6	1.3cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-3].465	1-II-202-3	1.2	br/pr	4	4	22.2	0.9cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-3].466	1-II-202-2	2.1	br/pr	1	2	21.4	0.85cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-3].467	1-II-202-3	2.1	br/pr	1	8	29.6	0.6cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-3].468	1-II-202-3	2.1	br/pr	1	2	16	0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-3].469	1-II-202-3	2.2	br/pr	3	2	28.2cm	0.95cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-3].470	1-II-202-3	sup.	br/pr	4	8	20cm	0.45cm	0.9cm	-

EA5/08.[202-3].471	1-II-202-3	2.1	br/pr	3	7	37.6cm	0.9cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-3].472	1-II-202-3	2.1	br/pr	4	4	30.6cm	0.8cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-3].473	1-II-202-3	2.1	br/pr	4	2	12cm	0.45cm	0.55cm	-
EA5/08.[202-3].474	1-II-202-3	2.1	br/pr	5	2	40cm	0.75cm	1.05cm	-
EA5/08.[202-3].476	1-II-202-3	ind.	br/pr	4	8	ind.	0.5cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-3].477	1-II-202-3	3.1	br/cr/pr	4	2	20.2cm	0.2cm	0.3cm	-
EA5/08.[202-3].478	1-II-202-3	3.2	br/pr	4	8	13cm	0.25cm	0.45cm	-
EA5/08.[202-3].479	1-II-202-3	2.1	br/pr/pg	1	7	16cm	0.45cm	0.8cm	bojo
EA5/08.[202-3].480	1-II-202-3	3.2	br/cr/pr	4	4	14.2cm	0.35cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-3].481	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	2	22cm	0.5cm	1cm	-
EA5/08.[202-3].482	1-II-202-3	2.1	br/pr	6	8	25.4cm	0.5cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-3].484	1-II-202-3	2.2	br/pr	4	7	41.6cm	1.2cm	1.5cm	-
EA5/08.[202-3].486	1-II-202-3	2	fd/pr	-	-	-	-	1.9cm	-
EA5/08.[202-3].487a	1-II-202-3	-	pg	-	-	-	1.6cm	-	-
EA5/08.[202-3].487b	1-II-202-3	-	pg	-	-	-	2cm	-	-
EA5/08.[202-3].489	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	8	25cm	0.6cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-3].495	1-II-202-3	3	cr/pr	-	-	-	0.65cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-3].496	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	2	34.6cm	0.5cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-3].497	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	8	16.8cm	0.4cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-3].498	1-II-202-3	2.1	br/pr	2	2	40cm	0.6cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-3].499	1-II-202-3	1.1	br/pr	3	4	8cm?	0.95cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-3].500	1-II-202-3	2.2	br/pr	5	7	31cm?	0.8cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-3].501	1-II-202-3	1.1	br/pr	4	4	18cm	0.8cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-3].502	1-II-202-3	1.1	br/pr	3	8	21.6cm	0.5cm	0.45cm	-
EA5/08.[202-3].503	1-II-202-3	2.2	br/pr	6	7	18cm	0.7cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].504	1-II-202-4	-	pg/pr	-	-	-	1.4cm	0.9cm	bojo
EA5/08.[202-4].509	1-II-202-4	2.1	br/pr	1	7	24.6cm	0.9cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-4].509a	1-II-202-4	2.1	br/pr	1	2	25.6cm	0.8cm	0.95cm	-
EA5/08.[202-4].510	1-II-202-4	2.1	br/pr	2	1	28cm	1.3cm	1.45cm	-
EA5/08.[202-4].511	1-II-202-4	1.2	br/pr	3	7	26.6cm	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-4].512	1-II-202-4	1.2	br/pr	2	7	27.2cm	1cm	1cm	-
EA5/08.[202-4].513	1-II-202-4	2	fd/pr	-	-	-	-	1.5cm	-
EA5/08.[202-4].514	1-II-202-4	1.1	br/pr	4	2	28cm	0.5cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-4].515	1-II-202-4	3.1	br/pr/cr	4	2	22cm	0.75cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].516	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	1	16.4cm	0.8cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-4].517	1-II-202-4	1.1	br/pr	4	2	16.4cm	0.5cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].518	1-II-202-4	1.2	br/pr	2	2	20.2cm	0.8cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-4].519	1-II-202-4	2.1	br/pr	1	2	20.2cm	0.65cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-4].519A	1-II-202-4	3	cr/pr	-	-	-	1.1cm	1.15cm	-
EA5/08.[202-4].520	1-II-202-4	1.1	br/pr	4	2	28cm	0.4cm	0.55cm	-
EA5/08.[202-4].521	1-II-202-4	2.1	br/pr	5	2	29.2cm	0.65cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].522	1-II-202-4	1.2	br/pr	1	1	47.4cm	0.65cm	0.7cm	--
EA5/08.[202-4].523	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	2	15.3cm	0.45cm	0.75cm	-
EA5/08.[202-4].524	1-II-202-4	1.2	br/pr	4	3	22cm	1cm	0.8cm	-

EA5/08.[202-4].525	1-II-202-4	sup.	br/pr	4	3	16.5cm	0.7cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].526	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	2	12.2cm	0.5cm	0.8cm	-
EA5/08.[202-4].527	1-II-202-4	1.1	br/pr	2	2	27cm	0.5cm	0.85cm	-
EA5/08.[202-4].528	1-II-202-4	2.1	br/pr	3	2	41.6cm	0.8cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-4].529	1-II-202-4	2.1	br/pr	3	4	13.6cm	0.6cm	0.5cm	-
EA5/08.[202-4].530	1-II-202-4	-	pg	-	-	-	1.85cm	-	-
EA5/08.[202-4].531	1-II-202-4	3	cr/pr	-	-	-	0.7cm	0.65cm	-
EA5/08.[202-4].532a	1-II-202-4	2	fd/pr	-	-	-	-	1.6cm	-
EA5/08.[202-4].532b	1-II-202-4	2	fd/pr	-	-	-	-	2cm	-
EA5/08.[202-4].536	1-II-202-4	sup.	br/pr	4	2	16.6cm	0.9cm	1.3cm	-
EA5/08.[202-4].538	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	2	22cm	0.85cm	1cm	-
EA5/08.[202-4].541	1-II-202-4	2.1	br/pr	3	4	20.4cm	1cm	0.9cm	-
EA5/08.[202-4].543	1-II-202-4	2.1	br/pr	1	8	44.6cm	0.9cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-4].549	1-II-202-4	2.1	br/pr	3	2	27.6cm	1cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-4].550	1-II-202-4	2.2	br/pr	4	8	45.6cm	1.15cm	1.3cm	-
EA5/08.[202-4].553	1-II-202-4	2.2	br/pr	4	2	6.8cm	0.4cm	0.4cm	-
EA5/08.[202-4].556	1-II-202-4	2	fd/pr	-	-	-	1.6cm	-	-
EA5/08.[202-4].560	1-II-202-4	2.1	br/pr	1	2	31.8cm	1.25cm	1.25cm	-
EA5/08.[202-4].569	1-II-202-4	2.1	br/pr	3	2	21cm	0.9cm	0.7cm	-
EA5/08.[202-4].570	1-II-202-4	2.1	br/pr	5	2	22cm	0.9cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-4].571	1-II-202-4	1.1	br/pr	3	2	19.8cm	0.8cm	0.75cm	-
EA5/08.[202-4].572	1-II-202-4	1.2	br/pr	3	2	43cm	1.1cm	1.1cm	-
EA5/08.[202-4].573A	1-II-202-4	3	cr/pr	-	-	-	1.2cm	1.2cm	-
EA5/08.[202-4].573B	1-II-202-4	1.1	br/pr	4	2	8.2cm	0.3cm	0.25cm	-
EA5/08.[202-4].575	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	5	31.5cm	0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[202-4].576	1-II-202-4	2.1	br/pr	6	6	19.3cm	0.7cm	0.7cm	-
EA5/08.[203].579	1-II-203	1.2	br/pr	2	2	27.8cm	0.5cm	1cm	-
EA5/08.[203].580	1-II-203	1.2	br/pr	2	2	42cm	0.8cm	0.9cm	-
EA5/08.[203].581	1-II-203	1.1	br/pr	4	2	34cm	0.7cm	0.65cm	-
EA5/08.[203].582	1-II-203	2.1	br/pr	1	2	26.2cm	0.7cm	1.1cm	-
EA5/08.[203].583	1-II-202-2	1.2	br/pr	2	8	18cm	0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[203].584	1-II-203	2	pr/fd	-	-	-	1.6cm	n.a.	-
EA5/08.[203].589	1-II-203	-	pg/pr	-	-	-	1.4cm	1.25cm	bojo
EA5/08.[203].591	1-II-203	1.2	br/pr	2	2	29cm	0.7cm	1.1cm	-
EA5/08.[203].597	1-II-203	3	cr/pr	-	-	-	1.1cm	0.8cm	-
EA5/08.[203].611	1-II-203	2.1	br/pr	1	2	16cm	1cm	1cm	-
EA5/08.[203].612	1-II-203	3.1	br/pr	4	7	28cm	0.45cm	0.6cm	-
EA5/08.[203].613A	1-II-203	-	pg	-	-	-	2.35cm	-	-
EA5/08.[203].613B	1-II-203	-	pg	-	-	-	1.35cm	-	-
EA5/08.[203].614A-a	1-II-203	ind.	br/pr	4	2	ind.	1.1cm	1.2cm	-
EA5/08.[203].614A-b	1-II-203	ind.	br/pr	2	6	ind.	0.8cm	1cm	-
EA5/08.[203].614A-c	1-II-203	ind.	br/pr	ind.	ind.	ind.	ind.	ind.	-
EA5/08.[203A].637	1-II-203A	1.1	br/pr	4	1	41.6	1cm	1.4cm	-
EA5/08.[203A].641	1-II-203A	2.1	br/pr	3	2	17.2	0.8cm	0.6cm	-

EA5/08.[203A].647	1-II-203A	1.1	br/pr	4	8	24.2	0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[203A].649	1-II-203A	2.1	br/pr	3	2	19.6	0.75cm	0.8cm	-
EA5/08.[203A].655	1-II-203A	1.2	br/pr	4	8	21	0.65cm	0.45cm	-
EA5/08.[203A].661	1-II-203A	3	cr/pr	-	-	-	1.1cm	0.65cm	-
EA5/08.[203A].662	1-II-203A	-	pg/pr	-	-	-	1.8cm	1cm	bojo
EA5/08.[203A].663	1-II-203A	2	fd/pr	-	-	-	1cm	0.7cm	-
EA5/08.[203A].664	1-II-203A	3	cr/pr	-	-	-	1.8cm	1.8cm	-
EA5/08.[203A].665	1-II-203A	2	pr/fd	-	-	-	0.85cm	0.6cm	-
EA5/08.[203A].670	1-II-203A	2.1	br/pr	6	7	20.5	0.7cm	0.7cm	-
EA5/08.[203A].671	1-II-203A	1.2	br/pr	2	2	41	0.7cm	0.8cm	-
EA5/08.[203A].672	1-II-203A	2.1	br/pr	6	1	30.6	0.6cm	0.85cm	-
EA5/08.[203A].673	1-II-203A	2.1	br/pr	6	7	12.6	0.5cm	0.7cm	-
EA5/08.[203A].674A	1-II-203A	2.1	br/pr	4	2	18.9	0.85cm	0.75cm	-
EA5/08.[203A].674B	1-II-203A	ind.	br/pr	3	1	23.1	0.8cm	0.6cm	-
EA5/08.[203A].674C	1-II-203A	ind.	br/pr	1	2	29.3	0.8cm	ind.	-
EA5/08.[203A].674D	1-II-203A	2.1	br/pr	1	2	14.3	0.85cm	0.7cm	-
EA5/08.[203A].674E	1-II-203A	1.2	br/pr	4	7	20.8	1cm	0.8cm	-
EA5/08.[203A].674F	1-II-203A	2.1	br/pr	3	8	30.8	1cm	0.6cm	-
EA5/08.[203A].674G	1-II-203A	2.1	br/pr	1	2	9.4	0.7cm	0.7cm	-
EA5/08.[203A].675	1-II-203A	3.2	br/cr/pr	4	2	10	0.4cm	0.5cm	-
EA5/08.[203A].676	1-II-203A	2.1	br/pr	6	2	20.2	0.8cm	0.8cm	-
EA5/08.[203A].677	1-II-203A	1.1	br/pr	4	2	46.8	0.7cm	0.8cm	-
EA5/08.[203A].679	1-II-203A	1.2	br/pr	3	8	20.7	0.5cm	0.5cm	-
EA5/08.[203A].680	1-II-203A	1.2	br/pr	4	6	28.4	0.9cm	0.6cm	-
EA5/08.[203A].681A	1-II-203A	2	fd/pr	-	-	-	-	1.15cm	-
EA5/08.[203A].681B	1-II-203A	2	fd/pr	-	-	-	-	1.55cm	-
EA5/08.[203A].681C	1-II-203A	2	fd/pr	-	-	-	-	1.65cm	-
EA5/08.[203A].685A	1-II-203A	3	cr/pr	-	-	-	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[203A].685B	1-II-203A	3.1	br/pr	4	8	27	0.5cm	0.65cm	-
EA5/08.[203B].687	1-II-203B	-	pg/pr	-	-	-	-	1.2cm	bojo
EA5/08.[203B].688	1-II-203B	-	pg/pr	-	-	-	1.85cm	1.1cm	bojo
EA5/08.[203B].689A	1-II-203B	1.2	br/pr	2	2	34.6	0.95cm	0.9cm	-
EA5/08.[203B].693	1-II-203B	2.1	br/pr	1	2	37	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[203B].694	1-II-203B	2	fd/pr	-	-	-	-	1.55cm	-
EA5/08.[203B].696	1-II-203B	1.2	br/pr	4	2	32.7	1.25cm	1.2cm	-
EA5/08.[203B].699	1-II-203B	-	asa	-	-	-	-	-	-
EA5/08.[203B].700	1-II-203B	-	pg/pr	-	-	-	-	0.85cm	bojo
EA5/08.[203B].701	1-II-202-2	3	cr/pr	-	-	-	1.45cm	1cm	-
EA5/08.[203B].702	1-II-202-2	2	pr/fd	-	-	-	1.7cm	1.35cm	-
EA5/08.[203B].716	1-II-203B	3.1	br/cr/pr	4	2	35	0.8cm	0.8cm	-
EA5/08.[203B].717	1-II-203B	2.2	br/pr	6	2	45.6	1.2cm	1.2cm	-
EA5/08.[203B].718, 738, 739	1-II-203B	1.2	br/pr	3	4	50	0.95cm	1cm	-
EA5/08.[203B].720	1-II-203B	2.1	br/pr	6	2	26.5cm	0.7cm	0.7cm	-

EA5/08.[203B].721	1-II-203B	3.2	br/cr/pr	3	2	12cm	0.5cm	0.55cm	-
EA5/08.[203B].725	1-II-203B	2.1	br/pr	1	1	27.5cm	0.9cm	1.15cm	-
EA5/08.[203B].731	1-II-203B	1.2	br/pr	2	8	48cm	0.55cm	0.55cm	-
EA5/08.[203B].732	1-II-203B	2.1	br/pr	6	2	30.2cm	0.7cm	1.1cm	-
EA5/08.[203B].735	1-II-203B	PQ	br/pr	1	1	ind.	1.5cm	1.3cm	-
EA5/08.[203B].740	1-II-203B	1.1	br/pr	2	2	48cm	1cm	1cm	-
EA5/08.[203B].741	1-II-203B	2.1	br/pr	3	2	23.5cm	0.7cm	0.6cm	-
EA5/08.[203B].742	1-II-203B	2.2	br/pr	6	5	44cm	1.1cm	1.55cm	-
EA5/08.[203B].743	1-II-203B	2.1	br/pr	1	2	41cm	1.05cm	1.3cm	-
EA5/08.[203B].747	1-II-203B	1.2	br/pr	3	2	50cm	0.85cm	0.95cm	-
EA5/08.[203B].747A	1-II-203B	-	pg/pr	-	-	-	-	1.7cm	bojo
EA5/08.[203B].748	1-II-203B	-	pg	-	-	-	2.65cm	-	-
EA5/08.[203B].749	1-II-203B	2	fd/pr	-	-	-	-	1.8cm	-
EA5/08.[203B].750A	1-II-203B	3	cr/pr	-	-	-	1cm	0.75cm	-
EA5/08.[203B].750B	1-II-203B	3	cr/pr	-	-	-	0.85	0.85cm	-
EA5/08.[203B].750C	1-II-203B	3	cr/pr	-	-	-	1.5	1.4cm	-
EA5/08.[203B].750D	1-II-203B	3	cr/pr	-	-	-	0.85cm	0.85cm	-
EA5/08.[203B].763B	1-II-203B	1.1	br/pr	2	8	17.8cm	0.7cm	0.8cm	-
EA5/08.[203B].764	1-II-203B	-	pg/pr	-	-	-	2.7cm	1.6cm	bojo

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **Frag** – fragmento; **esp** – espessura; **Max** – máxima; **EP** – elemento de prensão; **sup** – suporte; **n.a.** – não se aplica; **PQ** – peça quadrangular; **br** – bordo; **pr** – parede; **cr** – carena; **pg** – pega; **ml** – mamilo; **fd** – fundo.

Tipo de bordo: **1** – vertical; **2** – sub-vertical; **3** – ligeiramente extrovertido; **4** – extrovertido; **5** – introvertido; **6** – ligeiramente extrovertido.

Tipo de lábio: **1** – recto/plano; **2** – boleado/semi-circular; **3** – biselado/triangular; **4** – semi-circular com espessamento externo; **5** – semi-circular com espessamento interno; **6** – semi-circular bi-espessado; **7** – semi-circular superiormente aplanado; **8** – semi-circular com tendência biselada.

Nº inv (continuação)	Consist	Textura	ENP – matéria-prima	ENP - dim	ENP - freq	Tratam sups
EA5/08.[200].319	compacta	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[200].320	compacta	homogénea	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	afagado
EA5/08.[200].321	friável	pouco	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	poroso
EA5/08.[200].322	compacta	homogénea	q, m.o., f	1-4	alta	grosseiro
EA5/08.[200].323	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-3	alta	grosseiro
EA5/08.[200].324	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[200].325	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	grosseiro
EA5/08.[200].326	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f	1-4	média	polido
EA5/08.[200].327	compacta	homogénea	q, m.o., f	1-3	baixa	polido
EA5/08.[200].328	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[200].329	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado/grosseiro

EA5/08.[202].334	compacta	homogénea	q, m.o., m (b), f, g	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202].335	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202].336	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202].337	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202].338	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202].339	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202].341	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202].342	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202].343	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202].344	média	moderada	q	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202].345	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[202].346	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-3	alta	grosseiro
EA5/08.[202].347	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-4	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202].348	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202].350A	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202].351	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202].352	média	moderada	q, m.o., m (msc), f, g	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202].353	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	engobe
EA5/08.[202].355	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-4	alta	grosseiro/afagado
EA5/08.[202].356	média	moderada	q, m.o., m (msc), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[202].357A	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202].357B	média	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-5	alta	polido
EA5/08.[202].358A	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202].363	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202].364	friável	pouco	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202].365A	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[202].365B	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-1].367	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	afagado/polido
EA5/08.[202-1].368	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-1].369	compacta	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-1].370	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202-1].371	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-1].372	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	grosseiro/polido
EA5/08.[202-1].373	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	grosseiro/polido
EA5/08.[202-1].374	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-1].375	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f, qto	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-1].375A	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-1].376A	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-1].376B	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].382	compacta	homogénea	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].383	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].384	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].385	média	pouco	q, m.o., m (b), f, g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].386	média	pouco	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido/afagado

EA5/08.[202-2].387	média	moderada	q, m.o, f, g	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-2].388	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-2].390	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].391	média	moderada	q, m (b), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].392A	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/grosseiro
EA5/08.[202-2].392B	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-2].393A	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	afagado
EA5/08.[202-2].393B	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].395	média	moderada	q, m.o.	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].396	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	média	polido
EA5/08.[202-2].397	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].398	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].399	média	moderada	q, m.o.	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].400	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].401	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].402	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-2].403	média	moderada	q, m.o., f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202-2].404	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	polido/afagado
EA5/08.[202-2].405	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].406	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-2].407	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].408	friável	pouco	q	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].409	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].410	compacta	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-2].411	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-2].412	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].413A	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].413B	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].413C	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	grosseiro/afagado
EA5/08.[202-2].414	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-4	média	polido
EA5/08.[202-2].415A	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].415B	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-2].415C	friável	pouco	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	n.a.
EA5/08.[202-2].415D	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/grosseiro
EA5/08.[202-2].415E	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202-2].415F	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].415G	média	moderada	q, m.o., m (b)	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].421A	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].421B	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].421C	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].421D	compacta	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202-2].423	média	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].432	friável	pouco	q, m.o.	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].433	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	grosseiro

EA5/08.[202-2].434	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].435	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].436	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].437	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].438	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].439	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].440	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].441	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].442	compacta	moderada	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].443	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-2].444	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-2].445A	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].445B	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].445C	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-2].445D	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-2].446	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-3].458	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].460/475	média	moderada	q, m.o.	1-5	muito alta	afagado/polido
EA5/08.[202-3].461	friável	pouco	q, m.o.	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].462	friável	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	afagado
EA5/08.[202-3].463	média	pouco	q, m.o., m (b)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].464	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-3].465	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-3].466	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-3].467	compacta	homogénea	q	1-2	média	polido
EA5/08.[202-3].468	média	moderada	q, m.o.	1-4	alta	polido/afagado
EA5/08.[202-3].469	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].470	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].471	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].472	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	polido/afagado
EA5/08.[202-3].473	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	afagado
EA5/08.[202-3].474	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].476	média	moderada	q, m.o.	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-3].477	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc)	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].478	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].479	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-3].480	média	moderada	quart, mica (biot e msc)	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-3].481	friável	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-3].482	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].484	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-3].486	friável	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[202-3].487a	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-3].487b	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	afagado

EA5/08.[202-3].489	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-3].495	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-3].496	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	afagado
EA5/08.[202-3].497	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-3].498	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	afagado/polido
EA5/08.[202-3].499	média	moderada	q, f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-3].500	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[202-3].501	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	afagado/polido
EA5/08.[202-3].502	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-3].503	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].504	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	grosseiro
EA5/08.[202-4].509	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].509a	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].510	média	moderada	q, m.o., m (b), f, qto	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-4].511	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].512	friável	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].513	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-4].514	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-3	muito alta	grosseiro/polido
EA5/08.[202-4].515	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].516	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-4].517	média	moderada	q, m.o., m (msc), f, g	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].518	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].519	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].519A	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].520	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].521	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-4].522	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].523	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-4].524	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-4].525	média	moderada	q, m.o., m (msc), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].526	média	moderada	q, m.o., m (msc), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].527	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].528	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	n.a.
EA5/08.[202-4].529	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	engobe
EA5/08.[202-4].530	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[202-4].531	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[202-4].532a	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[202-4].532b	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-4].536	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].538	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].541	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].543	média	moderada	q, m.o., m, f, g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].549	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].550	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido

EA5/08.[202-4].553	compacta	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[202-4].556	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[202-4].560	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].569	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].570	média	moderada	q, m.o., f, g	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[202-4].571	média	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[202-4].572	compacta	homogénea	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	afagado/polido
EA5/08.[202-4].573A	média	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].573B	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[202-4].575	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[202-4].576	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203].579	compacta	moderada	q, m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203].580	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203].581	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203].582	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203].583	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[203].584	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[203].589	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203].591	média	moderada	quart, m.o., mica (biot)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203].597	média	pouco	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203].611	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203].612	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f	1-4	média	polido
EA5/08.[203].613A	compacta	homogénea	q, m (msc), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203].613B	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203].614A-a	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203].614A-b	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[203].614A-c	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].637	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].641	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203A].647	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].649	média	moderada	q, m.o., m, f, g	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203A].655	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].661	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[203A].662	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203A].663	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].664	média	moderada	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203A].665	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[203A].670	média	moderada	q, m.o., m (b), g	1-5	alta	polido
EA5/08.[203A].671	compacta	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[203A].672	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].673	média	moderada	q, m.o., m (msc), g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203A].674A	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].674B	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].674C	média	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f	1-3	muito alta	polido

EA5/08.[203A].674D	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[203A].674E	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	muito alta	polido
EA5/08.[203A].674F	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[203A].674G	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203A].675	compacta	moderada	q, m (msc), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[203A].676	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].677	média	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203A].679	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203A].680	compacta	homogénea	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-4	alta	polido
EA5/08.[203A].681A	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203A].681B	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203A].681C	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido/grosseiro
EA5/08.[203A].685A	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[203A].685B	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-3	muito alta	afagado
EA5/08.[203B].687	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203B].688	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f, qto	1-5	alta	afagado
EA5/08.[203B].689A	média	moderada	q, m.o., m (msc), g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].693	média	moderada	q, m.o., f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203B].694	média	moderada	q, m.o., f	1-4	alta	afagado
EA5/08.[203B].696	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203B].699	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[203B].700	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-5	muito alta	afagado
EA5/08.[203B].701	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].702	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203B].716	média	moderada	q, m.o., g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].717	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203B].718, 738, 739	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f, g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].720	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].721	média	moderada	q, m.o., m (b e msc)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].725	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].731	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].732	média	moderada	q, m.o., g	1-5	muito alta	polido/afagado
EA5/08.[203B].735	compacta	homogénea	q, m.o., m (msc), f	1-5	média	afagado
EA5/08.[203B].740	média	moderada	q, m.o., m (msc)	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].741	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[203B].742	média	moderada	q, m.o., m (msc), f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].743	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203B].747	média	moderada	q, m.o., m (b), f, g	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].747A	compacta	moderada	q, m (b e msc), f, g	1-5	muito alta	afagado/grosseiro
EA5/08.[203B].748	média	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	alta	polido
EA5/08.[203B].749	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	afagado
EA5/08.[203B].750A	compacta	moderada	q, m.o., m (b), f	1-3	alta	polido
EA5/08.[203B].750B	média	moderada	q, m.o., m, f, g	1-5	muito alta	polido

EA5/08.[203B].750C	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	alta	polido
EA5/08.[203B].750D	média	moderada	q, m.o., m (b), f	1-4	muito alta	polido
EA5/08.[203B].763B	compacta	homogénea	q, m.o., f	1-5	muito alta	polido
EA5/08.[203B].764	compacta	moderada	q, m.o., m (b e msc), f	1-5	muito alta	afagado

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **Consist** – consistência; **ENP** – elemento não plástico; **dim** – dimensão; **freq** – frequência; **Tratam sups** – tratamento das superfícies (interna/externa); **q** – quartzo; **qto** – quartzito; **m.o.** – minerais opacos; **f** – feldspatos; **m** – micas; **msc** – moscovite e **b** – biotite; **g** – grog.

Dimensão dos e.n.p.'s: **1** – muito fino (< 0,5 mm); **2** – fino (0,5-1 mm); **3** – médio (1-2 mm); **4** – grosseiro (2-4 mm); **5** – muito grosso (> 4 mm).

Nº Inv (continuação)	Cor pasta	Cor superfície interna	Cor superfície externa	Coz	Observações
EA5/08.[200].319	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho (2.5 YR 4/3)	1	
EA5/08.[200].320	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	1	
EA5/08.[200].321	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8) e castanho escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	3	apresenta manchas negras e cinzentas esverdeadas nas superfícies
EA5/08.[200].322	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[200].323	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[200].324	cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[200].325	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	
EA5/08.[200].326	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	
EA5/08.[200].327	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	2	
EA5/08.[200].328	castanho (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[200].329	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	2.15x4.8cm
EA5/08.[202].334	cinzento (2.5 YR 4/1) e negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202].335	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[202].336	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho (2.5 YR 4/3)	3	
EA5/08.[202].337	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	

EA5/08.[202].338	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202].339	negro (2.5 YR 1/1)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho (2.5 YR 4/3)	3	
EA5/08.[202].341	negro (2.5 YR 1/1) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	5.2	
EA5/08.[202].342	negro (2.5 YR 1/1), castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202].343	negro (2.5 YR 1/1), castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e claro (2.5 YR 5/6)	negro (2.5 YR 1/1), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1), avermelhado (2.5 YR 3/6) e claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202].344	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	2	
EA5/08.[202].345	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1), castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202].346	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.2	
EA5/08.[202].347	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	3	
EA5/08.[202].348	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202].350A	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	bordo danificado
EA5/08.[202].351	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	5.2	
EA5/08.[202].352	castanho-escuro (2.5 YR 3/2), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.2	superfície interior danificada
EA5/08.[202].353	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	2	
EA5/08.[202].355	negro (2.5 YR 1/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	2	
EA5/08.[202].356	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[202].357A	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-	negro (2.5 YR 1/1)	castanho (2.5 YR 4/3)	5.2	

	avermelhado (2.5 YR 3/6)				
EA5/08.[202].357B	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202].358A	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	2	
EA5/08.[202].363	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202].364	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202].365A	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	1	
EA5/08.[202].365B	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-1].367	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e negro (2.5 YR 1/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-1].368	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	
EA5/08.[202-1].369	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[202-1].370	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	2	
EA5/08.[202-1].371	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-1].372	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-1].373	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-1].374	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	3	
EA5/08.[202-1].375	cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/4)	5.1	
EA5/08.[202-1].375A	castanho (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-1].376A	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	ind.	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	3	
EA5/08.[202-1].376B	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	ind.	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	

EA5/08.[202-2].382	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-2].383	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-2].384	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[202-2].385	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	4	-
EA5/08.[202-2].386	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	5.2	-
EA5/08.[202-2].387	negro (2.5 YR 1/1) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-2].388	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].390	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].391	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	negro (2.5 YR 1/1), cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	negro (2.5 YR 1/1), cinzento (2.5 YR 4/1) e avermelhado (2.5 YR 4/6)	5.1	
EA5/08.[202-2].392A	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-2].392B	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-2].393A	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-2].393B	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202-2].395	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].396	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].397	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-2].398	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	5.1	
EA5/08.[202-2].399	castanho (5 YR 4/4)	castanho-claro (5 YR 5/6)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.3	
EA5/08.[202-2].400	castanho-escuro (2.5 YR 2/3)	negro (2.5 YR 1/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	

EA5/08.[202-2].401	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (5 YR 5/4)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (5 YR 5/4)	5.1	
EA5/08.[202-2].402	castanho-escuro (2.5 YR 3/4)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].403	negro (2.5 YR 2/1), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-acinzentado (2.5 YR 4/2)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.2	
EA5/08.[202-2].404	cinzento (2.5 YR 4/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	3	
EA5/08.[202-2].405	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	5.1	
EA5/08.[202-2].406	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-acinzentado (2.5 YR 4/2)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	2	
EA5/08.[202-2].407	negro (2.5 YR 2/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 5/6)	3	
EA5/08.[202-2].408	castanho-claro (5 YR 7.5)	cinzento-escuro (5 YR 3/1) e castanho-claro (5 YR 5/4)	castanho-claro (5 YR 5/8 e 5 YR 5/4)	5.3	
EA5/08.[202-2].409	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].410	negro (2.5 YR 2/1), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e avermelhado (2.5 YR 3/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-2].411	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].412	negro (2.5 YR 2/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.2	
EA5/08.[202-2].413A	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-2].413B	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-acinzentado (2.5 YR 5/2)	castanho-acinzentado (2.5 YR 5/2)	5.2	
EA5/08.[202-2].413C	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado escuro (2.5 YR 3/3)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho (2.5 YR 4/4) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202-2].414	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	

EA5/08.[202-2].415A	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho-acinzentado (2.5 YR 4/3)	cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho (2.5 YR 4/4)	2	
EA5/08.[202-2].415B	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	arranque de fundo
EA5/08.[202-2].415C	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	n.a.	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	1	bastante deteriorado na superfície interna
EA5/08.[202-2].415D	castanho (2.5 YR 2/3)	castanho (2.5 YR 2/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 2/3)	2	arranque de fundo
EA5/08.[202-2].415E	cinzento (2.5 YR 4/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-claro (5 YR 6/6)	3	arranque de fundo
EA5/08.[202-2].415F	negro (2.5 YR 1/1), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e avermelhado (2.5 YR 4/8)	n.a.	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	arranque de fundo
EA5/08.[202-2].415G	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	arranque de fundo
EA5/08.[202-2].421A	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-2].421B	negro (2.5 YR 2/2)	n.a.	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202-2].421C	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	5.2	pega fragmentada
EA5/08.[202-2].421D	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/8)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	5.2	orifício cónico no bojo
EA5/08.[202-2].423	cinzento (2.5 YR 4/1), castanho (2.5 YR 4/3) e avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202-2].432	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	5.2	
EA5/08.[202-2].433	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	cinzento-claro (2.5 YR 7/1) e castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	3	
EA5/08.[202-2].434	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	4	
EA5/08.[202-2].435	castanho-escuro (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-escuro (2.5 YR 4/2)	5.2	
EA5/08.[202-2].436	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	2	

EA5/08.[202-2].437	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	1	manchas cinzentas em ambas as superfícies
EA5/08.[202-2].438	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-2].439	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	negro (2.5 YR 2/1)	castanho-escuro (2.5 YR 2/4) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	5.1	
EA5/08.[202-2].440	castanho-claro (5 YR 5/4)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[202-2].441	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	n.a.	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	4	
EA5/08.[202-2].442	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	5.2	
EA5/08.[202-2].443	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8) e cinzento-claro (2.5 YR 7/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	3	
EA5/08.[202-2].444	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-2].445A	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-2].445B	negro (2.5 YR 2/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-2].445C	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[202-2].445D	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	2	
EA5/08.[202-2].446	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	n.a.	castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	superfície interior deteriorada
EA5/08.[202-3].458	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	mancha negra na superfície interior junto ao bordo
EA5/08.[202-3].460/475	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].461	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-3].462	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	
EA5/08.[202-3].463	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	

EA5/08.[202-3].464	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	
EA5/08.[202-3].465	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/3)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-3].466	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.2	
EA5/08.[202-3].467	negro (2.5 YR 1/1)	cinzento-claro (7.5 YR 8/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-3].468	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-3].469	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].470	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].471	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 Y/R 6/1 e 7/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.1	
EA5/08.[202-3].472	negro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].473	negro (2.5 YR 2/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	
EA5/08.[202-3].474	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/5)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/5)	4	
EA5/08.[202-3].476	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].477	castanho-esverdeado (2.5 YR 5/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-3].478	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-3].479	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	3	3.7x1.8cm
EA5/08.[202-3].480	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-3].481	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-3].482	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-3].484	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/5)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	

EA5/08.[202-3].486	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[202-3].487a	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6 e 3/4)	-	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[202-3].487b	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e negro (2.5 YR 2/1)	-	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	3	
EA5/08.[202-3].489	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	
EA5/08.[202-3].495	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].496	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[202-3].497	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	5.2	
EA5/08.[202-3].498	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.1	
EA5/08.[202-3].499	castanho (2.5 YR 3/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[202-3].500	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[202-3].501	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.1	
EA5/08.[202-3].502	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202-3].503	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].504	cinzento escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1), avermelhado (2.5 YR 4/6) e claro (2.5 YR 5/6)	3	1.4x6.2cm
EA5/08.[202-4].509	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-4].509a	castanho-escuro (2.5 YR 4/4) e	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	

	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)				
EA5/08.[202-4].510	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-4].511	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].512	cinzento (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].513	castanho-escuro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].514	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-4].515	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	4	
EA5/08.[202-4].516	castanho (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-4].517	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1), cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1), cinzento (2.5 YR 4/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-4].518	castanho (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-4].519	castanho (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho (2.5 YR 4/3)	2	
EA5/08.[202-4].519A	castanho (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	2	
EA5/08.[202-4].520	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].521	castanho (2.5 YR 3/2)	castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-4].522	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-4].523	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	2	
EA5/08.[202-4].524	castanho-claro (5 YR 5/8)	castanho-claro (5 YR 5/6)	castanho-claro (5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[202-4].525	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].526	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6), escuro (2.5 YR 3/2) e negro (2.5 YR 1/1)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	4	

EA5/08.[202-4].527	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[202-4].528	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[202-4].529	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	vestígios de engobe vermelho na superfície externa
EA5/08.[202-4].530	castanho (5 YR 4/8) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	-	castanho (5 YR 5/8)	1	
EA5/08.[202-4].531	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[202-4].532a	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	1	
EA5/08.[202-4].532b	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[202-4].536	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].538	castanho (2.5 YR 5/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 6/8)	castanho-avermelhado (2.5 YR 6/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[202-4].541	negro (2.5 YR 2/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.2	
EA5/08.[202-4].543	castanho (2.5 YR 5/3)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].549	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	4	
EA5/08.[202-4].550	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	1	
EA5/08.[202-4].553	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[202-4].556	negro (2.5 YR 2/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	3	
EA5/08.[202-4].560	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	4	
EA5/08.[202-4].569	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	4	
EA5/08.[202-4].570	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-4].571	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	

EA5/08.[202-4].572	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[202-4].573A	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[202-4].573B	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	1	apresenta manchas negras e cinzentas esverdeadas nas superfícies
EA5/08.[202-4].575	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	3	
EA5/08.[202-4].576	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.2	superfície externa apresenta mancha negra sob o bordo
EA5/08.[203].579	negro (2.5 YR 2/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	5.2	
EA5/08.[203].580	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	4	
EA5/08.[203].581	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[203].582	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203].583	castanho-claro (5 YR 7/8) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203].584	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203].589	castanho-escuro (2.5 YR 2/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203].591	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	marca de semente ?
EA5/08.[203].597	castanho-claro (2.5 YR 8/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203].611	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[203].612	castanho-claro (5 YR 7/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203].613A	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	5.2	duplo; 2.35x4.75cm

EA5/08.[203].613B	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	3	
EA5/08.[203].614A-a	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203].614A-b	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	1	
EA5/08.[203].614A-c	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	ind.	ind.	3 (?)	peça em elevado estado de degradação
EA5/08.[203A].637	cinzento-claro (2.5 YR 6/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203A].641	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].647	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203A].649	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-acinzentado (2.5 YR 4/2)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	2	
EA5/08.[203A].655	castanho (2.5 YR 4/4), cast.-acinzentado (2.5 YR 4/2) e avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-acinzentado (2.5 YR 4/3)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.1	
EA5/08.[203A].661	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[203A].662	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	5.2	
EA5/08.[203A].663	negro (2.5 YR 1/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[203A].664	negro (2.5 YR 1/1), cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[203A].665	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 6/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 6/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 6/6)	5.2	
EA5/08.[203A].670	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[203A].671	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	5.1	
EA5/08.[203A].672	negro (2.5 YR 1/1), castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1), castanho (2.5 YR 4/3) e avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.1	
EA5/08.[203A].673	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e negro (2.5 YR 1/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	2	

EA5/08.[203A].674A	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].674B	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].674C	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].674D	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].674E	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203A].674F	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203A].674G	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203A].675	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203A].676	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[203A].677	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	4	
EA5/08.[203A].679	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.1	
EA5/08.[203A].680	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	
EA5/08.[203A].681A	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento (2.5 YR 4/1)	cinzento (2.5 YR 4/1)	4	
EA5/08.[203A].681B	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	1	com uma desnivelação do oxigénio no fabrico
EA5/08.[203A].681C	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	5.2	
EA5/08.[203A].685A	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	5.2	
EA5/08.[203A].685B	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	orifício de suspensão ou reparação
EA5/08.[203B].687	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	4	2,05x4,98; perfurada
EA5/08.[203B].688	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	5.2	

EA5/08.[203B].689A	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	2	
EA5/08.[203B].693	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	negro (2.5 YR 1/1), castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-acinzentado (5 YR 4/2)	5.3	
EA5/08.[203B].694	negro (2.5 YR 1/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203B].696	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203B].699	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6) e negro (2.5 YR 1/1)	ind.	ind.	4 (?)	superfícies degradadas; 2,7x4cm
EA5/08.[203B].700	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	5.1	1.65x5cm; dupla perfuração
EA5/08.[203B].701	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/4)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[203B].702	castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-escuro (2.5 YR 2/2)	2	
EA5/08.[203B].716	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	negro (2.5 YR 1/1) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	negro (2.5 YR 1/1) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203B].717	negro (2.5 YR 1/1) e cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203B].718, 738, 739	castanho (2.5 YR 4/3) e negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	4	
EA5/08.[203B].720	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[203B].721	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	2	
EA5/08.[203B].725	castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6) e castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-claro (2.5 YR 5/1)	5.2	
EA5/08.[203B].731	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	
EA5/08.[203B].732	negro (2.5 YR 1/1), castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	5.1	
EA5/08.[203B].735	castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	castanho-alaranjado (2.5 YR 5/8)	1	decorada (incisão e impressão)

EA5/08.[203B].740	castanho-claro (2.5 YR 5/6) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203B].741	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.1	orifício de suspensão ou reparação
EA5/08.[203B].742	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-escuro (2.5 YR 3/2), cast. (2.5 YR 4/3) e avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203B].743	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-acinzentado (2.5 YR 4/2)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	3	
EA5/08.[203B].747	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	5.1	
EA5/08.[203B].747A	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	5.1	negativo de folha, pega danificada
EA5/08.[203B].748	negro (2.5 YR 1/1), castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho (2.5 YR 4/3)	castanho (2.5 YR 4/3)	3	
EA5/08.[203B].749	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[203B].750A	negro (2.5 YR 1/1) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	5.2	
EA5/08.[203B].750B	negro (2.5 YR 1/1) e castanho (2.5 YR 4/3)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	5.1	
EA5/08.[203B].750C	castanho-escuro (2.5 YR 3/2) e castanho-avermelhado (2.5 YR 3/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	castanho-avermelhado (2.5 YR 4/6)	5.1	
EA5/08.[203B].750D	castanho (2.5 YR 4/3) e castanho-escuro (2.5 YR 3/2)	negro (2.5 YR 1/1)	negro (2.5 YR 1/1)	5.1	
EA5/08.[203B].763B	castanho-claro (10 YR 8/8) e castanho-avermelhado (2.5 YR 4/8)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	cinzento-escuro (2.5 YR 3/1)	4	
EA5/08.[203B].764	castanho-acinzentado (2.5 YR 5/3)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	castanho-claro (2.5 YR 5/6)	3	manchas negras na superfície interna; pega fragmentada

Observações: Nº Inv – número de inventário; ind. – indeterminado; Coz – cozedura: 1 – oxidante; 2 – redutora; 3 – oxidação incompleta; 4 – arrefecimento redutor; 5.1 – oxidação parcial; 5.2 – redutora com arrefecimento oxidante; 5.3 – irregular arrefecimento parcialmente redutor.

APÊNDICE F: INVENTÁRIO DA PEDRA POLIDA, AFEIÇOADA E COM TRAÇOS DE UTILIZAÇÃO

Nº Inv	Contexto	Tipo	Emaior	Emenor	Esp	Peso	Forma geral	Gume	Secção longitudinal	Secção transv
EA5/08.[200].332a	1-II-200	percutor	65mm	63mm	-	319g	sub-triangular	-	esferoidal	sub-triangular
EA5/08.[200].332b	1-II-200	percutor	69mm	61mm	56mm	387g	esferoidal	-	oval	esferoidal
EA5/08.[200].332c	1-II-200	percutor	73mm	73mm	-	321g	esferoidal	-	esferoidal	esferoidal
EA5/08.[202].359	1-II-202	percutor	120mm	85mm	-	970g	irregular	-	irregular	sub-rectangular
EA5/08.[202-1].362a	1-II-202-1	movente	78mm	59mm	-	322g	esferoidal	-	sub-triangular	esferoidal
EA5/08.[202-2].379	1-II-202-2	movente	ind.	ind.	-	279g	esferoidal (?)	-	plano-côncava	plano-côncava
EA5/08.[202-2].448a	1-II-202-2	percutor	72mm	65mm	-	515g	esferoidal	-	esferoidal	esferoidal
EA5/08.[202-2].448b	1-II-202-2	percutor	57,5mm	52mm	47mm	198g	esferoidal	-	esferoidal	esferoidal
EA5/08.[202-2].448c	1-II-202-2	percutor	90mm	80mm	64mm	783g	esferoidal	-	esferoidal	esferoidal
EA5/08.[202-2].448d	1-II-202-2	percutor	75mm	64mm	51mm	351g	esferoidal	-	esferoidal	esferoidal
EA5/08.[202-2].451	1-II-202-2	percutor	86mm	66,5mm	49mm	376g	irregular	-	sub-rectangular	sub-rectangular
EA5/08.[202-2].456a	1-II-202-2	percutor	56,5mm	56mm	-	320g	sub-quadrangular	-	sub-quadrangular	sub-quadrangular
EA5/08.[202-2].456b	1-II-202-2	percutor	51mm	45mm	26mm	115g	esferoidal	-	oval	oval
EA5/08.[202-3].492	1-II-202-3	percutor	86mm	76mm	56,5mm	517g	esferoidal	-	sub-rectangular	sub-rectangular
EA5/08.[202-3].507	1-II-202-3	termoclastos	-	-	-	-	-	-	-	-
EA5/08.[202-3].507a	1-II-202-3	percutor	88,5mm	64mm	41mm	310g	oval	-	oval	sub-triangular
EA5/08.[202-4].566	1-II-202-4	percutor	77mm	66mm	59,5mm	477g	oval	-	oval	sub-quadrangular
EA5/08.[202-4].567	1-II-202-4	termoclasto	100mm	70mm	33,5mm	299g	oval	-	elíptica (sinuosa)	elíptica
EA5/08.[203].609a	1-II-203	percutor	128mm	71mm	64mm	1121g	sub-rectangular	-	sub-rectangular	sub-rectangular
EA5/08.[203].610a	1-II-203	termoclasto	220mm	120mm	-	2376g	irregular (sub-rectangular)	-	irregular (alongada)	irregular
EA5/08.[203].615	1-II-203	machado	118mm	61mm	39mm	420g	sub-rectangular	simétrico	plano-convexa (sinuosa)	sub-rectangular
EA5/08.[203A].669a	1-II-203A	polidor	38mm	31mm	29mm	44g	esferoidal	-	elíptica (regular)	oval

EA5/08.[203B].684	1-II-203B	obj. polido	96mm	38,5mm	26mm	260g	rectângular	-	rectangular	rectangular
EA5/08.[203B].745g	1-II-203B	dormente	210mm	115mm	.	3453g	ind.	-	plano-convexa	plano-convexa
EA5/08.[203B].753	1-II-203B	percutor	71mm	70mm	36mm	233g	sub-quadrangular	-	sub-rectangular	sub-triangular

Nº Inv (continuação)	Estado de conservação	Matéria-Prima
EA5/08.[200].332a	int./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[200].332b	int./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[200].332c	frag./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202].359	int./ligeiro desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-1].362a	int./desgaste de uso	arenito
EA5/08.[202-2].379	frag.	granito
EA5/08.[202-2].448a	frag./ duas das facetas encontram-se truncadas, uma, apenas, de forma parcial	granito
EA5/08.[202-2].448b	int./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-2].448c	int./severo desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-2].448d	int./desgaste de uso	arenito
EA5/08.[202-2].451	frag./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-2].456a	int./ uma das facetas encontra-se truncada	quartzito
EA5/08.[202-2].456b	int./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-3].492	int./severo desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-3].507	-	várias
EA5/08.[202-3].507a	int./desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[202-4].566	int./ duas das facetas encontram-se truncadas, uma, apenas, de forma parcial	quartzito
EA5/08.[202-4].567	-	anfibolito
EA5/08.[203].609a	int./ligeiro desgaste de uso	quartzito
EA5/08.[203].610a	-	ind.
EA5/08.[203].615	duas das facetas encontrma-se truncadas; sinais de desgaste no gume.	anfibolito
EA5/08.[203A].669a	int./desgate de uso	quartzito

EA5/08.[203B].684	int. (?)	anfíbrito
EA5/08.[203B].745g	frag./deteriora-se com alguma facilidade/ sinais de uso	granito (?)
EA5/08.[203B].753	int./ligeiro desgaste de uso	quartzo

Nº Inv (Continuação)	Observações
...332a	sinais de percussão em duas das faces
...332b	sinais de percussão nas várias faces
...332c	sinais de percussão nas várias faces
...359	seixo de quartzito que revela ligeiros sinais de percussão num dos pontos das extremidades e dois levantamentos numa das faces
...362a	polimento de uma das faces
...379	duas superfícies activas
...448a	sinais de percussão nas várias faces
...448b	desgaste de uso em todas as faces e extremidades
...448c	sinais de percussão em quase toda a superfície da peça
...448d	sinais de percussão numa das extremidades e ligeiro polimento noutra
...451	fragmentado longitudinalmente, em duas das faces por inteiro e numa 3ª parcialmente; percussão nos extremos visíveis
...456a	sinais de percussão nas várias faces
...456b	possui uma das faces polida e as outras picotadas; sinais de desgaste por percussão numa das extremidades
...492	sinais de percussão em todos os bordos
...507	conj. de 10 clastos (5 q., 1 qto., 1 gran., 1 ind., 1 fam. grav., 1 jaspe); um foi usado como percutor (pouco uso, com dois lev. Numa das extremidades)
...507a	sinais de percussão nas extremidades; numa das extremidades apresenta dois levantamentos; sinais de contacto com o fogo
...566	o utensílio foi usado depois de ter sido truncado ou depois do truncamento continuou o seu uso; sinais de desgaste por percussão nas duas extremidades
...567	sinais de contacto com o fogo
...609a	seixo de quartzito que revela ligeiros sinais de percussão em dois pontos das extremidades
...610a	sinais de contacto com o fogo
...615	além do truncamento não se notam sinais prévios de trabalho do utensílio, forma natural sugestiva
...669a	encontra-se polido em duas das faces, nas restantes encontra-se picotado

...684	uma das extremidades encontra-se polida
...745g	superfície activa plana
...753	seixo de quartzo que revela ligeiros sinais de percussão em dois pontos das extremidades

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **Emaior** – eixo maior; **Emenor** – eixo menor; **Secção transv** – secção transversal; **ind.** - indeterminado; **int.** – inteiro; **frag.** – fragmento; **lev** – levantamentos; **conj.** – conjunto; **q.** – quartzo; **qto.** – quartzito; **gran.** – granito; **fam. grau.** – família dos grauvaques; **mm** – milímetros; **g** – gramas.

APÊNDICE G: NOMENCLATURA DA PEDRA LASCADA (NÚCLEOS)

- **Matéria-prima:**

Sílex

Quartzo

Quartzito

- **Tipos morfotécnicos** (Carvalho, 2009; Zilhão, 1997; Tixier, Inizan e Roche, 1980):

Nódulo debitado – Bloco bruto com levantamentos avulsos não contínuos.

Sobre seixo – Seixo de morfologia arredondada com levantamentos, sem direcção preferencial.

Ortogonal/Poliédrico – Núcleo com levantamentos aleatórios, sem direcção preferencial.

Discóide – Núcleo com levantamentos centrípetos executados a partir de uma plataforma constituída pela aresta irregular que forma a intersecção entre as duas metades opostas de um volume achatado de contorno subcircular, uma das quais é usada como superfície de debitação.

Piramidal – Núcleo prismático cujos levantamentos convergem para o eixo de debitação.

- **Tipo de córtex** (Zilhão, 1997):

Sem Vestígios.

Córtex de alteração espesso e pulverulento.

Córtex de alteração apresentando vestígios de rolamento fluvial (fino, não pulverulento).

Córtex de seixo (superfície externa constituída pelo miolo rolado do nódulo).

Córtex misto, combinando categorias 2 e 3.

- **Percentagem de córtex** (Bicho, 2000):

Sem córtex

Menos de 25%

Entre 26% e 74%

Entre 75% e 94%

Mais de 95%

- **Plataforma de preparação** (Carvalho, 1999):

Cortical – Superfície constituída pelo córtex.

Lisa – Superfície obtida mediante um ou dois levantamentos.

Facetada – Superfície mediante três ou mais levantamentos.

- **Número de levantamentos**

- **Direcção dos levantamentos** (Andrefsky, 1998):

Unidireccional

Multidireccional

- **Tipo de Levantamentos** (Carvalho, 1999):

Lascas – Se apenas são visíveis negativos de lascas.

Lâminas – Se são visíveis negativos de levantamentos laminares, mesmo se também tem negativos de outros produtos.

Lamelas – Se não são visíveis negativos de levantamentos laminares, e se são visíveis negativos de levantamentos lamelares, mesmo se também tem negativos de lascas.

- **Estado do Núcleo** (Carvalho, 1999; Tixier, Inizan e Roche, 1980):

Exausto – Quando alcança uma dimensão que não permite uma normal extracção de produtos, não se justificando o esforço em termos de gestão da matéria-prima.

Com defeitos matéria-prima (geodes, clivagens).

Com defeitos de talhe (ressalto).

- **Regularização da cornija:**

Presente

Ausente

- **Ondulações na superfície de debitagem:**

Presente

Ausente

- **Tratamento térmico:**

Presente

Ausente

- **Calcinação:**

Presente

Ausente

- **Medidas:**

Comprimento máximo – segundo o eixo morfológico.

Comprimento do eixo de debitagem – segundo o eixo tecnológico.

Largura – distância máxima perpendicular ao comprimento máximo.

Espessura – distância entre a superfície de talhe apresentando o maior eixo de debitagem e a face oposta, ao nível da plataforma no caso dos núcleos prismáticos, ou entre as superfícies de talhe mais afastadas, nos restantes casos.

Peso – em gramas.

APÊNDICE H: NOMENCLATURA DA PEDRA LASCADA (LASCAS)

- **Matéria-prima:**

Sílex

Quartzo

Quartzito

- **Classe (Carvalho, 2008):**

Lascas corticais

Lascas parcialmente corticais

Lascas não corticais

- **Fractura:**

Inteira

Proximal

Mesial

Distal

- **Porcentagem de córtex (Bicho, 2000):**

Sem córtex

Menos de 25%

Entre 26% e 74%

Entre 75% e 94%

Mais de 95%

- **Localização do córtex** (Bicho, 2000):

Distal

Proximal

Mesial

Lateral

Lateral/Distal

Lateral/Proximal

Lateral/Mesial

Lateral/Lateral

Distal/Proximal

Distal/Mesial

Proximal/Mesial

Total

- **Perfil:**

Direito

Encurvado

Torcido

Irregular

- **Talão** (Tixier, Inizan e Roche, 1980):

Cortical

Liso

Diedro

Facetado

Linear/punctiforme

- **Morfologia dos bordos:**

Paralelos

Convergentes

Divergentes

Biconvexos

Redondos

Irregulares

- **Secção:**

Direita

Triangular

Trapezoidal

Irregular

Outra

- **Terminação/Acabamento distal (Andrefsky, 1998, p.28):**

Natural

Ressalto

Ultrapassagem

Apontado

- **Tratamento térmico:**

Presente

Ausente

- **Calcinação:**

Presente

Ausente

- **Nervuras regulares destacadas**

Presente

Ausente

- **Retoque**

Presente

Ausente

- **Dimensões em mm (Andrefsky, 1998).**

APÊNDICE I: INVENTÁRIOS DA PEDRA LASCADA

Quadro I.1 – Tabela discretiva dos núcleos								
Nº Inv	MP	Tipo	Tipo de Cortéx	% de Cortéx	Plat preparação	Nº de lev	Direcção dos lev	Tipo de lev
EA5/08.[202-3].488	Quartzito	Sobre seixo	Seixo	Entre 26% a 74%	Cortical	12	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[202-4].534B	Quartzito	Poliédrico	Espesso e pulvurulento	Menos de 25%	Cortical	4	Unidireccional	Lascas
EA5/08.[203].616	Quartzito	Debitado	Espesso e pulvurulento	Entre 26% a 74%	Cortical	3	Unidireccional	Lascas
EA5/08.[203A].669	Quartzito	Debitado	Misto	Menos de 25%	Cortical	7	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[203A].683	Quartzito	Debitado	Ind.	Menos de 25%	Cortical	5	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[203A].686A	Quartzito	Debitado	Misto	Menos de 25%	Cortical	4	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[203A].686B	Quartzito	Debitado	Misto	Menos de 25%	Cortical	3	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[203B].745A	Quartzito	Sobre seixo	Seixo	Entre 75% e 94%	Cortical	1	Unidireccional	Lascas
EA5/08.[203B].746	Quartzito	Poliédrico	Fino não pulvurulento	Entre 26% a 74%	Cortical	7	Multidireccional	Lascas
EA5/08.[203B].752	Quartzito	Debitado	Espesso e pulvurulento	Entre 26% a 74%	Lisa	2	Unidireccional	Lascas

Nº Inv (cont)	Estado	Reg cornija	Ondulações	Trat térmico	Calcinação	Comp (Ex morf)	Comp (Ex tec)	Largura	Espessura	Peso
...488	Com defeitos de talhe	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	88mm	68mm	68mm	48mm	311g
...534B	Exausto	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	19mm	19mm	24mm	13mm	9g
...616	Com defeitos da matéria-prima	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	41mm	41mm	30mm	30mm	71g
...669	Com defeitos da matéria-prima	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	63,5mm	63,5mm	69mm	51,5mm	266g
...683	Com defeitos da matéria-prima	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	28mm	28mm	33mm	31mm	37g

...686A	Com defeitos da matéria-prima	Ausente	Presente	Ausente	Ausente	32mm	32mm	39mm	20,5mm	32g
...686B	Com defeitos de matéria-prima	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	21,5mm	21,5mm	33mm	18mm	15g
...745A	Sem defeitos ou exaustão	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	64mm	64mm	58mm	33,5mm	174g

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **MP** – matéria-prima; **Plat preparação** – plataforma de preparação; **Nº de lev** – número de levantamentos; **Direcção dos lev** – direcção dos levantamentos; **Tipo de lev** - tipo de levantamentos; **Reg cornija** – regularização da cornija; **Trat térmico** – tratamento térmico; **Comp (ex morf)** – comprimento (eixo mmorfológico); **Comp (ex tec)** – comprimento (eixo tecnológico); **mm** – milímetros; **g** – gramas.

Quadro I.2 – Tabela discretiva das lascas								
Nº Inv	MP	Classe	Fractura	% Cortéx	Loc Cortéx	Perfil	Talão	Morf Bordos
EA5/08.[202].360	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Entre 26% a 74%	Lateral/Distal	Direito	Liso	Biconvexos
EA5/08.[202].361	Quartzo	Lasca não cortical	Frag. distal	Sem cortéx	-	Ind.	Ind.	Ind.
EA5/08.[202-2].418	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Direito	Diedro	Convergentes
EA5/08.[202-2].419	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Menos de 25%	Proximal	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[202-2].428	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Menos de 25%	Lateral/Próximal	Encurvado	Cortical	Convergentes
EA5/08.[202-2].452	Quartzito	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Entre 26% a 74%	Proximal/Mesial	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[202-3].490	Quartzo	Lasca cortical	Inteira	Mais de 95%	Total	Direito	Cortical	Redondos
EA5/08.[202-4].534b	Quartzo	Lasca cortical	Inteira	Mais de 95%	Total	Encurvado	Cortical	Convergentes
EA5/08.[203].617	Quartzito	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Entre 26% a 74%	Próximal	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[203].619	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Direito	Liso	Irregulares
EA5/08.[203].620a	Quartzo	Lasca não cortical	Frag. distal	Sem cortéx	-	Ind.	Ind.	Ind.
EA5/08.[203].620b	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Direito	Diedro	Paralelos
EA5/08.[203].620c	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Entre 26% a 74%	Próximal	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[203].620d	Quartzo	Lasca não cortical	Frag. distal	Sem cortéx	-	Ind.	Ind.	Ind.

EA5/08.[203A].686f	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Menos de 25%	Próximo	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[203A].686g	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Menos de 25%	Lateral/Próximo	Irregular	Cortical	Irregulares
EA5/08.[203A].686h	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Irregular	Diedro	Irregulares
EA5/08.[203A].686i	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Menos de 25%	Lateral/Próximo	Irregular	Cortical	Convergentes
EA5/08.[203A].686j	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Frag. distal	Entre 26% a 74%	Lateral/Distal	Irregular	Ind.	Ind.
EA5/08.[203A].686k	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Direito	Diedro	Convergentes
EA5/08.[203A].686m	Quartzo	Lasca não cortical	Frag. distal	Sem cortéx	-	Ind.	Ind.	Ind.
EA5/08.[203A].686n	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Entre 26% a 74%	Próximo	Irregular	Cortical	Paralelos
EA5/08.[203B].745	Quartzito	Lasca não cortical (nucleiforme)	Inteira	Menos de 25%	Mesial	Irregular	Liso	Divergentes
EA5/08.[203B].755	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Menos de 25%	-	Direito	Diedro	Irregulares
EA5/08.[203B].756	Quartzo	Lasca parcialmente cortical	Inteira	Menos de 25%	Próximo	Direito	Cortical	Paralelos
EA5/08.[203B].757	Quartzo	Lasca não cortical	Frag. distal	Sem cortéx	-	Ind.	Ind.	Ind.
EA5/08.[203B].759	Quartzo	Lasca cortical	Frag. distal	Mais de 95%	Total	Ind.	Ind.	Ind.
EA5/08.[203B].760	Quartzo	Lasca cortical	Inteira	Mais de 95%	Total	Direito	Cortical	Irregulares
EA5/08.[203B].761	Quartzo	Lasca não cortical	Inteira	Sem cortéx	-	Encurvado	Liso	Irregulares

Nº Inv (continuação)	Secção	Terminação	Tratam Térmico	Calcinação	Nervuras	Comprimento	Largura	Espessura	Comentários
EA5/08.[202].360	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	41,5mm	27mm	11mm	
EA5/08.[202].361	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	15mm	28mm	7,5mm	
EA5/08.[202-2].418	Direita	Natural	Ausente	Ausente	Presente	22mm	18mm	2,5mm	
EA5/08.[202-2].419	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	30mm	29,5mm	9mm	
EA5/08.[202-2].428	Irregular	Ressalto	Ausente	Ausente	Ausente	34,5mm	28mm	0,85mm	

EA5/08.[202-2].452	Triangular	Apontada	Ausente	Ausente	Ausente	34mm	20mm	10mm	
EA5/08.[202-3].490	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	35mm	47mm	16mm	
EA5/08.[202-4].534b	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	41,5mm	35mm	14mm	
EA5/08.[203].617	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	75mm	75,5mm	18mm	
EA5/08.[203].619	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	20mm	27mm	7mm	
EA5/08.[203].620a	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	10mm	16mm	4mm	
EA5/08.[203].620b	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	13mm	12,5mm	3mm	
EA5/08.[203].620c	Irregular	Ressalto	Ausente	Ausente	Ausente	10mm	13mm	4mm	
EA5/08.[203].620d	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	11mm	15,5mm	2,5mm	
EA5/08.[203A].686f	Irregular	Ressalto	Ausente	Ausente	Ausente	25mm	35,5mm	7,5mm	
EA5/08.[203A].686g	Irregular	Ressalto	Ausente	Ausente	Ausente	21,5mm	29,5mm	8mm	
EA5/08.[203A].686h	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	23mm	29,5mm	9,5mm	
EA5/08.[203A].686i	Irregular	Apontado	Ausente	Ausente	Ausente	27,5mm	35,5mm	11mm	
EA5/08.[203A].686j	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	18mm	23mm	6mm	
EA5/08.[203A].686k	Triangular	Apontado	Ausente	Ausente	Presente	21mm	14mm	4mm	
EA5/08.[203A].686m	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	22mm	16mm	4mm	
EA5/08.[203A].686n	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	10,5mm	23mm	7mm	
EA5/08.[203B].745	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	58mm	59mm	21mm	Possui 7 levantamentos
EA5/08.[203B].755	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	24mm	39,5mm	9mm	
EA5/08.[203B].756	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	26mm	38mm	8,5mm	
EA5/08.[203B].757	Triangular	Natural	Ausente	Ausente	Presente	27,5mm	31,5mm	9mm	
EA5/08.[203B].759	Irregular	Natural	Ausente	Ausente	Ausente	16mm	25mm	8mm	
EA5/08.[203B].760	Direita	Ressalto	Ausente	Ausente	Ausente	27mm	28mm	5,5mm	
EA5/08.[203B].761	Triangular	Ressalto	Ausente	Ausente	Presente	22mm	15mm	4,5mm	

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **MP** – matéria-prima; **Loc córtex** – localização do córtex; **Morf bordos** – morfologia dos bordos; **Trat térmico** – tratamento térmico; **Frag** – fragmento; **Ind.** – Indeterminado; **mm** – milímetros.

Quadro I.3 – Tabela discretiva dos utensílios											
Nº Inv	MP	Classe	Fractura	% Cortéx	Loc Cortéx	Perfil	Talão	Morf Bordos	Secção	Terminação	Tratam Térmico
EA5/08[202-4].547	Quartzo	Elemento de foice	Próximal	Sem cortéx	-	Direito	Liso	Paralelos	Direta	Ind.	Ausente

Calcinação	Nervuras	Comprimento	Largura	Espessura	Retoque	Retoque - localização
Ausente	Ausente	24,5mm	21,5mm	4,5mm	Presente	Lateral

Observações: **Nº Inv** – número de inventário; **MP** – matéria-prima; **Loc cortéx** – localização do córtex; **Morf bordos** – morfologia dos bordos; **Trat térmico** – tratamento térmico; **Frag** – fragmento; **Ind.** – Indeterminado; **mm** – milímetros.